

INTERIM

The background of the cover is a photograph of a man and a woman standing on a cracked, dry lake bed. The woman is in the foreground, seen from behind, wearing a dark dress. The man is further away, facing her, wearing a dark t-shirt and pants. The sky is a deep blue with some clouds, and the ground is cracked and reflective.

S. WALDEN

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR



THE ROSE TRADUÇÕES

DISPONIBILIZAÇÃO: EVA E LIZ

TRADUÇÃO E REVISÃO INICIAL: GAIA E LUCIANA

REVISÃO FINAL: LY

LEITURA FINAL: NIQUEVENEN

FORMATAÇÃO: DADÁ

**MUITA COISA PODE MUDAR NO ESPAÇO ENTRE A
ELABORAÇÃO ATÉ A EXECUÇÃO DE UM PLANO. ESSE ESPAÇO
DE TEMPO É CHAMADO DE INTERIM.**

Os alunos do ensino médio, Jeremy Stahl e Regan Walters não são amigos. Nem mesmo próximos. Ele é um pária perdedor deixado de lado. Ela é uma garota legal andando com a multidão popular. É improvável que um fale com o outro. Pena que ele é loucamente apaixonado por ela. Mas o que importa, afinal?

ELE NÃO TEM TEMPO PARA O AMOR. APENAS VINGANÇA.

Meticulosamente detalhado nas páginas de seu caderno vermelho surrado está seu plano: 14 de abril às 09:30, duas armas, oitenta cartuchos de munição, facas pequenas, onze vítimas. Ele está finalmente pronto para responder a cada provocação, zombaria e punhos voando — injustificado abuso que durou seis anos de sua vida solitária. Ele tem justificativa. Ele está pronto. Mas ele nunca se preparou para ela.

Regan encontra seu diário. Ela o lê, e quando ele descobre sua intrusão, ele tem que mudar de tática.

ELA É UMA RESPONSABILIDADE AGORA.

MELHOR CONSERTAR ISSO.



Interim é uma New Adult Standalone. Ele contém linguagem explícita e imagens perturbadoras de violência, incluindo violência armada. Se tiroteios em escolas é um assunto particularmente sensível para você, eu o encorajo a não ler este livro. - S. Walden

Caro leitor,

Nem muitos autores vão te desencorajar de ler seu trabalho. Antes de tudo, o objetivo de nossas histórias é fazer crescer nosso público leitor, não diminuí-lo. Estou bem consciente disso, mas quando eu me tornei inspirada pela história de Jeremy, eu sabia que iria ter de ir por um caminho inteiramente diferente para promovê-lo — alguma coisa quase removida de minhas campanhas de marketing passadas. Eu sabia que iria ter de esconder o livro, estampar avisos por ele todo, plantar sementes de dúvida em suas mentes, recusar pedidos de resenhas avançadas — em essência, todas as coisas que um autor NÃO DEVERIA fazer quando promovendo seu livro. Esse é o porquê me levou tanto tempo escrever essa maldita coisa — quase um ano de preocupação, desconfiança, reviravoltas, discussões. Jeremy sentado aguardando pacientemente, e eu o encarava de volta me perguntando quanto ele iria destruir minha carreira.

Então eu me lembrei de que sua história é exatamente o tipo de controversa questão social que eu gosto de combater. Eu sabia que tinha de escrever isso porque eu *podia*. Eu podia ser sensível com o assunto principal sem ser PC¹. Eu podia deixar minhas opiniões políticas e morais fora disso. Eu poderia fazer disso uma história *humana*, não uma história de *armas*. Eu poderia fazer todas essas coisas se eu trabalhasse muito duro — se eu fosse diligente e fiel aos meus personagens e suas experiências. Uma vez que eu me dei conta dessas coisas, eu parei de me afligir e apenas comecei a escrever, cuidando de manter todos os detalhes privados e sagrados. É assim que escrever deveria ser: privado e sagrado.

Agora a história de Jeremy não é mais privada, mas eu espero que você a considere sagrada. Eu espero que você jogue fora seus preconceitos e enterre suas visões sociais e políticas, seus julgamentos morais. É muito fácil entrar numa história como esta, já raivoso, especialmente se você ou alguém que você ama tiver passado por violência com armas. Eu te encorajo a pensar muito e fortemente

¹ Politicamente correta.

antes de começar *Interim* se você for especialmente sensível com esse assunto de tiroteios em escolas. Há violência extrema, cenas descritivas, e eu não desejo que meu livro seja um gatilho para você.

E eu estou muito consciente do debate social que um livro como este pode provocar. Eu não o escrevi para debate. Eu não o escrevi para fazer uma declaração sobre armas, controle de armas, acesso a armas, direitos constitucionais, etc. Eu não estou interessada em comparar minha história com os horríveis tiroteios escolares que tem acontecido nos Estados Unidos. Eu não tenho outro motivo a não ser contar uma história sobre um garoto abusado que sentia que merecia justiça. O que você tirar do romance é inteiramente com você.

Amor,

Summer.

S. WALDEN

INTERIM

Para o coração solitário e quebrado.
E para aqueles que lutam por eles.

S. WALDEN

INTERIM

~

Eu não sei quem veio com a ideia de que humanos são basicamente bons no coração. Eu só consigo imaginar que é alguém que nunca leu as notícias — alguém que viveu em um casulo toda sua vida.

Alguém que achava que era bom. Talvez um desses garotos naturebas. Você conhece aqueles que pregam a crença que somos um reflexo de nossa criação? Nossa bondade, nossa maldade toda desenvolvida da experiência social, as companhias que temos, as coisas que nos foram ensinadas quando éramos jovens. Nós começamos com uma lousa em branco. São todos os outros que fodem conosco. Eu penso que essa mentalidade dá a sociedade muito crédito. Sério, dá aos outros uma maciça quantidade de controle sobre você. Não pode ser as pessoas ao meu redor que moldam completamente meu caráter, minha alma. Não, eu nasci com isso — essa coisa — profundamente inserida nos entalhes de minha mente, meu coração, já pulsando e crescendo com bondade básica e perversidade. Eu tenho ambas as propensões. Eu sou esperto o bastante para reconhecê-las. E se eu tenho ambas, outros devem ter, também.

Então talvez a experiência aumente um mais que o outro. Eu compro essa ideia. Mas nós nascemos com ambos, e eu não acredito que eles são em partes iguais. Eu acho que a perversidade tem a mão mais alta desde o começo, e viver é um exercício de aprendizagem de como controlar os impulsos malvados. Muitos de nós fazemos isso. Muitos de nós não fazemos. Aqueles que não merecem justiça. Mas isso nem sempre acontece a eles. Não é justo por inteiro, mas isto é o que eu aprendi — que a vida não é justa. Pessoas podem ser cruéis, demoníacas e sádicas. Isso acontece o tempo todo. Isso acontece todo dia na minha escola. Eles são abutres que caçam os fracos, os solitários, os quebrados. Eles intimidam e humilham, e eles sempre parecem se livrar disso.

Por enquanto, de qualquer modo.

~

00:20

“Isso não é uma coisa difícil de fazer!” Sr. Stahl gritou.

Jeremy observou a saliva voar dos lábios de seu pai — saliva misturada com uísque — enquanto estava encurralado no lado oposto de sua cama. Ele vasculhava o chão pelo seu bastão de baseball, mas ele não estava lá. Arma inútil enfiada no armário.

“Quão difícil é fazer sua droga de cama, Jer?!”

Ele não esperava por uma resposta, uma explicação. Ele nunca esperava. Ele investiu contra seu filho — seu familiar modo de operação — derrubando-o ao chão em uma nuvem de membros agitados e grunhidos desesperados.

“Cai fora!” Jeremy gritou, colocando seu corpo em uma protetiva posição fetal.

Era instintivo. Ele ficava nessa posição sempre, mesmo no último ano depois de ter começado a levantar pesos. Ele sabia que era mais forte — não aquele garoto espigado de dois verões atrás — mas ainda se sentia fraco, e estava com muito medo agora para testar a força que ele tinha estado construindo. Seu pai era mais largo, de qualquer forma — se elevando sobre a maioria das pessoas com 2,01 cm de altura. Sólido como Paul Bunyan, mas um amargo, alcoólatra, Paul Bunyan. Um perigoso Paul Bunyan.

O primeiro golpe foi no estômago. Jeremy esperava isso, mas ele mantinha seus dedos em seu rosto. Não havia possibilidade de ele expor seu rosto de novo e dar a seu pai a oportunidade de infligir mais danos permanentes. A desagradável cicatriz que ele ostentava agora resultou em anos de incomodações e bullying de seus colegas de classe.

O segundo soco foi nas costelas. Ele silvou e se contorceu, tentando empurrar seu pai para longe.

“Você quer viver aqui? Então faça sua droga de cama!”

“Notícia de última hora! Eu não quero viver aqui!” Jeremy urrou, sentindo os dedos de seu pai se curvarem ao redor de sua garganta.

Aquilo foi a onda da miraculosa adrenalina que alguém experimenta quando está presa embaixo de um carro. Eclodiu da força da determinação — *eu não vou morrer hoje!* — e explodiu por suas mãos.

Ele pensou que tinha levantado seu pai no ar e o atirado do outro lado do quarto. Na verdade, ele socou a cara dele forte o bastante para conseguir uns poucos segundos preciosos para escapar — Sr. Stahl rolou de cima dele para o chão.

“Um, dois, três, quatro,” Jeremy sussurrou. “Cinco.”

Mas ele não correu. Ele sentou sobre seus joelhos e encarou seu pai.

“Nunca mais encoste em mim,” ele avisou.

Sr. Stahl bufou. “Cara durão agora, huh?”

“Eu falei sério, pai.”

Houve um longo período de silêncio onde ambos os homens estudaram seus ferimentos. Quando Sr. Stahl sentou, Jeremy pulou de pé, posicionando suas mãos a frente de seu rosto para uma luta de boxe.

“Eu sei que você falou sério. Eu tenho estado te observando.”

“Me observando?” Jeremy perguntou.

“Levantando ferro. Eu vi você. Eu imaginei o dia que você seria capaz de me bater até a morte.”

Ele se esforçou para ficar em pé, segurando o lado de seu rosto que mostrava os primeiros sinais de hematomas — roxos profundos inundando a superfície da pele delgada e endurecida.

“Você merece isso,” Jeremy cuspiu.

Sr. Stahl estremeceu. As palavras ferroaram, machucando mais que o hematoma.

“Eu sei, filho,” ele sussurrou. Ele massageou sua cabeça, e Jeremy soube que a ressaca estava se aproximando rápido.

E assim, a luta estava acabada. Típico cenário: Sr. Stahl iria se enfurecer, cair para cima de Jeremy em uma questão de segundos, finalizar, e oferecer uma patética desculpa. Até o próximo episódio. Isso acontecia toda vez que ele bebia.

“Eu, uh...”

Jeremy abaixou seus dedos e abriu passagem por seu pai.

“Eu sinto muito, Jer,”

“Eu sei,” Jeremy respondeu, procurando pela sala por sua mochila.

Sr. Stahl limpou sua garganta. “Deixe-me dar uma olhada em sua barriga.”

“Nem pensar.” Ele encontrou a mochila, enfiou alguns cadernos, e se dirigiu a porta da frente.

“Escola hoje?” ele ouviu seu pai chamar.

“Sim.”

“Oh, eu tinha esquecido,” Sr. Stahl murmurou.

Jeremy revirou seus olhos enquanto tomava seu caminho porta afora. Então seu pai não teria socado ele como uma pichorra se tivesse ele lembrado que hoje era o primeiro dia de aula? *Caramba, pai, você é tão inteligente.*

Ele pulou em sua bicicleta e virou a esquina com Ridgeview High. Essa era a única escola de ensino médio da pequena cidade de Mountainview, Utah. Situada na base de Wasatch Range, a cidade gabava-se de uma população muito maior até T.A.C. — a maior companhia de rifles do estado — fechar suas portas por enalços de uma escalada de impostos corporativos. Milhões de trabalhadores foram demitidos. O pai de Jeremy teria estado entre eles caso não tivesse quebrado suas costas no trabalho algumas semanas antes. Sem necessidade de procurar emprego. Ele ficou em casa. No sofá. Coletando garrafas de cerveja e cheques da previdência social.

O lado sul da escola aparecia à vista, e Jeremy pisou nos freios, seu coração revirando em paralisante conflito. Ele odiava aquela escola e as pessoas nela. Exceto por ela. Ele não queria entrar, e ainda assim ele mal conseguia esperar. Só para vê-la. Ela tornava isso melhor, embora ele ainda se sentisse um pouco tímido para caminhar nos corredores.

Ele tinha dezenove — velho demais para o ensino médio — mas não era uma questão de escolha. Ele repetiu o segundo ano, e isso mudou tudo. No começo era legal ser mais velho que seus colegas de classe, mas isso não durou muito. A ideia desapareceu juntamente com sua cicatriz medonha. Ele pensava que é incrivelmente ordinário como crianças operam — receosas de qualquer coisa diferente. Receosos de *ser* diferente. Muitos seguidores. Poucos, se qualquer coisa, líderes. Eles não tinham razão legítima para desgostar dele. Eles eram babacas. E nada mudou quando eles ficaram mais velhos.

Ele sentiu sua boca formar a palavra — o nome dela — e a engoliu de volta. Ele não queria que ninguém ouvisse que ele a amava. Isso não significava nada, de qualquer forma. Amor não contava quando era unilateral. Ele aprendeu aquilo cedo. Ele amava a mãe que o abandonou. Não contava. Ele amava um pai que batia nele. Não contava.

Ele estacionou sua bicicleta na grade perto da entrada, trancou, e se dirigiu para dentro. Aquele cheiro estéril de escola pública soprou em seu rosto quando ele empurrou a porta. Para muitos, o cheiro oferecia a esperança de uma segunda chance. Novo começo. Lousa limpa. Para Jeremy, o cheiro sugeria a chance de corrigir todas as injustiças que ele tinha experimentado. Este era o ano para acertar.

“Pronto para outro ano magnífico?”

Ele sorriu com a expressão facial dela. Se ninguém pudesse mostrar a ele o humor em seus sérios apuros, Hannah poderia. Ela era tão ferrada como ele era — só outra garota que sofria bullying desesperada para cair fora da escola.

“É estranho que quando eu atravesso aquela porta, eu não consigo parar de dizer 'porra' de novo e de novo? Quero dizer, isso era como Tourette. Isso é estranho, certo?” Ela perguntou, caminhando no

mesmo ritmo com Jeremy enquanto eles desciam o corredor vazio.

“Não,” ele respondeu. “Que estranho que nós chegamos cedo. O que tá pegando? Nós estamos tentando punir a nos mesmos?” ele pausou, pensando. “Nós somos como aqueles padres que batem neles mesmos.”

“Flagelantes.” Hannah disse.

“Como você se lembra disso?” Jeremy perguntou.

“Porque eu sou uma estudante estrela. Alô.”

“Hey, contando que você pegue alguma coisa indo pra você,” ele provocou.

Hannah relinchou. Ela se encostou ao armário e assistiu Jeremy tirar seus cadernos.

“Eu cheguei cedo aqui para não ter de ouvir meus pais,” ela explicou.

“Ouvi-los dizer o quê?” ele perguntou.

“Qualquer coisa.”

Jeremy bufou uma risada.

“Agora você,” Hannah disse. “Qual a sua desculpa?”

Jeremy hesitou. “Eu... eu não quero ouvir meu pai também,” ele murmurou.

Hannah apertou seus olhos. Besteira total, mas ela não se intrometeu.

“Gosta do meu cabelo?” ela perguntou.

“É espetado.”

“Eu quis dizer as pontas azuis,” ela disse. “Elas são novas.”

Ele a estudou – espetos loiros super curtos, pontas azuis envolvendo uma cabeça redonda.

“Você parece com uma arma medieval,” ele disse.

Ela riu. “Você é um babaca.”

Jeremy a cutucou. “Você sabe que eu estou zoando. E sim. Eu gostei do azul. Bom upgrade do ano passado.”

“Eu vi que você continua usando seu cabelo como um cachorro desgrenhado” Hannah percebeu.

“Bem, eu vou tentar parece tão inseguro quanto possível,” Jeremy respondeu.

Hannah estalou. “Cara, eu senti sua falta.”

“Eu estava por aí no verão. Onde você esteve?” Jeremy perguntou.

“Em Connecticut.”

“O quê?”

“Não pergunte,” ela murmurou.

Essa não era a mais profunda conexão, mas era uma conexão. Hannah poderia ser considerada uma amiga — não uma muito próxima — mas definitivamente alguém que ele poderia andar na escola. Isso significava que ele não estava completamente sozinho. Um tempo na décima série eles descobriram um ao outro, formando um vínculo perdido. Eles dividiam bastante e deixaram de fora os detalhes íntimos. Na maior parte, eles testemunhavam o abuso um do outro na escola, de qualquer forma.

Não havia necessidade de conversar sobre isso.

O corredor fervia de estudantes, e ele sabia que ela iria estar lá em alguns segundos. Ele queria estar sozinho quando a visse pela primeira vez, só para ter certeza que nada em sua expressão traia seus verdadeiros sentimentos. Ele não queria que Hannah perguntasse.

Introvertidos eram bons em reconhecer os sutis, sinais não verbais. Hannah sabia que Jeremy tinha acabado a conversa e precisava de espaço. Ela levemente socou o braço dele.

“Estou fora,” ela disse, e saiu.

Ele se endureceu e aguardou.



Regan parou em frente ao espelho de corpo inteiro avaliando sua roupa para o primeiro dia de aula.

“Eu certamente odeio tudo que tá acontecendo aqui,” ela disse sonoramente. Cutucou o tecido de sua blusa conservadora e enrugou o nariz. “Chato.”

Ela parecia com um anúncio da Brooks Brothers: não era seu estilo. De alguma forma, no espaço em se tornar a namorada de um garoto popular, ela se transformou numa garota patricinha — mocassins, camisas salmão de botões, mesmo shorts apresentavam bordados náuticos.

“Eu tenho ancoras nos meus shorts,” ela disse ao espelho.

“Verdade,” sua mãe disse, parando na entrada da porta de seu quarto. A minúscula partícula de prazer dançou ao redor de seus lábios. “Há algo de errado com isso?”

“Porque você e papai me comprem essas roupas?” Regan reclamou.

“Porque você nos pediu,” Sra. Walters respondeu.

“Porque vocês não disseram não?”

Sra. Walters ficou em silêncio por um momento.

“Querida, eu não sei o que está acontecendo aqui,” ela confessou finalmente. “Este é um momento de loucura de primeiro dia de aula? Eu deveria esperar isso? O que você precisa que eu faça? O que eu posso fazer? Como nós consertamos isso?”

Regan deu um sorrisinho apesar de sua agitação. “Eu não estou surtando. É só, mãe, você me conhece. Você sabe que *isto* não sou eu,” ela disse, agarrando um pedaço da camisa.

“Não é?”

“Você tá falando sério agora?” Regan perguntou. “Você sabe que não é!” Ela pegou a camiseta vintage de sua mãe de Jem and the

Hologams T sobre a cadeira de sua escrivaninha e empurrou debaixo do nariz de sua mãe.

“Isto sou eu.”

“Jem? Você é Jem?”

“Você sabe que eu sou totalmente Jem! Eu tenho sido Jem desde a quinta série. Eu era Jem antes mesmo do estilo dos anos 80 voltarem a moda!”

“Verdade.”

“Mãe, não diga 'verdade'. Isso é muito velho.”

“Cara, eu continuo esquecendo isso,” Sra. Walters provocou.

Regan se virou de volta ao espelho. “Eu não uso camisetas de botões e mocassims cor de rosa. Mocassims não combinam com meias arrastão.”

“Por favor, não use meias arrastão em seu primeiro dia de aula.”

“Para o inferno com isso, mãe.”

“Okay, eu estou realmente escutando. Eu prometo.” Sra. Walters sentou na cama de Regan e observou sua filha mais velha.

Regan correu seus dedos por seus espessos cabelos castanhos. Agora, eles tinham crescido até o meio de suas costas. Ela o mantinha simples: longo, franja lateral com algumas camadas. Idêntico ao corte de cabelo de todas as garotas populares.

“Eu deveria cortar isso,” ela disse. “Estou cheia disso. Eu deveria cortar ele todo.”

Sra. Walters franziu seus lábios. “Você está falando de um corte médio ou um joãozinho?”

“Sinead O'Connor,” Regan respondeu, seus olhos aumentaram e brilharam – sinais físicos de uma resolução não tão bem pensada.

“Oh, querida. Primeiro, como você sabe quem ela é? Segundo, por favor não faça isso.”

Regan gargalhou.

“É obvio que você está tendo uma crise de identidade,” Sra. Walters disse.

“Realmente.”

“Aqui vai o que eu estou pensando: você gostava de como você se expressava no passado, mas em algum lugar ao longo do caminho, por qualquer razão, você suprimiu isso, e agora você não sabe quem você é.”

Regan se assombrou. “Você estudou psicologia na faculdade?”

“Não. Eu tive um bebê.”

Regan riu. “Eu espero que seja tão perspicaz quando eu for mãe.”

“Qual é o problema com a velha Regan?” Sra. Walters perguntou.

Regan franziu o cenho. “Ela era muito barulhenta.”

“Eu gostava de seus barulhos. Eu gostava quando ela usava aqueles brincos de estrela de plástico amarelo,” Sra. Walter disse, apontando para uma parede preenchida com acessórios coloridos. Eles não tinham sido tocados por anos.

Silêncio.

“Mãe, você sabe por que eu mudei,” Regan murmurou. “É bastante difícil passar pela puberdade. É duplamente pior fazer isso sozinha.”

“Você teve seu pai e eu. E Caroline.”

“Não é a mesma coisa.”

“Eu sei.”

Mais silêncio, engrossado com meditações privadas. Sra. Walters queria tão duramente dissecar o cérebro de sua filha, mas ela aprendeu a fazer somente as perguntas certas no tempo certo, dar só um pedaço do conselho quando um conselho certo era o que ela queria. Mesmo agora, ela sabia que estava quase ultrapassando o limite, mas suas palavras precisavam ser ditas.

“Eu realmente odeio o ensino médio por você, Regan. Sempre

odiei.”

“Foi difícil pra você?”

Sra. Walters se iluminou. Um convite!

“Bem, isso foi no *Breakfast Club*. Eu posso dizer a você que foi,” ela respondeu. “Eu lidei com as mesmas panelinhas e camadas sociais que você.”

“Mas você era popular,” Regan apontou.

“Como você.”

“Mas isso foi mais fácil pra você.”

“Talvez.”

“Você gostava disso,” Regan prosseguiu.

“Isso é verdade.”

“Eu não gosto disso.”

“Eu sei.”

“Então porque você me deixa fazer isso?” Regan chorou.

“Fazer o quê?”

“Ser popular!”

“Porque não é meu lugar decidir quem você vai ser. Você tem que descobrir isso por você mesma.”

“Deus, você é um *daqueles* pais,” Regan resmungou.

“E orgulhosa disso,” Sra. Walters respondeu.

Regan pulou em seu closet e fechou a porta.

“Fique ai, okay?” ela gritou.

“Não vou a lugar algum.”

Sra. Walters esperou pacientemente que sua filha surgisse. Ela suspeitava que as meias arrastão fossem fazer uma aparição, e Regan não desapontou.

“Não diga nada. Só assimile primeiro, okay?” Regan perguntou, palmas pressionadas contra o batente da porta.

Sra. Walters concordou com a cabeça e estreitou seus olhos. Ela olhou Regan de cima a baixo, tentando duramente suprimir uma repentina urgência de chorar. Parecia bobo, mas ela viu um relance de sua “barulhenta” filha – aquela de tempos atrás que era expressiva, brilhante e divertida. Confiante.

“Eu gosto das extensões de cabelo roxas,” ela finalmente disse.

“Obrigada.”

“Na quinta série essa roupa era radical,” Sra. Walters prosseguiu.

“Eu sei, certo? Não tão radical agora,” Regan respondeu.

“Bem, talvez não em outros círculos. Mas eu suspeito que se você aparecer assim hoje lá, você vai virar algumas cabeças. Ter seus amigos perguntando o que aconteceu com você durante a noite,” Sra. Walters disse.

Regan concordou. “Eles são, tipo, Ivy League²”.

“*Isto não é Ivy League,*” Sra. Walters disse, correndo seu dedo do topo da cabeça de Regan até seus pés.

Regan riu e balançou sua cabeça.

“E este é o motivo pelo qual você parou de se vestir da forma como queria?” A mãe de Regan perguntou.

“Você não pode fazer muitas escolhas para si mesmo quando está andando com a galera popular.”

“Hmm,” Sra. Walters disse. “Faz você se perguntar se isso vale a pena.”

Regan estava quieta.

“O que é essa coisa na sua orelha?” Sra. Walters perguntou.

² Grupo das oito universidades particulares americanas mais importantes do mundo, por exemplo, a Harvard, a Yale e a universidade da Pensilvânia.

Regan virou para dar a sua mãe uma visão melhor.

“Isso não é incrível? Isso é um ear crawler.” Ela se abaixou para sua mãe, se ajoelhou em frente a ela, e puxou sua orelha para frente. “Viu? É como um brinco normal e prende em cima.”

Sra. Walter tocou os espinhos de strass que subiam a borda exterior da orelha de sua filha.

“Interessante. E você usa isso só em uma orelha?”

“Sim.”

“Muito punk.”

“Sim.”

“Você acha que eu poderia usar isso?”

“Não.”

Sra. Walters riu. “Para trás. Deixe-me ver uma coisa.”

Regan obedeceu, movendo suas mãos para sua cintura envolvida em um fino cinto prateado. Sim, ela colocou sua camiseta Jem, e isso não fez nada mais do que acentuar seus já amplos seios. Permanecia um mistério a Sra. Walters como sua magra filha desenvolveu seios GG.

“Querida,” Sra. Walters disse hesitante. “Estilo Jem... oh, eu não sei. Um pouco insuflado, talvez?”

Regan olhou pra baixo. “Huh?”

“Parece talvez treze quilos de sobrepeso.”

“O quê? Por causa dos meus peitos?”

Sra. Walters concordou.

Regan imediatamente entrou na defensiva. “Mãe! O que você quer que eu faça com eles? Isso não é minha culpa!”

“Baby, eu sei que isso não é sua culpa. Eu só estou dizendo que talvez você não precise de um cinto. O cinto só os enfatiza.”

“Está zoando agora?” Regan perguntou. “Eu totalmente preciso

ter um cinto!”

“Mas os garotos, Regan...”

Regan gesticulou de forma desdenhosa. “Os garotos nem mesmo olham para mim.”

“Sim, certo.”

Regan mudou a tática. “Mãe,” ela argumentou com doçura, “isso não é nada sem um cinto. Você sabe disso. Vai ser uma roupa pela metade sem o cinto. Você não pode me deixar ir para a escola com meio estilo. Isto é pedir por um dia ruim.”

Sra. Walters suspirou e concordou relutantemente. Ela prosseguiu com sua avaliação, notou a minissaia jeans, completamente inaceitável para a escola de Regan. As meias arrastão roxas ajudavam, apesar. Ao menos não havia pernas nuas para acentuar sua bainha.

“Sapatos?” Sua mãe perguntou.

“Eu tenho duas opções,” Regan disse. “Eu poderia ir com chinelos ou fazer uma exposição ousada e ir com saltos altos.”

“Hmm,” Sra. Walters respondeu, consciente de que os saltos iriam fazer a saia parecer mais curta.

“Querida, não há um código de vestimenta na escola?”

“O que você quer dizer?”

“Comprimento das coisas,” Sra. Walters disse, sobrancelhas erguidas.

“Minha saia?”

“Uh huh.”

“É curta?”

“Uh, você poderia medi-la em milímetros.”

“Mãe.”

“Estou falando sério.”

“Você não vai me deixar usar isso?”

“Só um segundo atrás você queria que eu tomasse cada decisão em sua vida,” Sra. Walters apontou.

Regan bufou.

“Que tal calças skinny e saltos?” sua mãe ofertou.

“Bleh.”

“Você tem uma saia mais comprida?”

Regan encarou, confusa.

“Você percebe a posição em que está me colocando?”

Os lábios cheios de Regan se viraram em um sorriso. Oh, ela sabia muito bem. E ela não sentia nem um pouquinho de culpa por colocar sua mãe lá.

“Regan,” Sra. Walter, a exasperação evidente em sua voz.

“Eu sou baixa. E eu vou usar chinelos,” Regan disse. “Viu? Instantaneamente faz qualquer coisa que eu usar parecer mais comprido.”

“Oh, faz, huh?” Sua mãe perguntou, não convencida.

Regan concordou.

“E eu ainda vou ter uma ligação do escritório,” Sra. Walters apontou.

“Talvez. Mas, mãe, eu quero dizer, isso não vale a pena?”

O celular de Regan tocou — o alarme de cinco minutos que ela colocava todos os dias de aula. Cinco minutos para escovar os dentes. Cinco minutos para encontrar seus livros. Cinco minutos para fazer uma mudança rápida se preciso.

Não me faça me trocar, Mãe, ela pensou, olhos abertos e suplicantes.

Sra. Walters suspirou. “Yeah. Isso vale a pena.”

Regan grunhiu e plantou um beijo rápido na bochecha de sua

mãe. Sra. Walters assistiu sua corrida pra fora do quarto e ouviu quando a porta da frente bateu atrás dela.

Ela sorriu. “Completamente vale a pena.”

• • • • •

Ele olhava fixamente. Firme. Seu cérebro gritava para ele se afastar, mas ele não conseguia. Ele começou em seus pés, movendo seus olhos para as meias arrastão roxa — cortadas ao redor de seus tornozelos — até sua minúscula saia abraçando seus quadris e bunda. Ele não entendia a coisa do cinto por cima da camiseta pink, mas tanto faz. Ele não dava a mínima para o cinto, de qualquer forma. A camiseta era uma história completamente diferente, apesar. Ele amava aquela camiseta — pensava que ele poderia facilmente se tornar obsessivo com isso — o jeito que ela se esticava sobre seus amplos seios. A mais incrível armação que ele já tinha visto em uma garota. Sempre.

Ela colocou seu cabelo alisado em um rabo de cavalo no topo de sua cabeça — alguns fios roxos amassados espalhados. Ele não sabia o que era aquilo, mas ele gostou. Ela parecia como uma garota punk rock, o jeito que ela arrumou seus olhos chocolate com tons de roxo. Eles eram tão escuros que pareciam quase negros — grandes, cavernas redondas. Ele pensava que se ele se aproximasse deles, eles não iriam refletir sua imagem, mas mostrar-lhe, ao invés disso, a fantasia do e se. E se ela o deixasse segurar sua mão? Beijar seus lábios?

Lindos olhos. Lindo rosto. Lábios carnudos. Lábios injustos, realmente. Nenhum garoto adolescente poderia olhar aqueles lábios e não pensar os mais básicos pensamentos. Isso era impossível. Tipicamente, ele tinha se sentindo como um tarado por olhar seus lábios como um pedaço de carne. Apesar de tudo, Regan normalmente ficava em um pedestal, mas hoje, com aquela roupa e aquela estranheza, brincos selvagens curvando em cima e ao redor de sua orelha, ele não conseguia evitar força-la dentro das mais sujas partes de sua mente, ajoelhada, persuadindo-a a fazer as mais obscenas coisas para ele.

“Você gosta daquilo?”

Ele curvou sua cabeça na direção da voz.

“Você gosta daquilo, não gosta?” Brandon perguntou, drapejando seu braço sobre o ombro de Jeremy, como se os dois fossem melhores amigos.

Jeremy ficou tenso, mas não se afastou.

“Mesmo que ela pareça ridícula,” Brandon adicionou.

Jeremy se encheu de coragem. “Eu acho que ela tá estilosa.”

Brandon apertou sua pegada, ameaçando uma chave de braço completa.

“Oh, eu sei que você acha,” ele rosnou. “Você provavelmente desejaria poder dar uma espiada no que tem por baixo daquela saia.”

Jeremy não disse nada.

“É uma mão cheia, cara. Uma mão cheia,” Brandon gargalhou, erguendo sua mão. Ele estalou a lateral do rosto de Jeremy em rápida sucessão — um gesto zombeteiro amigável — depois se inclinou.

“Veja tudo que quiser, Scarface,” ele arrulhou na orelha de Jeremy, “Contanto que não toque.”

Ele caminhou se afastando com uma pressa não particular. Jeremy o observou chegar em Regan e deslizar sua pegajosa mão ao redor de sua cintura. Ela o deixou beijar sua bochecha, mas quando ele tentou a boca, ela resistiu. Ai. Rejeitado.

Jeremy sorriu e virou sua cabeça.

“Que otário fodido,” ele riu abafado.

O episódio proporcionou a ele uma dose de satisfação, mas ele não conseguia evitar tocar na cicatriz de qualquer forma. Como sempre, mesmo depois de anos dos mesmos insultos, eles doem. Eles doem menos agora, mas continua doendo.

O humor em assistir Brandon ser rejeitado desapareceu em um instante. Fantasias de vingança tomaram seu lugar. Jeremy traçou a

linha da cicatriz emoldurando seu olho esquerdo — a razão de tudo. A razão de sua solidão. A razão de anos de bullying. A razão de sua resolução. Brandon era o Inimigo Público Número 1. Aquele cuzão merecia uma medalha por ficar no lugar de número um por todos esses anos. E Jeremy pretendia dar uma a ele.

Ele fechou seu armário e relanceou por cima de seu ombro. Regan ainda estava lá, conversando com sua amiga. Ele desejava que ela olhasse em sua direção — dar a ele uma visão cheia de seu rosto — mas ela se virou de costas ao invés disso e se dirigiu para o hall.



Eu não posso odiá-la por não gostar de mim, você sabe? Nós gostamos de quem nós gostamos. Alguns de nós simplesmente gosta dos errados — aqueles que não podem mostrar a nós amor em troca. Eu entendo isso. Eu não sou idiota fodido. Eu entendo isso. Mas aquele cara? Se ela soubesse todas as merdas que ele fez comigo, disse para mim. Mas ela sabe! Ela tem visto isso. Ela não pode fingir que ele não é um demônio.

Deus, ele é como uma caricatura do 'cara mal'. Quero dizer, ele é o estereotipo ambulante que você vê em filmes de terror do tipo B. Aqueles que são em uma dimensão? Deus tem que ser melhor que isso. Ele não está passando seu tempo criando completos excrementos de bunda sem uma partícula de qualidades redentoras. Porque fazer isso? Qual é o ponto? Será que ele só curte a ideia de assistir o bom versus o mal jogando na terra? Sua versão de programas de TV realmente ruins? Isso é para me fazer uma pessoa melhor? Foda-se. Eu não preciso de um babaca me batendo para construir meu caráter. Se esse é o caso, então Deus é um babaca também, e eu não preciso dele também.



00:19

Regan voou para seu quarto naquela tarde e bateu a porta. Pensamentos demais corriam por sua mente, e ela temia que seus dedos se atrasassem. Ela retirou seu laptop de sua mesa de cabeceira e o abriu. Um pouco rápido demais. A tela permanecia negra. Uma falha muito inconveniente.

“Oh, não, você não vai,” ela grunhiu. “Eu não tenho tempo para seus jogos hoje.”

Fechou o computador e contou até cinco. Então o abriu de novo. Lentamente. Ainda nada.

“Eu preciso de um computador novo!” Gritou, esperando que ninguém pudesse ouvi-la através da porta.

“Comece a economizar!” Veio a resposta fraca de sua mãe.

Regan grunhiu e fechou o laptop uma segunda vez. Acariciou a parte lisa de cima, tentando bajular a máquina para ligar. Tudo no processo era excruciante por que ela se preocupava que iria esquecer um pensamento. E ela tinha de se lembrar de todos eles por que esse era o mais bizarro, maravilhoso, confuso, dia que ela tinha tido em anos.

Ela abriu o laptop uma terceira vez. Uma foto das garotas do time de futebol do ano passado surgiu na tela. Sim! Ela estava na frente e no centro. Sem sorriso. Parecendo uma completa durona.

Ela riu de orelha a orelha, abriu seu diário, e começou a digitar.

Então. Muito. Mais ou menos.

Eu nem mesmo sei por onde começar. Primeiro, eu fiz isso. Eu fiz isso! Eu usei o que eu queria, e eu não me importei em nada com o que Brandon disse. E acredite em mim: ele disse UM MONTE. Todo o maldito dia. Mas eu não me importei, e pareceu tão bom não me importar. Eu me senti eu mesma vindo a vida. Melodrama? Mas, sério. Lá estava eu:

Regan. A verdadeira Regan. Isso era mais que uma roupa, sabe? Era uma declaração sobre mim — quem eu realmente sou. Eu me senti viva e feliz e confiante. Foi o sentimento mais legal. É como se no momento que eu preendi aquela extensão de cabelo, todos os fios quebrados do meu cérebro se reparassem sozinhos, e eu pudesse ver eu mesma claramente. Tudo que eu precisava era a conexão certa.

Outro ponto alto? Jogar futebol. Nós jogamos hoje e eu nunca joguei tão bem. Porque os olheiros não podiam estar lá esta tarde? Porque eu sou sempre melhor quando há menos pressão? Eu queria poder ser aquela garota que apresenta seu melhor debaixo de intensa pressão. Eu quero dizer, eu normalmente não sufoco, mas nós todos nos lembramos do ano passado...

O que me guia para o terceiro ponto alto. O ponto inapropriado. Meu coração esteve próximo de parar quando eu o vi hoje. Você sabe de quem eu estou falando. Jeremy Stahl. Eu não sei o que aconteceu. Tudo que eu sei é que ele emergiu da escuridão de todas aquelas enormes roupas pretas que ele usou ano passado, e eu o vi hoje. Tipo, realmente o vi. Como se ele não estivesse com medo de ser visto. Eu não entendi isso. O garoto costumava se esgueirar por aí enfiado dentro dele mesmo, e agora ele só está fora de lá. Eu estou falando de uma camiseta de tamanho normal. Eu acho que não tenho visto seus braços desde que começamos o ensino médio. Será que eles sempre foram daquele jeito? E agora sua cicatriz tem um piercing, também. Ele tem esta haste de metal inserida nela. Isso é totalmente fodão. Ele é este fodão gostoso, musculoso, com piercing, e eu tenho um namorado. Tão injusto.

Eu não vou mentir. Eu o observei secretamente o dia todo. Eu me certifiquei de que ele não viu. Eu certamente não o quero pensando que eu sou alguma psicótica obcecada. Porque, hello, eu não sou! Mas o que mais eu deveria fazer com a argola nos lábios, huh? Yeah, é isso mesmo. Piercing na cicatriz E nos lábios. Nós poderíamos falar sobre esta argola de prata nos lábios por um momento? Hello, de onde você veio e porque eu quero tanto lambar você? Você está ouvindo isso? Eu sou uma maluca fodida. Eu vejo esta argola nos lábios e meu instinto inicial é correr para cima e chupar. Eu quero chupar o piercing deste cara. Eu não consigo parar de digitar isso—!

Suas mãos estremeceram com o toque do celular. Ela não queria falar com ninguém, só seu laptop, e olhou de relance a tela: Casey.

“Ugh.”

Ela deixou cair na caixa de mensagens. Casey não deixou uma mensagem. Ela ligou de novo.

“Sério?”

Regan congelou sobre a cama. Ela pensou que Casey a conhecia bem o bastante para suspeitar que ela estava bem ali atrás de seu celular evitando a chamada. Talvez se ela deitasse perfeitamente calma, ela pudesse enganá-la.

Mensagem de voz. Sem mensagem. Uma terceira ligação.

“Gahhh!!!” Regan socou o botão do celular. “O quê?!” rosnou. “Eu amo você, mas o quê?!”

“O que você está fazendo?”

“Tentando escrever!”

“Escrever o quê? Nós não temos uma tarefa de redação.”

“Só coisinhas, Casey. *Deus.*”

Pausa.

“Você está voltando a escrever aqueles poemas bregas?”

Regan ficou toda quente.

Casey suspirou. “Regan, eu pensei que nos tivéssemos conversado sobre isto.”

“Eu não estou escrevendo poesia!”

“Aquele sobre a tempestade...”

“Quieta!” Regan riu.

“E aquela coisa do relógio tiquetaqueando na montanha...”

Regan arrebentou em gargalhadas. Casey seguiu no processo.

“Era uma metáfora sobre estar preso!”

“Era alguma coisa. Isso com certeza,” Casey respondeu.

Regan gargalhou, rolando sobre suas costas e segurando sua barriga. Ela não conseguia respirar.

Casey ria da mesma forma do outro lado da linha. Provavelmente chorando. Casey chorava quando ria histericamente.

Regan não tinha certeza de quanto tempo elas passaram rindo sobre sua fase poética, mas ela estava feliz em ter atendido a ligação. Aquela anotação no diário estava ficando muito intensa, e ela não estava absolutamente certa de que não teria ido direto escrever uma cena de sexo explícito estrelando Jeremy como seu primeiro amante gentil e incompreendido. Que embaraçoso.

“Okay, okay,” Casey respirou. “Você está bem?”

“Eu... eu acho que sim,” Regan ofegou.

“Podemos falar por um segundo?”

Regan deu uma profunda inspiração. “Claro.” Ela fechou seu laptop.

“Então o que você achou de hoje?” Casey perguntou.

“Eu achei que foi tudo bem,” Regan respondeu.

“Você acha que Srta. Griffin vai ser tão dura como quando ela saiu?” Casey perguntou.

“Eu acho que ela vai ser pior, na verdade,” Regan disse. “Ela é jovem. Ela provavelmente pensa que tem algo a provar. Ela vai fazer um inferno em nossas vidas.”

“Provavelmente,” Casey respondeu. “Você a acha bonita?”

“Sim.”

“Sim, eu também,” Casey disse pensativamente, então suspirou. “Ela vai acabar dormindo com um aluno.”

“Casey!”

“O quê? Você sabe que isso é verdade. Ninguém sai da faculdade vai para uma posição de ensino secundário a menos que esteja

atirando iscas para uma amante.”

“Amante? Você disse amante?”

“Amante. Garoto objeto. Qualquer coisa,” Casey explicou.

“Você deduraria um professor que tivesse feito isso?” Regan perguntou.

“Eh. Eu realmente não me importo de qualquer forma, contando que ninguém mexa com a média do meu GPA.”

Regan riu.

“Quer dizer, eu chamo de vadia na cara dela se eu tiver de chamar.”

“Você vai para Brown. Relaxa,” Regan disse.

“Não brinque com isso! Caramba. Eu não vou saber até dezembro,” Casey rosnou.

Regan murmurou uma desculpa. As garotas ficaram em silêncio.

“Ela pode tentar ir atrás de seu homem,” Casey provocou. “É melhor você observá-la pelas costas. Só dizendo.”

Regan revirou os olhos. “Ela não é uma predadora sexual.”

“Yeah, bem, o tempo vai dizer,” Casey replicou. “E falando em tempo, você esqueceu que é seu último ano?”

“Huh?”

“Sua roupa hoje. Eu pensei que estava de volta na sétima série tudo de novo, e ninguém quer estar de volta à sétima série.”

Regan eriçou. “E o que tem de importante nisso?”

“Oh, eu não sei, Regan. Você parou de usar aquelas coisas três anos atrás, e de repente você aparece hoje parecendo uma foto tirada de nosso álbum anual do ensino fundamental.”

Regan grunhiu.

“Isso não é uma resposta,” Casey disse. “Se você me lançou num círculo, eu sei que você definitivamente lançou Brandon.”

“Você não viu outras garotas se vestindo desse jeito na escola?” Regan perguntou, pelas beiradas.

“Ninguém que importe.”

A boca de Regan caiu aberta.

“Cheque a arrogância, Casey,” ela sugeriu friamente.

“E você cheque suas meias arrastão,” Casey atirou de volta.

Silêncio. Regan rolou em suas costas e se colocou de joelhos. Ela tracejou os pequenos diamantes de suas meias enquanto fervilhava. Ela determinou que a conversa não iria se transformar em uma briga sobre roupas por que isso seria muito estúpido. E típico demais para garotas adolescentes.

“Lauren tentou conversar comigo,” Casey disse finalmente, mudando de assunto.

“E você foi educada?”

“Não.”

Regan suspirou. “Você é quem está com Ethan. Não ela. Você não acha que é hora de deixar pra lá?”

“Ela é uma traíra,” Casey xingou.

“Garotas podem ser traíras? Eu pensei que isso fosse para os caras”.

“Certo. Ela é uma puta.”

“Está certo então.”

“Eu *nunca* serei amiga dela de novo.”

“Eu não estou dizendo que você tem que ser amiga dela. Eu só estou dizendo que você poderia ser civilizada,” Regan explicou.

“Por quê?”

Regan ficou mais impaciente. “Oh, eu não sei, Casey. Porque nós somos humanos, e nós estamos tentando viver em uma sociedade por aqui.”

“Sociedade superestimada,” Casey respondeu.

Regan arrastou sua respiração. “Casey, você não é uma comunista só porque você contribui para a sociedade. Ou tem consideração vez ou outra. Ou tenta ser, você sabe, uma boa pessoa para os outros.”

“Isso é exatamente o que essa merda significa,” Casey contrariou.

“Oh, meu Deus. O que essa história da nova série fez para você?”

“Ela tentou roubar meu namorado!!!”

“Verdade, mas ele não estava inteiramente inocente na situação.”

Sem resposta.

Merda. Merda. Merda. Porque ela disse isso? Filtro, Regan. Pelo amor de Cristo! Coloque um filtro!

“Casey?” ela perguntou com cautela.

“Hmm?”

“Me desculpe por ter dito aquilo.”

Pausa.

“Eu sei. E você está certa. O que só prova que pessoa incrível eu sou de verdade — que eu pude perdoar-lo do jeito que fiz.”

Regan revirou os olhos. A garota era iludida. E óbvia. Então Casey poderia perdoar seu namorado por traí-la, mas não sua amiga próxima que participou do ato? Isso era definitivamente uma coisa de garotas — uma das grandes — por que secretamente todas as garotas odeiam uma a outra. Elas poderiam facilmente perdoar as transgressões dos garotos, mas uma a outra? Oh, não. Não não não. A inveja as selou em seus corações de cimento.

Regan a considerava sua melhor amiga. Casey era fofa. Ela era uma estudante estrela, destinada ao sucesso. Ela dizia que iria ser uma advogada, e Regan sabia que ela não só entraria na faculdade de direito como também se graduaria como a melhor de sua turma. Ela tinha uma enorme quantidade de qualidades atrativas, ainda assim ela era principalmente insegura. E disposta a perdoar a infidelidade de

seu namorado só para mantê-lo. Era esse o preço pago para se manter popular? Estava Casey tão amedrontada de voltar para o status de panaca que estava disposta a comprometer suas regras? Teria ela ao menos alguma regra? Regan recordou uma conversa que elas tinham tido três anos antes onde elas duas prometeram nunca deixar um cara trata-las como lixo. Ethan traiu e teria continuado a trair caso não tivesse sido pego.

“Alô?”

Regan balançou a cabeça. “Desculpa. Pensando.”

“Sobre?”

“Quão incrível você é,” Regan respondeu.

“Certa pra caramba.”

Regan vislumbrou uma foto em sua mesa de cabeceira e sorriu. “Hey, lembra quando nossas mães tinham costurado aquelas roupas combinando para nós? Agora *aquilo* era incrível.”

“Ugh, nem me lembre,” Casey gemeu. “E se livre daquela foto já!”

“Você tá louca? Eu nunca vou me livrar disso,” ela respondeu, contornando com o dedo a moldura desgastada, e depois adicionou suavemente, “nós éramos as mais legais.”

“Não, nós não éramos,” Casey contrariou. “E eu estou muito feliz que eu não sou aquela garota mais.”

Regan encolheu os ombros. “Eu não sei. Eu gostava dela.”

Casey estava quieta.

“Lembra do nosso clube?” Regan perguntou.

A foto instantaneamente a transportou para a sétima série, e de repente ansiou suas memórias.

“Lembra? Você tinha de ser uma estudante nota A certinha?”

“Oh Deus.”

“Você e Chelsea queriam ser presidentes. Você, na verdade, foi até o escritório para lutar por sua média do GPA. Nós nem tínhamos

GPAS na escola fundamental.” Regan riu. “Eu ainda não entendo como você duas—”

“Eu não quero falar sobre isso,” Casey disse abruptamente.

“Hmm, eu me pergunto o que aconteceu com aquela garota.”

“Eu disse que eu não quero falar sobre isso.”

“Oh.”

Silêncio constrangedor.

“Eu... eu acho que ela se mudou para Wyoming ou algo do tipo,” Casey finalmente disse.

“Oh.”

Mais silêncio constrangedor.

“Então, você e Brandon tem grandes planos para seu aniversário?”

“Um, isso é para, tipo, seis semanas,” Regan disse. Ela estava odiosa por entrar nesse assunto e considerou mentir sobre precisar ajudar com o jantar para sair do telefone.

“Sim, e eu teria estado planejando meses atrás. É seu aniversário de dezesseis anos!” Casey esgoelou.

Regan ouviu enquanto Casey tagarelava sobre sugestões de festas. Ela não podia se importar menos, e estava distraída pensando no episódio da traição de Ethen. Brandon tinha uma opinião sobre isso.

“Caras fazem coisas desse tipo,” ele disse para ela, então vendo seu rosto decair, seguiu com uma exceção. “Não que eu alguma vez faria. Quero dizer, estou totalmente comprometido com você, Regan. Você sabe disso.”

Ela não achava que Brando alguma vez a tivesse traído. Ela saberia. Mas ela não achava que ele estava comprometido com ela. Ela achava que ele estava comprometido em mudá-la. Ela reconheceu isso no último ano. E isso alterou sua perspectiva. Isso a forçou a tomar notas de sua personalidade coberta com camadas de ouro — aquela

que ela usava em seu coração e rosto e palavras que falava. Era bonita e brilhante do lado de fora, mas faltava toda a substância por baixo.



Ele sentou em sua cama depois da aula e abriu o caderno — um diário que ele mantinha diligentemente pelos últimos três anos. Esse era seu único confidente. O caderno de espiral era daqueles realmente grossos — o tipo usado para múltiplos assuntos. Ele arrancou as divisórias então às páginas fluíam sem interrupção. Não havia necessidade de categorizar os estágios de sua vida com divisores porque ele não tinha nenhum. Cada dia era o mesmo desde a sexta série. Bem, a maioria deles.

Esta anotação no diário era uma exceção — um dia marcante diferente de todo o resto. A visão de Regan em seu armário esta manhã o compeliu a revisitar isso. Ela parecia como a Regan da sexta série, e ele queria rememorá-la.

Ele deu uma profunda inspiração. E leu.

O divórcio aconteceu na quinta série. O acidente de meu pai se seguiu pouco depois. Na sexta série eu fui para a escola com o mais horrível corte em meu rosto. Meu pai tinha me socado, dividido meu olho aberto — aquela frágil, aquela fina pele que envolve as beiradas da pupila dos olhos, e parou bem no topo da minha bochecha. Foi um ferimento grosseiro que precisou de pontos. Mas ele não me levou ao médico. Ele me ajudou com uma bandagem, apesar — uma bagunça de gazes e fita que parecia com o trabalho de dois garotos de cinco anos de idade.

Ele me disse para mentir. Aquela foi a primeira vez. Eu tive de mentir pelo meu pai através dos cinco anos seguintes.

Isso foi uma lesão de baseball. E eu pensava que isso iria impressionar os garotos na escola. Bem, no começo impressionou.

Mas quando as semanas e meses passaram, o ferimento cicatrizou em uma cicatriz de fantasia do Halloween: grossa e roxa.

Horrenda. Como se uma pequena criatura alienígena grudasse em meu rosto e decidisse ficar permanentemente. Eu parecia com um pequeno monstro, e quando alguma coisa me chateava, a cicatriz pulsava contra a lateral de meu rosto — meu coração palpitando naquele nódulo prateado e roxo — me lembrando de minha fraqueza e feiura.

As garotas gritavam, “Nojento!”

Os garotos gostavam de usar “Doente!”

Eu preferia “nojento” que “doente”. “Doente” tinha esse sentimento ardente implícito, como um homem velho raivoso cuspidando tabaco. Me fazia sentir ainda mais como uma aberração, e eu realmente odiava meu pai por isso porque até a cicatriz de fantasia de Halloween, eu era só uma garoto com aparência normal. Nada especial. Nada ruim. Ninguém prestava atenção em mim, e eu gostava daquele jeito. Porque eu sou uma tartaruga. Eu sou meio que fechado dentro de mim mesmo. Tímido. Depois da cicatriz, se tornou mais difícil ser uma tartaruga. Os garotos não me ignoram mais. Eu me transformei na atração da escola. O bullying chegou rampa acima. Insultos todos os dias, empurrões, risadas.

Um dia foi particularmente ruim. Os garotos começaram a me bater no playground. Eles nunca tinham feito isso antes. Eu não sou moleza, apesar. Eu lutei de volta. Ou, ao menos, eu tentei. Cinco contra um é duro. Mas então, lá estava ela. Veio para salvar o dia. Ela parou seu corpo entre mim e os garotos, e gritou com eles.

“Você é um imbecil, Brandon! Um imbecil grande e gordo! Ninguém bate em você por ser grande e gordo!” ela gritou. “E eu quis dizer GORDO!!!”

Os garotos riram. Brandon fumegou.

“Deixe Jeremy em paz!” ela rosnou. “E daí que ele tem uma cicatriz horrível no rosto?”

Bem, que seja. Ela ainda estava me defendendo.

“Você gosta dele,” soltou Ethan.

“Você é um idiota,” ela atirou de volta. “Saia daqui. Todos vocês, ou eu vou dizer a Sra. Duncan.”

“E um policial,” Brandon adicionou.

“Eu não ligo. Eu vou dizer a policia também,” Regan disse. “Parem de ser imbecis e vão encontrar algo mais para fazer.” Ela pausou. “Aqui uma sugestão: batam um no outro.”

“Que seja, Regan,” Brandon respondeu. Ele se despediu dela com um gesticular irreverente de sua mão, depois caminhou para a beira do campo de futebol com sua gangue.

Regan se virou para mim. “Você tá okay?”

“Claro,” grasei. Minha voz estava em processo de mudança, e, infelizmente, eu soava como Scooby-Doo.

“Aqueles caras são completos babacas,” ela soltou.

Encolhi os ombros. Eu queria concordar com ela, mas de repente eu não sabia como falar. Quero dizer, aqui estava ela. A Regan Walters fodona falando comigo pela primeira vez. Tola, brincos verde-neon. Ridícula sombra nos olhos roxo hematoma. Gloss vermelho nos grandes lábios.

Ela estava linda.

“Eu acho sua cicatriz legal, a propósito,” eu a ouvi dizer.

Huh? Legal? Eu parecia como se estivesse em constante missão de doces ou travessuras.

“Sim?”

“Mmhmm,” ela disse.

E então ela me alcançou e me tocou. Sim. Ela me tocou. Ela pressionou a ponta de seu dedo indicador no topo de minha cicatriz e contornou a saliente e ofensiva linha por todo o caminho até minha maçã do rosto. Ela fez isso lentamente, cuidadosamente. Como se estivesse me estudando ou perpetuando a sensação da minha cicatriz na memória.

“Você já tentou apertar isso?”

“Huh?”

“Você sabe. Apertar. Ver se isso vai continuar desse jeito.” Seu dedo permaneceu nas maçãs do meu rosto, e então eu senti sua pressão em meu rosto enquanto ela batalhava para pressionar minha cicatriz. Ela contraía seu rosto em concentração.

“Nunca tentei,” respondi.

“Inútil, de qualquer forma,” ela disse, abaixando sua mão. De repente meu rosto ficou frio. “É grossa e dura.”

Concordei. Ela me encarou por um momento.

“Você gosta dos meus brincos?” ela perguntou. Ela segurou um penduricalho de sua orelha direita, puxando gentilmente em seu lóbulo.

Eu concordei.

“Estou tentando colecionar bastante então eu terei um par diferente para cada dia do ano escolar.”

Eu continuei concordando.

Ela riu. “Você não fala muito, não é?”

Eu encolhi os ombros. Deus, que idiota! Fale ou faça algo.

“Não deixe as pessoas te chatearem por sua cicatriz. Se eu fosse você, eu a enfeitaria,” ela ofereceu.

“Como?” Conduzi.

“Oh, eu não sei. Talvez quando você estiver mais velho você pode fazer um piercing ou algo do tipo. Isso seria realmente estiloso!”

Ela abriu um sorriso, revelando aparelhos ortodônticos. Suas borrachinhas estavam sempre da cor da estação ou da época. Já que era março, ela usava tons alternados de verde.

Ela era a mais estilosa.

“Tchau, Jeremy!” Ela disse enquanto se afastava a passos largos.

Eu não estava pronto para o fim de nossa conversa, mas meu idiota interior não conseguiu pensar em nada mais para dizer a ela. Ela era demais para mim. Demais para qualquer um, e eu me perguntava como deveria ser sempre andar de verdade no chão, mas ao invés disso,

deslizar. Como era ser espontâneo e confiante. Reconhecido.

Ela desapareceu em um grupo de meninas — desapareceu como se a coisa toda tivesse sido um sonho. Eu podia ouvir seus risos agudos flutuarem pelo campo, e eu queria capturá-lo em minhas mãos. Levar para casa. Ouvi-lo quando eu me sentir sozinho. Eu deveria ter tentado. Eu deveria ter tentado capturar algumas de suas palavras, também, por que elas se tornaram as únicas que ela alguma vez disse para mim.

Ele parou de chorar três anos depois. Ele pensava que graduar no ensino médio significava que ele era um homem, e homens não choram. Então era estranho sentir o nó em sua garganta, e quando engoliu, involuntariamente liberou uma única lágrima. Do lado esquerdo. Ela atravessava a parte inferior de sua cicatriz. Ele sentia que ela deslizava abaixo em sua mandíbula e ficava ali suspensa. Sem certeza de para onde ir. Incapaz de escalar de volta para cima. Relutante em gotejar e desaparecer no nada.

Esta não era a reação que ele estava buscando. Ele só queria relembrar Regan — talvez até mesmo sorrir com suas tolices — mas todos seus pensamentos e emoções focavam em seu pai e no que seu pai fez a ele. Ele balançou sua cabeça violentamente e atirou o caderno. Arrastou-se para sua porta e emergiu para fora. Ele conseguia só ver dentro da sala de estar onde seu pai descansava na poltrona, roncando ruidosamente.

Ele se esgueirou silenciosamente corredor abaixo para o cofre do quarto de hóspedes. Ele descobriu a combinação tempos atrás, e a decorou com um propósito. Ele bufou com a ironia disso tudo — seu irresponsável pai era o mesmo cara que se preocupava com a segurança da arma. Ele retirou a 9mm e liberou a trava. Todas as balas contabilizadas, apesar de que ele só precisava de uma. Ele retornou a trava e puxou de volta no slide.

“Travada e carregada, filho da puta,” ele sussurrou.

Ele caminhou corredor abaixo e virou no canto. Viu o topo da cabeça de seu pai descansando confortavelmente contra a cadeira. Anos deitando desse jeito — seu cabelo preto e oleoso aninhado no

encosto de cabeça — tinham descolorido o tecido azul. Nojento. Havia muito em seu pai que era nojento, e era hora de ele dar um banho de sangue.

Jeremy se moveu para mais perto e levantou a arma. Gentilmente empurrou o cano contra a cabeça de seu pai, enrijecendo aos sons de balbucios e roncos. Mas seu pai não acordou.

“Um, dois, três, quatro,” Jeremy contou silenciosamente. “Cinco.”

Seu pai continuou dormindo.

Ele cuidadosamente moveu seu dedo para o gatilho. Seu pai o ensinou aquilo: nunca segure uma arma com seu dedo no gatilho até você estar pronto para atirar. Segurança primeiro. Seu dedo curvou ao redor do gancho de metal — segundos de distância da liberdade — e sua mão tremeu.

“Merda,” ele murmurou, e abaixou a arma.

Deu uma profunda inspiração e tentou de novo, levantando a arma com seu dedo no gatilho. Ele fechou seus olhos e repassou a manhã em que estava atrasado para a escola. Estava chovendo. Ele podia sentir as gotas batendo em seu rosto, deslizando para baixo da bandagem que mal cobria sua maçã do rosto. Ele ouviu as palavras de seu pai de novo e de novo: “Um acidente de baseball. Você entendeu? Um acidente de baseball?”

“Okay, pai,” ele respondeu, pensando que os dois estavam entrando em uma inteligente conspiração.

Jeremy abaixou a arma uma segunda vez. Sua mão suave profusamente, fazendo o metal escorregar em sua palma. Ele tremia incontrolavelmente. Ele não pode dar continuidade a memória, derramando gordas lágrimas de seus olhos.

Um gemido escapou de seus lábios, e seu pai se mexeu.

“Jer, você já voltou?” sua voz estava grossa e relaxada com sono.

“Sim,” Jeremy respirou. Ele secou seus olhos com as costas de suas mãos.

“Me pega uma cerveja, você pega?”

Aquilo era tudo que ele precisava ouvir. Ele ergueu a arma uma terceira vez. Sem mais lágrimas. Sem mais tremores.

“Tem certeza?” Jeremy perguntou. Ele virou a arma em sua lateral e depois a levantou de novo. Na lateral de seu pai e em suas costas. “Você tem certeza?” Ele repetiu.

“O que isso significa?”

“Isso significa que eu quero que você esteja absolutamente certo de que você quer outra,” Jeremy explicou.

“Só me pegue uma maldita cerveja,” seu pai rosnou.

Dedo no gatilho. Só o menor aperto. Não iria requerer muita pressão.

“Você ouviu?” Seu pai disse.

O coração de Jeremy constringiu, saindo do peito com a adrenalina do medo. Ele deixou cair sua mão uma última vez.

“Eu ouvi você,” ele disse, dando as costas para a sala de estar.

Ele tomou o cuidado de esconder a arma, apesar de que ele sabia que seu pai não iria se virar. Ele caminhou para o quarto, contemplando sua fracassada tentativa de liberdade. Ele só conseguiu concluir que não era a hora certa. Ele escreveu embaixo da data, apesar de tudo — 14 de abril. Ele deveria ter aderido a isso, certo? Ele deveria ter aderido ao plano. Não desviar. Não revisar. É assim que os planos são bagunçados.

Ele guardou a 9mm no cofre e se dirigiu para a cozinha, onde ele deixou a cerveja na geladeira.



Realmente não me incomoda que meu pai não me aceite, não goste de mim. Ele tem sua própria merda para lidar, eu acho. Mas é impossível estar em um ambiente onde você se sente não desejado o tempo todo. Você realmente começa a pensar que é sua culpa, mesmo quando você sabe profundamente que isso não tem nada a ver com você. Isso não é porque ele te criou. Isso é porque você não se transformou no que ele esperava. Ou talvez sua vida não saia do jeito que ele esperava.

Mas isso é com ele, não você.



00:18

Ela escalou para dentro da SUV, tomando o cuidado de erguer suas pernas para que as costas de suas coxas não tocassem o assento.

“Eu gosto do seu suor em meus bancos,” Brandon disse, a observando.

“E eu não sei disso,” Regan zoou.

Ela riu. Brandon bufou.

“Sério. Coloque suas pernas para baixo. Eu não ligo,” ele disse.

Ela concordou. “Normalmente elas param de suar agora. Eu não sei o que está acontecendo”.

“Uh, são cinco mil graus lá fora,” ele notou.

Ela riu. “Sim, e eu provavelmente queimei cinco mil calorias jogando.” Bateu em sua testa, desfazendo as minúsculas bolinhas de suor presas em sua linha capilar. “Eu deveria ter tomado banho.”

“Quem liga?”

Ela discretamente cheirou suas axilas.

“Uh, eu ligo,” ela riu, olhando para ele com olhos esbugalhados.

Ele explodiu em gargalhadas.

“Você não fede,” Brandon assegurou a ela.

“Eu fedo,” ela contraponteu.

“Bem, eu conheço só uma coisa para isso,” ele disse, ligando o carro. Ele deixou o estacionamento da escola e se dirigiu para Adobe Drive.

Ela sorriu. Isso tinha se tornado rotina: toda sexta a tarde depois do treino, Brandon a levava para tomar sorvete. Isso começou quando ele tirou sua carteira. Ela amava tanto isso que até mesmo organizou sua agenda em torno do sorvete de sexta-feira assim que a

sessão de futebol acabava. Havia algo diferente em Brancon quando ele tomava sorvete. Ele era só... normal. E legal. E divertido.

“Brandon, sorvete não vai me fazer parar de feder,” Regan disse.

“Talvez não, mas vai te fazer sentir melhor,” ele respondeu. “Talvez te ajude a parar de suar,” ele notou, olhando em seu rosto enquanto dirigia.

Ela secou sua bochecha, voltando os pensamentos ao Brandon dos primeiros tempos que se autodesprezava, e talvez um pouco inseguro. Ele ficou no balcão no primeiro encontro deles assimilando a miríade de sabor de doçura cremosa, olhos escancarados e gulosos, depois virou para ela desamparado.

“O que eu estava pensando?” Ele perguntou. “Esta foi uma má ideia. Eu fui um garoto gordo.”

No começo ela não disse nada. E então ele retirou um copo medidor e o entregou para a garota atrás do balcão. Piscou para Regan.

“Estou brincando. Vim preparado.” Ele apontou para o copo. “Arma contra a gordura.”

Ela encarou.

“Você pode rir, sabe,” Brandon disse. “Era pra ser um pouco divertido.”

Ela arriscou um sorriso. Parecia mais como uma careta.

“Você não lembra como eu era?” Ele perguntou, estudando seu rosto.

Regan ficou mais e mais desconfortável.

“Nós podemos pegar iorgute ao invés,” ela ofertou. “Como livre de gorduras ou algo do tipo”. *Oh meu Deus, eu disse isso ALTO.*

Brandon explodiu em risadas enquanto recebia o meio copo de sorvete de manteiga de amendoim de chocolate da garota.

“Isso é maravilhosamente delicioso, não é?” Perguntou a ela, e ela deu uma risadinha.

“Brandon, eu sinto muito,” Regan disse. “Eu só... o copo medidor... suas brincadeiras... quero dizer, eram brincadeiras? Eu deveria estar rindo? O que eu deveria dizer? Eu estou realmente desconfortável agora.”

“Relaxa,” ele disse, rindo, depois olhou para ela. “Você é tão adorável quando está nervosa.”

E foi quando ela escancarou a porta para seu coração. Ela tinha quinze. Ela não sabia nada.

Regan suspirou, lembrando.

“O que tem em sua mente?” Brandon perguntou enquanto eles entravam no familiar salão.

“Você não carrega seu copo medidor mais,” Regan observou.

Brandon coçou sua bochecha. “O que te fez pensar nisso?”

“Só pensando em nosso primeiro encontro,” Regan respondeu.

Ela riu para seu namorado. Ele usava seus cabelos castanhos curtos em seu couro cabeludo — quase raspado — e era difícil manter suas mãos fora deles. Era espetado e macio, e ela gostava de esfregá-los por boa sorte. Ele esticou sua altura com o passar dos anos, mas manteve uma barriga levemente rechonchuda. Ele era obcecado em diminuí-la, mas ela não queria que ele fizesse isso. Ela achava que a barriga dele mantinha sua arrogância contida. Dava a ele perspectiva. Amenizava suas atitudes.

Só e então a mão dele foi para sua barriga.

“Você acha que eu deveria começar a medir as coisas de novo?”

“Sério?”

Ele olhou para baixo. “Sim. Sério.”

“Você está perfeitamente bem.”

“Estou?”

Regan parou a poucos passos do balcão.

“Eu vou perguntar uma vez mais. Sério?”

Brandon franziu o cenho.

“Contando que você esteja feliz comigo, eu acho que isso é tudo que importa,” ele respondeu.

“Isso não deveria ser mais como ‘contando que você esteja feliz consigo mesmo?’” Regan perguntou.

“Não. Isto é o que pessoas gordas dizem para eles mesmos se sentirem melhor,” Brandon respondeu.

E assim, a memória do doce, bobo e inseguro garoto murchou no esquecimento.

“Isso é ácido em sua língua, Brandon,” Regan disse suavemente. “Você deveria ir lavar isso.”

“Huh?”

Regan sorriu pacientemente. “Seja gentil.”

“Eu sou gentil.”

“Você está sendo intolerante.” Ela virou as palmas das mãos. “Ácido,” ela disse, balançando sua mão esquerda para cima e para baixo. “Intolerância,” ela continuou, balançando sua mão direita. “Entendeu?”

As narinas de Brandon estavam abertas — o primeiro sinal de aborrecimento.

“Eu não sou um imbecil,” ele disse equilibradamente. “E de qualquer forma, eu posso ser intolerante porque era gordo. Eu estava lá. E então eu escolhi fazer algo sobre isso.”

“Parabéns,” Regan respondeu. “Apesar de que crescer vinte centímetros no curso de verão não é uma escolha que você fez. Você teve sorte a esse respeito.”

Brandon encarou. “Eu escolhi carregar por aí um copo medidor,” ele apontou com petulância.

“Verdade,” Regan respondeu. “Agora, por favor, não arruine a memória.”

“O que tem com você e aquele copo?” Brandon perguntou.

“Não é o copo.”

“Então o quê?”

“É você,” Regan disse, depois diminuiu sua voz em um sussurro enquanto eles se aproximavam do balcão. “É como você costumava ser.”

“Você acha que eu tenho mudado ou coisa do tipo?” Brandon perguntou.

“Eu acho... você está ficando um pouco duro.”

Os olhos de Brandon desceram para suas calças.

“Sério? É isso honestamente o que você pensou que eu quis dizer?” Regan perguntou.

Ele riu. “Só brincando com você, Regan. Lembre que nós fazemos isso?”

“Eu não estou brincando agora,” ela respondeu. “Eu estou séria. Suaviza isso.”

“Suavizar o quê?”

“A dureza.”

“Eu estou tendo uma dificuldade em entender isto. Você está dizendo que quer que eu fique gordo de novo?”

“Eu não estou falando sobre seu corpo! Deus! Eu estou falando sobre sua atitude!”

Ele ficou quieto por um momento, encarando a garota atrás do balcão, que os encarava de volta.

“Você está curtindo isso?” Ele soltou para ela.

Ela corou e se afastou, fingindo se ocupar com tarefas atrás do balcão.

“É disso que eu estou falando,” Regan silvou, agarrando o pulso dele. Ela o puxou para perto. “Porque falar com ela daquele jeito?”

“Ela estava toda atenta em nossos negócios,” ele respondeu.

“Ela *não* estava toda atenta em nossos negócios. Nós trouxemos nossos negócios para cá.”

“Correção: *you* trouxe nossos negócios para cá.”

“Bem, desculpe-me por tentar recordar um momento especial,” Regan estalou.

“Recordar um momento especial? Do que você está falando? Você estava ficando em cima de mim por ser intolerante!” Brandon gritou.

Regan bufou de raiva. “Podemos ir?”

“Não. Eu quero sorvete.”

“Bem, eu não.”

“Bem, isto é a tradição. Isto é o que nós fazemos, então nós estamos fazendo essa porra.”

Seus olhos escancararam. Ela soltou o pulso dele, abaixando sua mão lentamente.

Ela poderia dizer imediatamente que ele se arrependeu de suas palavras. Seu rosto batalhava raiva com sua impulsividade e a vergonha com o seu choque óbvio. Eles ficaram desconfortáveis, embaralhando seus pés e mordendo seus lábios em silêncio. Só quando a garota atrás do balcão os abordou de novo que Brandon falou.

“Eu sinto muito,” ele disse, mas não para Regan. Ele endereçou a garota.

Ela franziu as sobrancelhas.

“Eu não deveria ter falado com você daquele jeito. Você estava só esperando por nosso pedido.”

Ela encolheu os ombros.

“Eu não sou um babaca. Eu só... tenho algumas inseguranças. Não que eu esteja dando desculpas por como eu falei com você. Eu

não deveria ter sido rude daquele jeito.”

“Eu costumava estar acima do peso, também,” a garota disse suavemente. “Você perde peso, muda sua aparência física. Isso tudo é bom. Mas é muito mais difícil se livrar de toda aquela merda em sua cabeça. Medo sobre voltar. Sentimentos que você ainda não é bom o bastante. Eu tive isso. Eu entendo.”

Brandon sorriu. “Não deveria ser tão difícil pegar uma bola de sorvete.”

A garota riu. “Eu acho que não deveria. Mas para nós isso é diferente.”

“Porque diabos você trabalha num lugar como este?” Brandon perguntou. “Isto é pedir por um problema.”

Ela riu forte. “Prática em força de vontade.” Ela gesticulou pelos tubos de sorvete. “Acredite em mim. Eu não iria tocar esta bosta.”

“Eu sei. É horrível,” Brandon disse. Ele pressionou seu nariz no vidro. “Eu vou pegar uma bola de manteiga de pecan.”

“Sem copo medidor?” A garota disse faceira.

Brandon esfregou sua barriga. “Não, a menos que você ache que eu preciso de um,” ele disse piscando para ela.

Eles estão flertando? Regan se perguntou. Quero dizer. Eu peguei a coisa toda dos vínculos dos esforços similares, mas você está tirando uma comigo agora?

Ela quase perdoou a explosão dele enquanto observava seu comportamento contrito, ouvia suas palavras contritas. Mas quanto mais ele falava com a garota, mais cavalheiresco ele se tornava.

Ela nem pensou em seu próprio pedido. Ela não gostava de nada enquanto comia. Ela vagamente se lembrava de uma desculpa. Ela estava preocupada, pensando em um instável garoto tentando fazer piadas sobre seu passado doloroso para tirar uma risada dela.

.....

“Então, isto ainda está acontecendo,” Casey disse, varrendo seus olhos pelas roupas de Regan.

“Uh huh. Você gosta de minha extensão de cabelos arco-íris?”

As garotas caminhavam pelo corredor para a terceira aula de História.

“Sua mãe sabe que você está se vestindo de forma insana? Porque eu tenho muita certeza de que ela vai trancar você no seu quarto até você graduar se ela descobrir.”

Regan riu. “Isso não é se vestir de forma insana. É só uma extensão.”

“Uh huh. E o que tem isso?”

“Eu não sei. Eu pensei que seria divertido.”

“Não, não, eu quis dizer essa coisa inteira que você está fazendo?” Casey esclareceu. Ela varreu suas mãos em grandes e dramáticos círculos da cabeça de Regan aos pés.

“Oh, eu pensei que deveria tentar alguma coisa velho-novo,” Regan disse.

“Velho-novo?”

“Sim. Velho hífen novo. Eu costumava me vestir assim. Então, eu parei. Agora eu estou me vestindo assim de novo. Velho-novo.”

“Okaaay.”

Regan mordeu seu lábio. Nada era mais chato que quando Casey expelia a palavra 'okay'.

Ela fazia isso quando queria sugerir que algo era estranho, ou ela não acreditava no que estava ouvindo, ou ela tinha uma atitude superior sobre algo.

“Você não ligou noite passada como disse que ligaria,” Casey disse.

“Eu esqueci.”

“Okaaay.”

“Eu esqueci mesmo, Case,” Regan disse. “E de qualquer forma, você poderia ter me ligado.”

“Eu liguei. Várias vezes,” Casey acusou. “Você não atendeu.”

“Bem, eu acho que meu celular morreu ou coisa do tipo,” Regan disse desdenhosamente.

“Ou talvez você estivesse só me ignorando de novo,” Casey bufou. “Às vezes eu acho que você gosta de estar desconectada.”

“De você? Nunca,” Regan respondeu com doçura.

Casey a cutucou e sorriu. “Sério, apesar. Eu queria finalizar os planos este fim de semana.”

“É quarta-feira.”

“Sim, eu sei. Mas isso me deixa ao menos três dias para deixar minha roupa em ordem,” Casey disse, coçando a parte de trás de sua cabeça loira.

“Eu não me lembro de nenhum plano,” Regan respondeu. “E de qualquer forma, eu prometi a Caroline que levaria ela e os amigos para jogar boliche.”

“Oh, meu Deus.”

“O quê?”

“Há algo estranho em uma garota adolescente saindo com sua irmã de dez anos em uma noite de sábado ao invés de com sua incrível amiga e namorado.”

Regan riu. “Que seja.”

“Nós temos planos de ver um filme!” Casey lamuriou-se.

“Hey, fale isso com Caroline.”

“Oh, eu vou.”

Elas entraram rapidamente na aula antes do sinal tocar. Regan deslizou em seu assento, depois realizou um inventário da sala, procurando por ele. Não era sua intenção encarar, mas quando ele sentava no fundo encarando para fora pela janela, ela não conseguia

se virar. Ela tinha uma perfeita visão de sua cicatriz e da haste cromada desafiadora que estava inserida nela. Ela se lembrava do passado quando ele tentava camuflar sua lesão. Ela testemunhou diversas ocasiões ele jogar mechas de seu cabelo loiro, tentando com força esconder seu olho da vista.

Agora ele sentava exposto, e ele não parecia se importar.

Ela congelou quando ele olhou em sua direção, prendendo seu olhar com o dela. Alguma coisa desagradável se manifestou em um torcer de nariz que se espalhou lentamente pelo rosto dele. Ela não tinha certeza se ele estava bravo ou confuso, mas algo a encorajou a afastar o olhar. Deixá-lo em paz. Tudo ficou mais escuro, e essa foi a primeira vez que ela teve medo dele.

Ele quer me machucar.

O pensamento a chocou, e seus olhos se escancararam. Seu limite.

Para de olhar para ele! seu cérebro gritava.

Mas a competição de encarar continuava — nenhum dos dois interessado nem tampouco capaz de conceder vitória. Jeremy finalmente quebrou a conexão quando uma caneta rolou para fora de sua mesa. Ele se inclinou para pegar. Regan se virou lentamente, tentando registrar o que aconteceu — tentando achar sentido na mensagem silenciosa dele.

“Porque você parece que viu um fantasma?” Casey perguntou, se inclinando na direção da amiga.

Sem resposta.

“Pssst! Regan! Oi?”

Regan deu batidas em sua cabeça. Sua face estava pálida. “Huh?”

“O que está errado com você?” Casey perguntou, relanceando por trás de seu ombro. Ela vislumbrou Hannah e abaixou sua voz: “É a lésbica ali atrás?”

“A o q—? Não! E não diga isso!” Regan silvou.

“Bem, você age como se ela tivesse te atacado. Aquilo aconteceu na nona série, Regan. Hora de deixar pra lá.”

“Oh, isto é rico vindo de você. Você a importuna o tempo todo. E de qualquer forma, ela não me atacou. Pare de ficar distorcendo isso por aí.”

“Eu não a importuno,” Casey argumentou.

“Besteira. Eu estou sempre me desculpando com ela por você.”

“Você fala com ela?” Casey choramingou.

“Eu tento. Eu não recebo muito algo como uma resposta,” Regan disse.

Casey encarou. “Você *fala* com ela?”

“Oh, cala a boca. Você age como se isso fosse esquisito.”

“Um, isso é esquisito”.

“Eu amo você, Case. Você sabe disso. Mas pode, por favor, tentar seu legal? Só às vezes? Eu não estou pedindo que seja o tempo inteiro. Eu sei que seria demais para você. Mas às vezes?”

“Do que você está falando? Eu sou legal.”

“Você é maldosa com Hannah. E eu não gosto disso,” Regan sussurrou.

“Porque mesmo você se importa?” Casey perguntou. “Ela é surtada.”

“Não, ela não é.”

“Ela quer estar em um *relacionamento* com você, Regan. Ela é obcecada por você!”

“Ela não é obcecada por mim. E não há nada absurdo em pessoas querendo estar em relacionamentos com o outro.”

“Que seja. E a propósito, eu sou legal,” Casey resmungou.

Regan deu de ombros.

“Você sabe que eu faço qualquer coisa por você, certo?” Casey

disse. “Se alguém te machucar, eu vou pegá-los. Eu não pensaria duas vezes nisso.”

Regan pensou por um momento.

“Eu não gosto de pessoas mexendo com você,” Casey continuou.

“Ela não estava mexendo comigo, Casey. Eu juro. Quando... quando eu disse a você inicialmente, eu estava só um pouco surtada. Eu acho que exagerei a coisa toda.”

“Uh huh. Ninguém mexe com a minha garota.”

Regan sorriu pacientemente. “Eu sei. E ela não estava mexendo comigo. Ela interpretou mal os sinais, foi isso.”

“Você é minha melhor amiga,” Casey lembrou a ela.

“Sim. Agora a deixe em paz, okay?”

Casey segurou seus lábios. “Eu vou tentar. Mas se aquela vadia me olhar atravessado—”

“Ela não vai,” Regan interrompeu.

Casey vislumbrou os fundos da sala e olhou com desconfiança para Hannah, que estava desatenta.

“Vá em frente e me dê um olhar,” ela desafiou.

“Casey. Pare.”

Ela virou para Regan. “Há esquisitões demais nesta escola.”

Regan a ignorou e puxou seu livro de história. Ela observou o professor entrar e suspirou de alívio. Conversa acabada.

Não havia argumentação com Casey sobre "os esquisitões" — alterar seu ponto de vista. Ela costumava ser uma, e era fundamental que colocasse o máximo de distância entre ela mesma e eles. Ela tinha vergonha. Não queria nenhuma lembrança. Regan, na outra mão, não tinha um problema com lembranças. Ela pensava que deveria ter amarrado um laço com um fio em seu dedo. Então ela nunca teria esquecido quem ela realmente era.

.....

“Eu vi seus inquilinos se mudarem,” Jeremy comentou enquanto se deitava de costas debaixo do carro, drenando o óleo.

“Compraram uma casa,” Roy respondeu. “Você conhece alguém que precisa de um canto?”

“Sim. Eu.”

“Você não trabalha o suficiente para pagar o aluguel,” Roy disse.

“Eu sei,” Jeremy respondeu, rolando de debaixo do carro. “Mas eu acho que você poderia me dar mais horas.”

“Que horas? Todo o seu tempo livre você faz essa coisa,” Roy disse, apontando seu dedo para a esquerda onde o Camaro 78 de Jeremy estava. Ainda morto.

“Eu preciso cair fora daquela casa,” Jeremy confessou.

Roy coçou sua barba branca e macia. “Porque você não é uma criança mais?”

“Porque eu estou cheio de pagar as contas dele,” Jeremy disse. Ele se levantou e caminhou até a pia.

“Eu pensei que a aposentadoria por invalidez fizesse isso,” Roy respondeu.

“Não, isso paga as bebedeiras.”

Roy considerou sua posição de empregador. Ele conhecia um pouco da situação de Jeremy. Ele sabia que o pai de Jeremy era um imbecil e que Jeremy estava se coçando para se graduar e deixar Mountainview. Ele também sabia que Jeremy tinha muito pouco dinheiro, então ele o ajudava quando podia. Ele se tornou uma espécie de avô substituto, contente em ter um adolescente por perto depois que seu neto partiu para a faculdade na costa leste. Seu neto deixou para trás seu equipamento de snowboarding — lamentando que não havia lugares para esquiar no Atlântico — e Roy os emprestou para Jeremy, cuja prancha foi esmagada no último ano por um pai bêbado e enfurecido. Ele fechava os olhos para os bilhetes roubados de

Jeremy e pulos por cima de catracas.

Ele pagou a fiança quando ele foi detido.

“Ele me bate.”

Roy levantou a cabeça subitamente. “O quê?”

“Roy, você ouviu o que eu disse.”

“Jesus Cristo, Jeremy, como você pode não me dizer? Quando isso começou?”

“Seis anos atrás.”

Roy engasgou.

“Olha, eu não estou te dizendo isso para você ficar com pena de mim. Estou dizendo a você porque eu preciso de um canto para viver. Eu não tenho lugar nenhum para ir. Você sabe que eu não posso pagar seu aluguel. Então, a gente pode pensar em alguma coisa por fora.”

“More comigo e Carol,” Roy disse. Ele não pensou duas vezes.

“Sem ofensa, mas eu tenho dezenove. Eu não quero morar com você e Carol.”

Roy acenou com a cabeça.

“Eu sei que você precisa daquela renda,” Jeremy disse.

“Não, não preciso.” Roy respondeu. “Eu só gosto dela.”

Jeremy prendeu sua respiração.

“Mas eu não dou as coisas de graça.”

“E nem eu quero que você faça isso,” Jeremy respondeu. “Me faça trabalhar por isso.”

“Quinze horas extras por semana,” Roy disse.

O coração de Jeremy parou. Era justo, e isso também significava que ele nunca teria seu Camaro correndo — o Camaro que Roy comprou a ele em um leilão de carros cerca de um ano atrás por algumas centenas de dólares.

“Eu não vou dormir nunca,” Jeremy disse.

“Sono é superestimado,” Roy respondeu. “E você é jovem.”

Pausa.

“Meu pai me bate até eu não aguentar,” Jeremy lembrou a ele, lançando a carta tenha-pena-de-mim pela primeira vez.

Roy endureceu. “Certo. Dez.”

“Fechado.”

“Dez horas não pagas por semana pelo aluguel. Você é responsável por suas despesas.”

Jeremy concordou.

“E você é requerido a ter jantares nas noites de domingo em minha casa com Carol e eu. Não negociável.”

Aquilo era ótimo para ele. Carol era uma Chef especialista. O assado dela era seu favorito.

“Sem drogas,” Roy disse.

“Eu não faço essas coisas.”

“Sem garotas.”

Jeremy bufou. Roy relanceou em sua direção.

“Engraçado?”

“Na verdade, é. Você ouviu alguma coisa que eu disse a você sobre minha vida social nos últimos dois anos passados?”

“Sem garotas,” Roy repetiu.

“Sim, senhor.”

Roy acenou e limpou suas mãos. “Agora, eu estou indo na sua casa.”

“Huh? Por quê?”

“Para bater em seu pai até ele não aguentar.”

“Não!” Jeremy bloqueou seu caminho.

“Bem, alguém tem que fazer isso.”

“Roy, por favor, não.”

Jeremy sabia que o pequeno e atarracado Roy não seria páreo a seu gigante pai. Ele duvidava que Roy tivesse estado em uma luta em sua vida inteira.

“Seu pai precisa aprender uma lição,” Roy disse.

“Ele vai,” Jeremy respondeu.

E aquela era a verdade. Jeremy não precisava comprar a causa dele, apesar de ter apreciado a lealdade de Roy. Ele já tinha o plano definido e seriam meses na produção. Seria uma vergonha para alguém se precipitar e bagunçar tudo aquilo em um instante.

“Eu não quero que você volte lá,” Roy disse.

“Eu tenho que pegar minhas coisas,” Jeremy respondeu. “Eu vou ficar bem.”

Roy estava duvidoso. “Me deixe pegar suas coisas.”

“Não. Eu não quero você indo lá.” As palavras derramaram de sua boca antes que ele conseguisse parar a si mesmo. Pura vergonha. Ele não queria que Roy testemunhasse a casa degradada em que ele vivia — cheirando a odor de álcool envelhecido que impregnava o saguão quando ele abria a porta. Seguindo aquele cheiro através de cada cômodo da casa, incluindo o quarto de Jeremy, apesar de ele tentar mascará-lo com aromatizante de ar.

Ele não queria Roy vendo a imundície que ele tentava duramente limpar — pratos empilhados na pia e privadas entupidas. Uma razão a mais de como era impossível ter amigos — sua casa. Como ele poderia trazer os garotos para aquele depósito de lixo? Ele se sentia como um caipira nojento, com vergonha de onde ele veio e a pessoa que ele estava destinado a ser.

Ele lutava contra isso. Mantinha seu quarto limpo, é por isso que o impressionou quase comicamente que seu pai batesse nele por uma cama não feita. Ele nem mesmo deu a Jeremy a chance de fazê-la

— algo que ele estava planejando fazer bem antes do ataque. E seu pai preocupado com limpeza. O mesmo cara que sentava em uma cadeira gordurosa entre pilhas de cervejas vazias e garrafas de uísque, coletando poeira em uma manta abandonada.

“Não há utilidade em gastar seu tempo sentindo vergonha das falhas de outra pessoa. Você começa a se culpar, e isto não é certo,” Roy disse.

“Aquela casa é uma vergonha,” Jeremy sussurrou.

“Isso é sua culpa?”

Jeremy encolheu os ombros.

“Pare de encolher os ombros. Homens não fazem isso.”

Ele endireitou a postura.

“Você vai entrar e sair?” Roy perguntou. “Sem bobagem e perda de tempo?”

“Eu vou mudar as minhas coisas amanhã.”

“Amanhã?”

“É só um dia a mais,” Jeremy disse. “Isso vai ser bom. Eu sei como evitá-lo.”

“Eu não gosto disso. Eu quero que você venha se mudar para cá está noite.”

“Roy, por favor. Eu quero trabalhar no meu carro.”

Jeremy se endureceu depois estremeceu quando Roy colocou sua franja para o lado. Roy manteve sua mão plantada na testa de Jeremy.

“Ele fez isso?”

“Fez o quê?”

“Você sabe o que. Essa cicatriz. Ele fez isso?”

Jeremy afastou a mão dele. “Anos atrás.”

“Você se muda está noite,” Roy disse. “Estou falando.”

Jeremy ficou carrancudo. Ele tinha planos. Ele tinha planos de consertar seu carro, dirigir até a casa de Regan, roubá-la, e dirigir para o leste até chegar ao oceano.

“Eu vou receber isso como um sim,” ele ouviu Roy dizer.

“Huh?”

“Jeremy, pare de dizer 'huh'. Isso é irritante como inferno. Escolha uma palavra mais decisiva,” Roy soltou.

“Desculpe. O que você disse?”

“Eu disse obviamente que isso é um sim.”

“Um sim para que?”

“Eu perguntei se havia uma garota na escola que você gosta.”

“Eu não gosto de ninguém na escola.”

“Numa escola grande daquelas, não há nenhuma garota que você goste?”

“Não é tão grande.”

“Numa escola semi-grande daquelas não há uma garota?”

Jeremy encolheu os ombros. “Como nós chegamos a esse assunto?”

“Nós chegamos a uma decisão sobre a data de sua mudança. Eu decidi começar outra conversa,” Roy respondeu enfático.

Jeremy sorriu. “Eu vou me mudar amanhã, Roy.”

“Sim, nós varemos sobre isso”.

“E não há nenhuma garota,” Jeremy disse corando.

“Então, *há* uma garota.”

Jeremy afastou os olhos.

“Ela não tem permissão de ficar lá,” Roy disse, apontando para cima da garagem onde ficava o apartamento vazio e aguardando por um novo inquilino.

“Eu tenho dezenove anos!”

“Ela não tem permissão de ficar lá.”

“Roy, pelo amor de Deus, eu sou adulto.”

“Ela não tem permissão de ficar lá.”

Jeremy suspirou. “Sim, sim, eu entendi.”



Caroline estancou, trocando as pernas e aguardando impacientemente que Regan a convidasse para entrar. Aquela era a regra: não entrar nos quartos sem um convite. Regan chamava isso de regra do vampiro.

“Caroline, eu estou realmente ocupada,” Regan disse, olhos colados em seu laptop.

Caroline gemeu.

Click click clack click clack.

Caroline limpou sua garganta, rastejando mais e mais perto da entrada do quarto até seus dedos ultrapassarem o umbral.

“Você está quebrando a regra,” Regan disse, olhando sua irmã com sua visão periférica.

“Por favor, Regan,” Caroline implorou.

“Oh, por Deus. Entra,” ela bufou, fechando seu laptop.

A garota de dez anos se lançou para dentro e pulou na cama de Regan, barriga primeiro, aterrissando como uma boneca de pano flácida. Ela exalava um sinal dramático.

“Dia exaustivo?” Regan perguntou.

“Você não sabe a metade disso,” Caroline respondeu.

“Compartilhe.”

Regan caminhou até seu criado-mudo e tirou sua escova. Ela

conhecia o esquema e posicionou atrás de Caroline, que imediatamente aninhou sua cabeça no colo da irmã. Regan escovou as tranças loiras leitosas.

“Bem,” Caroline começou, “eu tive P.E. está manhã.” Ela olhou de relance para Regan e então esclareceu: “Nós temos P.E. toda terça e quinta”.

“Uh huh”.

“E eu fui escolhida por último para os times de basquete.”

Regan se ouriçou. “Porque a professora dividiu os times?”

Caroline encolheu os ombros.

“Pare de encolher os ombros,” Regan ordenou. “Deus, isso é tão irritante.”

Caroline rosnou. “Certo. *Eu não sei* por que a Sra. McMillan dividiu os times. Tudo que eu sei é que eu fui escolhida por último e isso é um saco.”

Regan correu seus dedos ternamente pelos finos cabelos de sua irmã. Ainda macio como de bebê. Como o coração de Caroline. “É duro ser escolhida por último para os times,” ela disse gentilmente.

“Como você poderia saber? Você é boa nos esportes. Você provavelmente era a primeira escolhida de todos os times.”

“Não é verdade,” Regan replicou. “Eu era sempre uma das últimas por causa do meu tamanho.”

“Hmm.” Caroline ficou quieta por um momento, pensando. “E depois eu acho que você deu um banho neles!”

“Eh, nem tanto. Eu não era realmente muito boa até a sexta série ou por aí.”

“Eu nunca vou ser boa no basquete. Isso não significa que eu deveria ser deixada para trás como se eu não importasse.”

Wow. E com dez anos de idade. Regan não estava certa do que dizer.

“Okay, em quem eu tenho que bater?”

Caroline riu. “Sam e Teensie.”

“Espera. Tem uma garota na sua sala chamava Teensie?”

“Sim. É o apelido dela.”

“Eu posso totalmente pegar ela,” Regan respondeu.

Caroline afundou seu rosto no colchão e gargalhou.

“Você sempre quer bater nas pessoas!”

“Eu sei. Eu sou agressiva. Eu não de quem eu puxei isso.”

“Mamãe.”

“Ha ha. Não diga isso a ela.”

“Lembra-se do marimbondo?” Caroline perguntou.

Uma visão instantânea da Sra. Walters aniquilando um marimbondo que tinha entrado pelo tubo da chaminé percorreu em seu cérebro. As sacudidas dos tênis de sua mãe foi hilária. A explicação que sua mãe deu depois de ter esmigalhado o inseto foi assustadora: “Regan,” ela ofegou, “há uma diferença entre matar algo e assassinar isso.” Regan nunca esqueceu essas palavras, ou a imagem daquela pilha pequena e contorcida de mingau vermelho.

“Oh meu Deus, você está certa,” ela sussurrou para Caroline. “Eu puxei isso de mamãe”.

“Não se preocupe. É melhor ser agressiva de qualquer forma,” Caroline respondeu.

“Como assim?”

“Pessoas agressivas pegam o que elas querem,” Caroline explicou.

As sobrancelhas de Regan se exaltaram uma segunda vez.

“Bem, eles pegam,” Caroline insistiu, notando a expressão da irmã. “Eles são escolhidos primeiro para o basquete.”

Regan suspirou e cedeu ao ponto de sua irmã. “Eles são

escolhidos primeiro por tudo. Isso é detestável.”

Silêncio caiu enquanto Regan continuava a escovar os cabelos de Caroline.

“Você pode vir a meu quarto sempre que quiser,” Caroline disse depois de um momento. “Você não precisa de permissão.”

“Huh?”

“Eu só quero dizer que eu não ligo se você entrar sem eu te dizer que você pode.”

Regan considerou isso. “Não.”

“Não?”

Regan balançou sua cabeça.

“Porque não?”

“Limites.”

“Limites,” Caroline ecoou.

“Eu sei que eu sou sua irmã, então nossa relação é diferente. Especial. Mas nós precisamos de limites, Caroline. Não seria certo que eu entrasse sem permissão.”

“Mas eu estou te dizendo que isso está okay.”

“Não. Você não pode colocar declarações encobertas em todas as minhas visitas futuras ao seu quarto.”

“Huh?”

“Eu preciso de permissão toda vez.”

“Por quê?”

“Porque esta é a coisa certa. O que não é certo é cambalear pra dentro do espaço pessoal de alguém sem ser convidado. Você pode decidir algum dia que precisa de um tempo sozinha, e então o que aconteceria se eu entrasse? Como se eu me apossasse do seu quarto? Isto não é muito justo, é?”

Caroline torceu o nariz. “Eu acho que não.”

“Nós sempre precisamos respeitar o espaço um do outro. Isso vem primeiro. Sempre. Isso evita que as pessoas tenham seus sentimentos feridos. Ou fiquem com raiva. Ou sentindo como se alguém fizesse algo a elas que é antiético.”

“Antiético?”

“Imoral.”

“Huh?”

Regan sorriu. “Errado.”

“Ohhhhh.”

As garotas ficaram quietas por um momento.

“Hey,” Regan disse de repente. “Ouça.”

“Sim?”

“Você pode ser boa em qualquer coisa que você quiser. Não diga que você nunca será boa no basquete. Se você quer jogar, treine. Pratique todo o tempo. Você pode alcançar qualquer coisa que quiser.”

“Mas eu não ligo para o basquete,” Caroline respondeu.

“Oh.”

“Eu só me importo com as pessoas que me fazem sentir mal por não ligar para basquete.”

Regan sorriu. “Oh.”

Silêncio.

“Porque você parou de escovar meu cabelo?” Caroline perguntou.

“Oh, oops. Desculpe,” Regan respondeu, e voltou ao trabalho.



Eu acho que minha vida inteira teria sido diferente se eu tivesse um irmão — alguém para cuidar de mim, alguém para eu cuidar. Eu acho que nós seríamos próximos... eu até mesmo nos vejo dividindo um quarto. Sussurrando conversas na escuridão da noite. Tirando sarro do pai pelas suas costas. Dividindo segredos e sabendo que eles estão seguros de verdade. Eu imagino que esta é uma forma diferente de conexão do que aquelas com seus amigos. Bem, se você tiver amigos. Isso tem que ser diferente. É uma conexão de sangue, e sangue é o mais forte adesivo no planeta. Gruda instantaneamente e permanentemente. Vale a pena defender. E a vida é sempre um pouco mais significativa quando você tem alguém para defender além de você mesmo.



Ele encarou seu pai inconsciente. Sangue escorria como calda grossa de morango de um corte próximo a seu olho esquerdo, e Jeremy se perguntou se isso se tornaria uma cicatriz como a sua. Olho por olho, ele pensou, meio divertido.

Seu pai não iria escutar. Jeremy não o tinha alertado? Não o tinha dito para não tocá-lo de novo? Ainda, o álcool havia inchado os músculos de seu pai, transformando-o em Sr. Hyde, e ele não tinha poder contra aquela ira. Ele requeria combate para aliviar a agressividade, e então ele voou para dentro do quarto de Jeremy aquela manhã procurando por um adversário familiar. Infelizmente, Sr. Stahl não contava com um encontro cara a cara com o bastão de baseball de Jeremy. Não houve luta. Só um balanço. Sr. Stahl ficou curvado no canto do quarto, parado e quieto.

Jeremy se movia velozmente pelo quarto, empurrando roupas dentro de uma mala de alça. Colocando todos os livros, fichários, e cadernos que encontrava para dentro de sua mala. Colocando o... ele fez um rápido inventário. Bem, não havia nada mais. Seus poucos pertences e itens pessoais estavam na garagem de Roy, trancados em segurança em um armário de canto.

Ele hesitou por um momento, olhos se movendo rápidos pelo quarto, tentando recordar uma boa recordação para levar com ele. Seria uma vergonha sair sem nada. Ele fechou seus olhos firmemente e conjurou a imagem de sua mãe. Mas então seu pai se ergueu no caminho dela, pegando todo o espaço do quarto, no cérebro de Jeremy. Ele tinha um novo videogame em uma mão e uma tigela de sopa na outra. Ele os trouxe para o quarto de Jeremy e os colocou na mesinha de cabeceira. Então ele se afundou no colchão ao lado de seu filho, seu peso forçando Jeremy a rolar para ele.

“Ei, cara,” ele disse gentilmente.

Jeremy sorriu.

“Você parece doente,” seu pai notou.

“Resfriado.”

“Eu sei. Eu tenho alguns bons remédios aqui,” seu pai respondeu. “O que você quer primeiro? Sopa ou o jogo?”

“Você joga comigo?”

“É claro.”

“Jogo primeiro.”

Ali. Isso faria. Seu coração contraiu em vagarosos e dolorosos pulsos. Um arrastado, emocional, ataque cardíaco.

“Não chore, seu mulherzinha,” ele murmurou.

Seu pai gemeu, e ele soube que era hora de partir. Ele passou na ponta dos pés pelo gigante adormecido e correu para o banheiro. Ele varreu o balcão, depositando todos os artigos de higiene dentro de sua mochila aberta.

E foi aquilo. Ele empacotou tudo. Ele se foi.

• • • • •

“Para aula!” Sr. Armstrong rugiu.

Regan chegou atrasada na escola. Isso era completamente raro. Ela era uma das pessoas mais pontuais. Mas ela dormiu mais que o alarme — “Mãe, porque você não me acordou?!” — e chegou dez minutos depois do início do primeiro período. Ela notou Jeremy, e o observou tentar sem sucesso empurrar uma grande mochila para dentro de seu armário. Ele praguejou e a jogou em cima do armário ao invés, esvaziando sua mochila tão rápido quanto podia ao som das ameaças do assistente do diretor.

“Detenção está chegando!”

Jeremy fechou a porta do armário, mas a tranca não traou, e a porta balançava aberta, um caderno vermelho escorregou para o chão. Ele já estava corredor abaixo, e Regan hesitou, insegura se deveria pegar o caderno. Ela viu um estudante chutar o caderno em sua pressa para evitar a detenção. O caderno rodopiou em sua direção,

batendo em seus sapatos, e parou. Aquilo o encarava. Aguardando.

“Regan, você é uma das boas alunas,” Sr. Armstrong disse por trás dela.

Ela pulou. “Eu não quero detenção!”

Ela o ouviu rir. “Então, por favor, vá para a aula.”

“Sim, senhor,” ela respondeu, se inclinando e pegando o caderno.

Ela correu pelo corredor, fechando o armário de Jeremy no processo, e deslizando para dentro da aula de jornalismo. Sim, ela poderia ter guardado o livro, mas ela não queria. Ela queria uma desculpa para falar com ele. Essa era a sua chance de pegar a história dele, e ela não queria desperdiçar isso fazendo a coisa certa.

O que poderia estar escrito ali, ela pensou? Ela esperava que fosse algo bom. *Parecia* um diário, e ela folheou os cantos das páginas, vislumbrando palavras palavras palavras! É claro que ela não iria abrir! Ela tinha um limite moral que funcionava... na maior parte do tempo. Mas quanto mais ela pensava sobre o diário enfiado em segurança em sua bolsa, mais crescia seu desejo de abri-lo. Só uma vez. Ler uma sentença e só. Capa fechada. Não mais. Nem mesmo outro vislumbre. Se ela pudesse só sentir o gosto de uma sentença, movê-la em sua boca, sentir sua textura, ela poderia saciar sua fome. Só um pouquinho de conhecimento. Uma prova. Que mal faria uma prova?

.....

Não há nada ético no que ela estava planejando. O fato de que ela se escondeu no canto da cabine do banheiro era prova suficiente. Ela se odiava por isso, mas ao mesmo tempo, ela não poderia entregar o caderno sem dar uma olhada nos pensamentos dele. Essa poderia ser a única oportunidade que ela tinha para saber algo sobre ele. E ela precisava só um pouco... Oh, quem ela estava enganando? Ela planejava ler a coisa inteira.

Ela puxou um protetor de assento do dispenser na parede de trás, ao lado do vaso, e ficou confortável.

“Eu sou uma pessoa desprezível,” ela disse alto, esperando que a confissão aliviasse um pouco sua consciência. Não aliviou.

Ela encarou a capa vermelha — desgastado nas bordas com as camadas do fino papelão descascado como um leque. A cor estava desbotada próximo ao meio onde ele escreveu algo, mas apagou. Talvez ele tenha etiquetado seu diário e depois decidido que era estúpido. Ela trouxe o caderno próximo a seu rosto, comprimindo seus olhos em concentração. “Meus pensamentos,” se lia, e ela sorriu com a simplicidade.

“Eu realmente não deveria fazer isso,” ela sussurrou no exato momento em que abriu o livro.

Caneta preta. Letra cursiva grosseira. Sem saudação, mas havia uma data. Ele estava quase para levá-la de volta para a nona série. E ela não iria gostar nada disso.

Eu não sei se deveria me apresentar já que esta é a minha primeira anotação. Parece estranho, mas dane-se. Meu nome é Jeremy. A maioria das pessoas me chama de Jer, o que é legal. Eu não tenho uma preferência por nenhum jeito.

Regan sorriu.

De qualquer forma, como eu disse, esta é a minha primeira anotação, então eu também não estou certo se deveria escrever para alguém em particular — real ou imaginário. Eu tive esse amigo na primeira série. Seu nome era Kevin. Ele era legal. Se eu escrevesse para alguém, acho que seria ele. Mas eu não planejo nunca dividir estes pensamentos com Kevin. Ou com qualquer um, aliás.

Seu coração caiu — pesou sobre sua voyeurística culpa — e ela fechou o caderno. O sinal do quinto período tocou, e ela prendeu sua respiração, esperando os corredores pararem de gritar.

Tudo ficou quieto, e ela baixou seus olhos no caderno novamente.

“Finja que eu não sou ninguém,” ela disse. “Você nem sabe que eu existo mesmo.”

Ela reabriu o caderno e continuou lendo.

Eu poderia provavelmente manter um diário virtual se eu tivesse um computador. Eu digito mais rápido do que escrevo, mas que pena. Eu sou um desses garotos pobres que tem que visitar a biblioteca ou ficar depois da aula se tiver de digitar trabalhos. Isso é tão vergonhoso. Eu tenho pedido a meu pai trilhões de vezes por um laptop, e ele me diz para comprar um por mim mesmo. Estou contente que Roy me contratou. Estou economizando para ter um laptop primeiro. Espere, não, não. Não um laptop. Uma prancha de snowboard fodona. Depois o laptop.

Regan riu. "Prioridades."

Então aí está minha introdução. Não muito, mas eu realmente não quero falar sobre mim mesmo mais. Ao menos não agora. Eu quero falar sobre esta garota em minha sala. Isto é realmente o porquê eu comecei este diário hoje. Quero dizer, não por ela exclusivamente, mas eu a vi hoje, e isso me deixou pensando. Eu não quero esquecer estes pensamentos, então aqui estão eles.

Regan lia fervorosamente. A palavra "garota" segurou seu passo.

Regan Walters tem estado me minha sala desde a segunda série.

Seu coração bateu em um ritmo frenético.

Ela é uma garota legal. Bem, eu quero dizer, ela era.

"Que diabos?" Regan murmurou.

Ela costumava fazer suas próprias coisas. Ela era louca, na verdade. Ela se vestia toda estranha e era realmente agressiva e de opinião, e eu acho que não a estou fazendo soar tão adorável.

"Uh, sim."

Mas ela era totalmente adorável. Ela era boa com todo mundo. Às vezes os garotos pegavam no pé dela, mas ela não ligava. E eles sentiam aquilo porque de repente, em questão de um dia, eles paravam. Eles não podiam com ela, então por isso decidiam deixá-la em paz. Talvez até mesmo a respeitassem um pouco. Ela se tornou a garota não-legal. (Eu sei que isso não faz nenhum sentido).

E então eu a vi entrar na escola hoje parecendo como uma cópia de todas as outras garotas populares.

Eu a vi conversando com Brandon, e eu só tombei para dentro. Quem era aquela garota? O que ela estava fazendo? Eu só pensei comigo mesmo, Regan, você é está se vendendo.

Regan suspirou. “Foda-se.”

Vai se foder, Regan. Foda-se seu status de garota popular e sua personalidade falsa.

Reggan engasgou. “Vai se fooooooooooder!”

Ela machucou meus sentimentos. Eu sei que isso soa estúpido, mas ela fez isso. Se alguém estivesse me pedindo para dizer uma pessoa no mundo inteiro que eu pensasse que nunca iria mudar a si mesmo por nada ou ninguém, eu diria Regan Walters. Eu não pensaria duas vezes.

Regan afastou seus olhos e encarou o suporte de papel. Vergonha preenchia cada canto do seu coração até que não pudesse caber mais nada. Ela se abraçou em lágrimas — ouvindo intencionalmente as costuras se abrindo — aqueles pequenos segundos antes da vergonha escorrer para fora em uma mistura de raiva e humilhação. E lágrimas. Ela era uma garota antes de tudo, e porra, ela iria chorar por isso.

Mas agora eu pensei duas vezes e cheguei a conclusão que não, ela não é. Ela não é quem eu pensei que ela era.

Ela bateu o caderno fechado e o atirou contra a porta da cabine. Ele bateu no metal e caiu no chão.

“Você não sabe nada sobre mim,” ela gritou.

Ela enfiou o diário em sua bolsa e se dirigiu a secretaria.

“Estou doente,” mentiu para a secretaria. “Eu fiquei no banheiro vomitando por todo o último período. Eu preciso ir pra casa.”

A secretária olhou pra cima. “Nome?”

“Regan Walters.”

A secretária digitou seu nome no computador, depois puxou o telefone.

“É a Pam do Ridgeview High,” ela disse. “Uh, não—” ela olhou Regan. “—não é sobre as roupas dela.”

Pausa.

“Oh, eu entendo,” Pam disse, rindo. Ela olhou Regan e piscou. “Não, não, ela está doente. Ou diz que está doente.”

“Eu estou doente,” Regan grunhiu.

Pam a ignorou. “Uh huh. Okay, bem, eu vou envia-la para casa. Ela dirige? Ela vai andando? Oh, bem então talvez você pudesse vir busca-la?”

“Eu posso andar.”

“Okay, ela vai estar aqui na secretaria,” Pam disse. “Sim, obrigada você, Sra. Walters. Tchau, tchau.”

“Eu posso caminhar até minha casa,” Regan disse enquanto observava a secretária desligar.

“Em sua condição? De jeito nenhum. Você precisa ficar aqui até sua mãe chegar. Bem, a menos que você veja antes a enfermeira.”

Pam sorria com prazer. Regan estatelou em um sofá e esperou. Sua mãe levou um bom tempo para chegar até a escola, e Regan teve de esperar por ela com um romance da aula de inglês. Isso até ela poder fazer a si mesma entrar no quarto pelo resto da tarde para um aterrorizante confronto de um lado com *aquele* garoto.

Quando estava seguramente trancada dentro de seu quarto uma hora depois, ela enfrentou o diário uma vez mais. Era uma nova anotação.

Eu tenho tido diversas semanas para pensar sobre, e eu não vou rabiscar isso. Aqueles eram meus sentimentos sobre ela no primeiro dia de aula, então eles ficam. Mas eu percebi que nunca poderia lhe dizer isso em sua cara, e eu nunca iria querer. Eu não acredito nisso de jeito algum.

Se ela estivesse sorrindo para mim, me reconhecendo de novo mesmo do mais remoto jeito, eu não iria dizer “vai se foder”. Eu sorria de volta. Eu sorria de volta porque eu teria lembrado da Regan da

sexta série que me defendeu. Eu sei que ela está ali. Ela não pertence àquelas pessoas. Eles são ruins. Ela é boa. Ela é generosa, ganhando um lugar no pedestal imaginário que eu construí para ela. Eu estou esperando que ela desça e tenha um cara-a-cara comigo. Ter uma conversa verdadeira sobre sua covardia.

“Eu não te devo uma conversa,” Regan cuspiu.

Ou talvez ela pudesse descer e me beijar ao invés. Eu sou um cara. Eu não preciso das palavras dela. Eu preciso de sua língua. E eu confesso que eu fantasio sobre—

A anotação acabava. Sem ponto final. Incompleta.

“Maldição,” ela disse, pensando que não estava completamente certa se queria ler as fantasias sexuais de um adolescente sobre ela. Ela gostou muito mais da conversa do pedestal.

E assim por diante ela leu, de vez em quando ouvindo cada movimento perto da porta de seu quarto. Ela ria e chorava com as palavras dele, aprendendo sobre um angustiado garoto que só queria ser deixado em paz.

Ele nem mesmo precisava de um amigo, se eles só o deixassem em paz. O nome dela aparecia frequentemente, e aqueles eram os momentos que sua culpa urrava, exigindo que ela parasse de se intrometer onde não era da sua conta. “Você não tem o direito!” a culpa disparava ao longo de suas sinapses, e ela balançava a cabeça para dispersar as palavras — confundir seu cérebro. Ela não conseguia parar. Ela não iria.

Brandon Whittaker precisa de uma bala entre seus olhos...

.....

Jeremy avançou para seu armário, jogando livros e cadernos para esquerda e para a direita. Derrubou no chão e mexeu em tudo, rezando por um vislumbre de vermelho para apagar o pânico que crescia. Sem vermelho. Ele procurou de novo, dessa vez cuidadosamente e deliberadamente empilhando seus livros em uma pilha, seus cadernos em outra. Sem vermelho.

“Eu deixei em casa,” ele disse. “É onde está.”

Ele voou para fora do prédio e correu o caminho todo até a porta da frente. Não era longe, mas ele parou com suas mãos nos joelhos, ofegando muito, tentando regular seu ritmo cardíaco. Ele sabia que seu pai estava lá dentro, e ele sabia que iria pagar por esta manhã.

Deu a volta e se deslocou furtivamente para a lateral de sua casa, para a janela de seu quarto.

Ele a deixava destrancada. Sempre. Para uma fuga rápida. Lentamente empurrou a faixa, ouvindo atentamente por qualquer movimento dentro da casa. Nenhum. Deslizou a caixa de madeira embaixo da janela e se alçou para dentro, rastejando pela pequena abertura e caindo o mais silenciosamente que conseguia no piso de madeira. Ele aguardou, prendendo a respiração. Nenhum som.

Se esgueirou em torno do quarto vazio mais próximo, procurando em cada fenda, cada espaço escondido. Encontrou o velho maço de cigarros que roubou anos atrás. Uma revista em quadrinhos abandonada. Um pente velho e cascudo.

Ele checou o closet três vezes antes de se forçar a encarar a realidade: o diário não estava no quarto. O diário não estava em seu armário.

Em algum lugar no espaço entre fugir de casa esta manhã e visitar seu armário no fim da aula na escola, ele o perdeu. Alguém pode tê-lo jogado fora. Alguém pode tê-lo levado para a sala de achados e perdidos. Alguém pode tê-lo pego e estar lendo agora — todos seus segredos. Toda sua raiva. Toda sua resolução.

O pensamento desta infração o enfureceu, e ele agarrou a cadeira da escrivaninha e arremessou pelo quarto onde ela se arrebentou na parede.

“Maldito seja!” gritou, ecoando as palavras favoritas de seu pai quando estava bêbado e insolente. “Maldito seja!” gritou de novo, arremessando a luminária que despedaçou em milhões de pedaços amarelos — estrelas que caíam do céu e deitavam sem vida, sem esperança em um chão não varrido.

Ele grunhiu e agarrou a mesa, tombando-a, pensando absurdamente em Jesus em um templo, atirando mesas e destruindo os pertences dos pecadores gananciosos. Ele pensou na pessoa que estava pecando contra ele agora — a pessoa que o violava cada vez mais com o virar das páginas. Absorvia suas palavras. As mantinha na memória. Guardava-as para retaliação.

Aquele alguém iria dizer a administração da escola. Talvez ligasse para a polícia. Jeremy iria ser escoltado até a delegacia, questionado de cima a baixo. Ele seria detido por conspiração para cometer um crime. Trancado. Talvez levado para uma instituição de saúde mental. Eles forçariam comprimidos por sua garganta. Eles pediriam a ele para explicar o porquê. Eles tentariam achar o sentido de sua decisão baseando em sua vida doméstica. Eles culpariam seu pai. Eles tinham de justificar isso. Eles tinham de encontrar desculpas por ele, dizer que não era sua culpa. “Se você prometer tomar seus comprimidos, eu vou te deixar sair,” eles diriam. Ele acenaria. Eles o deixariam sair em alguns anos. E ele voltaria, preso da cabeça aos pés por atirar neles, também.

“Oh Deus, oh Deus,” ele chorou, saindo apressado de seu quarto.

Ele pensou sobre seu plano. Ele pensou sobre as armas no cofre. Não era hora. Ele sabia que não era hora e ainda não estava preparado. Se não agora, então quando teria a chance? Ele ouviu os pés embaralhados — sabia que seu pai estava parado na porta. Ele se virou.

“O que o deixou tão pra baixo?” seu pai perguntou.

Jeremy percebeu a bandagem na lateral do rosto dele. Era idêntico ao serviço de merda que ele fez em sua bandagem na sexta série.

“Um monte de coisa,” Jeremy respondeu, ainda tremendo de raiva.

Sr. Stahl assobiou baixo. Jeremy não disse nada.

“Você quer falar sobre isso?”

Jeremy franziu a testa. “Com você? Não.”

“Você quer falar sobre alguma coisa?”

“Porque você quer que eu fale com você?” Jeremy perguntou com cautela.

“Eu sou seu pai. Eu sou mais velho. Sábio. Talvez eu possa ajudar,” Sr. Stahl respondeu.

Os olhos de Jeremy quase saíram para fora de sua cabeça. “Sábio?”

Sr. Stahl raspou sua garganta. “Bem, venha e vamos tomar uma cerveja. Nada como uma cerveja para colocar as coisas em ordem.”

Jeremy olhou fixamente.

“Você me ouviu?” seu pai perguntou.

“Eu rasguei seu olho em dois esta manhã,” Jeremy lembrou a ele.

“Eu sei disso,” seu pai disse. “Você acha que eu esqueci?”

“Então você planeja me deixar bêbado e depois me bater pra caralho,” Jeremy disse. “Eu não sou idiota.”

“Você entendeu tudo errado,” seu pai respondeu. “Eu estou sentando com meu filho para dividir uma cerveja, de homem para homem.”

Jeremy bufou. “Eu sou um homem agora porque eu ataquei você?”

“Isso aí,” Sr. Stahl respondeu. “Você se ergue por si mesmo, e é isto o que homens fazem.”

Jeremy pensou nas armas no cômodo de trás. Se ele atirasse em seus inimigos, aquilo também o faria um homem? Ele estava defendendo a si mesmo, antes de tudo.

“Vamos lá,” Sr. Stahl disse. “Eu vou pegá-las. Você vai para a sala de estar.”

Jeremy observou seu pai desaparecer na cozinha. Ele tinha uma escolha. Ele poderia ficar ou se mudar para melhor. Parecia uma

decisão fácil e ainda assim, naquele momento, ele descobriu seus pés cimentados no lugar.

Ele não podia se mexer. Ou não queria.

Ele percebeu que ele era tão solitário, ferrado, amargurado, e raivoso como seu pai. Quem melhor para se solidarizar? E isso seria só por esta noite. Talvez o álcool o derrubasse se ele bebesse bastante. E então seu diário não significaria nada mais.

Ele se dirigiu ao sofá.



Eu tenho uma ideia radical. Bem, talvez não seja tão radical porque já foi feita antes — até a morte, se é que eu posso fazer uma piada insípida. Mas eu planejo fazer de um jeito um pouco diferente. Veja, eu não estou interessado em soprar pelo prédio atirando em pessoas a esquerda e a direita. Eu não quero ser responsável por uma batalha sangrenta e sem significado. Eu quero executar direito. Eu quero isso executado de um jeito que mostre justiça e misericórdia. Eu só estou interessado em matar aquelas pessoas que erraram comigo. É daí que vem a justiça. Eu vou deixar em paz todos os outros. Esta é a misericórdia. E eu não estou fazendo isso só por mim. Estou fazendo por cada pessoa que aqueles cuzões têm abusado. Cada pessoa que eles menosprezaram, atormentaram, passaram por cima.

Porque eu estou pegando essa cruz? É simples. Ninguém mais tem coragem para fazer. Ninguém tem colhões para dizer, “Hey, quer saber? Estas são pessoas realmente muito ruins. Eles não vão mudar. Não vão ficar melhor. Eles estão ficando piores. E adivinha só? Eles não vão viver em uma sociedade civilizada com pessoas boas enquanto eles são filhos da puta fodidos. Nós não estamos tentando fazer do mundo um lugar melhor?” Então, eu acho que tenho de ser a pessoa a fazer isso. Com minha semiautomática.

“Jesus Cristo,” Regan respirou.

Ela encarou seu reflexo no espelho da parede oposta. Sentiu o caderno deslizar e cair de sua coxa, e o reflexo de pegá-lo. Mas ela o

deixou *deslizar* *deslizar* *deslizar* até seus joelhos, balançando precariamente, dando a ela uma última chance de resgatá-lo. Ela não conseguiria, e então ele caiu no chão como se não significasse nada para ela. Mas aquilo não estava certo porque aquelas palavras, aquele garoto, significavam tudo.

Curiosidade matou o gato, Regan. Oh Deus, ele iria mata-la? Ela era uma de seus alvos? Seguramente não! Ele praticamente confessou seu amor por ela através das páginas de seu diário.

“Então o quê?” ela disse. “Então o que ele faria? Pessoas matam pessoas que amam! Acontece o tempo todo!”

Ela conversava com seu reflexo, esperando por uma resposta. Isso vinha na forma de um tremor incontrolável.

Ela ergueu suas mãos na frente de seu rosto, ela podia ver a transpiração se empurrar por cada poro. Muito suor.

“O que está acontecendo comigo?” sussurrou, chorando suavemente para que sua família não pudesse ouvir. Ela empunhou a manta em seu outro lado, tentando enxugar a transpiração.

Ela não tinha que ter aberto aquele diário.

Isto é exatamente o que acontece quando você se intromete onde não é chamada! Seu cérebro gritava. Você descobre coisas que desejaria nunca saber, e agora, gostando ou não, você é responsável! Você é uma vadia burra, Regan!

“O que faço?”

Seu rosto gotejava — lágrimas fluindo em rápida sucessão. Secreção invadindo, ameaçando rastejar para dentro de sua boca aberta. Ansiedade acionava o botão, fechando a válvula, e ela não conseguia respirar, cada inalação de ar presa em seu peito, colecionando uma pilha de soluços torturantes. Eles iriam afoga-la até a morte. O pânico dedilhava em seus nervos como uma guitarra elétrica, e seu corpo inteiro se submetia a seu perfurante tom — um heavy metal lamentando em suas veias.

“Mãe,” bocejou.

Ela tropeçava pelo quarto, buscando por uma longa inspiração. Ela só precisava de uma. Mas seu peito se fechava, quebrando suas tentativas, e seu coração gritava, implorando por vida. Rosto entorpecido. Braços entorpecidos. Pernas entorpecidas. Ela tentou abrir a porta do quarto. Trancado. Ela se atrapalhou com a maçaneta. Seus dedos deslizavam.

“Pai,” coaxou.

Ela tropeçou até seu banheiro e vomitou na tampa do vaso. Diga. Não diga. Viva com o medo, a culpa, a raiva. Arruíne uma vida. Não arruíne uma vida. Trancafie-o. Salve dúzias. Não o trancafie. Mate aquelas pessoas. Não! Converse com ele, ao invés. Sim, sim! Conversar com ele. Isso não funcionaria. Nunca funciona. Diga a um adulto. Diga a um adulto. Diga a um adulto...

“Cai fora!” ela gritou, e vomitou violentamente, expurgando bile amarela. Expurgando seus pensamentos. Expurgando o terror.

Estrondos na porta do quarto.

“Regan!” seu pai gritava. “Abra a porta!”

Ela vomitou de novo. Esta onda doeu mais forte, seu estômago contraía em câimbras dolorosas de você-não-tem-me-alimentado-por-dias.

Mas eu alimentei você, ela pensou aturdida. *Alimentei.*

“Abra a porta.”

Ela não conseguia se mexer. Uma terceira onda de bile acre. Isso era para puni-la. Ela não conseguia voltar. Ela não conseguia fingir que não sabia. Ela levantou, liberando sua ultima ignorância. Sua inocência. Isso espirrou na água do vaso e depois flutuou sobre ela tranquilamente — um pequeno pedaço abortado de bondade. Sem valor agora que estava fora dela. Somente uma fraca amargura restava, encobrendo sua língua e dentes com arrependimento. Um bioproduto da mudança. Não era bom — este conhecimento — e ela queria cobri-lo, esconde-lo. Ela hesitou ao som de madeira quebrando. Estilhaçava e rangia, e em um instante seu pai voou para dentro do banheiro, caindo de joelhos diante dela.

“Está tudo bem,” ele assegurou a ela, puxando-a gentilmente ao peito.

Ele não sabia o que estava acontecendo. Ele só soube derrubar a porta ao som dos gritos de sua filha. Ele soube segurá-la quando a alcançou. Ele soube a molhar a frente de sua camiseta com lágrimas até que ela estivesse esgotada.

Ele teve uma clara visão do banheiro dela, observando a luz derramar para dentro através das lâminas das persianas de sua janela. Movia em sentido horário, varrendo o piso escuro em um arco deliberado. Cinco e meia. Depois seis. A luz movimentava para seis e meia, e foi quando suas costas começaram a doer. A lateral da banheira de porcelana pressionava sua coluna — piorou quando Regan se afundou mais em seu peito. Mas ele não ousou se mexer. Não até que ela gastasse as últimas de suas lágrimas.

“Isto já aconteceu antes?” ele perguntou gentilmente.

Ela balançou sua cabeça.

“Alguma coisa está te assustando?”

Ela assentiu.

“O que te assusta?”

Ela hesitou. “Eu não sei.”

Silêncio.

“Você sempre se sente ansiosa?”

“Não.”

“A escola não te deixa ansiosa?”

“Não, pai. Eu amo a escola. Bem, futebol.”

Ele a abraçou e riu.

“Então você está feliz?” ele perguntou.

“Feliz como um molusco.”

“Você se sente como um molusco,” seu pai apontou, tracejando

com seus dedos os cabelos dela, e ela franziu a testa.

Sua língua estava pesada e enrolada em sua boca, pesando com as mentiras viscosas que ela tinha inventado. Elas aguardavam para emergir, uma a uma, lenta e deliberadamente da azulada concha de seus lábios.

“O que eu deveria estar fazendo agora?” ele perguntou depois de um momento.

“Huh?”

“Você estava claramente tendo um ataque de pânico. Então o que eu deveria fazer? Agendar uma consulta para você ver um médico?”

“Por quê?”

“Porque eu arrombei sua porta, Regan. Você estava surtando. Esta não é um tipo de conversa onde — isso é uma situação melhor e melhor.”

“Não é?”

Sr. Walters suspirou. “Eu não sei. Metade do tempo eu não sei o que diabos estou fazendo.”

“Mamãe poderia saber,” Regan ofereceu brincalhona.

“Mamãe está no balé com Caroline,” seu pai respondeu.

E então a mentira forçava seu caminho para fora. Nauseava-a o tempo todo que as palavras deslizaram de seus lábios. Ela mentiu para proteger Jeremy, mas ainda não entendia por que.

“Eu... eu estava cochilando. Eu acho que talvez eu tive um pesadelo e não percebi. Eu acordei em pânico. Meus braços estavam dormentes. Eu não conseguia respirar. Foi por isso que eu surtei.”

Ele caiu nessa.

“É assim com o magnésio.”

“O quê?”

“Você não está tomando aquela merda mais,” Sr. Walters disse.

“Pai, o magnésio não me dá pesadelos.”

“Eu tenho lido artigos. Fóruns online. Um monte de pessoas fala sobre ter sonhos realmente estranhos depois de começar um regime de magnésio.”

“Isto é falso,” Regan respondeu.

“Eu vou mostrar a você,” seu pai insistiu.

Ela revirou os olhos. “Que seja, pai.”

“Ouça, eu não posso arrombar sua porta toda vez que você tiver um pesadelo,” Sr. Walters disse.

Regan se encolheu.

“Porque sua porta está trancada, a propósito? O que aconteceu com nossas regras de casa?”

“Eu... eu só precisava de alguma privacidade.” Ela evitou os olhos de seu pai.

“Não é essa a razão de nós fecharmos as portas em primeiro lugar? Nós precisamos trancar agora, também?”

“Eu estava com medo de alguém poder entrar sem bater.”

“Para descobrir o quê?”

“Coisa de garotas, pai. Jesus.”

Sr. Walters limpou sua garganta. “Eu não quero saber.”

“Bom, porque eu não quero compartilhar.”

Ele a abraçou e depois a ajudou a ficar em pé.

“Pare de trancar sua porta,” ele disse, e beijou sua testa.

Regan ficou carrancuda, depois murmurou, “Que porta?”

Sr. Walters a ignorou e olhou ao redor do banheiro. Era claro que ele não estava totalmente certo de seu próximo movimento.

“Sorvete?” ele perguntou finalmente.

Pausa.

“Uh, sim?” Regan respondeu.

Sr. Walters franziu suas sobrancelhas. “Eu não sei o que isso significa, mas eu vou te trazer uma tigela.”

Isso era absurdo. Ela apenas leu os planos de um garoto de atirar em sua escola, teve um maciço ataque de pânico, e decidiu que o melhor jeito de lidar com a informação era dividir Moose Tracks com seu pai.

Ela comeu até se empanturrar. Se ela pudesse preencher tudo com sorvete, então não haveria espaço para nada mais. Sem espaço para revelações de assassinato. Sem espaço para um garoto que ameaçava destruir a vida dela. Sem espaço para responsabilidade. Ela comeu e comeu, prendendo a esperança que ela tinha pegado do que ela queria. Mas a esperança rejeitava seu desejo e deu a ela uma dor de estômago ao invés.



Porque o mundo olha para os vigilantes do mesmo jeito que veem pessoal más? Eles não são. Os vigilantes são heróis, pelo amor de Deus! Eles são seu Batman, Superman, Homem Aranha. Eles são seus protetores. Ainda que a sociedade queira discutir sobre como eles não tem o direito de manter a segurança pública. Isso não é para eles. Isso é para o sistema de justiça, eles choramingam. Notícias de última hora: o sistema de justiça não funciona. Nem sempre, a propósito. Quero dizer, o que nós devemos fazer? Deixar esses desprezíveis continuarem a roubar, estuprar, e matar? Se você vê uma semente ruim, você não a arranca quando ainda é jovem — quando o mal coroou o solo? Você não espera até ela amadurecer, com a esperança que vai se transformar em uma rosa. Você sabe muito bem o que vai acontecer: vai se transformar em uma erva que vai asfixiar todas as flores boas. É isso que você quer, babaca?

Sim. Eu não achei que fosse.



Ela era a única garota na escola que podia lançar um hacky sack³. Ele considerava aquilo peculiar — que ela caminhasse para o campo toda boneca como uma modelo de passarela e jogasse futebol melhor que qualquer dos garotos. Um pouco sexista, mas então ele era um típico cara jovem que acreditava que esportes eram melhor executados por outros típicos caras jovens. Esta tarde em particular no campo de futebol da escola foi a primeira vez que ele a notou — aquele monótono *slap slap slap!* Da bola contra a ponta de suas chuteiras. Ela estava sozinha. Treino de verão tinha acabado — só uma preciosa semana faltava até a estação começar — mas ela ficou para treinar mais. Seus olhos estavam colados nos pés dela.

Chuteiras roxas. Ele percebeu que era um maria chuteira, e riu. Ela olhou para cima, o hacky sack aninhado na curva de seu pé.

“Algo engraçado?” ela estalou, parando sob um pé com suas mãos em seus quadris.

“Não,” Brandon respondeu.

“Então porque você está rindo de mim?” Regan perguntou.

“Eu não estou rindo de você.” Ele caminhou em direção a ela.

“Então do que você estava rindo?” ela pressionou.

Ele pausou, parando cara a cara com ela.

“Você é realmente boa”.

Ela torceu o nariz, não entendendo.

“Entãooooo, você está rindo de mim porque eu sou boa?”

Ele assentiu. “Porque você não está jogando no time dos caras?”

Seus lábios se abriram em um sorriso sabido.

“Oh, já sei. Você estava rindo porque você não consegue

³ Um tipo de bola de futebol americano.

entender como uma garota pode ser muito melhor no futebol do que seus amigos babacas.”

Ele explodiu em risadas.

“Novidades, amigo. Eu vou levar essa habilidade para a faculdade —” ela lançou o hacky sack para Brandon, e ele o socou de volta. “— em uma bolsa integral. Garota poderosa. Holla.”

Eles jogavam enquanto conversavam.

“Eu sei que você vai, Regan. Você é metida pra caramba, então eu sei que você vai conseguir o que você quiser,” Brandon disse.

“Eu não sou metida. Sou confiante,” ela contrariou.

“Eu pensei que fosse a mesma coisa,” ele respondeu.

“Nem mesmo perto.”

“Então de onde esta habilidade vem, a propósito? Porque eu não a vi na escola base?”

“Eu escondi. Mais, eu não estava interessada em esportes organizados. Por um período eu sentia que eles eram muito fascistas.”

“É mesmo? Você sentia que eles eram muito fascistas?” Brandon provocou. “Bastante intenso para uma aluna da sétima série.”

“Eu sou altamente inteligente,” Regan respondeu.

“Oh, está certo. Você estava muito ocupada com seu clube bobo,” Brandon disse.

“Cala a boca. Nosso clube era incrível.”

Regan prendeu o sack em seu pé e o socou na cabeça de Brandon.

De alguma forma, apesar de suas mediocres habilidades, ele foi capaz de pegar em tempo para lançar de volta para ela.

“Eu tenho ciúmes porque você nunca me convidou,” ele confessou.

“Era um clube para pessoas espertas,” ela lembrou a ele.

Ele urrou de risadas, derrubando a bola.

“Começa de novo,” ela disse, e ele levou isso como um bom sinal. Ela não queria que ele parasse ainda.

“Você percebeu algo diferente em mim?” ele perguntou, atirando a hacky sack uma vez mais.

Ela hesitou, e ele sabia que ela estava debatendo se deveria dizer alto.

“Está tudo bem. Você pode dizer,” ele encorajou.

“Você perdeu uma tonelada de peso,” ela disse, olhando ele de cima a baixo.

“Eu cresci vinte centímetros no verão,” ele respondeu. “E decidi começar a entrar em forma.”

Ela assobiou baixo. “Este é um jeito decente de começar no colegial.”

“Eu acho,” ele disse.

“Você trabalhou em algo mais no verão?”

Ele franziu as sobrancelhas. “Como o quê?”

“Como sua personalidade imbecil?”

Ele riu. “Deus, você fala isso, huh?”

“Sem razão para fazer rodeios.”

Ele derrubou a bola de novo. Dessa vez ele não pegou de volta. Ele deixou caída na grama — pegando um muito necessário intervalo.

“Eu pegava no pé das pessoas porque eu era inseguro,” ele disse suavemente. “Você sabe, com meu peso e essas coisas.” Regan ouviu.

“Eu não sou aquele cara mais,” ele prosseguiu. “Eu tenho crescido”.

“Não há muita diferença entre treze e quatorze,” ela disse, inconvicta.

“Há pra mim,” ele insistiu. Ele olhou direto no rosto dela.

“Okay, Brandon. Eu meio que acredito em você,” ela respondeu, pegando sua hacky sack e bolsa de academia. Colocou a bolsa sobre o ombro, sinalizando o fim de sua conversa. Mas ele não estava pronto para encerrar, e ela sentia isso. Ele deu a ela uma boa encarada, assimilando seus cabelos de quatorze anos, lábios, seios, pernas.

Chuteiras. Ele sorriu.

“Quer saber do que eu estava rindo?”

“Por favor, compartilhe,” ela disse.

“Eu estava olhando suas chuteiras,” ele disse, apontando para os pés dela.

“Oh, oops,” ela respondeu, olhando para baixo.

Ela sentou no chão e trocou seus sapatos.

“Obrigada. São modelo novo. Se minha mãe me visse andando com ela, ela teria um ataque.”

Ele assentiu. “Então, a propósito, eu estava olhando suas chuteiras, e eu pensei, wow, eu sou um maria chuteira.”

Ele pausou, esperando pela reação dela a sua não tão sutil proclamação de amor. Ou luxúria. Talvez luxúria agora.

“Garotas são marias chuteiras,” Regan disse, distraída, amarrando os cadarços de seus sapatos.

Brandon suspirou. “Eu sei. Isto que me fez achar engraçado. Que eu pensei comigo, ei, eu sou um cara, mas eu sou um maria chuteira.”

“Quem você está querendo afinal?” ela perguntou, olhando pra cima.

Ele balançou sua cabeça. “Deus, Regan! Você é tão distraída! Você! Eu estou querendo você!”

Ela congelou, ruborizada com o elogio.

“Há uma inversão de papéis aqui. Você é a atleta, e eu estou indo atrás de você. Vê porque é engraçado?”

Ela pulou de pé. “Você é tão sexista.”

“Não sou. Eu juro. Mas qual é. Não pode ver o humor nisso?”

Ela o considerou. “Eu acho.”

“Bem, é tudo que você vai dizer? Eu confessei que estou gostando de você.”

“Mas por quê? Você nunca mostrou interesse antes,” ela disse.

“Porque antes eu era um idiota.”

Ela riu.

“Não diga isso,” ele advertiu de forma brincalhona.

Eles ficaram evitando os olhos um do outro, esperando que o outro falasse.

“Você era um garoto realmente cruel,” ela disse suavemente.

“Eu sei. Mas eu não sou aquele cara mais, Regan. Eu juro. Que tal isso: me deixe mostrar a você que eu não sou aquele cara,” ele ofertou.

“Como?”

“Saia comigo.”

“Sair com você?”

“Foi o que eu disse.”

“Umm...”

Ele aguardou.

“Bem, eu acho que sim,” ela disse finalmente.

Ele se iluminou. “Você não vai se arrepender. Eu juro...”

“Regan!” a secretária gritou.

Ela virou a cabeça, e em um instante, a memória desapareceu.

“Huh? O que—?”

“Você tem estado aí me encarando por dez minutos! O que você precisa?” Pam reclamou.

Regan segurou o caderno vermelho contra seu peito. Ela estava toda pronta para entrar, reportar o que tinha descoberto naquelas páginas sombrias, mas então sua mente a empurrou de volta ao verão antes da nona série. Brandon. Ele disse todas as coisas certas. Ele meio que a convenceu de que ele tinha mudado. Ele mostrou tudo a ela durante o ano escolar até que ela completamente acreditou nele. Ela estava alheia aos abusos que ele distribuiu em segredo. Ela não tinha ideia do que ele fez ou disse quando ela não estava por perto dele. Ele a enganou. Ele prometeu que era uma boa pessoa, mas ele não era. Ao menos, não havia muita bondade ali.

E sobre Jeremy? Ela percebeu que poderia tê-lo lido tudo errado. Sim, ela sabia o que aquelas páginas diziam, mas seu lado honrado quase justificava isso. E de qualquer forma, ela tinha errado antes.

O que há fez pensar se ela não estava errada dessa vez?

“Eu não sou boa em ler pessoas,” ela disse. “Eu acho.”

Pam ergueu suas sobrancelhas. “Okay. Bem, você é capaz de ler minha expressão facial agora mesmo?”

Regan a encarou de forma branda. “Você me quer fora daqui porque você tem um monte de coisa para fazer?”

“Viu? Você não é tão ruim como pensa,” Pam disse.

Regan hesitou, puxando o caderno de seu peito e olhando para ele.

“Então, Regan, me diz o que você precisa que eu tenho de voltar a estes telefones.”

“Umm...”

Uma mãe entrou, e Pam a cumprimentou. Regan passou para o lado, pesando suas opções.

Nenhuma parecia justa. Nenhuma parecia certa. Era a primeira vez que ela via o mundo em tons de cinza.

Antes, tudo estava preto e branco. Certo e errado. Fácil.

“Quando você descobrir, você vem falar comigo,” Pam disse calmamente.

Regan pulou, distraída de que a secretaria tinha deixado seu posto para vir parar ao lado dela. Pam colocou sua mão nas costas de Regan e a dirigiu gentilmente para fora da sala.

Regan ficou parada na porta, agarrada ao caderno, olhando fixamente direto para Jeremy. Seus olhos se abriram e se fixaram em seu diário embrulhado protetoramente contra o peito dela. Eles moveram do caderno para o rosto de Regan, estreitando ligeiramente, como se ele já estivesse elaborando o plano de sua ruína.

Uma onda de alunos bloqueou sua vista, e seus olhos desapareceram. Quando o corredor clareou, ela o viu de novo. Ele não tinha se movido. Ele não tinha parado de encarar. Mas desta vez seus olhos mudaram. Ele a olhava fixamente com raiva reprimida.

Ele não fez nenhum movimento em direção a ela. Ela estava convencida de que ele poderia ver seu coração batendo freneticamente dentro de seu peito. Outra sucessão de alunos. Fora de vista. Voltou novamente. Ainda a encarando. Ele estava pensando em todos os jeitos que ele planejava desmembra-la. Ela estava convicta disso. Ela queria correr de volta ao escritório, mas seus pés estavam presos na lama da indecisão.

“Esta é sempre a pior qualidade,” ela gritou para Casey um dia. “Tomar uma decisão! Pessoas espertas são tomadoras de decisão!”

Se decida, Regan. Acione seus pés e corra.

Eles não ouviram.

Acione seus pés e corra! Ela gritou por dentro. *Você quer morrer hoje?*

O pensamento era absurdo. Ou era isso? Ela sabia tudo: as armas, os alvos, o plano em cada mínimo detalhe. Não era louco pensar que ela se tornou parte do plano agora. E ela inseriu a si mesma!

Ele não disse a ela. Ele não a forçou a ler suas palavras. Ela tomou a terrível decisão por si própria — a decisão de saber. “Conhecimento é poder” — a linha continuava zombando dela. Ela não tinha poder. Ela segurava o caderno dele em suas mãos — todo o conhecimento de sua trama de assassinato — mas isso não controlava nenhum poder sobre ele. Ela estava apavorada com ele, ao invés.

Outra larga horda obstruiu sua visão. Quando clareou, ele havia ido. Ela entrou em pânico, balançando a cabeça em cada direção. Ele apareceria do nada como os vilões fazem em filmes de terror e cortam sua cabeça fora. Ele nem mesmo daria a ela uma chance de correr. Não faria disso um jogo. Alguns deles como a perseguição, mas ele não iria ser um desses. Só *swoosh!* Sem cabeça.

“Eu quero minha cabeça, eu quero minha cabeça, eu quero minha cabeça, eu quero minha cabeça,” ela sussurrava freneticamente, lágrimas ardendo em seus olhos.

Foi para o seu armário. Brandon estava lá.

“Hey,” ele disse, uma nota de preocupação em sua voz. “Você está okay?” ele se inclinou para baixo e beijou o topo de sua cabeça.

Ela assentiu.

“Você não parece bem,” ele disse, inclinando seu queixo para cima. Ele franziu a testa. “Você está chorando. O que há de errado?”

“Eu, uh... só uma dor de cabeça realmente ruim,” ela disse.

Ele ficou mais preocupado. Ela sofria desde sempre de enxaquecas.

“Regan, você precisa ir para a enfermaria agora,” Brandon respondeu. “E se isso ficar pior?”

Ele ficou com ela por horas meses atrás quando ela desenvolveu uma enxaqueca. Ela estava deitada no chão da sala de estar depois de alguns ataques de vômito, e ele ficou doido de preocupação. Os pais dela haviam saído, e ele não sabia como ajudá-la. Os remédios se mostraram inúteis, então ele convenceu a si mesmo que aquilo não era uma enxaqueca, mas ao invés disso um aneurisma.

Ele chamou uma ambulância. Ele recordou do que o E.M.T. displicentemente comentou enquanto checava os sinais vitais de Regan — “isso vai custar caro a você” — e quis bater na cara dele.

“Eu estou totalmente bem,” Regan disse. “Eu prometo. Eu já tomei algo para isso”.

Brandon olhou com desconfiança.

“Não chame uma ambulância,” ela disse, tentando fazer uma piada.

“Não foi engraçado.”

Ela forçou um sorriso e beijou sua bochecha. “Me acompanha para a primeira aula?”

Ele sorriu. “Okay.”

Ela ficou colada ao lado dele por todo o caminho pelo corredor. Ele disse tchau na porta.

“Me acompanha até a segunda aula?” ela perguntou antes de ele sair.

“E terceira e quarta e todo o resto?” ele provocou.

Ela concordou com a cabeça, secando uma lágrima perdida.

“Alguém está te incomodando?” ele perguntou.

“Não.”

Ele a estudou por um momento. “Tem certeza?”

“Sim.” Ela beijou sua bochecha de novo. “Eu só quero a sua companhia.”

“Legal,” Brandon respondeu.

Agora que estava na sala 27A, ela respirou aliviada. Por cinquenta minutos, de qualquer forma, ela estava segura.

.....

Ele a observou o dia todo.

Às vezes na sala de aula. Ele nem uma vez sentiu a necessidade de confronta-la. Ele estava seguro por enquanto. Ela ainda tinha seu diário, antes de tudo. Ele viu relances de vermelho durante o dia. Isso nunca saía do lado dela. Ele nunca foi chamado a secretaria. Os segredos permaneciam guardados.

Seu coração desabou quando seus olhos se encontraram naquela manhã. E então a ira borbulhou em seu peito quase imediatamente. As coisas que ela deve saber! Ele sabia que ela leu. Uma garota teria lido aquilo. Malditas garotas. Isso tudo estava escrito em seu rosto culpado, seus olhos de corça quando vê um farol. Sua linguagem corporal. Ele viu o imperceptível aperto de suas palavras em seu peito — seus bíceps flexionaram enquanto ela segurava seu caderno com seu corpo. Como se ela possuía isso. Como se ela o possuísse.

Que diabos você fez, ele pensou.

O sino final tocou. Ele a procurou no armário dela, mas ela não apareceu. Pequena sorrateira. Ela deve ter guardado tudo antes do último período. Ela já estava indo pra casa! Ele sabia que ela normalmente ia para escola andando. Ele agarrou a chance e voou do prédio, pegando a rota regular dela. Ele correu pela Holland Avenue e deu a volta na esquina para a Soap Creek Drive. Ali. Bem ali. Talvez trinta metros a frente dele. Ela caminhava energicamente. Ele se perguntou por que ela não estava correndo. Certamente ela sabia que ele iria atrás dela.

É melhor correr, garotinha, ele pensou, sentindo pela primeira vez que ele era verdadeiramente o cara mal.

Ela ouviu seus pensamentos. Ele sabia. Ela se virou naquele exato momento, o terror escrito na superfície de seu rosto, em seus olhos. Ela aumentou a velocidade. Ele seguiu o exemplo. Não havia como ela correr mais que ele. Ele não dava a mínima de quanto futebol ela jogava. Ele era muito alto e muito rápido. Com cada um de seus passos, ele ganhava dela por três.

“Faça as contas, Regan!” ele gritou para ela.

“Eu não sei do que você está falando!” ela gritou por sobre seu ombro.

“Você não pode me superar!”

“Eu posso tentar!” E ela acelerou.

“Maldição,” ele xingou, e aumentou seu ritmo.

Ele tomou uma esquerda acentuada em Belmonte e parou, congelado. Ela não estava em lugar nenhum à vista. Ele grunhiu por baixo de sua respiração. Então ela decidiu fazer joguinhos. Esconde e esconde agora, era isso? Ele se esgueirou para cima e para baixo da rua, procurando por um bom lugar. Não precisou ir longe. Uma propriedade em execução no processo de ser derrubada. Oh, Regan. Você é uma garota inteligente. Mas isto? Você poderia ter feito muito melhor.

Ele percebeu o movimento em sua visão periférica. Ela estava abaixada atrás de um grande carvalho. Ele lembrou brincar de esconde e esconde quando criança. Ele sempre sentia uma urgência repentina de fazer xixi quando ouvia o procurador chegando. Ele se perguntou se ela estava segurando o dela. Quão poderoso seria fazê-la mijar nas calças? Ele curtiu a ideia por somente um momento antes de sua consciência falar: *não a humilhe*.

Seria fácil tirá-la lá de trás, mas ele não estava seguro de qual direção ela estava. Ele decidiu atacá-la pela direita, e se moveu sem fazer barulho ao longo da extremidade da propriedade. As costas dela entraram em vista.

Ela estava sondando em torno da árvore. Alvo perfeito. Muito fácil. Ele investiu contra ela. Ela ouviu o galho quebrando e se virou. Sua boca aberta. Ele sabia que ela iria gritar. Garotas sempre gritam.

Ele colocou sua mão sobre a boca dela e a levou para o chão, aterrissando tão suavemente quanto conseguia sobre ela. Ela lutava violentamente. Era um esforço valente, mas ele a segurou facilmente. E esperou. Em aproximadamente um minuto ela se cansaria, relaxaria e desistiria. Levou cinco.

“Regan!” Ele grunhiu. “Por favor, pare. Eu não vou machucar

você!”

Ele observou a lágrima deslizar em sua têmpora. Ele era um monstro. Ele pensou que ele era um monstro. Ele saiu de cima dela em um flash, horrorizado de que ele havia se transformado em um valentão.

Ela se afastou de costas, se movendo como um caranguejo. Seu cabelo desgrenhado estava decorado com folhas, e ele quase via as batidas do seu coração em suas bochechas coradas.

“Eu não vou machucar você,” ele sussurrou asperamente.

Ela parou. “Como eu vou saber?”

“Porque eu já teria feito isso.”

Ela estremeceu.

“Você tem uma coisa que pertence a mim.”

Ela balançou sua cabeça.

“Regan, você tem meu diário,” ele disse pacientemente.

Ela continuava balançando sua cabeça.

Ele revirou seus olhos. “Esta bem ali.” Ele apontou a sua esquerda onde o caderno estava caído.

Ela não conseguiu pensar em uma resposta, e piscou os olhos.

“Oh meu Deus,” ele bufou, e alcançou seu diário.

Ela foi mais rápida, batendo sua mão e roubou antes que ele pudesse. Ela o deslizou para trás de suas costas.

“Me dá meu diário!” ele ordenou, se inclinando para ela.

“Não!” ela gritou, a centímetros do rosto dele.

“É o meu diário!”

“Isso não é um diário! É um manifesto de assassinato!”

Os olhos dele se arregalaram. “Você não sabe coisa nenhuma!”

“Eu sei sobre esta merda Columbine⁴, Jer! Eu sei muito bem!”

Ele nunca a ouviu falar “Jer.” Bem, ele nunca a ouvir dizer seu nome, exceto na sexta série. Ele ficou momentaneamente distraído, e pensou no horror de seus lábios torcerem em um caloroso sorriso — uma reação involuntária que só ela poderia invocar. Porque ela era uma maldita pequena bruxa disfarçada em uma adolescente ordinária. Sua magia corria em suas veias onde ninguém conseguia ver.

Regan não perdeu tempo. Ela pulou e tentou fugir. O feitiço se desfez com seu movimento repentino, e ele segurou o tornozelo dela antes que ela pudesse escapar.

Ela tropeçou, caindo de cara no chão, acidentalmente arremessando o caderno em frente dela. Ela esticou seu braço, mas ele estava fora de alcance. Ela o sentiu escalar sobre ela, mantendo-a presa dolorosamente, e assistir impotente enquanto ele pegava o diário do chão. Ele rolou de cima dela e se levantou.

“Isto não é Columbine a propósito,” ele disse equilibradamente. “Não ouse me comparar com aqueles caras.”

Ela arriscou um olhar no rosto dele e estremeceu de novo. Escuridão em seus olhos — engrossada com vingança.

“Você quer atirar em pessoas!” ela gritou

“Você faz parecer como se eu quisesse aparecer na escola e só atirar aleatoriamente,” ele respondeu.

“Você quer atirar nos meus amigos!”

Ele pausou. “Bem, eu não posso argumentar aqui. Eu quero atirar nos seus amigos. Porque eles são pessoas ruins.”

“Oh meu Deus,” ela ofegou, incapaz de processar o que tinha ouvido. “Você é louco.” Ela olhou no rosto dele. “Você é louco!”

“Eu não sou louco!” ele rugiu. “Nunca me chame disso!”

Ela se curvou sobre si mesma, dobrando suas pernas e enfiando seu rosto nos joelhos. *Isto é um sonho. Um sonho.*

⁴ Massacre escolar que ocorreu em 20 de abril de 1999, na *Columbine High School*.

“Eu não sou louco,” ela ouviu mais suavemente. “Mas eles são pessoas ruins, e você sabe disso.”

“Você não tem como fazer esse julgamento,” Regan disse. *Por quê? Porque eu estava mesmo falando com este cara? Eu tenho que cair fora daqui. Eu tenho que ir para algum lugar seguro.*

Jeremy se ajoelhou ao lado dela e levou seu rosto ao dela. Ela não poderia olhar para ele, mas ela sentia os lábios dele perto de sua orelha.

“Oh, eu acho que posso fazer esse julgamento. Se alguém entende, esse sou eu.”

Ela congelou.

“Olhe para mim!” ele ordenou, e ela recuou, levantando seu rosto.

Ele ondulou o livro para ela. “Você leu isso! Não minta em dizer que não fez. Eu sei que você leu isso inteiro. Não diga que você não sabe todas as coisas que foram ditas e feitas para mim! Você realmente quer sentar aí e me dizer que eu não posso ser um juiz meticuloso destas pessoas?”

Ela não conseguiu dizer nada.

“Eu sou *QUEBRADO* por causa deles!”

Silêncio.

Ele não tinha intenção de dizer isso. Ele não estava buscando por simpatia ou uma palavra gentil. Ele não estava certo do que ele estava buscando.

Regan levou sua mão a boca, tentando abafar o soluço involuntário. Inútil. Ele estremeceu e forçou seu caminho para fora de seus lábios. E depois outro. E outro, até que ela estava chorando. Ela chorava pela revelação. Ela chorava por seu medo, seu futuro incerto. Ela chorava por ele.

“Eu não preciso que você sinta pena de mim,” Jeremy sussurrou. As palavras eram endurecidas e geladas. Assim como seu coração.

Ela continuava a soluçar, e ele pulou de pé. Uma forte urgência de abraça-la o apavorou. Ele não conseguiu lidar com seus sentimentos ioiô: um segundo raivoso e no seguinte, simpático ao drama dela. Drama *dela*? Que drama? Oh sim, o fato que ela detinha absoluto poder para destruir seu plano, sua vida. Aquele drama. Ela devia saber disso — a razão pela qual ela estava chorando histericamente agora. Ela não sabia o que fazer, o que acreditar. Ele teria dito a ela — convencido-a com mentiras sedosas do porque ela não tinha de ter medo dele, porque ela não tinha de dizer nada sobre seu diário.

Uma doentia fantasia. Sim. Era assim que ele iria persuadi-la. Aquilo tudo era só uma fantasia doente para ajudar a lidar com a dor. Isso poderia funcionar. Teria de funcionar.

“Você não tinha que ter lido isto.” Ele afastou seu rosto. “Eu... eu não escrevi isso para você.”

Primeiro ele queria envergonhá-la — plantar a vergonha profundamente em seu coração para que ela fosse encontrar a si mesma se desculpando com ele.

Regan limpou seus olhos. “Eu sei.”

“Porque você faria aquilo comigo?”

Humilhação se torcia como um grosso e carnudo cipó ao redor de seu coração.

“Eu... eu não sei,” ela sussurrou. “Eu estava curiosa.”

“É? Eu tenho curiosidade sobre um monte de coisas, também, mas eu não vou invadindo o espaço de outras pessoas,” Jeremy respondeu.

“Eu acho que você é melhor que eu,” ela disse rispidamente.

“Nesse instante eu sou,” ele pontuou.

Ela se ouriçou. “Ah é? Você quer matar pessoas. O que eu devo fazer com essa informação, huh? Eu deveria ter dito a alguém hoje—”

“Então porque você não falou?” ele perguntou. *Deixe a sair lentamente*, seu cérebro disse. *Reduza a agressividade*.

Ela balançou sua cabeça. “Eu não sei.”

“Esta é uma péssima resposta,” ele respondeu.

“Eu não sei! Eu acho que estou com medo!”

“De mim?”

“Da situação inteira,” ela disse timidamente.

Ele se agachou ao lado dela uma segunda vez. Exalou lentamente, tentando expurgar a raiva.

Suavize. Reduza a agressividade.

“Você honestamente acha que eu teria atirado nas pessoas?”

Ela franziu sua sobrancelha e o estudou. “Não?”

Ele tentou de novo. “Regan, você realmente acredita que eu teria atirado nas pessoas?”

“Eu não sei,” ela disse suavemente. “Eu não sei nada sobre você.”

“Sim, você sabe,” ele argumentou. “Você sabe tudo sobre mim. Você leu meu diário.”

Ele observou as contorções do rosto dela — uma visão de seu cérebro trabalhando. O cérebro dela estava trabalhando duro, e ele estava com medo do que ele disse a ela.

Ela apertou seus olhos. “Você está certo. Eu conheço você. E você descreveu o dia e a hora. Em detalhes. Você mapeou sua rota até a escola. Você listou as armas que carregaria, e como carregaria. Você anotou a quantidade de munição que precisaria se tivesse de atirar em alguém múltiplas vezes. Você marcou pontos de parada por todo o corredor. Você descreveu seu treino ao alvo. Você explica—”

“Pare,” ele disse. Ouvindo-a dizer isso — listando os detalhes em rápida sucessão — realmente o fez soar como um lunático. Mas ele não era! Ele não era um maldito lunático. Ele era organizado. Seu plano fazia sentido. Não eram mortes desnecessárias. Tinha propósito. Era justo e correto.

“Você acha que você tem o direito,” Regan sussurrou, como se

pudesse ler os pensamentos dele. “Você acha que você tem o direito de tirar a vida de alguém.”

Ela esperou por sua resposta. Ele sabia o que ela queria escutar. Se ele desse isso a ela, ela iria saber que ele estava mentindo. Melhor sustentar a verdade tanto quanto possível.

“Eu acho que tenho esse direito,” ele disse finalmente, e ela engasgou. “Em minhas fantasias.”

Ela relaxou um pouco.

“Eu tenho certeza que você tem fantasias,” ele disse, tentando dirigir a conversa para longe de seu diário.

Ela assentiu. “Eu não fantasio sobre matar, apesar.”

“Você nunca quis matar ninguém em sua ira?”

“Não.”

“Tenho certeza de que você tem fantasiado sobre machucar alguém,” ele sugeriu. “Alguém que foi injusto com você.”

Ela o encarou com raiva. “Sim.”

“Ele foi mal com você? Ele te desapontou?”

“Sim.”

“Então, o que você quis fazer?”

“Estrangulá-lo,” ela disse antes de pensar. Ela deu um tapa em sua boca com sua mão.

“Isso,” Jeremy respondeu triunfantemente. “Agora, se você escrever isso, e eu encontrar, você acha que eu teria acreditado por um segundo que você realmente queria matar aquele cara?”

“Não é a mesma coisa!” Regan chorou. “O meu é uma figura de linguagem! Você foi em frente por páginas e páginas—”

“Acorda, Regan!” Jeremy gritou. “Eu tenho lidado com bullying por anos! Você não acha que isso garante um monte de malditas páginas?”

Ela hesitou então abriu sua boca para argumentar. Mas não havia nada a dizer por que ele estava certo.

A experiência dele garantia mais que “um monte” de páginas.

Jeremy se inclinou até sua bunda tocar no chão. Ele gemeu suavemente enquanto esticava suas pernas em frente dele.

Um longo período de silêncio. Folhas das árvores sussurrando. Algumas conversas dos pássaros. Buzinas soando.

“Eu entendi isso,” Regan disse finalmente. “Eu compreendo.”

Esperança. A primeira que ele sentiu desde que descobriu que seu diário estava desaparecido. Aquilo parecia como se tivesse sido eras atrás. Mas estava lá agora — um pequeno broto ainda se curvava dentro dele, aninhado confortável nos macios, quentes, tecidos de seu coração. Não estava seguro em se abrir completamente. Precisava de mais palavras ensolaradas dos lábios dela — garantias de que ela confia nele.

“Eu nunca iria fazer aquelas coisas,” ele sussurrou. Uma gentil mentira. Ele percebeu que precisava tratá-la como um cavalo irritadiço. Montes de arrulhos e caricias verbais.

Ela pensou um momento, observando o chão enquanto desenhava com um pau figuras grosseiras na poeira seca: uma mulher, um homem. Ela lutava uma batalha de gênero em seu coração — a parte feminina dela queria confiar nele imediatamente. Apesar de tudo, ela tinha pena dele. Mas a parte masculina dela lutava contra aquelas maleáveis emoções, ordenando a ela que examinasse com cuidado a evidência e mantivesse os sentimentos fora disso.

Ela olhou de relance o diário uma vez mais, depois em Jeremy que estava sentado puxando ervas.

“Porque não falar com um terapeuta?” ofertou. Ela imediatamente se arrependeu das palavras.

Jeremy bufou, mas não disse nada.

“Eu... eu só quis dizer, talvez eles pudessem ajudar você a trabalhar algo disto.” Seu rosto queimava. *Cala a boca, já.*

“Então, dizer a alguém tudo isto ao invés de escrever teria mudado o quê exatamente?” ele perguntou, olhando direto em seus olhos.

Ela queria explodir. “Eu nunca teria lido isso! Eu não seria responsável! Isso é o que teria mudado!” Mas ela balançava sua cabeça ao invés, mantendo sua boca fechada.

Ele conhecia seus pensamentos.

“Você não teria lido aquilo, Regan. Se você tivesse só se importado com seus próprios negócios, então você não teria que estar lidando com esta enorme questão moral.” Ele pausou um momento e depois acrescentou, “Questões morais completamente feitas por você, a propósito. Eu não estou planejando atirar nas pessoas. Elas são apenas palavras. Palavras não significam nada.”

“Palavras significam tudo,” Regan rebateu. “Qual o ponto delas se não querem dizer nada?”

Jeremy mordeu seus lábios.

“Quando meu pai diz a minha mãe que a ama, isto não quer dizer nada?” Regan persistiu.

Jeremy deu de ombros. “Como eu poderia saber?”

“Se eu te disse que acredito em você completamente, isto não quer dizer nada?”

Ele não tinha escolha, mas balançou sua cabeça.

“Você encheu um caderno inteiro com seus pensamentos e sentimentos sobre como os babacas te trataram. As coisas que ele disseram a você. Seus preconceitos. A sua dor. Eram suas palavras e suas palavras não significam nada?”

Uma onda forte de calor ondulou por seus músculos. Ela poderia ter parado no argumento ‘eu acredito em você’.

Ele apertou sua mandíbula e segurou sua cabeça.

“Palavras importam,” ela disse decidida.

“E daí?” Jeremy disse. “Então, agora é meu trabalho sentar aqui

e tentar convencer você com minhas palavras que estas —” ele ondulou seu caderno no ar. “— não quer dizer nada?”

“Eu não sei.”

“Que porra você quer de mim?” ele uivou.

“Eu não quero nada de você,” Regan atirou de volta.

Ele sabia que estava cometendo um erro, mas a raiva se erguia renovada — um Lazarus muito irritado cujos ossos ainda doíam, cujos joelhos apertavam e estremeciam quando ele tentava caminhar.

Jeremy tropeçou em suas palavras seguintes. “V-você p-poderia ter dado... de-deveria ter me deixado... não tinha o di-direito...!”

Ele pulou do chão e se elevou sobre ela.

“Você poderia ter me dado de volta! Você poderia ter me deixado em paz!” rugiu.

Regan voltou a se mexer, fazendo uma careta com a sensação de um pau afiado que perfurava sua palma direita. Ela pensou absurdamente que ele poderia bater nela, e ela pensou ainda mais absurdamente que ela merecia isso — merecia apanhar no rosto de um garoto com duas vezes o seu tamanho.

“Eu não acho que você é um assassino!” ela chorou.

Ele não disse nada.

“Eu não acho,” ela insistiu. “Eu acredito em você.”

“Porque você está com medo de mim,” ele respondeu.

“Não! Não, eu não estou!”

Ele olhou para ela, não convencido.

“Bem, você pairando sobre mim não ajuda,” ela confessou.

Ele deu um passo para trás.

“Eu sei que você nunca machucaria ninguém,” Regan sussurrou, e a despeito de sua evidência, seu cérebro começava a acreditar nisso. Porque ela queria acreditar. Ela sentia seu lado masculino conceder

vitória e recuar as profundezas, seu lado feminino se coroava rainha e vitoriosa.

Jeremy não estava bravo porque havia sido pego, ela percebeu. Ele estava bravo porque ela o violou. Ela pegou suas palavras quando ele nunca as deu para ela. Ali. Aquilo fazia muito sentido.

Ela a estudava cuidadosamente. Ela fitava de volta, impassível, e ele sabia que ela disse a verdade. Ela tomou a decisão de confiar nele. O coração dele gaguejava com esse conhecimento, sacudindo sua dura resolução. Ele tinha determinado tanto tempo atrás matar. Era uma missão. Era a coisa certa a fazer. Eles mereciam morrer, e ele merecia leva-los a isso. Mas o olhar nos olhos dela o forçaram a fazer uma pergunta que ele nunca encarou: *Você tem certeza?*

Bem, aquilo o irritou.

Seus músculos incharam e contraíram com a imagem de um garoto sendo agredido por causa de uma cicatriz. Uma maldita cicatriz. Ele se rasgava em dois enquanto a imagem passava de novo e de novo em um loop contínuo. Punhos em seu braço. Cotovelo na coxa. Tapas e arranhões em seu rosto. Unhas de meninos são as piores — afiadas e mastigadas — fazendo o estilo perfeito de arma branca. Ele se apegou a imagem enquanto se dividia. Duas pessoas residindo em um homem: gentil, a vítima calma para ela e vigilante justiceiro para eles. Ele não tinha escolhas a não ser tocar o pêndulo — uma perigosa corrida que iria desafiar sua sanidade. Para trás e para frente. Lado a lado. Vítima. Vigilante. Vítima. Vigilante.

Vítima, por agora.

Ele contorceu seu rosto em dor zombeteira, observando os olhos dela suavizarem em simpatia. Ele se sentia levemente sentido por ela, olhando para ele com aqueles olhos de corça, compartilhando de sua dor e humilhação. Ele nunca a chamaria de estúpida. Ingênua, sim. Mas nunca estúpida. Ela confiou nele, em seu detrimento, e aquilo era o objetivo final.

“Eu sinto muito por te confrontar desse jeito,” ele disse.

“Você me assustou até a morte,” ela admitiu.

“Eu não consigo acreditar que eu fiz aquilo. Eu nunca machucaria você,” ele respondeu. Ele queria acreditar nisso.

Ela sorriu. “Eu acredito em você.”

Ele pensou por um momento. “Onde você encontrou meu diário?”

Regan corou. “Ele caiu de seu armário. Você... você não percebeu que seu armário não fechou até o final.”

Ele franziu o cenho.

“Eu-eu fechei ele—” ela baixou sua voz até um baixo sussurro. “— e guardei seu diário para devolver a você.”

“Depois de você ler, é claro,” ele disse.

“Eu sinto muito,” Regan respondeu.

Jeremy afastou o olhar, tentando firmemente empurrar para longe a raiva crescente.

“Você quer que eu te acompanhe até sua casa?” ele perguntou relutantemente.

“Não. Eu vou ficar aqui por um tempo,” ela respondeu.

“Sério?”

“Essa é uma árvore fria se você não tiver percebido.” Ela apontou acima de sua cabeça.

Ele olhou para cima. Os galhos se esticavam quase horizontalmente, se torcendo e escalando por cima de pedaços cheios e cascudos. As folhas ainda estavam verdes, mas o inverno já sugeria sua iminente chegada. Ele não conseguia ver, mas conseguia sentir o cheiro.

“Sim, é,” ele disse.

“Jeremy?”

“Hmmm?”

Ela pausou. “Eu não acho inteligente você manter aquele diário. Quero dizer, eu acredito em você quando diz que todas aquelas coisas

sobre matar pessoas é só uma... eu não sei. Fantasia?” ela subiu os olhos para ele.

Ele assentiu.

“Mas eu encontrei, totalmente por engano, e isso me enlouqueceu. Eu tenho certeza que nunca iria acontecer de novo com outro alguém, mas se eu fosse você, eu me livraria disso.”

Ela estava quieta, tentando afastar o estranho sentimento de que ela era uma conspiradora no enredo dele para matar. *Mas eu acredito nele.*

“Talvez eu vá rasgar aquelas páginas,” ele sugeriu.

Ela franziu a testa enquanto assentia. Não uma conspiradora. Não. Eternamente conectada a ele de uma forma íntima? Talvez. Eles certamente dividiram um intenso segredo, e aquilo formou um vínculo de uma vez. Ela não estava segura do que fazer com aquele vínculo. *Nós somos amigos agora?* Ela pensou. *Ele quer que sejamos amigos?*

“Eu me sinto esquisito deixando você aqui,” Jeremy disse.

“Não sinta.”

Ele não estava certo do que mais dizer. “Tchau” parecia muito abrupto, ainda que ele fosse de poucas palavras. Ele não tinha conversado tanto com um colega de sala desde Kevin. Ele nem mesmo falava com Hannah daquele tanto.

Ele estava cansado, esgotado de energia — aquele esforço para convencê-la de sua bondade. Ele não podia se afastar por sua própria vontade, apesar. Ele precisava da permissão dela.

“Eu te vejo por aí, Jer,” ela disse.

E com isso, ela o liberou.



Eu me preocupo às vezes que pessoas vão me descobrir, meu plano. Eu me preocupo mais que eles não vão acreditar em mim quando eu disser que isso é só uma fantasia. Eu vejo minhas palavras me traindo — derrubando suas fantasias para revelar quem eu verdadeiramente sou: um assassino. O que eu deveria fazer se alguém suspeitar de mim? Mentir? Eu não acho que sou um mentiroso ruim. Eu acho que é nato em todos nós. Mas eu poderia mentir sob pressão? Eu poderia dobrá-los. Eu poderia confessar tudo — meus planos, motivações, sentimentos. Eles poderiam ter pena de mim. Eles poderiam ver que o que eu preparei não era tão louco assim. Tinha mérito. Razão. Mas aquilo ainda não seria o bastante para me deixarem ir para casa mais tarde. Não. Eu não iria voltar pra casa. Eu iria para outro lugar — um lugar muito distante com pessoas cujo trabalho seria reelaborar meu cérebro. Tentar me fazer ‘normal’. Eu consigo me ver com amarras em uma mesa velha, vestido de branco, mordendo um pedaço de couro. Eles abrem minha cabeça, mexem por ali, me colocam de volta, e esperam pelo melhor. Parece injusto, realmente. Porque não são os cérebros dos meus inimigos que são reelaborados? Eles são o problema real, não eu. Mas eu tenho aprendido através da leitura de muitos jornais que é sempre culpa da vítima. Ele estava no lugar errado e na hora errada. Ela estava usando uma saia sugestiva. Eles mereceram isso em algum nível. Então eu acho que mereço o bullying? Eu estava na escola errada na hora errada? Deus. E toda minha família teria de mudar para outro distrito...



00:15

Ele deixou Regan debaixo do curvado e velho carvalho e se dirigiu ao seu novo lar. Roy deu a ele a tarde livre para “se estabelecer,” mas não havia muito a ser estabelecido. Ele tinha uma sacola e uma mochila. Era isso. Ele não estava certo de onde ele iria dormir esta noite. Ele não tinha cama. Nem sofá. Ele não tinha nem mesmo um saco de dormir. O dele foi jogado fora quando ele era mais novo.

Roy entregou a chave do apartamento e obsevou Jeremy escalar a escadadeira que abraçava a parede exterior da garagem. Ele parou na pequena varanda que foi recentemente varrida. Havia um capacho escrito "bem-vindo" e um suporte de planta. Com uma planta nele. Jeremy abaixou os olhos em seu empregador.

“Isso é minha responsabilidade?” ele perguntou.

Roy riu. “Eu disse para Carol não se incomodar, mas ela queria que o lugar parecesse um lar.”

Jeremy pensou por um momento. “Entãooo, isto é minha responsabilidade?”

Roy revirou seus olhos. “Isso é uma planta, Jer. Você molha de vez em quando e deixa quieto.”

Jeremy acenou. “Obrigado de novo,” ele disse suavemente, desviando seus olhos.

“Olhe para mim como um homem. Não há nada para se envergonhar.”

Aquilo era questionável.

Jeremy virou seu rosto e olhou para Roy diretamente. “Obrigado.”

“Muito melhor.”

Avô substituto. Empregador. Agora senhorio. Roy estava agora colecionando títulos — se tornando intimidante conectado com este

garoto solitário. E ele não se importava nem um pouco. Ele teria feito qualquer coisa por Jeremy porque ele o amava.

Jeremy parou estático dentro do apartamento. E então sua boca caiu aberta. Ele não estava esperando nada disso. Roy nunca, nem mesmo uma vez mencionou que o lugar vinha mobiliado. Talvez não viesse. Talvez ele e Carol ficaram acordados a noite passada toda arrumando o lugar só para ele. Ele estava lisonjeado ao mesmo tempo em que a vergonha lambia sua pele. Isso brilhava em seu rosto, e ele estava feliz que Roy não estivesse lá para ver isso. Ele teria dito alguma coisa como, “Pare de corar como uma garota. Seja um homem. Isso é só um sofá.”

Ele fez um levantamento da sala. O apartamento era pequeno: um conjunto de sala e cozinha que tinha uma mesa redonda com quatro cadeiras — quem ele iria convidar? — sofá marrom e cadeiras combinando, e uma TV de tela plana. Uma TV! Ele nunca assistiu TV porque ele nunca teve a oportunidade. Estava sempre ligada em algum programa de pesca, e uma briga particularmente brutal com seu pai o ensinou a nunca mudar o canal.

Ele caminhou até a TV e a alcançou com a mão, deixando-a deslizar lentamente sobre o plástico liso.

Ele sorriu, mostrou seus dentes. Ele raramente sorria tão aberto, e pensou naquele momento que um aparelho eletrônico tinha poder demais sobre ele. Uma não saudável ligação estava nascendo, e ele se perguntava quanto dano quarenta e duas polegadas de plástico poderia infligir. Ele andou para trás relutantemente e se virou em volta.

Ele notou um cobertor enrolado no canto do sofá. Almofadas de sofá. Uma mesinha de café compacta com uma vela no centro. Fotos genéricas de montanhas penduradas nas paredes. Grandes cortinas decoravam a janela.

A excitação aumentou apesar de seus esforços em controlar suas emoções. Ele pulou para a cozinha e abriu os armários. Pratos, tigelas, copos, potes e panelas. Utensílios e pegadores. Toalhas de chá, pelo amor de Deus! Carol até mesmo estocou o armário debaixo da pia com detergente de louça e outros produtos de limpeza. Ele parou na frente da geladeira, mão preparada.

“Só talvez,” ele sussurrou e abriu a porta.

Comida. Aos montes. Recipientes de Tupperwares marcados com os dias da semana. Seus jantares, cortesia de Carol. Leite. Muito leite! Ele agarrou uma caixa e bebeu avidamente, depois carregou o leite com ele pelo corredor estreito até seu quarto e banheiro. Uma cama. Uma mesinha de cabeceira com um relógio despertador antigo. Toalhas de banho e sabonete e aparelho de barbear novo. Ele se sentiu mimado nesse momento. Ele sentiu o que outros garotos devem sentir quando conseguem tudo que querem. Ele era um deles pela primeira vez.

Roy limpou sua garganta. Jeremy girou ao redor.

“Eu não vou entrar sem aviso a partir de hoje,” ele disse. “Só queria ver que você se ajustou.”

Jeremy mordeu seus lábios.

“Carol fez jantares para você pelo resto da semana,” Roy prosseguiu. “Para ajudá-lo com a transição.”

Jeremy acenou com a cabeça.

“Não fique acostumado, apesar. Você é responsável por todos os seus serviços e despesas com comida.”

Mais acenos de cabeça.

“Você deveria ter todas as coisas básicas, apesar.”

Ainda mais acenos.

“Oh, pelo amor de Deus, Jeremy! Use suas malditas palavras!” Roy choramingou.

“Você... você não tinha que fazer tudo isso,” Jeremy sussurrou.

“Fazer o quê?”

“Você sabe.” Era impossível para ele olhar para Roy. Ele pendurou sua cabeça e chutou o carpete.

“Fazer o quê?” Roy repetiu. “E fique parado quando estiver falando comigo.”

Jeremy suspirou. “Mobiliar este lugar,” ele disse, forçando seus olhos a encontrar os de Roy. Ele sabia que seu rosto estava vermelho beterraba.

“Isto já estava mobiliado,” Roy respondeu. “É assim que nós sempre alugamos.”

Besteira. Jeremy viu os últimos inquilinos mudar. Eles tinham um caminhão de mudança, e ele os assistiu carregar peça por peça dos grandes itens de mobília. Ele sorriu então. Roy percebeu.

“Vá guardar aquele leite,” Roy ordenou. “Mantenha a comida na geladeira e na sala de jantar, você ouviu?”

“Sim, senhor.”

“E não quero louças empilhando naquela pia. Você tem mãos e detergente. Use os.”

“Sim, senhor.”

“E eu espero um 'obrigado' a minha mulher por toda aquela comida.”

“Você terá isso.”

Roy pairou próximo a porta da frente, seu rosto registrava uma estranha dor enquanto ele batalhava as declarações em sua cabeça. Elas eram todas emocionais e idiotas e injustificadas, e ainda assim ele sentiu em fornecer ao menos uma delas. O problema era decidir o que iria deixar Jeremy menos envergonhado.

Por favor, não, Jeremy pensou desesperadamente. Ele não queria ouvir “Jeremy, você é como um filho para mim” ou “eu te amo, garoto” ou “o que mais você precisa?” Ele não poderia precisar de nada mais. Ele estava preenchido até a borda com todas as gentilezas de Roy e Carol — se sentindo embriagado com um estranho sentimento que ele conseguia somente identificar como amor verdadeiro. Mas ele *não* precisava que Roy desse voz a isso. Aquelas palavras iriam arruinar tudo.

“Bem, você está em casa agora,” Roy disse finalmente. Ele limpou sua garganta.

“Sim, senhor.”

“Esta bem, então,” Roy murmurou. Ele virou a maçaneta da porta, depois pausou. “Não haverá jantares nos domingos aqui.” Ele apontou para a cozinha.

“Eu sei.”

“Nós comemos as sete. Em ponto.”

“Sim, senhor.”

“Não se atrase.”

“Eu não vou. Eu juro.”

Agora Roy afastou seus olhos. Ele abriu a porta e parou na soleira.

“Seja um bom garoto,” ele disse asperamente, e saiu.

Jeremey ficou encarando a porta preta, repassando as palavras de Roy enquanto pensava sobre seu recente encontro com Regan. Ele a derrubou no chão. *Seja um bom garoto.* Ele gritou com ela. *Seja um bom garoto.* Ele mentiu para ela sobre seu caráter, interpretando a patética vítima para que ela pudesse acreditar em sua falsa inocência. *Seja um bom garoto.* Ele planejava matar pessoas.

Seja um bom garoto.

“Eu não posso,” ele confessou em voz alta. “Eu não posso, Roy. Eu sinto muito.”

Ele pensou que deveria ter ouvido um eco, ressoando alto ameaçador em seu cavernoso coração.

Ele sabia que toda a bondade o abandonou no momento em que ele proferiu as palavras “Eu não posso” porque ele secretamente queria dizer “Eu não vou.”

.....

Ele despertou em pânico. Ele jurava que ela tinha aberto sua boca para alguém. Seus dias estavam contados — o tique taque tique

taque do tempo em cima de sua cabeça, contando regressivamente até zero quando a bomba iria explodir. Ele imaginou a S.W.A.T. estourando em cada orifício do apartamento, estilhaçando vidro e quebrando portas, derrubando-o ao chão e gritando em sua cara. Ele iria segurar sua cabeça com vergonha enquanto eles o escoltavam para o carro de polícia, incapaz de olhar para Roy e Carol. Ele conseguia imaginar seus rostos — chocados e aterrorizados que eles alugaram seu apartamento para um assassino em massa.

“Mas ele era um bom garoto,” eles diriam, incapazes de admitir que haviam sido enganados.

Ele pulou para fora da cama e foi correndo tomar banho. Ele tinha de chegar à aula cedo. Ele tinha que pegá-la sozinha.

Ele tinha que senti-la — ver onde seu cérebro estava. Ela tinha se tornado sua fraqueza, e ele sabia o que eles faziam para as fraquezas nos filmes. Eles os colocavam em um carro, os levavam para a selva e os deixavam lá com uma bala em suas nuca. Ele nunca colocaria uma bala nela, mas então o que ele faria com ela?

Ele não confiava nela completamente, e quanto mais ele pensava sobre a tarde de ontem — derrubando-a no chão e fechando sua boca com a mão — mais seu lado vigilante arremessava e se virava dentro de seus músculos. Ele estava impaciente. Ele estava se perguntando por que Jeremy não cuidou do “problema Regan” quando teve a chance.

Você esteve muito ocupado tendo uma ereção, o vigilante cuspiu, escalando todo o corpo dela daquele jeito.

Não era totalmente verdade! Ele sabia que não era verdade. Tudo o que ele se importava era recuperar seu diário. Tudo o que ele se importava era manter o segredo. Tudo o que ele se importava era mentir para ela de novo e de novo até que ela acreditasse nele. Ele não poderia matá-la. Aquilo não era parte do plano.

Planos mudam, seu vigilante disse. Ela roubou seu pertence. Ela leu suas palavras. Ela não é inocente mais.

Jeremy vestiu sua camiseta enquanto pensava.

Mas ela nunca me provocou. Ela me defendeu.

Acorde, seu idiota! Aquilo foi na sexta série! Aquela vadia ROUBOU de você! Isto não é uma forma de bullying? Intimidação? Ela levou seus pensamentos! Ela te comprometeu! Ela foi como o resto deles. Fim da história.

Ele amarrou suas botas.

Eu não posso machucá-la. Não posso. Mas eu posso mantê-la feliz. Eu posso fazer isso.

Você vai gastar o seu tempo jogando um jogo de mentira com ela? Sempre observando suas costas? Se preocupando constantemente que ela pode se virar contra você? Entregar você? Por quê? Ela não se importa com você completamente.

Ele fez uma careta ao pensamento: *ela não se importa com você.*

“O que você está fazendo comigo?” ele perguntou impotente.

Ele não esperou que seu vigilante respondesse. Voou para a escola — atravessando um cruzamento sem olhar, e recebendo os estrondosos raivosos das buzinas dos carros. Ele jogou sua bike no chão perto da escola. Tranca-la não era importante.

Ele escancarou a porta e correu para dentro. Ela não estava lá.

“Regan,” ele suspirou.

Ele vadiou pelos corredores, se movendo lentamente e impacientemente, olhos colados em seus coturnos. Ele não o tinha usado por meses, sentindo que eles revelavam muito sobre sua natureza agressiva — aquela que ele estava tentando manter escondida. Mas ele os calçou hoje com o entendimento de que estava indo para a batalha — uma nova — com uma garota que ele poderia colocar sobre seus joelhos e quebrar em duas. Ele bufou com a ironia. Uma pequena garota tinha todo o poder sobre ele.

“Regan,” ele suspirou.

Quanto mais ele dizia seu nome, mais sua frustração crescia. Ele achou monstruosamente injusto que ele estivesse agora apaixonado por sua inimiga. Ela era, antes de tudo, sua inimiga. Ela se tornou aquilo assim que abriu seu diário. Ele fantasiou por um

momento sobre todos os jeitos que ele poderia torturá-la e tirar uma confissão dela. Isso não fazia sentido; ela já tinha confessado ter lido o diário. O que mais ele precisava saber? E então isso o bateu. Bem quando ela entrava no prédio, ele entendeu o que ele queria: as palavras dela. Ela roubou todas as dele. Era apenas justo ela dar a ele as dela. Talvez então ele não precisasse temer seu próximo movimento porque ele teria algo dela, também. Eles foram forçados em uma relutante amizade construída sobre uma tênue verdade. Ela iria se tornar sua cúmplice. Não mais sua adversária.

Ele passou por ela e murmurou, “Escadaria.”

Ele continuou descendo o corredor, abriu a porta e aguardou as escadas esvaziarem.

“Um, dois, três, quatro,” ele sussurrou. “Cinco.”

A porta abriu suavemente, e ela enfiou a cabeça para dentro. Ele agarrou seu braço e a puxou para debaixo das escadas — um canto escuro decorado com grafite e teias de aranha.

“Calma,” ela rosnou, puxando seu braço.

Ele a liberou e murmurou uma desculpa.

“O que nós estamos fazendo aqui embaixo?” ela perguntou.

“Eu imaginei que você não iria gostar de ser vista comigo em público,” ele respondeu. Ele levantou uma sobrancelha.

“Ai,” ela disse suavemente.

“Nós podemos sair de volta,” ele ofertou, sabendo que ela recusaria.

Ela se atrapalhou com a alça da bolsa, evitando os olhos dele.

“O que você quer?” ela perguntou.

“Eu quero saber se você planeja abrir sua boca,” ele disse. Talvez não o melhor jeito de abordar o assunto, mas ele estava agitado demais para se importar.

Ela olhou para ele. “Abrir minha boca sobre o quê?”

Não jogue jogos comigo, ele pensou. Ele tinha que forçar suas mãos a ficar paradas ao seu lado. Ele queria sacudi-la

“Meu diário,” ele disse por entre seus dentes.

“O que sobre isso?”

Porra, Regan.

“A merda que eu escrevi. Pare de agir como se não soubesse a que estou me referindo.”

Ela pausou. “Eu disse que acreditava em você. Você acha que isso mudou durante a noite?”

“Como eu poderia saber?” ele perguntou, passando uma mão sobre seu cabelo.

Ela pegou uma vista de perto de sua cicatriz. Sua mão se moveu antes que seu cérebro registrasse, “Pare!” ela tocou a cicatriz. Ele recuou, mas não se afastou. Ela hesitou até que sentiu que estava bem continuar.

Ele a observava cuidadosamente — o jeito que suas sobrancelhas franziam em concentração enquanto ela movia seu dedo ao longo da cicatriz, estudando a textura do jeito que fez na sexta série. Seus dedos pararam em cima do piercing dele.

“Você pegou minha sugestão,” ela notou.

Ele não disse nada. O lado de sua boca se elevou, e ela moveu seu dedo para baixo da haste de metal. Ela pressionou.

“Hmm,” ela disse.

Ele a olhava fixamente, tentando duramente empurrar para baixo a memória. Isso estava bagunçando com sua cabeça. “*Você alguma vez tentou apertar isso?*” ele podia ouvi-la dizer. “*Ver se vai ficar desse jeito?*”

“Você alguma vez tentou apertar isso?” ela perguntou. E depois sorriu, e ele perdeu isso.

“Não.”

“Não importa. Ela é dura—”

Ele balançou sua cabeça e empurrou sua mão, fazendo-a recuar.

“O que você pensa que está fazendo?” ele demandou.

Silêncio.

“O que você está fazendo?”

“Tentando mostrar a você que eu quis dizer o que disse!” ela gritou de volta. “Eu acredito em você!”

“Você vai dizer aos seus amigos. Eu não sou um idiota fodido! Eu sei que as garotas falam!”

“Eu não!”

“Eu não acredito em você!”

“Porque você está tão preocupado?! Você disse que era só uma fantasia!”

“E é!” ele mentiu.

“Então porque se importa?”

Suas mãos balançavam ao seu lado. Porque ele se importava? Porque ele se importava? Oh sim, agora ele se lembrava. Uma questão de ética.

“Você não tinha o direito de ler meu diário! Você não tinha o direito de descobrir aquelas coisas! Você invadiu meu cérebro como se fosse seu privilégio! Seu direito de pegar qualquer coisa que queira!”

“Eu sinto muito!”

“Besteira! Você não sente muito! Você queria fazer isso! Você planejou fazer isso no segundo em que encontrou meu diário!”

Ela ruborizou profusamente. Ela nunca foi tão vergonhosamente criticada por suas ações.

“Que tal eu invadir seu cérebro, huh?”

“O quê?”

“Me diga seus segredos, Regan! Eu tenho o direito de saber!” ele emergiu por trás dela, e ela se encolheu.

“Não!”

“Mas você tem os meus! Parece justo. Me diga! Eu tenho o direito de saber!”

Ela estava mortificada, engolindo as palavras que quase deslizaram para fora: “Eu sou apaixonada por você, seu imbecil fodido!”

“Me diga!” ele rosnou, e então a porta abriu.

Eles ficaram em silêncio, esperando os alunos subirem as escadas. Esperando que a segunda porta acima abrisse e fechasse e devolvesse a eles a privacidade.

“Porra, Brandon.”

Era Hannah. Ele poderia dizer. Regan se virou para sair, e ele segurou seu braço de novo. Ela resistiu, mas ele não a deixou ir. Ele colocou seu dedo sobre a boca dela: não diga uma palavra.

“Eu só quero saber o que você usaria,” Brandon provocou. “Você estaria em um smoking ou um vestido? Você seria o cara ou a garota? Eu estou olhando em seu cabelo e pensando cara.”

“Você é um idiota,” Hannah cuspiu.

Leve embaralhar.

“E você é uma piranha lésbica,” ele silvou. Sem mais provocações.

Jeremy ouviu atentamente. Soava como se Brandon tivesse aprisionado ela no canto da escada. Ele tinha de fazer um movimento logo. Mas ele queria esperar mais um pouco, então Regan poderia pegar uma boa degustação das palavras de seu namorado — deixa-la refletir sobre elas durante todo o dia até se sentir como merda no fim disso.

“Você quer minha namorada?” Brandon zombou.

Sem resposta.

“Você sonha com ela?” ele gargalhou. “Eu aposto que você decora seus cadernos com o nome dela. Desenha coração em torno disso.” Ele pausou. “Hmm, mas isto é mais uma coisa de garotas do que de caras.”

Regan puxou seu braço. Jeremy continuou segurando-a.

“Me deixa em paz,” Hannah sussurrou.

“Eu não consigo te entender,” Brandon continuou. “Você é uma garota ou um cara?”

“Pare,” Hannah disse.

“Bem, me dê só um olhar. Você tem tetas debaixo dessa blusa?”

Jeremy se atirou de dentro das escadas.

“Deixa ela em paz,” ele falou para Brandon.

Brandon se virou, olhos abertos ao comando de Jeremy.

“Alguém conseguiu crescer no verão,” ele disse.

“Só a deixe em paz.”

“Eu não estava fazendo nada”, Brandon disse. “Nós estávamos só conversando.”

“Sim, exceto que Hannah não conversa com você. Nunca,” Jeremy respondeu.

Brandon sorriu. “Você certamente tem uma boca em você. De onde esse cara veio? Eu me lembro de você encolhido no chão ano passado depois de eu te bater pra caralho.”

Jeremy cerrou os punhos e entrou em posição de luta. “Deixa. Ela. Em. Paz.”

O sinal tardio tocou.

Silêncio na escadaria até que Brandon finalmente falou.

“Salvo pelo sino,” ele sorriu, dando um tapinha na bochecha de Hannah.

Jeremy não disse nada.

Brandon subiu as escadas, e Hannah suspirou aliviada.

“Você está bem?” Jeremy perguntou.

“Sim,” ela respondeu. Havia uma pontada em sua voz.

“Tem certeza?”

“Eu não precisava de sua ajuda,” ela estalou.

Jeremy assentiu. Ele entendia. Ninguém quer se sentir fraco, impotente, incapaz de defender a si mesmo.

Ele se sentiu da mesma forma ano passado depois de Brandon o atacar no ponto de ônibus. Ele ainda não conseguia entender porque a bunda de condução BMW de Brandon estava no ponto de ônibus. Tanto faz. Ele bateu em Jeremy até a polpa, e Hannah o acompanhou mais tarde para oferecer uma mão. Ele resistiu, gritou para ela sair, e ela saiu sem nenhum sentimento ferido. Era compreendido entre vítimas que você não oferece assistência. Você finge que não aconteceu.

Jeremy a observou partir. Ele quase se esqueceu de Regan, que ainda estava escondida embaixo das escadas.

“Você pode sair agora,” ele chamou.

Ela emergiu, um pântano de emoções batalhando em seu rosto.

Ele sabia que não deveria dizer isso. Mas ele ia dizer mesmo assim.

“Parabéns.”

Ela estava em silêncio.

“Você tem um vencedor mesmo.”

“Cala a boca.”

“Espero que o sexo compense isso.”

Ele só disse aquilo pela reação. Ele esperava que quando as palavras saíssem de sua boca ela devolveria a ele uma boa. Um intenso rubor, insulto, talvez mesmo um empurrão. Ele queria machuca-la como ela tinha machucado ele. Ele precisava ver isso no rosto dela — aqueles preciosos segundos de dor bruta e madura —

antes que ela escondesse isso por baixo de uma máscara de compostura.

Seu rosto se torcia de confusão. Os cantos de suas sobrancelhas se juntavam enquanto ela considerava as palavras dele, como uma costureira trabalhando lenta e cuidadosamente para fazer o alinhamento. Ele observou aquelas sobrancelhas, e então seus olhos se moveram aos dela. Eles eram muito escuros, e ele não conseguia ler a mensagem. Até que ela deu a ele.

“Você deveria ser o cara bonzinho,” ela disse suavemente.

As palavras perfuraram seu coração instantaneamente, e ele virou seu rosto, incapaz de olhar para a garota esperando uma resposta. Ele tentou conjurar sua raiva uma vez mais para justificar seu comentário. Ela merecia isso. Ela merecia toda a feiura que ele tivesse de dizer a ela. Mas ele não conseguia fazer a si mesmo acreditar nisso, e então a raiva permaneceu escondida em algum lugar profundo, deixando o embaraço preencher seu coração até a borda, ao invés.

Ele ouviu quando ela empurrou a porta, e só se virou na direção dela quando soube que ela estava seguramente fora de vista. Ele não podia deixá-la ver seu rosto. Ele sabia que isso trairia sua vergonha, e ele não estava pronto para se desculpar.

“Ela merecia isso,” ele murmurou, esperando que o vigilante concordasse.

Você é um cuzão, o vigilante respondeu, e ele ficou confuso com a resposta.

.....

“O quê?” Brandon perguntou, olhando nos olhos de sua namorada através da mesa.

“O quê?” Regan exclamou de volta.

Ele pausou, confuso. “Uh, foi isso que eu perguntei a você. Você está olhando para mim como se me odiasse. O que diabos eu fiz?”

“Eu não estou olhando para você como nada,” Regan respondeu sucintamente. Ela pegou com o garfo uma cenoura em seu prato e enfiou na boca.

“Entãoooo,” Casey interpôs. Ela se virou desconfortavelmente em seu banco próximo a sua melhor amiga. “Vocês viram o novo filme do Brad Pitt?”

Brandon a ignorou. “Quer tentar de novo?” ele perguntou a Regan.

“O que você quer dizer?” ela respondeu entre mastigadas.

“Eu não sei, Regan. Você coloca brilhos em seu rosto, e de repente você tem uma atitude comigo o tempo todo. Eu não entendi isso.”

Regan delicadamente tocou a lateral de seu olho esquerdo que trazia alguns strass rosa e roxo. Strass corporal. Arte de olho. Algo que ela sempre amou, mas nunca usou porque ela sabia que Brandon teria alguma coisa a dizer sobre isso.

“Você está ridícula,” Brandon murmurou, abrindo um pacote de Saltines.

“Eu gosto deles,” ela respondeu, se endireitando na cadeira. As palavras eram a perfeita mistura de poder feminino e petulância.

“Eu sei que você faz. Eu só não entendo por que. E eu não entendo porque você está usando todas essas roupas bobas ultimamente. O que você está tentando provar? O que está tentando me dizer?”

“Elas não são bobas,” Regan respondeu em um arrulho.

“Você parece como algo saído de um anime japonês.”

“Então *eu* vi o filme,” Casey disse em voz alta. “E ele estava totalmente quente. Velho, mas que seja. Caras tem um jeito de envelhecer com graça, você não acha?”

“Eu *não* sou um anime,” Regan cuspiu. “Eu sou uma pessoa”.

“Você parece como se tivesse cinco anos de idade, e sua mãe te

deixou se vestir sozinha para a escola,” Brandon atirou de volta.

“Brandon...” Casey sussurrou. Mesmo ela sabia que ele tinha ido longe demais.

Regan soltou sua respiração. “Eu gosto do jeito que me visto. Eu gosto disso muito mais do que como eu costumava me vestir quando você basicamente me dizia o que usar. E eu não planejo mudar como eu me visto, então você pode lidar com isso ou beijar minha bunda.”

A boca de Brandon caiu. E então seus lábios se viraram em uma risada.

“Eu amaria beijar sua bunda, Regan. Eu estava esperando por um convite, mas ultimamente você não tem me dado um.”

“OMG,” Casey sussurrou.

Ethan rio em silêncio ao lado dela, e ela apertou sua perna por baixo da mesa.

“As pessoas precisam saber de nossos negócios?” Regan choramingou.

Ela desejava que não tivesse dito nada. Ela conhecia a motivação de Brandon — envergonha-la na frente de seus amigos. Bem, não, dos amigos *dele*. E ele não só queria que ela sentisse a vergonha, mas que a expressasse também.

Ele conseguiu exatamente aquilo.

Ela percebeu enquanto o encarava que eles tem jogado sua própria versão de uma briga de cores desde o começo do ano escolar. Quanto mais berrante e colorido suas roupas se tornavam, mais as cores verdadeiras dele apareciam. E as dele não eram como as dela — brilhantes e animadas. As dele eram escuras e perigosas.

“Oh, como se você não dividisse tudo que nós fazemos com Casey de qualquer jeito,” Brandon disse com arrogância.

“Não é o ponto!” Regan respondeu.

Brandon apoiou seus cotovelos na mesa e enfiou seu rosto nas mãos.

“O que você quer de mim, Regan?” ele lamuriou-se.

“Eu quero que você pare de ser um imbecil!”

“Como eu estou sendo um imbecil?” seu rosto continuava escondido entre suas mãos compridas e esguias. Mãos de escritório, ela pensou um longo tempo atrás. Ele não era um homem trabalhador.

E então sua coragem apareceu. Tão simplesmente.

“Eu vi o jeito que você falou com Hannah esta manhã,” ela disse.

Brandon ergueu seu rosto lentamente, olhos estreitados com desconfiança. “Huh?”

“Na escadaria,” Regan explicou. “Esta manhã. Eu ouvi as coisas que você disse a ela. Não tente negar isso.”

Brandon pensou um momento. “Eu não vi você lá.”

Regan se deslocou desconfortavelmente. “Bem, eu estava lá.”

“O que, se escondendo debaixo das escadas ou algo do tipo?”

“Talvez.”

“Isto é estranho.”

“Este não é o ponto. O ponto é que eu ouvi todas aquelas coisas ruins que você disse. Não negue isso!”

“Okay, eu não vou.”

Ela não estava exatamente preparada para isso. Ela levou um momento para se recompor — descobrir como proceder com o interrogatório quando percebeu que ele não estava incomodado. Em nada. Mas ele deveria já estar suando debaixo da luz, não deveria?

“Por quê?” ela perguntou.

“Porque aquela garota tem incomodado meu irmão por anos, e era hora de ela provar o sabor de seu próprio veneno,” Brandon respondeu.

Regan franziu suas sobrancelhas. “Huh?”

Aquilo não fazia absolutamente nenhum sentido. Ela nunca

tinha nenhuma que seja visto Hannah ao menos olhar para Jarrod.

“Eu sei o que você está pensando. Você está pensando que eu sou o mesmo babaca da escola fundamental. Que eu não mudei nada. Você sabe, Regan, realmente machuca meus sentimentos que depois de três anos de namoro, você não tenha ideia de quem eu sou. Você não tem visto as mudanças? Você não me conhece? Eu não tenho mostrado a você exatamente o tipo de cara direito que eu sou? Aparentemente não. Aparentemente você acha que eu sou um cuzão por defender meu irmão mais novo. Bem, esta certo então. Eu vou ter que continuar sendo um cuzão porque ninguém vai intimidar e humilhar minha família. Ninguém.”

Brandon saiu de seu banco mesmo quando seus amigos pediram a ele para ficar.

“Não, cara. Estou dando o fora daqui,” ele murmurou para Ethan, que atirou um olhar grosseiro para Regan.

Eles assistiram Brandon jogar a bandeja de seu almoço no topo da lixeira na saída da cafeteria e desaparecer pela porta.

“Legal,” Ethan disse.

“Ethan, pare,” Casey respondeu.

“Qual é o seu problema?” Ethan dirigiu a pergunta para Regan.

“Eu... eu sei o que eu ouvi,” ela gaguejou.

“Sim. Você ouviu um cara defendendo seu irmão. Que diabos tem de errado com você?” Ethan exigiu.

“Não fale comigo assim,” Regan exclamou.

“Pegue toda a informação primeiro antes de começar a julgar,” Ethan disse.

Ele também deixou a mesa, irritado, e Regan foi deixada sozinha com Casey e os outros amigos de Brandon — aqueles que ela nunca falou. Eles a encararam por um momento antes de recomeçar suas conversas.

“Você está bem?” Casey perguntou.

“Eu sei o que eu ouvi,” Regan repetiu.

“Eu não duvido disso,” Casey respondeu. “Mas talvez houvesse uma razão. Você sabe, como ele disse.”

“Ele foi rude, Casey,” Regan disse. “Quero dizer, ele perguntou a ela se ela era uma garota ou um cara.”

Casey sufocou um riso.

“Sério?” Regan perguntou.

“Desculpa, mas isso é muito engraçado. Quero dizer, eu tenho estado me perguntando isso pelos mais longínquos tempos.” Casey enrugou sua sobrancelha. “Nunca me ocorreu perguntar a ela.”

Regan ficou abismada, encarando sua melhor amiga, se perguntando como ela tinha ido tão longe — como ela foi de ser Hannah para este ser humano desprezível. *Porque eu sou amiga desta garota?*

Ela pulou da mesa e então se inclinou sobre o ombro de Casey, seus lábios a milímetros da orelha de Casey.

“Tenha um pouco de compaixão.” Sua voz estava baixa e ameaçadora. “Você costumava ser ela. Lembra? Você era uma pária, também. Pessoas te zoavam constantemente. Pessoas te faziam chorar. Tipo, um monte. Eu me lembro. E você também deveria.”

Ela se afastou, deixando Casey sentada sozinha para digerir suas palavras. A verdade, gostando ela disso ou não.



Eu odeio a minha vida. Eu quero saber como as pessoas sobrevivem a isto. Eles vão adiante nos empregos — carreiras, até mesmo — família, amigos. Vidas. Como eles fazem isso? Como eles experimentam o que eu experimento diariamente e seguem em frente? Eles são robôs? Eles têm falta de sentimentos? Talvez eles tenham um botão reset. Talvez eles empurrem isso toda manhã antes de saírem da cama. Onde diabos está o meu botão reset? Eu só tenho um gatilho, e todo dia eu estou apertando o controle. Se eu puxar de volta todo o caminho, isso poderia contar como meu reset?



00:14

“Regan?”

Ela ofegou. “Sim?”

“O que está acontecendo?” seu pai perguntou.

Ela se curvou, apoiando a bola de futebol na curva de seu braço machucado.

“O que você quer dizer?”

“Bem, algo me diz que você está fingindo que isto é a cabeça de alguém,” seu pai respondeu, tomando a bola. Ele a lançou para ela.

Ela driblou em um círculo aberto, depois alinhou para seu chute matador. Ele poderia ver isso no rosto dela: fodam-se todos.

“Oh, Deus,” Sr. Walters respirou.

Batida!

“Ai! Okay! Chega!” ele berrou, deixando a bola cair e a erguendo com suas mãos ardidas e vermelhas. “Olha para isso!”

Regan revirou os olhos. “Onde está Caroline? Caroline pode ser a goleira.”

“Para o inferno que ela pode!” ele choramingou. “Você vai arrancar os braços dela!”

“Pai, eu disse a você para usar luva.”

“Regan, eu aprecio suas habilidades. Eu juro. Eu só não acho que ninguém em nossa família está em posição de ajudar você a treinar.”

Regan encarou.

“Eu quero que você leve estes pés pelo caminho até o topo. Eu quero. Especialmente porque você não tem um fundo financeiro para a faculdade.”

Ela sorriu.

“Mas eu não posso ter você me quebrando no processo.”

“Entendido.”

“Ou sua irmã. Ou mãe.”

Regan não disse nada. Ela simplesmente estendeu suas mãos.

“Nós acabamos aqui,” Sr. Walters disse, jogando a bola para ela pela última vez.

Ela acenou com a cabeça e a lançou no ar, passando para ela mesma. Seu pai observava enquanto ela quicava a bola de pé a pé, de tempos em tempos segurando por trás de suas costas. Ela pausou.

“Qual o lance da coisa do não ter um fundo para a faculdade, a propósito?” ela perguntou.

“Aposentadoria,” ele respondeu.

Ela assentiu. “Faz sentido. Eu teria que escolher minha própria aposentadoria quando acabasse a minha educação infantil qualquer dia.”

“Você é habilidosa e inteligente,” Sr. Walters comentou, e ela riu.

Ela continuou jogando a bola em seus pés e coxas, batendo algumas vezes contra seu peito e cabeça. Ela prendeu a bola sobre seu pé esquerdo e congelou ao som da pergunta de seu pai.

“O que está errado?”

“Do que você tá falando?”

“Qual é, Regan. Eu não sou burro. Você fica feliz quando treina. Hoje, você não está feliz.”

Ela virou seu tornozelo e deixou a bola estatelar no chão.

“O que você acha sobre uma pessoa que vê algo injusto acontecendo e não faz nada para impedir isso?” ela perguntou.

“Bem, eu não acho muito dessa pessoa,” seu pai respondeu.

“E se essa pessoa tem medo?”

“Do quê?”

“Da pessoa que está fazendo as coisas injustas,” ela disse.

Seu pai apertou os olhos. “A pessoa fazendo as coisas injustas está em uma posição de poder?”

Ela pensou por um momento. “Sim.”

“Como um poder adulto?”

Ela balançou sua cabeça.

“Então talvez um adulto devesse ser trazido ao quadro,” seu pai disse.

“Isso não é como fofocar?”

“A ação injusta é uma ameaça maior para alguém mais?”

“Sim.”

“Então não, não é fofocar. É chamado fazer a coisa certa.”

Regan levantou a bola com seu pé. Manipulou a bola algumas vezes, mas seu coração não estava lá. Ela lançou a bola a sua direita onde ela rolou para fora de alcance.

“E se a pessoa tem medo de retaliação?” ela perguntou.

“Regan, o que está acontecendo?”

“Pai, isso é só hipotético. Nós estamos discutindo estas coisas em jornalismo. Você sabe, ética e tudo isso.”

Sr. Walters mordeu seus lábios. “Bem, há sempre uma chance de retaliação. Esta é a natureza de nosso mundo. Nós não podemos nos trancar longe da maldade. Isso eventualmente vai nos encontrar. O que importa é justiça. Fazer o que é certo sem importar as consequências. Porque se nós não fizermos o que é certo, como poderemos viver nossas vidas conosco mesmo? Como poderemos pedir as nossas crianças para fazer o que é certo?”

Ela assentiu.

“Eu espero que minhas filhas façam o certo todos os dias de

suas vidas,” seu pai disse suavemente.

“Essa é um pedido difícil, pai,” Regan respondeu.

“Eu sei, mas continua sendo a minha esperança. E eu posso ter esperança no que eu quiser.”

Regan sorriu. “Vamos deixar a meta em noventa por cento do tempo.”

Sr. Walters balançou sua cabeça. “Não. Eu quero ser um desses pais autoritários. Cem por cento, todo o tempo.”

“Eu falho,” ela disse irreverentemente, atirando suas mãos.

Ela caminhou para a porta de trás. Seu pai seguiu. Ele colocou sua mão sobre o ombro dela, e ela parou na entrada da porta.

“Nunca tenha medo de fazer o que é certo,” ele disse por trás dela, como se a consciência dela estivesse emergindo da parte de trás de seu cérebro.

As palavras “eu não vou” ficaram presas em sua garganta. Ela não conseguia dizê-las ainda porque ela não acredita nelas.

Mais tarde naquela noite, ela encarou o cursor piscando, dedos posicionados acima das teclas. Ela sabia o que ela queria digitar. Ela só precisava de coragem para fazer isso.

Eu sou uma covarde.

Ela observou o cursor tremular junto a palavra "covarde", enfatizando isso — tornando isso mais em seu cérebro.

Uma covarde fodida.

Ela queria ser cruel para si mesma.

E eu preciso perder peso em meus gigantescos seios. Quem tem peitos como estes? E qualquer garota tipo, “oh meu Deus, eu mataria por seus peitos” é uma maldita idiota. Elas não têm ideia da merda que eu tenho de passar para ficar pronta para uma partida. Para treinar, também! Enfaixa-los. Qual o caralho? Quem é o fodido que tem de enfaixar seus malditos peitos para poder chutar uma porra de uma bola por aí?

Oh meu Deus, eu estou tão porra nervosa. Eu odeio meu corpo. Eu odeio minha covardia. Eu sei que Brandon está mentindo para mim! Ai. Eu disse isso. Feliz? Eu sei que ele está mentindo para mim sobre Hannah, e eu estou deixando.

Eu estou o deixando mentir e se safar com isso. Por quê?

Agora a palavra "porque" estava enfatizada pelo cursor piscando. Ela fitou isso — por sobre isso — digitando a resposta.

Porque eu sou uma covarde.



Por uma semana inteira ela o evitou. E ele a evitou, também. Então era assim que iria ser. Ela pensou que o diário poderia forçar uma amizade entre eles, mas isso não fez nada a não ser aumentar a hostilidade.

Ela não conseguiu afastar as palavras dele: “*me diga seus segredos! Eu tenho o direito de saber!*” Ele não tinha o direito. Ele tinha esse direito. Se ela realmente pensasse sobre isso, o que ela fazia constantemente, ele tinha cada direito de saber seus mais particulares pensamentos. Antes de tudo, ela o violou.

O que a incomodava mais era o fato de que a vida diária na escola continuava como antes. Ela esperava por uma mudança significativa. Não houve nenhuma. Havia os mesmos rostos antigos, mesmas velhas conversas, o mesmo velho namorado imbecil que ela estava muito desesperada para largar. Ela, na verdade, se desculpou com Casey mesmo achando que ela soubesse que não disse nada errado. Ela só queria suavizar as coisas. Ela não conseguia tirar sentido de seu espírito beligerante — a lutadora com cabeça de touro e a patética pedinte de desculpas. A pedinte de desculpas continuava vencendo! Ela franzia a testa cada vez que pensava na conversa com seu pai. Ela queria ser uma pessoa melhor, uma pessoa mais forte. Ela queria fazer a coisa certa. Mas ela não estava fazendo nada, exceto melhorar seu jogo de futebol.

Ela passou pela casa abandonada, então parou. Ela não estava

pronta para ir para casa. Se virou e se dirigiu ao carvalho. Se sentou atrás dele, seguramente escondida da visão da rua, e puxou seus joelhos ao seu peito.

“Está bem,” ela disse, abraçando Casey em seu peito.

Casey chorava compulsivamente. Regan conseguia sentir a tinta preta penetrando as fibras do suéter de sua amiga para o seu, mas ela não se importou.

“Minha mãe vai me matar!” Casey gemeu.

“Isso não foi culpa sua,” Regan respondeu.

“Isso... é um suéter da coleção nova.” Casey soluçou. “Eu... eu deveria ter voltado para c-casa pelo outro caminho.”

“Você está louca?” Regan perguntou, afastando sua amiga. “Você pode andar por onde quiser!”

Casey balançou sua cabeça. “Não. Eu deveria ter descido a Sumter. Ele disse que estaria esperando.”

Regan rosnou. “Eu vou pegar ele. E ela.”

“Não, Regan! Não fala nada! Você vai piorar as coisas.”

“Não, eu não vou. Assim que eu terminar com ele, eles nunca mais vão te incomodar de novo,” Regan prometeu.

Ela levantou, ignorando as súplicas de sua melhor amiga enquanto se lançava rua abaixo. Ela sabia onde Alexia morava. Ela sabia onde Ethan morava. Lado a lado. Infortúnio duplo.

“Alexia!” ela gritou do lado de fora. “Saia daí!”

Ninguém emergiu.

“Hey, Ethan! Saia daí, ou você vai amarelar?”

Uma porta abriu.

“Cai na real,” Ethan disse, colocando sua cabeça para fora. “Eu não tenho medo de nada.”

“Bem, desça aqui e diga isso para o meu punho,” Regan respondeu, posicionando suas mãos e erguendo-as em frente a seu rosto. Ela notou Alexia em sua visão periférica.

Ethan jogou sua cabeça para trás e riu.

“Eu já falei!” Regan choramingou.

“Eu não luto com garotas,” Ethan respondeu.

“Não, você só joga tinta preta em cima delas sem nenhuma boa razão. Você é um fodido idiota!”

E aquela foi a primeira vez que ela disse a palavra com f. Doze anos. Sétima série. Um quarto para os treze na tarde de 26 de outubro.

“Vai se foder, Regan,” Ethan respondeu.

“O quê? Você está com medo? Medo de uma garota?” ela zombou.

Aquele foi o convite. Ele se deslocou para baixo dos degraus da porta de entrada e parou em frente a ela.

“Dê seu melhor tiro, garotinha,” ele desdenhou.

Convite aberto. Ela não pode recusar. Ela se dirigiu aos olhos dele. Seu punho fez contato com seu nariz ao invés. Trincado nauseante! Sangue instantâneo. Sangue por todo lugar. Ethan gemeu por sua mãe, que estava no trabalho e não em casa. Ele se balançou na direção de Alexia cuja face aterrorizada desapareceu por trás da porta da frente de sua casa. Regan gemeu com as faíscas disparando de suas articulações. Que diabos? O soco era só para machucar o outro cara, certo?

Ela explodiu em risadas enquanto lágrimas escorriam por seu rosto. Ela instintivamente esfregou as articulações de seus dedos, apagando a dor fantasma que retornava com a memória. Ohhh socar Ethan no rosto uma vez mais.

Ela teria dado qualquer coisa. Ela aceitaria qualquer coisa, inclusive a expulsão. Mas então onde aquilo iria deixar sua futura carreira como jogadora de futebol?

“Lugar nenhum,” ela admitiu em voz alta.

Ela ficou em silêncio ao som de folhas esmagadas diretamente por trás dela. Ela prendeu sua respiração, esperando que o intruso se retirasse e a deixaria em paz. Ela não estava com medo. Ela estava aborrecida com o incomodo.

“Hey,” Jeremy disse.

Ela enxugou sorrateiramente seu rosto, mas ele sabia que ela tinha estado chorando. Chorando e rindo ao mesmo tempo — um truque que só uma garota poderia apresentar.

Ela não respondeu. Ele sentou ao lado dela, sabendo que não era bem-vindo. Ele pegou a chance de qualquer jeito, esperando que ela não saísse. Ela não saiu. Ela não tinha reconhecido sua presença também.

“Eu sinto muito,” ele disse.

Ela encolheu os ombros. “Pelo que?”

“Pelo que eu falei sobre o sexo valer a pena,” ele respondeu.

Ela puxou seus joelhos a seu peito. “Aquilo aconteceu, tipo, uma semana atrás. Quem se importa?”

Aquilo era desdenhoso e passivo agressivo e tudo mais que ele sabia que estaria na resposta dela.

“Você se importa,” ele disse, enfático. “E eu também. Aquilo foi errado, e eu não deveria ter dito.”

“Eu não ligo.”

Mas ele estava certo. Ela se importava. Ela se importava muito. E nem mesmo um retorno as suas raízes de estilo poderiam cobrir o embaraço que ela sentia por ser a covarde namorada de um valentão.

“Você não tem que se importar,” Jeremy respondeu. “Mas eu queria que você soubesse que eu genuinamente sinto muito. Você está certa: eu sou o cara bom aqui. Eu deveria estar agindo como tal.”

Suas palavras só serviram de combustível para sua raiva.

“Eu não me importo com o seu maldito diário,” ela cuspiu. “Eu sei realmente porque você veio aqui. Eu não vou falar nada sobre isso.

Você ouviu? Eu não dou a mínima. Eu tenho meus próprios problemas.”

“Eu vim aqui para me desculpar,” Jeremy disse.

Regan pulou de pé. “Eu não preciso de suas desculpas! Eu não me importo com isso! Você não sabe nada sobre mim! Que tal isto: eu sou virgem, imbecil!”

Ela agarrou sua bolsa e saiu tempestuosa. Jeremy a seguiu.

“Regan, eu sinto muito,” ele disse.

“Guarde isso.”

Ele pulou na frente dela, forçando a parar.

“Por favor, me deixe passar,” ela disse.

Ela era uma bomba relógio. Ele sabia disso. De algum modo ele tinha de abater a raiva, manipular uma amizade mesmo se não fosse genuína. Ele sabia disso agora. Ele não tinha escolha. Eles tinham que ser amigos ou ela destruiria sua vida. E ele tinha que fazer um trabalho melhor com suas palavras. Ele não poderia dizer nenhuma merda ofensiva mais. *Pense, Jeremy, pense!*

“Eu sou virgem, também,” ele disse repentinamente. Saiu do nada. *Que porra?*

Ela o encarou.

“Em caso de você estar se perguntando...”

“Eu não estava.” Mas ela estava claramente lisonjeada com sua admissão. Ela levantou o queixo dela, parcialmente obscurecendo o sorriso.

Ele deu uma profunda respiração. Ele não sabia o que mais dizer.

“Porque você está apresentando mais informações sobre você para mim? Você sabe, já que está furioso por eu saber seus segredos,” Regan perguntou, ainda escondendo seu rosto.

Ele procurava por uma resposta. “Bem, que tal um a mais?”

Ela não estava esperando resposta tão desdenhosa.

“Entãooo... nós somos apenas um casal de virgens,” ela disse, chutando uma pinha.

“Evidentemente.”

“Entãooo... onde nós iremos?”

“O que você está me perguntando, Regan?” seu tom era brincalhão. Ele não sabia que tinha isso nele, e a pergunta marota ao mesmo tempo o chocou e o deliciou.

“Não! Eu não estava... isso não foi... eu não quis sugerir...!” ela se dirigiu a calçada. “Oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus...”

Jeremy apertou seu passo para acompanhar.

“Eu estava só brincando,” ele disse, rindo.

Era estranho rir. Era estranho flertar sem motivos subsequentes. Ele deveria ter estado no modo de manipulação, mas a piada era genuína.

Ela sorriu para ele. Uma pontada de nostalgia agarrou seu coração enquanto ele observava seus lábios se abrirem, revelando dentes perfeitamente retos. Ele sentia falta de seus braquetes, ou talvez era a garota por trás desses metais que seu coração cobiçava. Ele não conseguia evitar isso. Ele tinha que perguntar. Mas ela o superou.

“Eu sei o que você está pensando,” ela disse.

“Sabe?”

“Você está se perguntando por que eu mudei. Você está se perguntando porque estou namorando Brandon.”

Jeremy enfiou suas mãos nos bolsos.

“Ele não foi sempre maldoso,” Regan disse.

Sim, ele era.

“Eu quero dizer, ele pareceu mudar na nona série.”

Não, ele não mudou.

“Ele realmente mostrou um monte de interesse em mim, e... eu não sei. Isso pareceu bom.”

Ele te manipulou.

Regan suspirou. “Okay, hora da verdade. Eu estava tão cansada e cheia de ser a campeã para todos os panacas,” Regan admitiu. “Você sabe?”

Caramba, obrigado.

“Eu não disse 'imbecil' de um jeito maldoso.” Ela ondulou sua mão e adicionou desdenhosamente, “Você sabe o que eu quis dizer.”

Uh, certo.

“Era mais fácil só—” ela realmente não queria dizer a palavra. “—conformar.”

E você fez um trabalho bom pra diabos.

“Eu sei que você acha que eu sou patética,” ela disse.

Um pouco.

“Diga alguma coisa!” ela choramingou.

Ele deu de ombros. “Eu não sei o que mais você quer que eu diga. Você já leu meu diário.”

Ela não estava certa se isso era outra piada, e esperou uma pista.

“Você pode rir,” ele disse.

“Oh, ha há.” E depois os ‘has’ se transformaram em reais risadinhas. E depois aquelas risadinhas se transformaram em uma risada aberta. Por qualquer razão, parecia bom saber que ele a via como uma covarde seguidora. Minimizava a culpa.

Ele aguardou que ela se recompusesse. Ele não achou que aquilo tinha sido tão engraçado assim, mas ele imaginava que ela não estava apenas rindo de sua brincadeira. Talvez ela estivesse rindo dele — tendo lembrado alguma coisa que ele escreveu em seu diário que

soava bobo e estúpido. Ele ficou inseguro.

“É melhor eu voltar ao trabalho,” ele murmurou.

Ela engoliu em seco. “Onde você trabalha?”

“Em uma oficina.”

“Fazendo o quê?”

“Consertando carros. Estou aprendendo.”

Ela assentiu. “Isso é legal.”

Ele não disse nada.

“Em qual?”

Ele hesitou. “Roy’s Body Shop.”

“Ohhh, eu conheço esse lugar. Meu pai consertou o carro com ele,” Regan respondeu. “Isso é tipo, virando a esquina.”

“Mmhmm.”

“Talvez eu pare lá qualquer dia,” ela ofereceu.

Quando ele não respondeu, ela ficou embaraçada.

“Hum, eu trabalho em uma confeitaria. Durante o recesso escolar,” ela disse.

Ele assentiu.

“Eu principalmente decoro bolos,” ela continuou.

Ele continuou assentindo.

Ela ficou em silêncio.

Eu não sei como fazer isso, ele pensou. Eu não sei como ser amigo dela.

Ele tem zero interesse em ser amigo, ela pensou.

As palavras prenderam em sua garganta, e ele arranhou para limpá-la.

“Você pode vir quando quiser. A oficina, eu quero dizer.”

O rosto dela iluminou-se.

“Se você trazer bolo,” ele acrescentou, e forçou um sorriso.

“Eu posso fazer isso.”

“Eu... eu espero que isto signifique que você me perdoou,” ele disse suavemente.

“Perdoei,” ela disse imediatamente. “Os caras estão sempre dizendo coisas estúpidas. Eu entendo isso.”

Ele riu. “Imagino.”

“Bem, agora você não pode reclamar sobre não saber nenhum dos meus segredos,” Regan ofereceu.

“Huh?”

“Eu lancei, tipo, um dos maiores em você!” ela disse. “Oi?”

“Ohhh, certo, certo,” ele respondeu. “Mas então eu lhe dei outro, também, então você ainda é 0 por, hum, quase mil,” Jeremy explicou.

Regan mordeu seu lábio. “Hmm, eu acho que você está certo.”

O que ela poderia dividir com ele? Oh, um milhão de coisas, facilmente. O que ele iria querer ouvir agora mesmo? Ela instantaneamente soube.

Jeremy checou a hora em seu celular. “Estou atrasado. Roy vai me matar.”

Bem, então, este era o segredo perfeito para dividir.

“Eu sempre quis ser sua amiga,” Regan disse. “Aposto que você não sabia disso.”

Ele ficou atordoado, sua mente fluía com um trilhão de perguntas e nenhum tempo para respondê-las. Ela fez isso de propósito! Ele deu uma olhada na calçada em direção à oficina. E depois olhou de volta para Regan desamparado.

“Você não precisa ir trabalhar agora?” ela perguntou.

O rosto dela estava ilegível, não permitindo a ele nenhuma

percepção de sua declaração. O que diabos ela estava tentando fazer com ele? Se aquilo era uma brincadeira, então ele rotularia isso como o pior tipo de bullying — tormenta emocional que causa danos permanentes.

“Você sabe que eu tenho que ir,” ele disse lentamente, nunca tirando seus olhos do rosto dela.

“Então, eu acho melhor você ir,” ela disse tão lentamente quanto ele.

Ele saiu como um relâmpago, murmurando sob sua respiração. Ele estava cheio disso — cheio de seu joguinho. Ela sempre quis ser sua amiga? Besteira. Houve montes de oportunidades, mas ela escolheu *eles*. Mesmo agora, ela não poderia ou não iria ficar livre deles. Aquilo a fazia um deles ainda, e ele não podia ser amigo de seu inimigo. Ele sabia que era vital tentar — mesmo se ele tivesse de falsear — mas ele não queria dividir com ela. Ele não tinha que fazer isso! E, a propósito, ela ainda devia a ele. Ela devia a ele todos os seus sentimentos e uma maldita desculpa melhor. E enquanto eles estavam nisso, seu corpo, também. Sim. É isso aí. Ela não tinha problemas em tocá-lo sem permissão — tatear cutucando sua cicatriz. Talvez ele devesse cutuca-la e ver se ela gostava disso.

Deus, ele queria arrasta-la para um beco — esmaga-la contra a maldita parede — segurar uma arma em sua têmpora, então beija-la gentilmente. Eu amo você. Eu odeio você. A imagem nem mesmo o incomodava. Ele encontrava prazer na fantasia de experimentar suas lágrimas enquanto sua língua explorava a boca dela. Eu amo você. Eu odeio você. O pêndulo balançava. Amor. Ódio. Bem. Mal. Certo. Errado.

Vítima. Vigilante.

Sanidade.

Loucura.

.....

Ela estacionou o sedan de sua mãe em um espaço vazio ao lado do prédio azul-acinzentado. Ficou parada por um momento praticando

exercícios respiratórios para fortalecimento cardíaco, imaginando estar correndo um campo de cima a baixo com Jeremy a perseguindo. Palpitação no coração. E outra. Ela fixou seus olhos na desgastada placa com o nome do lugar — *Roy's Body Shop* — com pedaços vermelhos faltando de diversas letras.

Você queria ser amigos, seu cérebro a lembrava.

Ela assentiu e vislumbrou os cupcakes colocados no assento do passageiro.

E ele disse para trazer bolo.

Ela sorriu, ajeitando um cabelo que estava colado em sua bochecha. Seu suor já havia secado mais cedo, deixando tudo mais ao redor do seu rosto áspero e seco.

“Porque eu não tomei banho primeiro?” ela disse alto. “Eu estounojenta.”

Mas ela sabia por quê. Ela mal deixou o treinador Allan terminar o discurso de fim de treino para entrar em seu carro para sua missão especial — cupcakes. Essa foi a única coisa em sua mente o dia inteiro, e cada relance roubado em Jeremy servia como mini-testes de sua paciência. Pelas 6:15 ela não tinha nenhuma mais.

Ela respirou profundamente uma vez mais e saiu do carro, caminhando lentamente ao redor da esquina até a frente da oficina onde as portas estavam abertas. Quatro baias. Duas vazias. Uma estava ocupada por um velho Camaro e um garoto sem camisa — *sem camisa!* Glacê em seu dia do cupcake!

As palavras "oh meu" deslizaram mudas de seus lábios enquanto ela apertava ainda mais a caixa rosa dos cupcakes. Ela engoliu em seco com a visão, agradecendo a todos os deuses na história de cada religião na terra por atrasar a chegada do inverno. Verão continuava chiando, mesmo no final de setembro, e o calor combinado com um ar condicionado quebrado eram responsáveis por seu deleite delicioso, decadente visual.

Suas costas estavam contrárias a ela, e ela revelou seu voyeurismo. Ela notou seus ombros largos, definidos pelo que ela só

poderia imaginar como sendo um regime estrito de levantamento de peso. Ombros fortes. Costas esculpidas que desenhavam cada músculo, estreitando em uma forma em V que guiava até sua cintura. Esguio e atlético, como um jogador de basquete. Ela nunca pensou nela mesma como uma pessoa visual. Ela pensava em si mais como uma pessoa de palavras. Mas naquele momento ela teria ficado bem só em encará-lo sem uma única palavra trocada entre eles.

E como todas as heroínas de qualquer boa história de amor, ela era apaixonada por tatuagens. Ela nunca faria uma em si mesma, mas gostou da que ela viu nele. Ela envesgou os olhos para conseguir ler as palavras ocupando a parte de cima de suas costas, começando debaixo de seu ombro esquerdo e curvando para cima de seu ombro direito: *Fiant sicut paleae ante faciem venti*. Tinta negra. Sem imagens. Só palavras — escuras e grossas contra sua pele clara.

Ela silenciosamente puxou seu celular de seu bolso e digitou as palavras com uma mão em seu aplicativo "Notas". Seu dedo polegar voava pelo teclado com facilidade — uma habilidade especial que só adolescentes da geração Disney Channel possuíam.

Em minha lista de compromissos de hoje, ela pensou, se Jeremy não estivesse disposto a explicar sua tatuagem. E ele provavelmente não estaria. Antes de tudo, ele não era o compartilhador de gentilezas a menos que estivesse rabiscando sentimentos em um caderno.

“O que você está fazendo?”

Seu rosto se voltou para cima enquanto o celular caía no chão. Ele quicou uma vez e caiu aberto, com a bateria indo parar ao lado de seus pés.

“Oh, merda!” Regan gritou, se abaixando para pegar todas as três peças — frente, bateria, capa traseira.

“Você estava tirando fotos de mim?” Jeremy perguntou.

“Você está louco?” Regan respondeu.

Ele corou e apertou sua mandíbula.

Ela se aproximou dele e empurrou a caixa rosa nas mãos dele, atirando um furtivo relance em seu peito nu. “Aqui. Tome seus

cupcakes,” ela rosnou, arrumando seu celular. E depois resmungou, “Se eu perder todas as minhas malditas fotos...”

“Você *tirou* uma foto minha!” Jeremy choramingou. “Que diabos?”

Regan levantou sua mão, pedindo silêncio. Ele anuiu. Ela ligou seu celular e abriu sua galeria de fotos. Cada foto relatada. E depois ela relaxou, o olhando nos olhos.

“Eu não tirei foto nenhuma de você, seu idiota convencido,” ela disse. “Eu estava digitando algo.”

“O que você estava digitando?” ele perguntou.

“Nada que seja da sua conta.”

“Isso tem alguma coisa a ver comigo?”

Ela se remexeu em seus pés e murmurou, “Bem, talvez.”

“Então isso é da minha conta.”

“Você vai achar que eu sou estranha,” ela confessou.

“Eu já acho que você é estranha. O mero fato de que você está falando comigo aqui e agora é estranho pra caramba. Então vamos a isso.”

Ela hesitou.

“Eu vou tomar seu celular,” Jeremy ameaçou.

“Ok! Eu digitei sua tatuagem no meu celular para poder dar uma olhada depois.”

Silêncio.

Ela não olharia nele diretamente. Ela deixou sua visão periférica fazer todo o trabalho enquanto o observava caminhar deliberadamente para o balcão, jogar os cupcakes, e pegar uma camiseta. Ele a passou por sua cabeça louca, desceu por seus olhos verdes até seu pescoço corado. Não, não corado. Estava gritantemente vermelho.

Seu próprio pescoço assim como suas bochechas estavam gritantemente vermelhos, também, e ela não poderia sustentar isso por mais tempo. “Eu entendo se você não me falar, okay?”

“Sobre minha tatuagem?”

“Eu achei que seria esquisito perguntar.”

“E digitar isso no seu celular não é?”

Ela franziu o cenho. “Eu não queria que você pensasse que estava encarando ou algo do tipo.”

“Você estava?”

“Oh meu Deus. Você está mesmo me perguntando isso?”

Jeremy sacudiu seu rosto, forçando o cabelo a sair de seus olhos. “Sim. Quero dizer, como eu poderia saber o que você estava fazendo lá atrás? Quanto tempo você ficou ali, de qualquer maneira?”

“Dois segundos,” Regan mentiu.

Ele ergueu as sobrancelhas.

“Para de se achar,” ela disse, e ele bufou. “E eu não gostei do jeito que você só jogou meus cupcakes no balcão como se eles não importassem. Foi você quem me disse para trazê-los.”

“Me desculpe,” ele respondeu. “E obrigado.”

“Além disso, eu não sou uma estranha por digitar sua tatuagem. Eu sou uma pessoa curiosa, e vendo como é uma língua diferente, eu gostaria de saber o que significa... e pensei em descobrir isso por mim mesma.”

Jeremy sorriu. “Okay. Esquisito, mas okay.”

“E uma coisa a mais,” Regan continuou, o ignorando. “Você tem um monte de atitudes fazendo eu me sentir mal-vinda quando você disse que eu poderia aparecer sempre que quisesse.”

“Eu não achei de verdade que você viria,” Jeremy admitiu.

“Bem, isto vem para mostrar que você não sabe absolutamente nada sobre mim,” Regan disse.

“E você sabe tudo sobre mim,” Jeremy respondeu, “incluindo minha tatuagem! Deus, esta era a última coisa, Regan. A última coisa que você não sabia.” Ele jogou suas mãos para cima. “Bem, isto é tudo.

Parabéns. Você é a vencedora.”

Regan abriu sua boca e prontamente a fechou.

Eles ficaram remexendo os pés e evitando os olhos um do outro até que Regan falou.

“Eu não queria incomodar você,” ela sussurrou. “Eu já estou indo.”

Cara, ela era boa. A voz titubeante. O patético desfalecimento. Ele mal ouviu a palavra "indo" no fim da sentença. Que irritante — a capacidade dela de ser estratégica e manipulativa com suas palavras. Aquilo era uma coisa de garotas? Era natural delas? Ele não achava que os caras lançassem aquele tipo de besteira, então sim, aquilo devia ser uma coisa de garotas. E ela era boa pra caralho nisso! Ela forçou sua não desejada resposta.

“Não vá.” Ele se ouviu dizer, como se ele estivesse parado do lado de fora de seu corpo, assistindo a um fraco, uma versão cheia de hormônios dele mesmo liberar as débeis palavras. Não havia nada disso. Ela o controlava.

O rosto de Regan iluminou-se. “Sério?”

Jeremy assentiu. Ele voltou para o balcão e abriu a caixa: dois cupcakes de veludo vermelho com uma cobertura espessa de cream cheese no topo de cada um.

“Eu não sabia de qual você gostava,” Regan disse, observando seu rosto. “Vê? Eu não sei tudo.”

Jeremy sorriu e pegou um dos cupcakes. Ele estendeu sua mão, e Regan se aproximou dele, aceitando o doce. Ela não necessariamente queria comer um cupcake na frente dele. Comer cupcake era uma bagunça e absolutamente não era sexy, mas ela relaxou quando o viu dar uma saudável mordida, o cream cheese espalhado sobre seus lábios e cobrindo a ponta de seu nariz.

“Bom,” ele murmurou com sua boca cheia.

Regan tentou imitar sua mordida. Cobertura por todo lado, mas já que isso também decorava o rosto dele, ela não se importou.

Eles comeram metade de seus cupcakes em silêncio. Ela apertou suas coxas quando a língua de Jeremy apontou para fora para limpar a cobertura de seu piercing nos lábios. O metal brilhou com sua saliva, eletrificando as partes secretas do corpo dela. Ela atormentava seu cérebro por uma distração.

“Você trabalha muito?”

Ele concordou.

“Você gosta disso?”

“A maioria das vezes.”

Ele terminou o cupcake e lambeu seus dedos. Ainda tinha cobertura na ponta de seu nariz.

Regan riu.

“O quê?”

Ela apontou.

Ele levou sua larga e calosa mão até seu rosto, sentindo aquilo que só poderia presumir como sendo cobertura. Encontrado isso, esfregou seu nariz com seu dedo. Apontou para ela em seguida.

“Você tem cobertura em todo lugar,” ele disse.

“Eu sei,” ela respondeu. “Me fala sobre sua tatuagem.”

“Não.”

Ela riu. “Entendido.”

Ele jogou no lixo a caixa dos cupcakes e caminhou de volta para o Camaro.

“Isso é, tipo, meu lema, ou qualquer coisa,” ele disse suavemente.

“Então porque você não vai me dizer?” Regan perguntou. “Normalmente as pessoas tem orgulho de seus lemas.”

“Isso é... complicado.”

“E eu sou uma pessoa inteligente,” Regan respondeu.

Jeremy se curvou sobre o motor, desejando não olhar para ela. Não desejando acrescentar mais a uma decisão que ele tomou um ano atrás que selava seu plano. Ele sabia que seria para sempre um covarde se não marcasse a si mesmo com as palavras. A tatuagem o forçou na fase seguinte e final — deu a ele coragem para lutar. Não havia como voltar atrás agora. Decisão tomada. As palavras tatuadas eram uma prece de libertação.

“Isso é um verso do velho testamento,” ele disse finalmente. Talvez aquilo fosse o suficiente.

“Sobre?”

Okay. Talvez não.

Ele pensou por um momento. “Misericórdia.”

Mentira. Pra. Caralho. Nada no velho testamento era sobre misericórdia. Buscar vingança e justiça ao invés. Sorte para ele que ela não tinha a mínima ideia.

“Oh,” foi sua resposta. Do tipo, “oh, eu não entendi coisa nenhuma do que você falou.”

Ele estava satisfeito.

“Você vai, ao menos, me dizer em que língua isso foi escrito?”

“Latim.”

Ela pensou. “Porque latim? Quero dizer, o velho testamento não é em Hebreu?”

“Eu prefiro latim.”

“Por quê?”

Ele suspirou pacientemente. “Eu gosto do jeito que soa, é melhor.”

“Oh.” E de novo — era aquele eu-não-entendo-o-que-você-diz “oh.”

“Você terminou seu trabalho de Inglês?” ela perguntou, e ele pulou.

Ela estava ao lado dele, observando seus dedos sujos de graxa se movendo sobre o motor, puxando fios e ajustando parafusos. Como ele não a ouviu parar ao lado dele?

“Não,” ele respondeu, e olhou para ela.

“Eu escolhi a segunda pergunta do trabalho. Aquela sobre definir sátira,” ela prosseguiu.

Ele notou que ela tinha finalmente limpado seu rosto, mas ainda restava uma fina linha de cobertura em sua bochecha, ele estava tentado a tirar isso. Ele deu um relance em suas mãos imundas. Talvez não.

“Eu estou fazendo esse também,” ele disse, pensando que ele não tinha se incomodado em ler as opções de perguntas ainda.

“Legal. Talvez não possamos comparar anotações,” Regan ofertou.

“Talvez.”

E aquela foi sua deixa para sair. Seu rosto ficou quente de vergonha com sua evidente rejeição. Ele não queria comparar anotações com ela. Merda. Ele provavelmente não a queria em sua oficina em primeiro lugar. O que ela estava pensando vindo aqui? Este era seu espaço particular — seu lugar longe da escola e de todos os imbecis de lá. Ela provavelmente ficava como um irritante lembrete de todas as coisas que ele odiava.

“É melhor eu ir,” ela disse rapidamente. “Eu tenho toneladas de trabalho de casa.”

Ele não conseguiu entender sua abrupta mudança de atitude. Eles não estavam tendo uma boa conversa? Ele disse ou fez algo errado? Aquilo não o surpreenderia. Ela o deixava nervoso, e ele não tinha certeza se não tinha acidentalmente soltado gases em frente a ela. Oh Deus, ele peidou na frente de Regan Walters e não percebeu isso?

“Jeremy?”

Ele pendeu sua cabeça para o lado, olhando-a parada na porta

de entrada da oficina.

“Eu disse tchau, tipo, dez vezes,” ela disse.

“Oh,” ele respondeu. “Desculpa. Eu estava só pensando.”

“Hum, okaaaay.”

“Eu estava me perguntando por que você quer ir embora,” ele explicou. Ele levantou a frente de sua camiseta em seu nariz.

“Eu estou cheirando alguma coisa errada?”

Ela continuou balançando sua cabeça.

“Eu vou aceitar sua oferta. Comparar nossos trabalhos? Se você tiver tempo, de qualquer forma. Eu sei que é para o fim da semana.”

Uau. Aquilo foi um total mal entendido. Ela relaxou.

“Okay,” ela respondeu. “Que tal amanhã?”

Ele concordou.

“Aqui?”

Ele concordou de novo.

Seu coração continuava a bater alto e dolorosamente dentro de seu peito muito depois de ela ter ido. A fantasia de beija-la correu em seu cérebro uma vez mais, mas dessa vez, ele não estava segurando uma arma em sua cabeça.

• • • • •

Fiant sicut paleae ante faciem venti.

Regan digitou a tradução em inglês no Google: *Let them be like chaff before the wind*. Uma lista de sites bíblicos apareceu, e ela aleatoriamente escolheu o quarto. Ela leu para si mesma. Era um verso do livro de salmos: “Que eles sejam como a palha ao vento, quando o anjo do SENHOR os expulsar.” ⁵ Ela não tinha ideia do que aquilo significava, e não havia uma explicação acompanhando o verso.

⁵ Salmos 35.5 na linguagem da Nova Versão Internacional – NVI.

Ela começou pelo início.

O que é palha na Bíblia? Ela digitou na barra de buscas. Ela descobriu que era o invólucro exterior das sementes dos grãos — inútil para o consumo humano. Um desperdício material.

Bem, isso faz sentido, ela pensou. “Eles” deve se referir aos atormentadores de Jeremy, e ele os via como palha. Inúteis. Um desperdício. Desperdício de espaço. Desperdício de ar. Ela teria concordado se não acreditasse que cada pessoa tem ao menos uma qualidade para redimi-lo.

Ela releu o verso. Quem está falando? Quem está triste? Quem quer vingança, e por quê? Ela pensou que essas perguntas iriam ajuda-la a melhor entender Jeremy, então ela especificou sua busca: *sobre o que é “que eles sejam como a palha ao vento”*? Não é a melhor frase de pesquisa, mas trouxe a ela mais informação.

Ela descobriu que os salmos eram divididos em categorias baseadas em preces de agradecimentos, canções de amor, e petições. Alguns pesquisadores da Bíblia acreditavam que os salmos de "petições" pedindo retribuição foram escritos pelo Rei Davi depois que ele fugiu de Jerusalém devido a traição de seu terceiro filho, Absalom. A tatuagem de Jeremy era definitivamente uma petição, então ela pesquisou Davi.

Porque Rei David fugiu de Jerusalém? Resposta: Absalom decidiu se declarar rei sobre David. Por quê? Porque ele estava irritado. Por quê? Porque sua irmã foi estuprada, e Davi não fez nada sobre isso. Amargura. Ressentimento. As coisas que alimentavam o ódio. E vingança.

“Whoa,” Regan disse, encostando-se ao apoio da cadeira. “Esta coisa é pesada.”

Ela sobrepôs sua ideia muito básica e limitada de Davi em Jeremy. Os dois não combinavam.

Jeremy não era o cara mal aqui. Ele não irritou seus provocadores no passado. Ele não convidou o abuso. Ela acreditava que Absalom teve uma legítima razão para se rebelar contra seu pai, então seu pai clamar por vingança não fazia sentido para ela.

Ela suspirou de frustração e debateu a história de Davi totalmente. Não fazia sentido o porquê Jeremy decidiu se tatuar com aquele verso. Não, ela decidiu que Davi não era o autor do Salmo 35 antes de tudo. Tão simplesmente — como se ela tivesse estado estudando teologia por décadas quando na verdade ela nunca tinha segurado uma Bíblia em suas mãos.

Salmo 35, ela digitou no Google. Leu a passagem inteira. E depois de novo. E de novo. Elas eram palavras de um homem quebrado. Um homem chorando por misericórdia. Um homem implorando a Deus por ajuda. Um homem que não poderia lutar contra seus inimigos sozinho. Um homem buscando justiça de uma divindade honrada — alguém que poderia fazer o que ele não poderia: aniquilar os maus.

Ela chorou. Ela pensou no garoto que suportou anos de abuso dos garotos que não tinham nada melhor para fazer — garotos que se safavam disso toda vez. Ela pensou em sua única tentativa de ajudá-lo. Parecia patética e pequena agora. Ela deveria ter feito mais. Ela não podia fazer isso no nível de Deus, mas ela poderia ter feito alguma coisa. Ela pensou que talvez Deus usasse as pessoas para ajudar outras, e ele queria que ela ajudasse Jeremy. Ela não obedeceu, e ela foi a causa da continuação da aflição dele. Seus anos de solidão. Seu coração quebrado.

E então ela entendeu. Não importava quem escreveu o salmo. Aquele não era o ponto. O ponto era ilustrar destruição e uma prece por justiça — aquela virtude perseguida pelas pessoas honradas. Equilíbrio, com a balança inclinada ligeiramente a favor da bondade.

Ela pensou em Jeremy no estúdio de tatuagem, cabeça inclinada em reverência enquanto as palavras eram gravadas em suas costas. Suas preces por libertação: “Que eles sejam como a palha ao vento.” *Puna-os. Faça-os pagar. Proteja-me. Vingue-me.* Ela pensou em suas palavras mais cedo hoje: “Isso é, tipo, meu lema, ou seja lá o que for.”

As lágrimas congelaram a meio caminho de suas bochechas. Ela encarou o verso, seu cérebro gritando para ela fazer a conexão que tinha, até agora, escapado. E então o calafrio revolveu em sua espinha

como uma cobra de gelo. A revelação surgiu em um flash — algo que ela ignorou no começo. Sua tatuagem era uma parte do verso. *Parte*. A segunda metade sugeria que alguém mais iria fornecer a justiça. Mas aquilo foi deixado de lado. De propósito. Porque Jeremy não tinha intenção de esperar pelo anjo do Senhor fornecer por ele.



Eu atirei uma 9mm com nove anos. Meu pai me ensinou porque ele queria que eu entendesse e respeitasse o poder das armas com uma idade precoce. Ele me levava quase toda semana. Isso era um intervalo em nosso relacionamento tenso. Quando nós íamos ao campi de tiro, nós éramos como amigos. Bem, quase.

Ele me fazia carregar as balas. Você sabe quão difícil é carregar um cartucho? Você tem de pressionar para baixo e para dentro com cada bala. Quanto mais você carrega, mais duro fica, fazendo cada bala ficar mais resistente a deslizar. Imagina fazer isso com nove anos.

Ele me ensinou como deslizar o cartucho com a arma empunhada — estale com a palma para segurá-lo no lugar. Demorou diversas tentativas para puxar para trás o slide para engatilhar a primeira bala. Eu ainda não era forte o bastante. Mas meu pai esperou pacientemente. Se eu quisesse atirar aquela arma, eu tinha de prepará-la.

Eu acho que foi na minha décima tentativa que o slide finalmente clicou no lugar, sinalizando uma arma carregada.

“Travada e carregada,” meu pai disse.

“Travada e carregada,” eu ecoei, olhos arregalados com a perspectiva de disparar uma arma.

Ele me colocou em posição em frente ao alvo pendurado e me mostrou como erguer meus braços, mão esquerda apoiando minha direita para maior estabilidade e controle.

“Você está muito inflexível,” ele disse. “Relaxe seus cotovelos. Não copie o que você vê na TV. Aquela merda não é real. Isto é.”

Inclinei meus cotovelos. Parecia estranho. Não era como os policiais na TV faziam. Seus braços prendiam direto como flechas.

“Eu não posso te preparar para o que você está para sentir,” meu pai falou. “Se alguma coisa acertar seu rosto, não surte.”

“O quê?” choraminguei.

“Não vai ser a bala,” ele disse com paciência. “A menos que você

vire a arma do lado errado.”

Ele riu. Eu também, mesmo que eu pensasse que era uma péssima piada.

“Alinha para cima. Vê aquelas marcas no topo da arma? Aquele é seu centro. Centraliza isso. Você vai no peito. Desça o nariz um pouco. Você está mirando muito alto.”

Eu ouvia e ajustava de acordo até que ele estivesse satisfeito.

“Você está pronto?” ele perguntou.

Eu assenti.

“Um tiro,” ele disse. “Só um.”

Minhas mãos suadas prenderam o escorregadio metal negro. Meu dedo moveu uma fração para o gatilho. Dobrou-se sobre o gancho. Puxou para trás. Resistência. Mais pressão. Liberada.

Alarmante explosão.

Pai estava certo. Ele não podia me preparar. A força do impulso contrário me assustou até os ossos. Minha adrenalina chutou o teto. O tremor começou instantaneamente depois que a bala estourou. Eu não conseguia parar isso. Eu coloquei a arma no balcão e fechei minhas mãos, mas eu não conseguia controlar os tremores.

“Isto é normal,” meu pai disse. “É sua primeira vez. Você se acostuma ao poder e depois para de reagir desse jeito.”

Ele bateu seu polegar em minha testa. Eu nem mesmo notei que o cartucho tinha acertado minha cabeça, aparentemente deixando resíduos negros em sua passagem.

“Isto não é como nos filmes,” eu disse, prendendo os dentes. Pare de tremer já! Pai riu.

“Eu nunca vi os atores ser acertados com os cartuchos. É normal?”

Pai concordou. “Se você atirar uma arma com balas de verdade, sim. Você vai ser acertado na cabeça pelos cartuchos na ocasião.” Ele percebeu meus tremores. “Calma. Dê uma respiração profunda.”

Eu obedeci.

“Você sabia antes que isso não era um brinquedo,” pai disse.

Pisquei, confuso.

“Mas agora você realmente entendeu isso.”

Ohhh, entendi isso. Concordei solenemente.

“Aquela coisa na mesa deve ser usada só para o bem. Você entendeu?” ele perguntou.

Eu concordei.

“Não deixe ninguém te fazer sentir envergonha por possuir e manejar armas. Você vai ser aquela pessoa para quem eles correm quando estão em perigo. Você entende?”

Eu não entendi nada disso, mas concordei de qualquer forma.

“Você luta por essa coisa na mesa. Sempre. Porque as pessoas sempre vão tentar tirar isso de você. Você entende?”

Eu continuei a concordar.

Pai riu. “Você quer tentar de novo?”

Agora aquilo eu entendi. Eu concordei com entusiasmo e segurei a arma mais uma vez.



Ele sabia que tinha um problema. Ele deitou na cama naquela noite fantasiando sobre seu próximo encontro com Regan. Amanhã! Iria acontecer amanhã naquele engordurado espaço escadas abaixo: um trabalho de Inglês, uma garota bonita e... *alegria*.

“Alegria,” ele disse em voz alta, encarando a escuridão de seu teto.

Ele não pensou que já tinha pronunciado a palavra, muito menos experimentado isso. Perfeita e completa felicidade. A palavra parecia estranha em sua boca quando ele a disse de novo — como se ele estivesse aprendendo pela primeira vez — soando como uma palavra estrangeira em sua língua. Degustando e esperando que isso preenchesse seu coração até a borda. Ele pensou que iria resplandecer — vertentes de luz atirando das pontas de seus dedos e dedos dos pés, olhos e orelhas. Ele imaginou que é como parece a alegria dentro de seu corpo — calor brilhante.

Calor impossível de conter. Um tipo de radiante êxtase. Possivelmente maníaco.

E era lá que o problema estava.

Ele não deveria estar pensando sobre uma garota ou um sentimento feliz. Ele devia estar planejando seu próximo movimento. Ele deveria estar praticando no estande de tiro. Ele deveria estar cultivando os sentimentos de ódio e vingança — aqueles que ele temia que estivessem recuando para dentro daquele espaço do coração. O lugar onde ficavam todas as memórias e emoções que não importavam mais.

“Se contenha,” ele rosnou, segurando seus lençóis.

Mas seu cérebro desobedeceu, e com cada imagem forçada de Brandon, vinha Regan tomando seu caminho na frente dele. Bloqueando sua visão. Tornando Brandon algo sem importância. Tornando retribuição algo sem importância. A raiva diminuiu

lentamente, distanciando e distanciando até que ele sucumbiu ao seu destino temporário.

Só por esta noite, ele disse a si mesmo.

Ele fechou seus olhos e mergulhou no sonho. Regan lançou a ele a bola de futebol.

“Eu não sei jogar.” Ele não tinha certeza se disse isso em voz alta ou em seu sonho.

“Eu vou te ensinar,” ela respondeu.

“Você vai me aniquilar.”

Ela riu. “Mais provável, mas não é o que você quer?”

• • • • •

Eu deveria falar com um adulto.

Regan entrou na escola pelo corredor da secretaria. Missão familiar. Um novo medo. Ele mentiu para ela! Ele a faz acreditar que escreveu um monte de coisas loucas em um caderno vermelho para ajuda-lo a controlar sua dor. Mentiras. Sua costa o traiu. Sua costa disse a verdade: palavras estratégicas para combinar com um plano igualmente estratégico. Ela pensou de novo naquele plano e em todos os seus detalhes finamente sintonizados, listado um a um. Cuidadoso. Calculado. Prova incontestável de sua verdadeira natureza. Ela ignorou isso porque ela queria. Ela queria acreditar em sua inocência.

Seus olhos se lançavam por tudo ao redor, rezando pela ausência dele. Se ela visse seu rosto, ela poderia recuar.

Não por medo. Por amor, e era aquilo o que a ameaçava mais — que ela amava um monstro.

“Você prometeu uma rápida resenha antes de nosso teste hoje,” Regan ouviu por trás dela. Ela se virou.

Casey estava parada com seus braços cruzados apertados sobre seu peito.

“Eu estou aqui por quase uma hora procurando por você.” Não uma acusação. Havia um vacilo em sua voz ao invés disso, e Regan notou o leve tremor em seu lábio inferior.

“Eu sinto muito,” Regan disse.

“Eu... eu esperei por Ethan ontem por uma hora. Ele devia me buscar,” Casey prosseguiu. “Ele esqueceu.”

“Casey...”

“Eu me sinto sem importância para as pessoas em minha vida que deviam sentir que eu sou importante para elas,” ela chorou suavemente.

Era tão diferente Casey mostrar aquele tipo de emoção. Ela não chorava frequentemente. Tudo aquilo parou depois de seus pais se divorciarem.

“Você é importante para mim,” Regan respondeu. “Eu só estava completamente perdida no espaço com a resenha. Nós temos tempo, apesar disso. Qual é. Vamos em uma sala de estudo no centro de mídia.”

“Não.”

“Mas nós temos tempo,” Regan arguiu.

“Não.”

Regan suspirou e deu um relance para as portas da secretária. A imagem de grandes marcas apareceram como se por mágica, escritas em vermelho, uma em cada porta. Ela fechou seus olhos bem apertados e depois os abriu novamente. As marcas desapareceram. A pergunta permaneceu: *you are sure?*

Bobagens. Tão pouco atraente. O claro sinal de um indivíduo fraco. Sem absolutos. Sem código moral. Sem direção. Nada pelo que viver, para a que viver. Ela se revoltou consigo mesma.

“O que você quer que eu faça, Casey?” estalou. Acidente total.

“SE IMPORTE COMIGO!”

Regan deu um pulo. Diversos alunos pararam e observaram.

Uma briga de arrastar e derrubar não seria um jeito ruim de apimentar uma manhã de quarta-feira sem graça. Eles se juntaram ao redor só para o caso da discussão acalorar. Antes de tudo, uma briga de garotas? Quem deixava passar?

“Eu me importo com você,” Regan sussurrou. Ela lançou olhares mal educados para os alunos congelados, mas eles não se mexeram.

“Você não age como se importasse,” Casey respondeu. “Não ultimamente. Você age como se fosse só por consideração.”

“Nunca foi só por consideração para mim.”

“Sério?”

“Honestamente. Eu esqueci sobre o estudo. Eu não queria machucar seus sentimentos.”

“Minhas notas são importantes para mim,” Casey gritou.

“Eu sei.”

“Você não tem de se importar com isso, mas você deveria se importar mais sobre desperdiçar o meu tempo!”

“Casey, eu não quis desperdiçar seu tempo.”

“Isso é tão ofensivo e rude e inaceitável!”

“Eu entendo que...”

“Eu nunca desperdiçaria seu tempo! Eu nunca te negligenciaria!”

“Casey...”

“Você é uma amiga de bosta nesse instante, Regan!”

Regan se eriçou. “Como é?”

“Você me ouviu.”

“Eu cometi um erro,” Regan disse suavemente.

“Não. Nós não estamos só falando sobre um erro aqui,” Casey respondeu. “Você evita minha ligações. Você age como se fosse uma porra de inconveniente falar comigo. Nós NUNCA mais saímos! Onde você esteve? Onde você vai? Você tem alguns outros melhores amigos

de quem eu não sei?”

“Eu não tenho nenhum outro melhor amigo,” Regan disse. *Um é o bastante.*

“Então onde você esteve? O que tá acontecendo com você? Porque eu sinto que você não quer ser minha amiga mais?” Casey exigiu.

Regan varreu o corredor com seus olhos. “Podemos falar sobre isso em particular?”

“Eu não ligo para quem ouvir.”

“Eu ligo. Isso não é da conta deles,” Regan respondeu.

“Você deveria ter pensado nisso quando me deixou plantada esta manhã. Talvez eles precisem saber o que esperar de você.”

“Eu nem mesmo sei o que isso significa. Eu nem conheço essas pessoas.” Regan passou os olhos pelos intrójetos. “Vão embora! Nós não vamos, tipo, avançar uma na outra. Desculpe desapontar.”

Uns poucos resmungos, mas os alunos dispersaram assim que descobriram que não haveria uma briga de gatas.

Regan exalou lentamente e virou para Casey. “Eu amo você. Você é minha melhor amiga. Eu sei que eu tenho estado no espaço e estranha ultimamente, e eu sinto muito. Eu não estou tentando evitar você. Eu só estou passando por algumas coisas nesse momento que eu não posso falar a respeito.”

Casey recuou para trás, machucada. “Nós dividimos tudo,” ela sussurrou.

“Eu sei,” Regan respondeu. Ela desejava não ter acrescentado aquela última parte.

Silêncio.

Regan deu um olhar para as portas da secretaria mais uma vez, tentando reagrupar sua determinação de mais cedo. Ela não conseguiu.

“Uma vez que você começar a guardar as coisas de mim, tudo

muda,” Casey disse.

Regan procurou por uma mentira para sossegar sua amiga.

“Eu estou tendo alguns problemas com meu corpo. Eu nunca falei sobre isso com ninguém.”

As palavras a chocaram porque elas eram verdadeiras.

“Huh?”

“Estou insegura com meus peitos.”

“Você está falando sério?” Casey perguntou. “É por isso que você tem agido toda estranha? É por isso que você tem me evitado?”

Regan nunca disse a nenhuma alma viva que ela enrolava seus seios para jogar futebol, e ela realmente odiou ter de revelar isso para Casey só para amansá-la. Porque ela não conseguiu pensar em uma mentira? Ela deveria ter dito a sua amiga uma mentira!

“Eu os enfaixo,” ela sussurrou. “Para o futebol. Eu tenho que fazer. Eles ficam no caminho. Eu os odeio. Sempre odiei. Eu sou insegura sobre eles o tempo todo. Você acha isso estúpido, não acha? Que eu deveria estar feliz por ter estas coisas.”

Casey balançou sua cabeça. “Eu não acho que isso soa estúpido. Eu estou um pouco confusa, apesar. Como você enfaixa seus peitos?”

Regan suspirou. “Eu enrolo eles muito bem apertado com uma faixa corporal. Como uma bandagem de compressão.”

“Oh meu Deus,” Casey sussurrou. “Regan, isso não pode ser bom para seus peitos.”

“O que você quer dizer?”

“Esmagá-los desse jeito.”

“Bem, o que mais eu deveria fazer?” Regan bufou.

A conversa toda era absurda. Ela deveria estar na secretaria nesse momento conversando com o diretor! Porque Jeremy se tornou repentinamente sem importância? Porque ela sabia que todos estavam seguros até abril? Aquilo compensava seu tempo para ter uma ridícula

discussão com sua amiga sobre peitos? *Coloque suas prioridades em ordem, Regan, pelo amor de Deus.*

“Eu não sei,” Casey respondeu.

“Eu não falo sobre isso com ninguém porque isso é embaraçoso. Já é o suficiente eu ter de ouvir isso de minha mãe o tempo todo: ‘de onde você pegou essas tetas, Regan?’”

A boca de Casey caiu aberta.

“Sim,” Regan disse em resposta à pergunta não dita de sua amiga.

“Oh meu Deus.”

Regan assentiu.

“Isso obviamente te irrita, e eu peguei isso,” Casey começou, “mas eu mataria por seus peitos, Regan.”

“Não se eles ficassem no caminho de alguma coisa que você realmente amasse, você não iria.” Regan respondeu.

“Hmmm. Mas você faz tudo aquilo correndo por aí,” Casey pensou alto. “Tipo, nós estamos falando de toneladas de calorias queimadas.”

Regan riu. “Eu sei, certo? Eu não deveria ter nada aqui em cima.”

Casey enrugou suas sobrancelhas, e então seu rosto iluminou. “Eu li um artigo na *Seventeen* ou algo do tipo que garotas que tem grandes seios produzem mais progesterona que estrógeno em seus corpos.”

Regan piscou. “E o que eu deveria fazer com isso?”

Casey riu. “Eu não sei. Você pode fazer algo para tirar tudo?”

Regan gargalhou. “Eu não sei. Mas obrigada por me deixar saber que meus hormônios estão todos malucos.”

Casey mordeu seus lábios enquanto pensava. “Eu não acho que é isso que o artigo estava dizendo.”

Regan grunhiu.

“Você vai aumentar os seus. Isso vai ser incrível. Só dê a si mesmo, tipo, cinco anos a mais.”

O olhar esperançoso de Casey ativou o botão, e Regan não conseguiu conter sua reação. Ela explodiu em risadinhas.

“Onde você vai estar em cinco anos?” ela cacarejou. “Tão aleatório.”

Casey riu, também. “Eu não sei. Isso parece bom.”

As garotas riram enquanto caminhavam juntas para seus armários.

“Eu realmente sinto muito,” Regan disse finalmente, assistindo Casey esvaziar sua mochila.

“Eu sei que você sente.”

“Me perdoa?”

“Regan, eu não consigo ficar brava com você nem se eu tentar,” Casey respondeu. “Mas você não pode ficar se enrolando em seus problemas.” Ela pausou com um risinho, esperando pela reação de Regan.

Regan sorriu. “Você sempre foi a esperta.”

Casey gargalhou. “Qual é, você sabe que foi boa.”

“Eu não estou negando isso. Agora pare de tirar sarro de mim,” Regan disse.

Casey passou seu braço sobre o ombro de Regan. “Oh Regan, você sabe que eu amo você e seus grandes peitos. Nós vamos trabalhar isso. De alguma maneira.”

Ela caminhavam, braços envolvidos ao redor uma da outra, para a primeira aula. Ela estava quase a salvo, tendo evitado Jeremy a manhã toda. Ela iria a secretaria na hora do almoço. Foi isso que ela decidiu. Adicionado, as horas da manhã iriam dar a ela seu tempo para pensar nas palavras certas a dizer — talvez até mesmo algo em defesa dele. Apesar de ela saber que o plano dele era errado, ela ainda se sentia mal por ele. Ela ainda entendia em algum nível porque ele

acreditava que era a coisa certa a fazer.

O rosto dele apareceu como um flash, e a memória de suas costas nuas junto com isso. Lá estavam elas: as palavras. O lema. Algo para se viver. Para viver. *Que eles sejam como a palha ao vento.*

Ela praguejou sua sorte doente. Ela estava quase segura dentro da sala de aula! Mas ela não conseguiu escapar das palavras agora. Ou dele. Seus olhos se encontraram. Os dela eram do tamanho de pires. Denunciadores. Os olhos dele se estreitaram. Ele sabia que ela tinha mudado de opinião.

Você me traiu, os olhos deles lampejaram.

Mas você me traiu primeiro! Os olhos dela atiraram de volta.

A mensagem era alta e clara. Em um instante, ele desapareceu.

• • • • •

Ele sabia que ela era uma garota brilhante, mas arriscou suas chances mesmo assim. Antes de tudo, quanto ela realmente colocaria em descobrir sobre sua tatuagem? Porque infernos ela iria gastar seu tempo com isso tudo? Ele sabia que ela foi para casa naquela noite e pesquisou. Ela disse a ele que iria. Foi por isso que ele não se incomodou em explicar para ela na oficina. Agora ele desejava que tivesse. Ela descobriu muito.

Ela entendeu coisas que não deveria. E aquilo o empurrou para o limbo tudo de novo. Também aquela garota tinha de confiar nele por bem ou ele teria que cuidar dela. Ele tremeu, pensando sobre como “cuidar dela.”

Ele aguardou ao lado da propriedade abandonada — aquela por onde ele sabia que ela passaria em sua volta para casa após o treino naquela tarde. Ele se inclinou contra a cerca de ferro enferrujado depois se impulsionou para cima. Ele se inclinou para trás sobre seus calcanhares de novo, deixando a cerca curvar e balançar seu corpo, se perguntando se isso iria aguentá-lo ou despencar completamente sob seu peso. Não despencou. Ele se impulsionou para uma posição ereta uma vez mais, e depois de inclinou para trás de novo até que

encontrou um adequado embalo rítmico.

O tempo passou lentamente, e ele observava a esquina da rua pela chegada dela. Ele não considerou que ela poderia ter ido de carro para a escola hoje. Aquilo iria arruinar tudo. Ele tinha de falar com ela antes que ela dissesse a mais alguém. Essa manhã foi por pouco — muito pouco — e ele sabia que eventualmente ela daria com a língua nos dentes. Ele não iria considerar a ideia de que ela já tivesse.

Ela virou a esquina e congelou quando o viu. Ele a observou dar alguns poucos passos antes de hesitar, olhando de lado a lado em busca de algo. Alguém. Ele não sabia, mas ficou instantaneamente irritado com o medo repentino dela por ele.

“Por quê?” ele gritou a ela.

Ela balançou sua cabeça.

“Porque você está com medo de mim?”

Ela não disse nada.

“Você não estava com medo de mim ontem quando veio me ver no trabalho. Lembra? Você me trouxe cupcakes, por Cristo.”

“Eu... eu...”

“O que eu fiz, Regan?”

Ele saiu da cerca pela última vez e caminhou na direção dela. Para sua surpresa, ela caminhou para ele, também. Eles se encontraram na esquina do lote abandonado, e ele observou ela deslocar sua bolsa do futebol em frente a seu peito, posicionando isso como uma armadura. Que diabos ela pensou que ele iria fazer com ela? Socá-la no estômago?

“Eu sei que você descobriu sobre minha tatuagem,” ele disse. Ele queria ir direto ao ponto.

“Você tá certo, eu descobri,” Regan respondeu.

“Quanto tempo você passou nisso?”

Ela bufou. “Muito.”

“O que isso significa?”

“Isso significa que eu descobri muito mais do que eu queria.”

“Você ainda acha que eu sou um lunático planejando atirar na escola, não acha?”

“Verso parcial, Jer. Ok? Aquilo é um verso parcial gravado em suas costas.”

Droga. Ela realmente estudou.

“E não me diga que a outra metade não iria caber. Eu não sou um idiota,” Regan disse.

Jeremy balançou sua cabeça lentamente.

“Você não está pedindo a Deus para te vingar. Você quer se vingar sozinho!” Regan choramingou. “Sim, eu entendi essa merda toda! Você mentiu para mim! Você me fez acreditar que é um solitário e patética vítima quando todo este tempo você continua planejando MATAR PESSOAS!!”

Ele instintivamente agarrou a mão dela e a arrastou para a casa vazia. Ela fincou seus pés.

“Me solta!” ela gritou.

Ele soltou quando eles estavam seguramente fora da vista da rua por trás do arruinado quintal.

“Você disse a alguém?” ele ordenou.

Ela fungou. “Talvez.”

Ele investiu para ela, agarrando seus ombros e a sacudindo com força.

“Não faça jogos comigo!” ele rugiu.

“Me solta! Você está me machucando!” ela chorou.

Ele a liberou e deu passos para trás, cuspiendo no chão ao lado dos pés dela.

“Você disse a alguém?” ele perguntou de novo.

Silêncio.

“Regan...”

“Não! Okay? Eu não disse a ninguém! Mas eu estava planejando isso!”

“Porque você não falou?”

Conversa familiar. Ele já sabia sua resposta: “Eu estava assustada”.

“Eu não sei,” ela confessou.

Ele inalou bruscamente depois exalou lentamente, tentando expelir sua agressividade. Ele escolheu suas seguintes palavras cuidadosamente.

“Eu sei que cometi um grande erro,” ele começou.

“O qu—?”

“Não dizer a você sobre minha tatuagem ontem. Eu não deveria ter deixado você ir pra casa e pesquisar por isso. Eu deveria ter sabido que você surtaria e começaria a acreditar em um monte de lixo sobre eu atirar nos alunos.”

“Você disse que aquilo era seu lema! Você sabe mesmo o que um lema é? Quero dizer, você tem ideia da enormidade dessa palavra? E esta é a palavra que você escolheu! Você escolheu me dizer que isso é seu *lema*!”

Ele a encarou.

“Eu sei o que é um maldito lema,” ele disse.

“Ai está! Agora você está admitindo que você quer matar aquelas pessoas—”

“Eu quero matar aquelas pessoas!” ele gritou. “Eu já disse isso a você! Eu também te disse que eu não sou um assassino! Sim, eu tenho o desejo. Adivinha só? Nós TODOS temos! Mas eu nunca iria agir nisso! Quantas formas diferentes eu tenho que fazer para te convencer que eu não estou planejando nada?”

“Mas suas costas está me dizendo outra coisa!”

“Eu fiz essa tatuagem um ano atrás! Quando eu estava solitário e desesperado e necessitando de alguma coisa que me deixasse mais forte! Isso não tem nada a ver com tiroteio na escola!”

Ele deu as costas a ela e caminhou em direção ao galpão no final da propriedade. Regan o seguiu.

“Então, por favor, explique isso para mim,” ela disse suavemente. “Eu... eu estou surtando aqui, Jer.”

“Não diga meu nome.” As palavras eram geladas e distantes, do jeito que ele precisava que elas soassem.

Ela ficou em silêncio em uma atmosfera de forte tensão. Ela estava ofendida, e ele não estava nem aí.

Ele virou o rosto para ela. “Eu descobri aquele verso alguns anos atrás e queria entender isso. Então eu pesquisei —” ele pausou e olhou para ela. “— exatamente como você fez na noite passada.”

Regan derrubou sua bolsa e cruzou seus braços sobre seu peito.

“Eu gostei da mensagem de um poderoso Deus vingando alguém que foi prejudicado. Aquilo parecia correto para mim. Apenas parecia. Então eu adotei o verso —” ele pausou de novo, decidindo quantos detalhes ele queria compartilhar. “— mas não em sua totalidade.”

Regan abriu sua boca, mas ele a cortou.

“Você talvez seja um pouco esperta demais, Regan”, Jeremy disse. “Você leu muito mais *além* no fato de que só metade do verso esta tatuado em minhas costas. Isso não significa que eu deixei Deus fora disso. Isso não significa que eu planejo tomar minha própria vingança. Tudo isto significa que eu queria a primeira parte do verso tatuado em minhas costas. É isso.”

Ela fechou sua expressão concentrada.

“Então, você não quer se voltar aos seus inimigos, mas quer que Deus faça isso?”

Jeremy deu de ombros. “Não mais.”

“Huh?”

“Eu não acredito em Deus.”

“Mas sua tatuagem... o que isto significa então?”

“É só um desejo de ver a justiça sendo feita. Não significa que eu planejo distribuir isso por aí. Eu só vou deixar o universo cuidar disso.”

“Você espera que eu acredite nisso?” Regan perguntou.

“Sim.”

“E então? Você tá na onda do carma agora?”

“Eu não sei.”

“Você acha que o, que vai, volta?”

“Eu espero que sim.”

“Você não soa muito convicto para um cara que tem isso permanentemente tatuado nas costas,” Regan apontou.

“Este é o meu ponto. Você leu demais dentro disso.”

Regan se afundou no chão, colocando suas pernas no estilo indiano. Jeremy seguiu seu exemplo, sentando ao lado dela.

“Eu não posso continuar indo e voltando,” ela disse finalmente. “Eu tenho que confiar em você, ou eu vou ficar louca.”

Essas palavras destroçaram o coração dele. Destroçaram sua esperança. Não havia jeito de plantar uma semente permanente de fé dentro dela. Ele entendeu isso agora. Ele iria falhar em cultivar a semente, e ela iria morrer. De novo e de novo, levando-os a exaustão em um círculo interminável de dúvidas. Ele não podia viver em constante medo. Isso não era justo com ela também.

Ele tomou uma decisão e pegou a mão dela. Ela se assustou, mas não puxou a mão de volta.

“Eu queria saber como te fazer confiar em mim,” ele disse suavemente.

Seu dedo polegar se moveu lentamente nas costas de sua mão, e

ela estremeceu. Ela entendeu isso como um movimento não característico e se perguntou onde ele encontrou coragem para fazer.

“Eu... eu talvez tenha exagerado no significado,” ela disse. “Como você disse: lendo muito mais em algo que nunca esteve lá.”

Ele assentiu, apesar de não acreditar em uma palavra do que ela disse.

“Eu dependo totalmente de sua misericórdia, Regan,” ele admitiu. “Você entende isso? Você tem todo o poder sobre mim.”

“Mas eu não quero ter poder sobre você,” ela argumentou.

“Então você tem que acreditar em mim. Você tem que acreditar que eu nunca machucaria ninguém. Se você não puder acreditar, eu não conseguiria viver. Você entende isso? Eu não posso viver em constante medo, pensando que a cada momento alguém vai aparecer para me prender.”

Ela se virou bruscamente, prendendo seu olhar e ordenando silenciosamente que ele não afastasse os olhos. Ele aceitou, reconhecendo que este era o momento com o qual ele tem sonhado por anos. Ele poderia fazer isso, e ela o deixaria fazer. Por quê? Ele não tinha certeza. Talvez por simpatia. Talvez por desejo mútuo. Talvez como uma desculpa pelo que ela sabia que teria de fazer em seguida: transformá-lo. Ele não sabia. Ele não se importava. Ele só sabia que aquele momento poderia nunca mais acontecer, então ele tinha que tirar vantagem disso.

Ele se inclinou para ela, movendo sua mão da dela para segurar sua nuca. Ele enlaçou seus dedos em seu sedoso cabelo para encorajar sua submissão. Ela relaxou — um convite para ele prosseguir. Explorar. Conectar. Ele pressionou seus lábios nos dela — macios — e aguardou sua resposta. Ela o beijou de volta, selando seu destino.

A mão esquerda dele saiu da nuca dela para descansar sobre seu ombro direito. Sua outra mão moveu para o esquerdo.

“Eu sempre quis ser seu amigo, também,” ele disse dentro de sua boca, e ele sentiu o sorriso dela contra seus lábios. “Eu sinto

muito.”

“Pelo que?” ela respondeu.

Ele segurou seu pescoço — apertando firmemente — cortando seu fornecimento de ar em um flash, sentindo sua boca abrir em choque e pânico. Ele ouviu a primeira golfada desesperada por ar — um chiado fraco — e sentiu suas mãos em sua tentativa de soltar seus dedos.

“Eu sinto muito,” ele disse de novo. “Mas eu não posso confiar em você. Eu nunca vou confiar em você.”

Ele se afastou e olhou dentro dos olhos dela — negros e apavorados — então desviou em uma última pontada de simpatia. Seus pés chutaram, e ele soube que ela poderia descobrir aquele esforço sobre-humano para sobreviver. Ela daria uma joelhada em seu rosto e se livraria de seu aperto, dando a si alguns preciosos segundos que ela precisaria para correr e gritar por ajuda. Ele não deixaria aquilo acontecer.

Ele a forçou de costas, fazendo uma alavanca para usar seu tronco contra ela — mais poder do que ele pensava que possuía. Ele pressionou sua garganta mais forte, ouvindo as patéticas tentativas de respirar — gorgolejos, balbucios e chiados.

Seus olhos alagaram. Tantas lágrimas! Uma a uma correndo por suas têmporas, inundando seus olhos e encharcando seus cabelos.

Seu nariz estava pingando. Seus lábios incharam — parcialmente abertos — e ele observou sua língua apontar para fora, desesperada por ar. Saliva derramava de ambos os lados da boca. Estes eram os sinais de submissão indesejada. Ele sabia que em um momento tudo estaria acabado.

Ela sacudia e contraía, lutando agora com seus braços. Eles batiam quase inutilmente, de vez em quando atingindo suas bochechas gentilmente. Sua força desvanecia. Seu rosto se tornava azul. Suas lágrimas reduziram.

“Jeremy,” ela murmurou. Um apelo por misericórdia.

Ele quase cedeu. Quase.

O corpo dela estremeceu, e ele imaginou os rotores de seu coração girando lentamente para um fim. Cinco horas em ponto. Hora de parar. Sem necessidade de aparecer para trabalhar amanhã.

Uma última sacudida — a última tentativa desesperada de um corpo para sobreviver — e depois ela jazeu parada. Ele estudou seu rosto. Lábios afastados. Olhos abertos — vítreos e fixos. Sem movimento. Ela era uma princesa congelada. Ele segurou suas bochechas geladas e inclinou sua cabeça para ela. E então ele chorou em seus olhos mortos, derramando sua raiva e todo o horror de suas ações. Ele matou a garota que amava. Ele matou a garota que o defendeu tantos anos atrás. Ele matou uma pessoa boa. Ele matou para matar de novo...

“NÃO!!!” ele gritou debaixo do caminhão.

Roy correu até o veículo, com medo de o macaco ter despencado e esmagado Jeremy.

“O quê? O que foi?!” ele gritou, correndo em torno do caminhão tomando avaliações precipitadas. Nada parecia fora de ordem.

Jeremy disparou para fora, rosto listrado de lágrimas e sujeira, peito arfando por baixo de suas mãos pesadas.

Roy caiu em seus joelhos. “Onde você se machucou? O que dói?”

“Meu coração!” Jeremy chorou, tremendo incontrolavelmente.

Roy puxou seu celular de seu bolso traseiro. “Eu estou ligando para 9-1-1.”

“Não!” Jeremy disse.

Ele estava sem conseguir respirar de tanto medo, incapaz de determinar o que era sonho e o que era realidade. Ele fez aquilo? Matou Regan, deixando seu corpo frio e sozinho em um lote abandonado? Quanto tempo antes de alguém descobrir isso? Descobrir ele?

“Jeremy, o que está acontecendo?” Roy ordenou.

Ele espalmou sua mão sobre o peito de Jeremy. Batidas cardíacas sólidas e fortes, embora aceleradas. Fortemente aceleradas.

Ataque de ansiedade? Um sonho ruim? Ele teria realmente adormecido debaixo de um caminhão?

“Eu não sei!” Jeremy engasgou.

Roy o ajudou a se sentar.

“Coloque o rosto entre seus joelhos,” ele ordenou. “Respire profundamente. Conte. Inspire. Conte até cinco. Expire. Conte!”

Jeremy obedeceu, ignorando o desejo de seu corpo de desmaiar. Ele não iria desmaiar! Garotas desmaiam. Homens lidam com isso. *Lide com isso, Jeremy! O que diabos está errado com você?!*

Gritar consigo mesmo ajudou. As batidas do coração amenizaram. Os tremores apaziguaram. Lentamente a realidade se desenrolou sobre ele: mãos oleosas, jeans imundo, alguns clientes preocupados correram para ele e o rodearam em um semicírculo, avaliando sua condição.

Ele pensou na tarde.

“Eu voltei pra cá direto da escola,” ele disse em voz alta. “Eu... eu sei que eu voltei. Eu não parei em lugar nenhum.”

Ninguém respondeu.

“Eu trabalhei naquele Audi. E depois nesse caminhão.” Indicou com o polegar atrás de si.

“Jeremy?” Roy perguntou. Seu dedo permanecia posicionado sobre o teclado do celular.

“Eu drenei o óleo,” Jeremy prosseguiu, encarando além dele. “Eu observei a drenagem.”

“Sim?” Roy encorajou.

“Isto é tudo que me lembro. Eu devo ter perdido a consciência.” Jeremy apoiou seus cotovelos sobre os joelhos e segurou sua cabeça, esfregando óleo e tingindo seus cabelos loiros com uma coloração marrom sujo.

Roy exalou lentamente. Ele se agitou e limpou seu rosto. “Jesus. Cristo.”

“Eu sinto muito,” Jeremy sussurrou.

“Você teve um sonho com Freddy Krueger ou algo do tipo?” Roy perguntou. “Jesus *Cristo*. Você me assustou até os ossos, filho! Eu pensei que você estava tendo um ataque do coração!”

“Eu sinto muito,” Jeremy repetiu.

Roy se virou para os clientes. “Obrigado por suas preocupações, a todos, mas eu acho que estamos bem agora.” Eles assentiram e se viraram em direção à recepção, dando a Jeremy alguma privacidade necessária.

“Eu realmente surtei,” ele disse. “Eu me sinto estúpido.”

“Bobagem. Não se sinta desse jeito. Todos entram em pânico em algum ponto em suas vidas. Eu só me sinto mal por isso ter acontecido debaixo de um caminhão. Estou preocupado.”

Jeremy olhou para Roy. “Estou bem.”

“Eu sei que você está bem agora, mas o que você fazia dormindo no trabalho daquele jeito? Você sabe quão perigoso é isso? Você tem dormido o suficiente à noite? Eu estou te fazendo trabalhar demais? O que está acontecendo na escola?”

“Roy, por favor, pare.” Jeremy segurou sua cabeça de novo. Muitas perguntas para processar.

“Okay. Vamos tirar isso um por um,” Roy respondeu. “Porque você estava dormindo no trabalho?”

“Eu não sei.”

“Você está dormindo o suficiente de noite?”

“Provavelmente não.”

Roy bufou. “Quando você vai dormir?”

“Quando estou cansado.”

“Droga, Jer, você precisa de um horário para dormir!”

“Eu tenho dezenove!”

“Eu tenho sessenta e três e tenho um horário de dormir!”

“Porque você tem sessenta e três.” Jeremy apurou sua cabeça para o lado e olhou Roy. Ele riu.

“Engraçado. E eu estou falando sério. Vá para a cama em uma hora decente para poder funcionar como um ser humano normal.”

Normal. *Aquilo* era engraçado.

“Sim, senhor.”

“Você tem brigado na escola?” Roy perguntou.

“Não.”

“Você tem feito suas tarefas de casa? Seus trabalhos e projetos e tudo aquilo?”

“Sim.”

“Você tem escrito lixo ou está trabalhando duro de verdade? Tem estudado para os exames e provas? Eu quero ver suas notas.”

“Jesus, Roy,” Jeremy resmungou.

“Eu sou seu chefe e senhorio. Isso significa que eu tenho de ver suas notas.”

“Principalmente Bs. Alguns Cs agora,” Jeremy disse, e essa era a verdade.

“Você não é um garoto mediano,” Roy respondeu. “Porque está tirando Cs?”

“Eu sou mediano, na verdade.”

“Não, você não é. Um garoto mediano não conseguiria desmontar um motor e remontá-lo sem nenhuma ajuda. Você tem um dom.”

Jeremy explodiu em risadas. “Eu repeti na segunda série!”

“Não quer dizer nada,” Roy disse, varrendo o argumento com um movimento de sua mão rechonchuda.

“Nós não podemos todos ser alunos nota A,” Jeremy explicou.

“Desvaloriza o sistema, você sabia? Cada aluno um aluno nível Harvard? Eu não acho. Mancha o marfim.”

Roy concordou. “E esta é exatamente a razão pelo qual eu sei que você não é um aluno C.”

Silêncio.

“Eu vou melhorar.”

“É bom.”

“Eu vou.”

E então Jeremy ofegou, encarando fixamente a frente.

“O quê?” Roy perguntou, seguindo seu olhar.

Uma garota parada na entrada apertando uma bolsa em seu peito. Ela estava vestida com uniforme de futebol — camiseta rosa e shorts com bizarros meiões verdes limão que se esticavam sobre tornozeleiras. Ela usava suas chuteiras. Teria ela caminhado todo o caminho até aqui com elas?

“O que eu posso fazer por você, mocinha?” Roy gritou.

Regan corou. “Eu sinto muito. Eu pensei que o estabelecimento estaria fechado agora. Eu vim para ver Jeremy.”

Roy sorriu malicioso e deu uma cotovelada na costela de Jeremy.

“Ai! Pare,” Jeremy silvou.

“Quartas são dias longos,” Roy endereçou a Regan. Ele olhou de relance em um grande relógio que ficava bem em cima da cabeça dela. “Mas está quase na hora de fechar, em meia hora. Porque você não senta lá com aquelas pessoas e espera por ele.”

Regan mordeu seu lábio inferior enquanto concordava — assentindo relutantemente porque ela pensava que não deveria dizer não a um adulto.

“Dê a ela uma opção, Roy,” Jeremy sussurrou, pegando uma chave de fenda. “Deus. Talvez ela não quisesse sentar ali e esperar. Talvez ela nem quisesse vir aqui em primeiro lugar.”

Roy franziu a testa. “Eu nem ao menos sei o que isso quer dizer. Ela esta aqui, não está? E quem é ela, afinal? Eu não sabia sobre nenhuma namorada.” E então ele acrescentou como uma ideia adicional: “Você sabe as regras do apartamento.”

“Ela não é minha namorada,” Jeremy respondeu. “Nem mesmo próximo disso.”

Ele relanceou Regan sentada em um banco perto da porta e imaginou que ela teria fugido correndo. Não surpreenderia ele. Ela estava visivelmente agitada, puxando constantemente seus meiões e depois mudou para seu rabo de cavalo. Ele achou que ela iria prender seu cabelo bem no alto de sua cabeça.

Ele suspirou, depois entrou por baixo do caminhão de novo. “Roy? Me deixa sair um pouco mais cedo?”

Roy espreitou sua cabeça por baixo. “Ha! Você está fora de sua mente? Como eu vejo isso, você me deve um tempo extra por ter dormido. Você esqueceu essa parte do dia?”

“Roy, por favor. Eu vou terminar isso para você amanhã. Eu só... eu sei que Regan tem que —”

“Então, é Regan, é?”

“Ah, caramba...”

“Este é um nome interessante: Regan. *Reegan*,” ele disse de novo, exagerando na primeira sílaba.

“Eu gosto,” Jeremy respondeu, imediatamente entrando na defensiva.

“Calma,” Roy disse, rindo. “Eu gosto também. Soa soberano, como se ela tivesse um metro e oitenta ou algo do tipo.”

“Eu gosto da altura dela,” Jeremy disse bruscamente. *Cala. A. Boca.*

Os risos de Roy se transformaram em uma gargalhada completa. “E seu rosto e cabelos e dedos dos pés e axilas...”

“Cala a boca, Roy!”

“Você está apaixonado por ela, filho. E não há nada errado nisso.”

“Oh, Deus...”

“Mas isto não vai te tirar do trabalho mais cedo. Você vai terminar essa troca de óleo.”

“Ok.”

Não havia nada que ele pudesse fazer sobre a velocidade que o velho óleo drenaria do motor, mas sorte dele, aquela parte estava acabada. Ele poderia, entretanto, controlar a velocidade em que ele instalaria o filtro novo e despejaria o óleo novo. Ele entrou em ação, pegando um vislumbre de Roy, que ficou observando-o como um falcão.

“É melhor lubrificar aquele anel do filtro, Speedy Gonzales,” ele alertou.

“Eu sei disso, eu sei disso,” Jeremy murmurou.

“E é melhor não derramar uma gota daquele óleo,” Roy continuou.

“Eu sei.”

“E é melhor você...”

A lista continuou por toda a troca do óleo. Jeremy ouviu educadamente, consciente de que não estava dando ao caminhão a devida atenção, mas também consciente de que não estava trocando pastilhas de freios. Ele estava trocando óleo — algo que ele já fez um milhão de vez. Ele poderia trocar óleo com os olhos fechados. Não precisava fazer disso um grande negócio como Roy estava fazendo. Ele sabia que isso era só porque Roy queria complicar as coisas por causa de Regan. Uma garota. Sua garota, em outro mundo, um mundo melhor.

Quando ele esteve finalmente sozinho com ela do lado de fora, ele se desculpou.

“Você não tinha que ficar. Roy pode soar mandão às vezes, mas ele realmente estava dando uma opção a você.”

“Eu queria ficar,” Regan respondeu. “Quero dizer, eu precisava.”

“Por quê?”

Regan ergueu sua cabeça. “Sério? Você sabe por quê. Nós precisamos conversar. Eu quase fui à secretaria por sua causa.”

Jeremy ficou tenso. Ele sabia que ela tinha trocado de lado. Isso foi evidente esta manhã pelo jeito que ela olhou para ele — assustada e apologética ao mesmo tempo. Ele sabia que aquilo tinha tudo a ver com sua pequena tarefa de casa da noite anterior — pesquisar o significado de uma tatuagem que não era nem um pouco da sua maldita conta.

Ele decidiu bancar o tonto.

“Porque você iria à secretaria por mim?” ele perguntou.

Regan estreitou seus olhos. “Cai na real, Jeremy. Você sabe que eu pesquisei sobre sua tatuagem noite passada. E adivinha o que eu descobri?”

Déjà vu. Mesma conversa. Longa conversa. Muito mais longa que a versão do pesadelo onde ele a cortou com um beijo. E depois a matou. Ele tinha que trabalhar muito mais duro com sua bajulação escorregadia. Isso compensou, apesar. Ela decidiu acreditar nele. De novo. E ele confiava nela em troca. Pelo menos por enquanto. Então sim, a conversa foi quase um déjà vu, mas dessa vez ele a deixou viver.



Troca de poderes. Vítimas de bullying não experimentam isto tão frequentemente. Alguns nunca experimentam até tirar suas próprias vidas. Este é o único jeito que eles sentem que tem algum poder sobre a situação — se pendurar ou explodir seus miolos. Talvez cortar seus pulsos. Overdose de remédios. A lista não tem fim. Mas eu não estou falando sobre esse tipo de troca de poderes. Eu estou falando sobre o tipo de troca que acontece quando a vítima fica em um bom gancho de direita. Um jab de esquerda. Um soco na mandíbula. Como eu disse, isso raramente acontece, mas quando acontece, é uma inacreditável explosão de confiança. Bem, isso é na verdade um tipo de confusão, “Isso aconteceu mesmo?” e então isso se transforma em “oh meu Deus, essa porra aconteceu mesmo!” Coração transbordando. Eletricidade relampejando através do corpo. Você se transforma em uma vela brilhante do dia da independência. Por um momento, você é invencível, assistindo seu inimigo massagear sua mandíbula em completo choque e descrença. Sim, é um sentimento inebriante ficar lá crepitando e explodindo com alto-confiança.

Até ele apagar você.



00:12

“Está ocupada?” Sra. Walters perguntou, enfiando sua cabeça pelo batente da porta.

“Ocupada te deixando orgulhosa,” Regan respondeu, olhos colados em sua tarefa de cálculos.

“Esta é minha garota,” sua mãe disse enquanto entrava no quarto. Ela se inclinou contra a escrivaninha de Regan.

“E aí?” Regan perguntou, olhando para cima.

“Bem, eu cruzei com seu treinador no supermercado esta tarde.”

Regan ficou tensa. “Treino ruim,” ela confessou.

“Esta tudo bem. Nós todos temos treinos ruins,” sua mãe respondeu.

Regan se encolheu, fechando seu laptop.

Talvez. Talvez “nós todos tenhamos treinos ruins,” mas ela se perguntava quantos tem tido treinos ruins por terem enfiado seus narizes onde não eram chamados. Ou por não terem estômago para terminar com seus atuais namorados. Ou talvez eles não soubessem como lidar com uma melhor amiga que parecia estar à deriva se afastando cada vez mais. Ou talvez eles —

“Regan?”

“Hmm?”

“Você ouviu o que eu disse?”

“Não.”

Sra. Walters revirou seus olhos. “Santo Deus. Eu disse que seu treinador me disse que vai ter um olheiro no seu próximo jogo. Ela ia dizer a você amanhã durante o treino.”

“De?”

“Berkshire.” Sra. Walters estudou a reação de sua filha. Estava ilegível.

“Berkshire, huh?”

Sua mãe assentiu.

Regan encostou suas costas no apoio da cadeira. “Bem, isto é grande. Tipo, majoritariamente grande. Você entende que essa é a mais exclusiva faculdade feminina de Utah, certo? Que acontece de ter o melhor time de futebol em sua divisão. *E* se você se gradua em Berkshire, você automaticamente tem um trabalho. *E* isso provavelmente paga seis dígitos. *E* uma bolsa de estudos é quase a coisa mais incrível que poderia acontecer a qualquer jogadora de futebol nos Estados Unidos inteiro. *E* —”

“Tome um ar,” Sra. Walters disse.

Regan inspirou e exalou tão sonoramente quanto pode.

“Eu não estou te dizendo isso para te deixar nervosa.”

“Eu sei. Mas eu estou nervosa.”

“Ano passado foi ano passado.”

“Ano passado foi uma vergonha total, mãe. Eu tropecei. Eu nem consigo acreditar que continuo jogando centro avante.”

“Você joga centro avante porque você é a melhor,” sua mãe respondeu.

“Você tem que dizer isso porque é minha mãe.”

“Não, não é. Você foi horrível no jazz e sapateado. Fale sobre o desperdício de dinheiro. E você não pode cozinhar nem para salvar sua vida. Eu não sei quem vai te alimentar quando você deixar esta casa.”

Regan levantou suas sobrancelhas.

“Mas querida, você pode jogar futebol. E eu quero dizer, você pode *jogar*. Só ir lá e se divertir. Esqueça que o treinador está lá.”

Regan riu. “Sim, okay. Nesse caso, porque você me disse?”

“Porque você iria descobrir isso amanhã de qualquer forma.”

“Verdade.”

Pausa.

“Seu pai me disse sobre o treino outro dia. Treinar com ele, isso.”

“Mãe...”

“Só ouça. Eu sei que o começo desse ano não tem sido fácil. Eu sei que você está passando por algumas coisas que você não quer falar comigo ou com seu pai. Eu peguei isso. Eu entendo. E eu não vou me meter. Mas o que eu não quero que aconteça é que por causa de todas estas coisas afete a única coisa que você realmente, realmente ama. Futebol tem sempre sido seu escape. Não deixe todas as outras merdas lamacentas se sobreporem sobre você. Talvez funcione com os seus problemas com seu jogo. Não deixe seus problemas agirem contra seu jogo.”

Regan riu. “Você é tão perspicaz.”

“Eu não sou perspicaz. Eu me preocupo com você. Eu não gosto de te ver em apuros.”

Regan franziu o cenho. “Isso tem sido tão óbvio?”

“Sim.” Sra. Walters pausou. “Você sabe que pode me dizer qualquer coisa.” Ela segurou sua respiração, esperando pela conversa que ela sabia que tinha aproximadamente dois por cento de chance de acontecer.

Regan nervosamente mexeu com seus grampos de cabelo. O que ela não daria para poder falar com sua mãe! Só uma coisa. Só uma. Mas essa era a única coisa que ela não poderia revelar a ninguém. Ela prometeu. Jeremy confiava nela. E, além disso, ela não confiava nele? Quando ela disse que ela não acreditava que ele iria de verdade em frente com aquele plano maluco, ela não tinha acreditado nele? Ela tinha, ela tinha! Ela acreditou no primeiro dia, aliás. E talvez no próximo. Mas então uma semana se passou sem garantias da parte dele. Ela precisava de garantias? Uma vez que você acredita em alguém, isso não deveria se sustentar? E então houve a tatuagem e a subsequente reviravolta. Ainda *outra* conversa e sua necessidade de ser convencida tudo de novo.

“Regan?”

Não diga nada, Regan.

“Brandon esta me fazendo uma festa de aniversário mesmo que eu diga que eu não quero uma,” ela disse.

Ufa!

“Dezesseis anos é uma grande coisa. Ele está só tentando tornar isso especial para você,” sua mãe respondeu.

“Eu... eu não acho que quero namorar com ele mais,” Regan confessou.

“Bem, talvez você precise dizer isso a ele antes que ele gaste cinco mil dólares em um bolo para você e todos os seus cinco mil amigos.”

“Muito engraçado.” Regan pensou por um momento. “Eu não quero ferir os sentimentos dele, mas eu realmente não queria ficar com ele mais.”

“Alguma razão especial do por quê?”

“Muitas razões.”

Silêncio.

“Algum desses que você gostaria de elaborar?”

“Não.”

Sra. Walter suspirou. “Bem, eu estou chamando isso de uma meia vitória.”

“Huh?”

“Não diga ‘huh’ para um adulto. Isso é rude.”

“Desculpe. Mãe?”

“O que eu queria dizer era que, você não me disse tudo, mas compartilhou alguma coisa. E eu vou levar qualquer coisa que eu puder pegar.” Ela se inclinou e beijou a testa de Regan

“Eu tenho um relacionamento saudável com você e papai?”

“Sim.”

“E isto é anormal, certo?”

“Sim.”

“Eu deveria me rebelar?”

“Como?”

“Eu não sei. Quebrar o horário de voltar para casa. Beber. Cheirar heroína.”

“De quebrar o horário de chegar em casa a heroína, huh?” sua mãe perguntou, sobrancelhas erguidas.

“Se eu viver a vida louca,” Regan explicou.

Sra. Walters riu, considerando as sugestões de sua filha.

“Você gostaria de ir a um desses acampamentos para adolescentes problemáticos? Aqueles onde eles os colocam na mata e os fazem caçar e cozinhar sua própria comida? E fazer abrigos de galhos e musgo?”

Regan balançou sua cabeça, sorrindo.

“Então, não. Eu não sugeriria que você fizesse estas coisas.”

“Entendido.”

Sra. Walters caminhou até a porta e então parou, se virando de novo. “Eu amo você, Regan Scott.”

“Amo você também, mamãe.” Ela não olhou para cima. Ela já estava de volta a sua lição de casa. Esse era o “eu te amo” obrigatório, e isso iluminava o coração de sua mãe todas às vezes.

.....

A coisa inteira era um pouco bizarra. Ela sabia disso. Ela também sabia que não iria voltar para casa sem algumas respostas. Enquanto Brandon era um notório artista de besteiras, ela não podia estar totalmente certa de que Hannah não estava distribuindo um

pouco de seu bullying pessoal. Talvez ele estivesse parcialmente certo. Apesar de tudo, às vezes as vítimas faziam isso: encontravam vítimas mais fracas como presas para fazê-los se sentir no controle de alguma coisa. Talvez o magrelo e sardento Jarrod fosse o alvo dela — um indireto "foda-se" para Brandon e todos os outros garotos que a incomodaram por todos esses anos.

Ela observava Hannah de uma distância arrumar sua bolsa e depois deslizar sobre seu ombro. Ela estava tentada a abordá-la bem ali no meio do movimentado corredor. Mas quando Hannah caminhou em direção ao banheiro feminino, desaparecendo pela porta, Regan soube que era um lugar melhor para conversar. Privacidade, para seja lá o que viesse, e ela sabia que poderia ser algum número de cenários desagradáveis.

Ele seguiu-a para dentro.

Hannah estava na pia lavando suas mãos. Ela viu Regan e revirou seus olhos.

“Oi,” Regan disse.

Sem resposta.

Regan derrubou sua bolsa. “Okay. Eu mereço isso.”

De novo, sem resposta.

“Mas eu preciso te perguntar algo, e isso requer uma resposta de sua parte,” Regan prosseguiu. “Então você vai continuar bancando a muda, ou você vai me responder?”

Dedo do meio. Apontado. Para. Cima.

“Tãooo madura.”

Um segundo dedo do meio.

Regan suspirou e coçou sua cabeça.

“Saia do meu caminho,” Hannah murmurou, e trombou em Regan ao passar por ela. Regan rodopiou em torno de si.

“Pare ai mesmo!” ela gritou.

Hannah congelou, então lentamente se virou. “Sério?”

“Sim. Sério. Você está sendo uma vadia fodida para mim sem nenhum motivo.”

A boca de Hannah caiu aberta. “Uhh, sério?”

“Eu sou legal com você! Eu sempre tenho sido legal com você!”

As palavras conjuraram nuvens pesadas que se reuniram e agitaram nos olhos de Hannah. Eles obscureceram o azul claro de suas íris.

Regan corou. “Eu... eu não posso evitar o jeito que Casey te trata. Eu vou dizer a ela para parar.”

Quando os olhos de Hannah ficaram mais escuros, Regan procurou freneticamente por alguma coisa para dizer.

“Eu não posso ser responsabilizada pelo que meus amigos fazem!”

“Você é uma maldita patética.”

“Eu não sou!”

O relâmpago rasgou, e Regan contou os segundos, esperando com medo pelo som de um iminente trovão. *Um, dois, três, quatro...* isso rolou da língua de Hannah sem esforço — uma tempestade controlada — agitando Regan até seu âmago.

“Você é aquela garota que finge ser boa. Você sai com babacas, mas nãooooo, você não é uma babaca. Você é a boazinha, protestando hesitante de vez em quando, quando vê eles tirando sarro de alguém. Como se tivesse feito sua parte de menina boazinha — tentando convencer a si mesma que você não é realmente como eles. Você não tem estômago para fazer isso sozinha. É mais fácil para você ser a popular patética. Um rótulo.” Hannah levantou sua cabeça. “Não está certo?”

Isso estava perfeitamente certo. O que ela poderia dizer? Fazer? A covarde dentro dela se tornou maldosa.

“Você surtou porque eu te rejeitei,” Regan silvou.

Hannah balançou sua cabeça. “Você realmente quer seguir nisso comigo?”

“Isso é verdade! Isto é o que tudo isso é!”

“Não, Regan. Eu não surtei porque você me rejeitou. Eu surtei porque você disse a Casey — me fazendo ser a lésbica psicótica.”

“Eu não fiz você ser isso! Casey que enlouqueceu.”

“Você disse a ela que eu te ataquei! Que porra? Eu nunca ataquei você! Eu só interpretei mal seus sinais!”

“Eu nunca disse isso a ela!”

Mas ela não estava certa se aquilo era a verdade. Ela não conseguia se lembrar do que disse a Casey. Ela só lembrou-se de ter surtado e não ter a idade e a experiência para lidar com a situação de uma forma madura. Talvez ela tenha dito. Talvez ela exagerou a coisa toda, o que não tinha sido justo em tudo. Foi um simples beijo. Foi isso.

“Você é uma mentirosa,” Hannah disse controladamente.

“O que você quer que eu te diga, Hannah?” Regan respondeu. “Eu não me lembro como eu disse a Casey. Eu desejo por Deus que nunca tivesse dito a ela, antes de tudo. Eu não sabia que ela seria tão maldosa com você.”

“Certo. Eu vou cair nessa babaquice. Mas e agora, Regan? Huh? Você vê o jeito que ela me trata. O jeito que ela trata as outras pessoas. Porque você é amiga dela?”

“Ela tem sido minha amiga desde o jardim de infância.”

“E daí?”

“Ela é uma boa pessoa por baixo disso tudo.”

Hannah jogou sua cabeça para trás e gargalhou. “Você é insana?”

“Cala a boca.”

“Não, sério. Você ficou insana?”

“Cala. A. Boca.”

“Ooo. Gostando da ênfase. Você significa negócios. Talvez eu devesse te ouvir.”

Regan piscou os olhos.

“Bem?”

“Eu... eu não tenho que justificar minhas amizades para você.”

“Uh huh.”

“Você não sabe minha história com Casey.”

“Uh huh.”

“Eu sei que isso foi um ato. Eu estou só esperando que ela lave a tinta do rosto.”

Hannah gargalhou uma vez mais. “Amando sua metáfora piegas.”

“Vai se foder.”

“Oh, vá você se foder. Acabamos com essa conversa?”

“Você está intimidando Jarrod?” Regan ordenou.

Hannah congelou. “Huh?”

“Jarrod. O irmão mais novo de Brandon. Você tem feito bullying com ele?”

“Porque você está me perguntando isso?”

“Porque eu preciso saber.”

Hannah enfiou o rosto no de Regan. Regan recuou para trás por instinto, estalando sua cabeça contra o espelho.

“Ouça cuidadosamente,” Hannah disse baixo. “Eu não sou nenhuma traidora, okay? Eu não deserto para o outro lado. Eu sinto todo dia o que é ser abusada e derrubada. Eu nunca faria isso para outro alguém. Eu nunca seria como você —”

“Eu não intimido ninguém.”

“Talvez não,” Hannah respondeu. “Mas você é um deles por

associação. Isso é tão ruim, se não for pior.”

Regan segurou sua cabeça.

“Se você alguma vez me perguntar algo desse tipo de novo, eu vou arrancar todas essas extensões idiotas de sua cabeça e enrolá-las em torno de sua garganta.” Hannah pausou, então sorriu. “Porque eu amo você, Regan, e se eu não posso ter você, ninguém pode.”

Piada ruim.

“Vá reportar isso a Casey. Você quer uma lésbica psicótica? Você tem uma,” Hannah prosseguiu.

“Se toca. E pare de tentar ser um mártir,” Regan cuspiu.

As palavras tocaram num nervo, e Hannah ficou carrancuda.

“Você era minha amiga,” ela disse. “E então você me abandonou.”

“Eu —”

“Cala a boca!” Hannah gritou. “Então você me vê chorando no banheiro, e você tem a audácia de me perguntar o que está errado! E eu fui tão estúpida. Eu era tão estúpida, Regan. Eu pensei que isso significava que você se importava de novo!”

“Eu —”

“Eu não sei por que eu beijei você, okay?! Quero dizer, eu sei por que eu beijei você, mas era a hora errada. Eu estava toda fodida, e lá estava você sendo meiga. Eu pensei que você queria ser minha amiga de novo. Eu pensei que teria que tentar mostrar a você como eu me sentia.” Ela riu debochadamente. “Cara, eu sou uma idiota. E você não é nada mais que uma vadia falsa.”

“Eu —”

“Pare. De. Interromper.” Hannah avisou, encarando-a. Regan fechou sua boca. “Então você correu para seus amigos babacas e disse a eles o que eu fiz. Porque você fez aquilo? Porque você foi tão cruel comigo?”

Regan não disse nada.

“Responda-me!” Hannah gritou.

“Eu estava enlouquecendo! Okay? Eu nunca quis ser ruim com você. Eu disse a Casey em segredo. Eu não sabia que ela abriria a boca. Eu não sabia que ela iria atacar você como ela fez!”

“Mas você viu isso! E você continua amiga dela! Eu não duvido nada de que ela tira sarro de mim. Você não pegou isso? Isso não é sobre ela! É sobre você! Suas ações! Você ainda é amiga dela! O que isso diz sobre você?! E como pelos infernos eu posso ter estado atraída por você? Você é uma coitada fodida!”

As garotas ficam encarando uma a outra, armas verbais ainda apontadas, com nenhuma esperando que a outra atirasse.

Silêncio caiu, e eventualmente, o mesmo com suas armas.

“Eu nunca pensei que alguém iria me chamar de ‘coitada fodida’,” Regan disse suavemente.

“Eu nunca pensei que você seria uma,” Hannah respondeu.

“Você acha que eu gosto de andar com eles?”

“Como eu poderia saber? Mas você faz isso de qualquer forma, e este é o seu reflexo verdadeiro, sua verdadeira natureza.”

“Você está errada. Minha verdadeira natureza é vestir o que for que eu queira mesmo se isso não combinar com o que é popular. Minha natureza verdadeira é ficar envergonhada toda vez que entro nessa escola, sabendo que estou agindo como uma impostora, mas me sentindo tão apavorada de... como você colocaria isso? Ficar sozinha?”

Hannah assentiu.

“Minha natureza verdadeira se sente doente pelo jeito que as pessoas são tratadas aqui.”

“Então porque você mudou? Você costumava não se importar com o que os outros pensavam sobre você. Você costumava defender os garotinhos.”

Regan encolheu os ombros. “Era mais fácil se encaixar do que ser importunada. Eu fraquejei.”

“E esta é a parte mais pavorosa disso tudo — que *you* desistiu por pressão dos amigos.”

Pausa.

“Talvez minha menstruação tenha tido algo a ver com isso,” Regan disse ponderadamente.

“Huh?”

“Eu não sei. Garotas ficam estranhas quando desce suas menstruações. Elas mudam. Talvez foi isso.”

“Uh, você quer jogar a culpa dessa merda em sua menstruação?” Hannah perguntou.

Regan bufou.

“Tome uma maldito Midol⁶ e lide com isso.”

Regan assentiu.

E então o silêncio caiu como as elipses no final de uma sentença complicada. Sem mais raiva. Confusão, sim, mas não era um silêncio marcado por uma pergunta. Este era aquele silêncio definitivo onde tudo havia sido dito, mas nada consertado. Nada tornado melhor.

Não havia nada a fazer a não ser abrir a porta para Hannah.

“O que você está fazendo?” Hannah perguntou.

“Segurando a porta para você. O que isso parece?”

Hannah atravessou a porta cautelosamente, observando Regan com o canto do olho. Regan saiu do banheiro e acertou o passo com ela.

“É mais fácil culpar sua menstruação por tudo.”

“Eu faço isso quando tenho que fazer,” Hannah respondeu, cabeça se virando de um lado a outro. Ela não queria esbarrar em alguém que poderia implicar por ela estar falando com Regan.

“Mas eu sei que não posso culpar minha menstruação por isto,”

⁶ Midol é um remédio para cólicas.

Regan continuou.

“Inferno. Não.”

“Eu quero ser melhor”.

Hannah parou. Regan se virou e a encarou.

“Então apenas faça isso. Seja melhor.”

Regan tentou um sorriso. Ela não queria se comprometer completamente se ela não recebesse um em troca. A lateral da boca de Hannah levantou para cima. Talvez aquilo fosse tão bom quanto.

“Você não vai realmente me matar com minhas extensões, vai?”

Sorriso inteiro. “Eu sei o que você está tentando fazer com esse cabelo falso idiota.”

“Isso é cabelo humano de verdade.”

“Isto não está crescendo em sua cabeça, está?” Hannah perguntou.

Regan balançou sua cabeça.

“Okay então. Cabelo falso idiota. Eu sei que você está tentando fazer uma demonstração com isso.”

“Você sabe?”

“Ohhh sim. Iria a verdadeira Regan Walters, por favor, aparecer?” a intensidade de sua voz mudou para uma mímica de uma garota do Valley⁷. “O que, sim, eu acredito que eu vou... depois de três anos sendo uma babaca covarde e fodida. Olá mundo! Olá perdedores! Estou de volta para defender vocês!”

“Eu não falo desse jeito.”

“Sim, bem, que seja.”

“E eu não gosto da palavra ‘perdedor’.”

Hannah a ignorou. “Quão poético iria ser se eu assassinasse você com seus ‘estou mudada’ pedaços de cabelo falso?”

⁷ Valley girl tem a ver com o jeito específico das garotas californianas, no caso, jeito de falar.

Regan riu. “Bastante poético.”

“Uh huh. Você pensa sobre isso amanhã quando estiver almoçando com seu namorado babaca.”

Isso foi no exato momento que Hannah reconheceu Casey à distância.

“Ugh.”

“O quê?” Regan perguntou, olhando por trás dela.

“Estou saindo fora daqui,” Hannah murmurou, e antes que Regan pudesse responder, Hannah desapareceu pelo corredor.

Casey se aproximou. “Eu vi isso mesmo?”

“Viu o quê?”

“Você conversando com Hannah.”

“Sim.”

“Estou confusa.”

“Por quê?”

“Porque você estava conversando com Hannah.”

“Porque confusa? Eu disse a você que eu falo com ela de vez em quando.”

“Sim, mas eu na verdade nunca acreditei em você.”

“Bem, acredite.”

Breve pausa.

“O que está havendo?” Casey perguntou.

“Nada.”

“Porque você está sendo esquisita e conversando com pessoas esquisitas?”

“Só estou.”

“Sim. Isso é um pouco zen demais para mim. Quer tentar de

novo?”

“Casey, relaxa.”

Uma pausa ligeiramente longa.

“Eu não vou voltar para lá, Regan,” Casey disse finalmente.

Regan a ignorou e se dirigiu para a porta. Ela parou quando Casey agarrou seu antebraço.

“Ai!”

“Eu não vou voltar pra lá,” Casey disse com mais urgência.

“Voltar para lá, onde? Do que você está falando?”

“Eu tenho trabalho duro.”

“O quê?”

“Eu tenho trabalhado duro para estar aqui.”

“Do que você está falando?”

“Você sabe do que eu estou falando!” Casey gritou, liberando o braço de Regan. “Eu tenho coisas boas acontecendo!”

“Você namora um cara que te trai!”

Casey recuou para trás. “Que porra é essa? Ele *não* me trai! Isso foi um erro único, e eu não tenho que justificar nada para você!”

Regan ouviu sua própria voz aguda gritando com Hannah sobre justificar suas amizades.

“Olhe, eu sinto muito,” Regan disse. “Mas eu tenho que ir.”

Casey não estava satisfeita. “Porque você está se afastando de mim? De nós?”

“Eu não estou me afastando de você,” Regan respondeu. “Nós já conversamos sobre isto, Case. Está tudo legal.”

“Sim, você está!” Casey chorou. “E não me dê alguma besteira sobre como você está insegura sobre seus peitos!”

Regan suspirou.

Casey se eriçou. “Oh, eu sinto *tantooo* que essa conversa é um incomodo para você. Eu sinto *tantooo* que eu continuo trazendo o fato de que alguma coisa mudou com você, e eu sei que você não quer mais andar comigo. Com a gente. Quero dizer, você está conversando com Hannah, pelo amor de Deus!”

“Aquilo não foi, tipo, uma conversa importante.” Mentiu.

“Eu não ligo se você estivesse falando sobre o clima. Porque você estava falando com ela, ponto? Porque você tem mudado? O que te deixou tão descontente com sua vida perfeita que sentiu a necessidade de fazer escolhas pobres?”

“Fazer escolhas pobres?”

“Quem você conversa importa.”

Agora Regan se eriçou. “Você está certa. Isso importa. E nós deveríamos conversar com pessoas legais.”

“Nós andamos com pessoas legais!”

“Não, nós não! Nós andamos com babacas!”

A boca de Casey caiu aberta. “Quem é você?”

“Eu sou Regan!”

“Onde está minha melhor amiga de sempre?”

“Parada bem na sua frente!”

“Eu... eu vou falar com Brandon!” Casey chorou.

Que caralho?

“Hum, você vai falar o que com ele exatamente?” Regan perguntou.

“Sobre esta mudança. Eu vou dizer a ele que você está mudando,” Casey disse.

Essa foi a mais estranha ameaça que Regan alguma vez recebeu. Até mais estranha que a ameaça de Hannah de matá-la com as extensões de cabelo.

“Bem, tudo bem então. Faça isso.”

“Pare com isso, Regan! Só pare!”

“O que você quer que eu pare? Eu não sei o que estou fazendo exceto ser eu mesma. Então vá reportar isso para meu namorado — que Regan está sendo ela mesma!”

Ela tempestuou corredor abaixo, quase quebrando as portas. Elas abriram com força, batendo estrondosamente contra a parede de blocos e se fechando com um sonoro *swack!*

• • • • •

“Você não teve sua primeira menstruação ainda, teve?” Regan perguntou a Caroline enquanto pulava na cama de sua irmã.

“Que nojo, Regan!”

“Isso responde a minha pergunta,” Regan respondeu. “Okay, nós podemos ficar juntas então.”

Caroline coçou sua cabeça. “Eu não entendi isso.”

“Veja, sua vida inteira vai mudar quando você ficar menstruada. Você vai ficar emotiva e temperamental e reclamona e ruim com todos ao seu redor. E todos os seus amigos. E isso significa drama, docinho. Drama com D maiúsculo. Eu não posso lidar com o drama. Não mais. Mas já que você não teve seu primeiro ciclo, você é livre de drama. Então nós podemos andar juntas.”

Carolina piscou. “Você é estranha.”

Regan riu. “O que você está fazendo?”

“Escrevendo um livro.”

“Fantástico.”

Caroline riu de forma abafada. “Essa palavra é tão estúpida, Regan. Onde você ouviu isso?”

“Mamãe.”

“Você quer parecer com a mamãe?”

“Eh. Eu gosto da palavra. Mais isso, combina com esta camiseta.” Ela apontou para sua camiseta que tinha The Two Coreys. “Agora me fale sobre seu livro.”

Caroline franziu a testa, confusa, depois encolheu os ombros. “Que seja. Então, meu livro é sobre um cavalo que pode falar, mas ele só fala com esta garota...”

Regan riu e ouviu. O que era isso sobre garotas e cavalos? E então ela se lembrou de algo que ela leu muito tempo atrás durante sua própria fase de gostar de cavalos. Isso foi escrito por um psicólogo que sugeriu que a razão implícita do porque garotas amavam cavalos é porque eles representam poder — o desejo por controle — quer elas estivessem controlando o cavalo ou vice-versa. E então isso se desenvolveu em alguma explicação freudiana de reprimir impulsos sexuais, e ela não entendeu nada disso. Ela tinha nove anos.

“Você não gosta de nenhum garoto em sua sala, gosta?” ela perguntou repentinamente, estreitando seus olhos de suspeita.

“Que nojo.”

Eca.

“Então isso realmente é só sobre um cavalo.”

Caroline olhou por cima de seu caderno de anotações. “Eu disse a você que é sobre um cavalo falante.”

Regan assentiu. “E o que acontece?”

“Eu não posso te contar isso. Você vai ter que ler isso quando eu terminar,” Caroline disse.

“Mas isso vai levar a eternidade,” Regan lamuriou-se.

“Não vai. Eu vou terminar isso amanhã.”

“Um romance inteiro terminado em dois dias?”

“Eu comecei na segunda.”

“Um romance inteiro terminado em uma semana?”

“Sim.” Caroline mastigou a ponta de seu lápis. “Não é uma escrita difícil. O quê? Você achou que isso me tomaria um ano?”

Regan riu. “Hey, o que você acha de ler alguns dos meus trabalhos?”

“Sua poesia?”

“Uh huh.”

“Já li.”

“O quê?”

“Eu já li sua poesia. Eu não entendi.”

“Você entrou no meu quarto sem permissão?”

“Nunca, Regan. Eu sigo as regras.”

“Então...?” ela aguardou por uma explicação.

“Estava em cima de uma manta. Você deixou lá. Eu pensei que era um convite aberto.”

“Uh huh. Então, você não gostou?”

“Eu não disse isso,” Caroline respondeu. “Eu disse que eu não entendi.”

“Bem, eu não entendi metade delas também,” Regan confessou. Ela cruzou seus braços e apoiou sua cabeça na curva de seus cotovelos.

“Nesse caso, talvez escrever não seja para você,” Caroline disse. “Invista no futebol.”

“Anotado.”

“Quer que eu leia algo para você?” Caroline perguntou.

“Por favor.”

Caroline sorriu. *“Darwin lambeu a bochecha de Celeste. Ela pensou que este era o jeito dele de dizer, ‘eu sinto muito’.”*

“Darwin é o cavalo, eu suponho?”

“Duh.”

“Continue.”

“Eu não estou brava com você, Darwin, mas você não deveria fugir daquele jeito. E se algo acontecesse a você e eu não pudesse te encontrar? Eu não seria capaz de ter ajudado.” Darwin concordou.

“Eu pensei que ele pudesse falar. Porque ele não está dando a ela uma explicação ao invés de lambar e concordar?” Regan interrompeu.

“Ele não começou a conversar com ela ainda. Isso é antes de ele revelar a ela que ela é uma encantadora de animais,” Caroline explicou.

“Oooh. Peguei. Continua.”

Caroline limpou sua garganta e continuou a história.

“Desculpe, uma coisa mais,” Regan disse.

“Deus, Regan! Você é a pior ouvinte possível!”

“Eu sinto muito, mas eu tenho que saber o que é um encantador de animais.”

“Sério? Você não conseguiu entender? É uma pessoa que pode ouvir a conversa dos animais. Eles são como protetores dos animais — especialmente para os animais que não podem defender a si mesmos. Animais que são mal tratados e precisam de ajuda. Você entendeu?”

Ela entendeu, tudo certo com isso — a imagem de Jeremy na sexta série apareceu em sua mente. Ele era o veado ferido deitado indefeso e sangrando no meio de um monte de gatos famintos. Eles rangiam e davam tapas e silvavam. E ela só veio em sua defesa uma vez. Só falou com ele uma vez — um arrependimento que acendia uma dor cega de tempos em tempos dentro de seu coração até que ela se lembrou que ele não queria sua ajuda. Ele não queria sua amizade. Ele disse a ela, todos aqueles muitos anos atrás.

.....

Ele se moveu silenciosamente para trás da árvore — um grande

gato cujos movimentos fluidos o tornou imperceptível para até mesmo o mais afiado ouvido.

“Um, dois, três, quatro,” ele contou silenciosamente na batida da música – “Games Without Frontiers.” Isso pressionava e pulsava dentro de suas orelhas, fones de ouvido amortecendo o mundo exterior e estreitando seu foco em uma coisa: seu objetivo. “Cinco.”

Ele se posicionou ao redor e posicionou o rifle contra seu ombro, mirando o peito de Brandon. Um alvo muito mais fácil. A cabeça seria muito mais gratificante, mas a área de superfície era muito menor, e ele não tinha tempo para jogar com suas chances.

Ele puxou o gatilho. A última das balas raspou o lado esquerdo do tronco da árvore, e ele praguejou por baixo de sua respiração.

“Cenário A,” ele disse rapidamente, balançando a arma para baixo e ao redor de seu peito, e tateando por sua munição. “Brandon – porque ele é um louco fodido – venha até mim. Eu tenho poucos segundos para recarregar, ou puxo minha pistola.”

Ele contou os segundos enquanto lançava o cartucho vazio e inseriu o novo. Isso não deslizaria facilmente, custando a ele um tempo precioso, e quando ele finalmente liberou o ferrolho — balas enfiadas confortavelmente e aguardando por sua ordem — ele soube que já estava em uma chave de braço.

“Maldição,” ele fervilhou, caindo em suas costas quando os braços fantasmas de Brandon apertaram sua aperto.

Ele estava muito mais familiarizado com estes braços — pálidos e manchados com sardas de vários tamanhos. A marca de nascença de Brandon estava entre elas — uma grande e achatada, quase perfeitamente oval, mancha bem embaixo de seu pulso direito. Ele via aquela marca cada vez que Brandon o encurralava, o ameaçando de morte. A marca de Cain, ele decidiu, quando aprendeu sobre a história do primeiro assassino registrado.

“Eu vou colocar uma bala através disso também,” ele disse, e rolou para o chão. “Cenário B. O filho da puta corre.”

Ele tirou a pistola do coldre preso em seu lado direito. Um *bang*

retumbante! Garoto no chão. Sangue derramando de sua cabeça. Sim, ele acertou a nuca de Brandon.

“Agora você não pode machucar ninguém mais,” Jeremy disse, colocando a pistola de volta em seu coldre.

Ele se afundou no chão, enxugando a transpiração de sua testa devido ao trabalho duro, ouvindo Peter Gabriel cantar palavras sobre guerra. Ele adotou a música como seu hino quando ele a ouviu pela primeira vez tocando no aparelho de som de seu pai alguns anos atrás. Foi uma estranha noite de nostalgia, e Sr. Stahl sentou no centro da sala de estar rodeada pela música de seu passado mais feliz. Gabriel estava entre os artistas, e Jeremy ficou na entrada da sala dando duro para decifrar as letras. Talvez ele tenha entendido errado, mas ele ouviu uma história de crianças guerreiras. Crianças maldosas. Crianças dispostas a causar danos com palavras, com ações. Crianças procurando por sangue nos campos de guerra de qualquer escola, USA. Ele lutava uma guerra lá todo dia. Ele lutava uma guerra em casa, também. E instantaneamente sua ideia de justiça nasceu.

Ele roubou o CD e colocava a música para repetir toda noite antes de dormir para que ele nunca esquecesse sua missão. Aqueles garotos precisavam aprender, ele pensava, aumentando a confiança em seu plano, seu propósito. O metal poderia bloquear um soco. O metal poderia silenciar uma palavra feia. Carne era fraca; o metal, forte. E ele iria ser o garoto que empunhou o metal — erradicando o abuso pelo bem maior.

Ele estava exausto de suas duas horas de treino. A mata privada na fronteira ocidental da Wasatch Range provia uma área perfeita de prática de tiro. Ele passou alguns dias mapeando a planta do prédio da escola — marcando áreas com varias listras coloridas — para autenticar seu treinamento tanto quanto possível. Ele trouxe alvos e os prendeu nas arvores, marcando cada um com um marcador permanente preto: Brandon, Ethan, Jamal, Jon, Josh, Mike, Justin, Tara, Alexia, Casey.

Ele debateu por algum tempo se seria ético atirar em uma garota. Quando a ideia de retribuição de sangue ocorreu a ele pela primeira vez, ele começou a ler o Velho Testamento. Ele precisava de

um exemplo para consultar, e quem melhor que o deus raivoso do Velho Testamento? Ele engolia merda de ninguém. Ele, ao contrário, os matava — mulheres e crianças incluídas. Por um período, Jeremy estava todo dentro disso. Isto era justiça, apesar de tudo, não era? Esses pecadores merecem isso, não merecem? Mas então ele perguntou a si mesmo como um recém-nascido poderia ser um pecador, e seu alicerce se partiu em dois. Eventualmente, se fragmentou completamente quanto mais ele lia até que ele não conseguiu mais acreditar nas palavras.

Seus pensamentos se desviaram para Casey. Ela não era nenhuma recém-nascida. Ela era uma vadia ardilosa, e ele ainda não conseguia entender como ela fez uma lavagem cerebral em Regan para que ela escolhesse se associar *aquelas* pessoas. Ele não estava absolvendo Regan como uma vítima inocente, apesar. A diferença entre as garotas? Bem, ele tem amado Regan desde a sexta série. Amor desculpa muitas coisas, e enquanto ele odiava a escolha dela em se conformar, ele ainda estava desesperado por ela.

Regan era gentil. Ela nunca o tratou mal. Casey foi gentil uma vez, também, quando ela era uma maldita tonta. Mas ela mudou. Ela deixou o mal penetrar lentamente em seu coração e cérebro, distorcendo e a treinando para ser outro monstro dentro das fileiras do exército dos garotos populares. Ela era tão bonita do lado de fora, mas ele imaginava que a parte interna dela parecia mais como uma Orca.

Ele percebeu que escolheu sabiamente. Todos naquela lista mereciam sua cólera. Todos naquela lista tinham empurrado ele para a beira — se por palavras ou socos — e danificado sua alma. Eles roubaram a luz dele e o convenceram de seu gênio mal. Eles não podiam continuar roubando a luz das pessoas. Eles não podiam continuar a aumentar a perversidade. Como ele poderia viver consigo mesmo se descobrisse anos depois que um deles causou o suicídio de alguém? Se um deles espancasse sua esposa até a morte? Se um deles afogasse seus bebês? Ele não poderia. Ele não arriscaria a chance. Ele viu o alvo de Casey a distância e o levantou lentamente.

“Você não merece ter bebês,” ele disse, levando o rifle a seu coração.

Ele deu uma profunda inspiração.

E atirou.

S. WALDEN

INTERIM

~

Sim, pai. Eu estou usando estas armas para o bem.

~

S. WALDEN

INTERIM

“Você está quieta,” Brandon observou, cutucando sua namorada.

Sem resposta.

“Eu disse que você está quieta,” ele observou de novo, dessa vez com uma ponta de desprezo em sua voz. “Eu organizei essa festa para você.”

Regan virou seu rosto para esconder seu sorriso. Para ela? Ele organizou esta festa para ela? Ela odiava festas — sempre tinha odiado festas — e se ele não fosse um imbecil ele teria se lembrado dela dizendo isso em diversas ocasiões.

“Isso é só um monte de pessoas,” ela disse suavemente.

Brandon suspirou. “Regan, quantas vezes nós temos que falar nisto? Eles são seus amigos também. Você age como se eles não fossem.”

“Eles não são.”

“Eles são,” ele insistiu. “Um amigo meu é um amigo seu.”

Ceeerto.

“Eu tentei fazer algo realmente especial para você,” Brandon prosseguiu. “Eu me importo com você.”

Sim, ele se importa em controlar ela.

Ela mordeu seu lábio. As palavras que quase saíram teriam instigado uma briga, e ela não estava no humor para brigar. Ela nunca queria brigar com Brandon de novo. Ela queria estar livre dele completamente.

Então, só diga a ele! Seu cérebro gritou. Diga a ele agora mesmo!

Regan balançou sua cabeça.

“Porque você está balançando sua cabeça? O quê? Você não

acredita em mim quando eu digo que me importo com você?” Brandon perguntou.

Regan limpou sua garganta. “Eu aprecio isso. Aprecio.”

A boca dele ficou pendurada.

“Que tipo de resposta é essa? Você aprecia isso? Que tal você dizer que se importa comigo em troca?” ele virou seu rosto.

“Não, não, eu me referi ao gesto. A festa. Eu apreciei isso, mas não é como eu queria passar meu aniversário.”

A boca de Brandon apertou.

“Eu quero dizer, eu nem mesmo converso com metade dessas pessoas. E eles já estão chapados. Isso só não é minha cena,” ela continuou.

“Você não faz nenhum esforço,” Brandon exclamou, torcendo sua cabeça para olhar para ela. “Nós estamos namorando desde a nona série, e você não fez nenhum esforço para conhecer meus amigos e ser uma parte real de minha vida.”

O quê? Ela pensou. Esse cara está falando sério?

“Ultimamente eu sinto como se você não desse a mínima para mim,” ele disse.

Eu não dou.

“Eu te expliquei tudo sobre Hannah, mas eu sinto que você continua não acreditando em mim.”

Não mesmo.

“E eu não consigo nem dizer a você o quanto isso dói. Eu te disse a verdade. Eu organizei esta festa para você. É como se eu não conseguisse te deixar feliz,” Brandon fez beicinho. “Quero dizer, quem é você? Eu só... eu nem mesmo conheço...” ele pausou e deu uma olhada em sua camiseta. “Porque você está usando isto?”

Regan corou, olhou em sua camiseta. “Que obsessão é essa com minhas roupas? Porque você se importa?”

“Eu me importo porque não posso evitar pensar que isso é um sinal de você se afastando de mim,” Brandon disse.

Sim, Casey foi correndo para ele, antes de tudo. Bem como ela tinha ameaçado.

“E eu não gosto disso. Eu não gosto de você se vestindo desse jeito,” ele disse. “Você precisa mudar isso.”

Regan se exaltou. “Você está realmente me falando isto no meu aniversário? Quero dizer, sério. Você tá realmente me dizendo o que eu tenho que fazer? Você é um idiota!”

Brandon se levantou, se erguendo sobre ela.

“Eu não estou tentando ser um idiota, okay? Eu só estou dizendo que aparência importa, e ultimamente as pessoas tem sido tipo, ‘como está a sua namorada estranha?’ como você acha que isso me faz sentir? Nós devemos ser colocados como um exemplo.”

“Nós devemos? Que exemplo? Como agir como babacas?”

“Olha isso,” Brandon alertou.

“Não me ameace,” Regan atirou de volta. “Eu estou doente e cansada de você me dizendo o que fazer e o que dizer e o que usar!”

“Eu não te digo o que fazer,” Brandon argumentou.

“Você faz isso! Você me disse para mudar a forma como estou me vestindo!” Regan chorou.

“Você faz soar como se eu ficasse te falando esse tipo de coisa o tempo todo,” Brandon disse.

“Você fica! Talvez não abertamente, mas você fica. Você sempre fez isso. Se houvesse alguma coisa que você não gostasse em mim, você me deixaria saber através de seus pequenos comentários babacas e perturbadores. Às vezes eu ouvia de Casey. Pffst! Como se eu não soubesse que você esteve com ela. Como se eu não percebesse que você a enviava para arrumar alguma coisa sobre mim para não irritar sua persona super legal.”

“Irritar?” Brandon perguntou, levantando as sobrancelhas.

“Não finja que você não tem estado me manipulando por todos esses anos!” Regan gritou.

“Eu não tenho.”

“Okay então. *Me moldando*. Que tal isso?”

“Moldando você?”

“Sim, Brandon. Me moldando. Me mudando. Me transformando no que você queria que eu fosse,” Regan respondeu pacientemente. “E eu estou doente e cansada disso. Eu NUNCA teria sido aquela garota. Eu não tomo ordens de namorados. Eu não deixo as pessoas mandar em mim. Eu não calo minha boca. Eu não deixo os caras —”

Ela caiu sentada na areia, batendo seu cóccix dolorosamente. Ele a colocou lá com um forte empurrão.

“Eu não quis fazer isso,” Brandon disse rapidamente. Ele estendeu sua mão. “Eu me esqueço da minha própria força às vezes.”

“Não,” ela sussurrou.

“Apenas pegue minha mãe, Regan.”

“Não.”

“Eu sinto muito.” Ele lamentou. Era patético e insincero e tudo que ela odiava nele.

“Não, você não.”

Ela sabia que não era sábio discutir. Resistência poderia alimentar sua raiva ainda mais, e então ela se afastaria com um nariz sangrando ou um olho roxo. A coisa segura a fazer seria pegar a mão dele, mentir para ele que estava bem, e depois se afastar sorrateiramente quando tivesse a oportunidade. Então ela poderia terminar com ele via mensagem de texto, e ela nunca mais teria de se preocupar em ficar sozinha com ele de novo. Ela estaria cercada de pessoas na escola. Ela se certificaria de nunca ficar sozinha em casa. Isso poderia funcionar. Tudo que ela teria de fazer era pegar a mão dele. Por agora.

“Levante, Regan,” Brandon ordenou. Ele ondulou sua mão para

ela impacientemente.

Não, ela pensou, se enfurecendo contra seus instintos femininos de sobrevivência.

“Vai se foder,” ela disse, seus olhos fixados nele. “Eu não vou encostar em você.”

Brandon deixou cair sua mão em câmera lenta. Ela assistiu seu rosto se transformar de uma surpresa genuína em uma malícia escura. Ela sabia o que estava vindo. Isso esteve dormente nos músculos de seu braço por três anos. Tudo que ele precisava era de uma razão legítima, e agora, ela tinha dado a ele uma. Ela desobedeceu. Ela disse não.

Ele chicoteou suas mãos em um piscar de olhos, agarrando os antebraços dela antes que ela pudesse correr. Ela gritou quando ele a colocou de pé. E então isso aconteceu. Ele deu um tapa nela — mão açoitando sua bochecha em uma ferroadada cegante. O ferrão aconteceu com um propósito — ameaçar, exigir uma mudança que ela não estava disposta a oferecer. Exigir uma pessoa que ela não estava disposta a ser.

A marca pulsaria vermelha por uns poucos minutos — talvez uma hora — e depois desapareceria como se nunca tivesse estado lá. Ele não era idiota. Ele sabia como bater nela. Manchas entregavam caras como ele. Mas um tapa é indefinido, como o vislumbre do lixo trazido a superfície por uma onda agitada, só para desaparecer nas profundezas em segundos. Evidências físicas apagadas com somente uma mensagem permanecendo: *eu estava aqui. Agora experimente provar isso.*

Regan olhou para Brandon enquanto massageava sua bochecha.

“Eu quero arrancar seus olhos,” ela silvou.

“Não, você não vai,” ele desafiou.

“Eu quero arrancar seus olhos,” ela repetiu.

“Pare de dizer isso.”

“Eu quero arrancar seus olhos!”

“Cala boca, Regan!”

“Eu odeio você! Eu odeio você, eu odeio você, eu odeio você!” ela gritou no ar da noite.

Ela deixou as palavras flutuarem com a brisa, tomando seu caminho até os festeiros, que ela sabia que estavam bêbados demais para se importar. Mas ela sabia o que ela queria dizer, e aquilo era tudo o que importava.

“Você pode entender que eu te amo?” Brandon gritou.

Regan bufou. “Você é um louco fodido!”

“Eu não queria te dar um tapa.”

“Sim, você queria! Você estava esperando para fazer aquilo!”

Brandon demonstrou choque. “Nunca, Regan.”

“Oh, cala a boca. Apenas cala a maldita boca! Eu estou indo, e você não vai colocar mais suas mãos em mim. Você não vai me parar. Você não vai me seguir. Tá entendendo?”

Brandon não iria desistir. Ela sabia que ele não iria. Era de sua natureza pegar o que queria. Todas. As. Vezes.

“Regan, me deixe te levar para casa. Eu não quero que você volte sozinha. Está escuro por aí. Eu não —”

“Você não entendeu?” ela gritou. “VOCÊ é o monstro! Você! Se eu tenho algo para ter medo, é de você.”

“Regan...”

“Não. Não diga nada. Eu estou indo.”

Ela se virou em seus pés e voou para a noite. Ela ouviu a voz fraca dele a distância tentando convencê-la a voltar.

“Eu *sinto* muito! Não importa o que você pensa! Eu não queria isso, Regan! Volte...”

Mas ela não voltou. Ela sabia que nunca mais voltaria. Só havia um lugar que ela queria estar, só uma pessoa que ela queria ver. E ela estava indo até ele.



Ela o encarou sem piscar, apesar das ofuscantes luzes fluorescentes da oficina fazerem seus olhos dilatarem. Elas eram particularmente agudas, justapostas contra a noite negra — raivosa e pouco convidativa.

Ela pensou que teria cometido um erro ao vir aqui, e o pânico ondulou por seu peito, convencendo-a de que não deveria ter vindo. Mas então ela viu o canto da boca dele se virar para cima — um meio sorriso, sorriso hesitante — e ela soube que era bem-vinda.

“Oi,” ele se aventurou.

Ela acenou e coaxou um “oi” em resposta.

Ele era um clichê parado ao lado de seu Camaro batido, usando uma camiseta branca pontilhada com manchas de óleo e outras sujeiras. Suado, cabelo embaraçado grudado em sua testa e obscurecendo seus olhos, parcialmente camuflando a cicatriz do lado esquerdo de sua têmpora. Ele levou uma mão em sua franja, e elas ficaram certinhas no lugar, o óleo de seus dedos agindo como produto de cabelo.

Jeremy se inclinou contra seu carro e esperou.

“É meu aniversário!” Regan choramingou de repente. Ela sentiu o rubor instantâneo — calor pinicando de seu pescoço até suas bochechas, tingindo tudo de um carmesim profundo.

Jeremy sorriu. “Eu sei. Eu vi seu armário hoje.”

Regan encolheu os ombros. “Eles fizeram um trabalho decente decorando ele.”

“Sim.”

Silêncio.

“Os balões foram um pouco demais,” ela disse.

“Vi você lutando por um tempo para trocar seus livros.”

Ela abaixou sua cabeça. “Eu me senti boba. Quero dizer, não é

como se os aniversários fossem grande coisa...”

“Claro, eles são,” Jeremy contra-argumentou.

Regan concordou, não convencida. Ela levou sua mão em seu rosto e examinou sua bochecha. Sem feridas. Ela bufou. *Como se nunca tivesse acontecido.*

“Eu pensei que você estaria com seus amigos,” Jeremy disse depois de um momento.

“Eu estava,” Regan respondeu.

“Porque você saiu? A festa acabou?”

“Em um sentido.”

Jeremy franziu o cenho. Algo estava definitivamente errado. Ele tentou aliviar o humor.

“Onde está meu bolo?”

“Huh?”

“Eu disse que você poderia vir me visitar aqui se trouxesse bolo,” ele lembrou a ela. “Você não pode dizer que não tinha bolo na sua festa.”

Ela sorriu. “Ohhh. Eu acho que foi tipo rude não trazer a você um pouco, huh?”

“Talvez.”

Ela corou. “Eu realmente não tive tempo de embrulhar.”

“Como assim? Você fez um intervalo para isso ou algo assim?”

“Bem...”

“Espera. Sua festa ainda está acontecendo?”

Regan sorriu timidamente.

“Você abandonou sua própria festa?” Jeremy explodiu em risadas.

Regan riu. “Era uma festa de bêbados perto do lago. Eu não sou

dessas. Brandon organizou porque é a festa que ele queria. Sabe? Não é a festa que eu queria. Eu nem queria uma festa. Eu queria que todos me deixassem em paz, inferno.”

Jeremy alcançou uma chave de fenda. “Eu entendo isso.”

“Sim, eu sei que você entende,” Regan respondeu.

“E você achou que teria um tempo melhor aqui?”

Ela deveria honestamente dizer sim?

“Sim.”

Ele congelou, segurando a chave de fenda. *Sério?*

“Porque eu sabia que você me entenderia,” ela prosseguiu. “Essa foi uma noite péssima, e eu queria que meu aniversário de dezesseis anos fosse todo o oposto dessa noite. Sabe? Eu não sou de festas. Eu não bebo. Quer dizer, eu não bebo com aquelas pessoas. Quero dizer, eu não *gosto* de beber com aquelas pessoas —”

“Eu entendo. Está bem,” Jeremy disse.

“Eu estou realmente nervosa!” Regan virou sua cabeça e olhou a rua. Ninguém vindo. Ela soltou uma lenta expiração.

“Com o quê?” Jeremy perguntou.

Ela procurou por uma mentira. “Eu... eu tive algo estranho acontecendo comigo no caminho para cá. Isso é tudo. Parei em um farol e alguém bateu na janela do meu carro. Me assustei até os ossos.”

Ele não acreditou nela nem por um segundo, principalmente porque ela evitou seus olhos enquanto falava. Seus instintos diziam a ele que isso tinha tudo a ver com Brandon.

“Eu estou legal. Só me deu tremeliques.”

“Tremeliques, huh?”

“Uh huh.”

Ele riu.

“O quê?” ela perguntou.

“Nada.” Ele levantou suas mãos.

“O que é tão engraçado?”

“Nada. Eu só nunca tinha ouvido uma adolescente dizer ‘tremeliques’. Isto é fo — diferente.” Oh Deus, ele quase disse ‘fofo’. Que palavra estúpida para um cara dizer.

“Tremeliques?” Regan perguntou.

“Sim.”

Eles ficaram em silêncio.

“Eu me sinto uma idiota,” ela murmurou.

“Bem, então você está no lugar certo,” Jeremy respondeu.

Regan riu. “Posso ficar por um tempo? Eu não quero interromper nem nada. Eu só não estou pronta para ir para casa.”

“Deixe-me entender isso: você quer ficar um tempo comigo no seu aniversário?”

“Você parece confuso.”

“Eu estou.”

“É estranho eu querer ficar aqui?”

“Uh, sim.”

“Porque é tão estranho?”

“Porque você é você e eu sou eu.”

Ela revirou os olhos.

“E porque essa é uma grande noite para você. E esta oficina é nojenta. E há pessoas melhores com quem passar seu tempo.”

Ela pensou por um momento. “Eu não consigo pensar em uma.”

Ondas de intenso calor. Ele não estava esperando isso. Ele não estava esperando o suor romper em seus braços também — como se seu metabolismo estivesse acelerando depois de uma extenuante sessão de treinamento.

“Bem?” ela perguntou, aguardando. “Eu posso? E você vai fechar aquela porta? Eu não gosto de toda a escuridão. Eu me sinto exposta.” Ela estremeceu.

“Uh, claro,” ele respondeu, se dirigindo a porta da oficina e fechando.

Ela subiu no balcão e empinou sua cabeça, examinando ele. “Você não é muito bom consigo mesmo.”

“O quê?”

“Você age como se não importasse. Você age como se eu fosse louca por querer passar um tempo com você.”

Ele coçou sua bochecha vermelha.

“Eles arrancaram o valor-próprio de você?”

Pergunta chocante. Como ela ousava perguntar a ele algo como isso!

“Não tudo,” ele respondeu calmamente. “Maioria, mas não tudo.”

Só quando ele pronunciou as palavras em voz alta que ele percebeu que elas eram realmente verdadeiras. Eles não tiraram tudo dele. Se eles tivessem, ele teria se pendurado numa corda muito tempo atrás. Sua missão o mantinha vivo.

“Na verdade, você é mais legal que todos eles,” ele ouviu Regan dizer.

Ele sorriu. “Porque você acha isso?” Sim, ele precisava de uma massagem no ego.

“Bem, você pode montar carros. O pretensioso do Brandon mal consegue colocar sua própria gasolina.”

“Ele é bom demais para isso, ou ele realmente não sabe como mexer na bomba?”

“Ambos, mas eu acho que é mais por ele não saber como mexer na bomba.”

Jeremy procurou por outras ferramentas para continuar seu

trabalho no carro.

“Você faz snowbord. Isso é foda. Quero dizer, legal! Isso é *legal*,” Regan disse, rindo. “Brandon faz esqui. Totalmente vergonhoso.”

Jeremy concordou. “Concordo.”

“Você deveria me mostrar qualquer dia.”

“Como fazer snowboard?”

“Sim.”

Ele sentiu a necessidade imediata de flertar. Real, flertar em seu rosto, porque estava escuro lá fora, e a oficina estava bem fechada, e ele a tinha toda para ele mesmo.

“Eu não sei, Regan. Você pode não curtir,” ele começou, abandonando seu projeto por uma mesa no canto mais distante do cômodo. Ele procurou até que encontrou, enrolado e novo.

“O que você quer dizer? Eu sei que é difícil,” Regan respondeu.

“Não isso. Eu não sei se você ficaria confortável fazendo isto, é assim que as garotas fazem,” Ele desenrolou o pôster, depois deu uma olhada pelo lado esquerdo. “Você tem alguma coisa assim que você poderia usar?”

Sua boca caiu aberta. Ela observava as costas de uma morena nua, longos cabelos escuros caindo em cascata em direção a uma bunda redonda e carnuda. Seus pés estavam confortavelmente fechados em botas presas a uma prancha de snowboard. Ela estava parada contra um fundo branco puro que acentuava sua nudez bronzeada.

“E o que eu estaria vestindo de novo?” ela perguntou.

“Sua roupa de aniversário. Naturalmente.”

“Eu estou congelando só de olhar para ela.”

Ele riu.

“Você tem estes pôsteres em seu quarto?” ela perguntou.

“Eu estou muito velho para pendurar pôsteres no meu quarto,”

Jeremy respondeu, enrolando a morena até ela desaparecer de vista. “Mas eu tenho colecionado eles por anos. Minha marca favorita de snowboard. Blind Boards.”

“Blind Boards?”

“Sim. Eles são totalmente menosprezados, mas eu acho que eles têm potencial para serem maiores que Burton.”

“Eu não faço ideia do que você está falando,” Regan disse.

“Burton, tipo, é a melhor marca de snowboard. Eu gosto coisas das coisas deles, mas Blind Boards leva isso a um nível completamente diferente. Eles são muito mais inovadores.”

“E você gosta das propagandas deles,” Regan pontuou.

“Hey, o que eu posso dizer? As garotas deles são boas.”

Regan riu. “Cara, deve ser a coisa mais fácil do mundo fazer marketing para os homens. Só incluir algumas tetas e bundas e você têm clientes imediatos.”

Os olhos de Jeremy arregalaram. Regan percebeu.

“O quê?” ela perguntou.

“Eu nunca tinha ouvido uma garota dizer ‘tetas’. Nunca.”

“Grosseiro?”

“Vindo de você?” ele pensou por um momento e então balançou sua cabeça. “Não. Não soa grosseiro. Mas eu sinto como se você devesse estar segurando uma cerveja enquanto dizia isso.”

Regan suspirou. “Eu meio que queria estar segurando uma.”

“Pensei que você não bebesse.”

“Não, eu enfatizei aquela declaração. Eu não gosto de beber com *aquelas* pessoas.”

“Oh, eu vejo.”

Regan observou enquanto Jeremy se dirigia a um freezer do outro lado da oficina. Puxou de lá uma cerveja e retirou a tampa,

depois entregou para ela beber.

“Eu tenho que dirigir para casa,” ela disse, aceitando automaticamente.

“Eu te levo.”

“Mas você não tem um carro. A menos que você leve aquela coisa correndo,” ela disse, lançando um olhar para o Camaro.

“Não ainda. E eu posso dirigir o seu carro.”

Ela não tinha considerado isso.

“Mas assim você vai ter que voltar andando,” ela disse.

“Não tem problema.”

Regan coçou sua cabeça. “Tem certeza?”

Ele acenou. “Beba.”

“Então, você não vai pegar uma?”

“Não. Esta é sua noite. Beba tudo que quiser. Eu fico de olho em você.”

Ela sorriu abertamente. “Sério?”

“Claro.”

Seus olhos estreitaram. “Sem motivos posteriores?”

“Nem mesmo sei o que isso é,” ele disse.

Ela bufou e murmurou, “Sim, apostou que você não sabe.”

Ele observou a garrafa alcançar os lábios dela, inclinada com a menor pressão ascendente de sua cabeça. Seus músculos da garganta contraíram, e ele imaginou o líquido deslizando pela garganta para dentro dela, se espalhando ao redor de sua barriga, esquentando imediatamente. Ela lambeu seus lábios e exalou um suspiro exagerado.

“Obrigada.”

“De nada.”

Um silêncio confortável preencheu a oficina enquanto Jeremy

retornava ao seu trabalho nos eixos — um projeto que estava quase completo. O Camaro poderia correr até janeiro se ele tivesse sorte.

“Porque aquele nome?” Regan perguntou.

“Huh?”

“Blind Boards? Que diabos é um blind board?”

“Oh. Bem, eu li em algum lugar que essa é a diferença entre snowboard e outros esportes.”

“O que você quer dizer?”

“Bem, esportes são normalmente coloridos e chamativos, sabe? Pense no que você vê quando assiste a uma partida de futebol ou futebol americano. Especialmente se você está no estádio. Quanto você acha que perderia se não pudesse ver as cores?”

Regan pausou. “Um monte. Eu suponho.”

“Exatamente. Mas snowboard é só você e sua prancha e uma grande montanha branca. A emoção está no trajeto, não no que você vê.”

Regan assentiu, absorvendo. “Isso faz sentido.”

Ela inclinou sua cerveja e bebeu avidamente. Não foi até ela começar a segunda que ela percebeu que faziam muitas horas desde que ela tinha comido. O álcool bateu com uma força fantástica, embaralhando suas palavras seguintes.

“Aqueles goritas realmente fazem snowboard nuas?” ela perguntou.

Jeremy olhou para trás dele. “Você teve uma cerveja, Regan.”

“Eu sei!” ela riu.

“Você acha que essas ‘goritas’ fazem snowboard nuas?” ele provocou.

Ela coçou seu rosto pensativa. “Eu estou achando que não. Mas então de novo, se eu tivesse a bunda daquela garota, eu faria isso.”

“Você faria snowboard nua.” Ele não conseguiu colocar isso

como uma pergunta. “Caramba. Isso é épico.”

“Épico?”

“Olha. Você saiu com a galera popular por tempo demais e você começou a soar como uma idiota.” Jeremy riu. “Bem, não há garotas nuas nas ladeiras. Garotas em biquínis, sim. Mas nenhuma delas nua.”

“Oh, sim! Eu tenho visto estas garotas! Eles são loucas,” Regan disse.

“Você acha?”

“É frio lá em cima!”

“Você nunca jogou sua jaqueta de esqui? Eu fico quente quando faço snowboard. Eu troco por uma camiseta na maior parte do tempo.”

“Eu nunca. Eu estou sempre fria. Sempre.”

“Isto é muito ruim,” Jeremy disse, olhando para ela... prestando atenção extra em seu peito... imaginando como ela ficaria em um biquíni... imaginando como ela seria nua.

Regan sorriu para si mesma. “Snowboard de biquíni.”

“Nossa versão dos surfistas do litoral sul,” Jeremy respondeu.

Ela assobiou. “Deve doer pra diabos quando elas caem.”

Jeremy riu com força.

“O quê?” Regan choramingou.

“Diabos?”

“O que tem de errado com isso?” Ela não conseguiu evitar e explodiu em um monte de risadinhas.

“Absolutamente nada. Eu achei isso ótimo,” Jeremy respondeu.

Apertou o eixo. Ele caminhou até a pia e lavou suas mãos, depois foi para o balcão onde ele se sentou ao lado dela. Ele foi cuidadoso para seu joelho não toca no dela, mas ela não.

“Eu realmente tento não dizer coisas estranhas,” ela confessou. “Brandon sempre fica em cima de mim por dizer coisas estranhas.”

Jeremy franziu o cenho. “Não há nada errado com as coisas que você diz.”

“Ele não gostava das minhas roupas,” ela disse. “Ele disse que eu fico gorda em jeans de cintura alta.”

Jeremy suspirou.

“Você... acha que eu pareço gorda?” ela perguntou suavemente.

“O quê? Você está brincando comigo?” ele ficou nervoso. “Não é meu lugar, mas eu acho que você deveria se livrar dele. Quer dizer, se ele faz você se sentir mal sobre si mesma.”

Regan concordou. “Eu sei.”

Ele queria pressionar a questão. Seu “eu sei” não foi uma resposta. Ele não sabia o que aquilo queria dizer. Ela iria deixá-lo ou não?

“Ele costumava ser legal,” ela disse pensativa.

“Ele nunca foi legal.”

“Então, ele fez um teatro para mim?”

“Sim.”

“Entãooo, eu sou uma idiota?”

“Não. Você provavelmente realmente pensou que ele tinha mudado. Você quer ver a bondade nas pessoas.”

“E isso é ruim?”

“Talvez irrealista.”

“Você acha que eu sou estúpida?”

Ele exalou lentamente. Caramba. Insegura demais?

“Não, Regan. Eu não acho que nada no jeito que você age e pensa é estúpido. Eu nunca poderia pensar isso.”

Ela sorriu e se inclinou sobre ele. Ela bateu no braço dele com o dela e perguntou sobre o progresso dele com o carro. Ele realmente não queria falar sobre isso. Ele queria continuar falando sobre

Brandon até ele a convencer a deixar ele. Mas então ele se lembrou que era o aniversário dela, e quem diabos iria querer conversar sobre Brandon no seu aniversário?

Ele listou alguns reparos em que ele estava atualmente trabalhando.

“Estou distraíndo você. Eu sei. Eu deveria ir,” ela disse.

“Você não está me distraíndo tanto assim.”

“O que você estava para fazer?”

“Deslizar para baixo do carro por um instante.”

“Por quê?”

“Trabalhar em um eixo.”

“O que é um eixo?”

“Uma parte importante de um carro.”

Ela apontou para uma prancha almofadada com rodas nos quatro cantos.

“É aquilo que você usa para deslizar para baixo do carro?”

“Sim.”

Ela inclinou a garrafa e drenou a última da cerveja. Ele não ofereceu uma terceira a ela imediatamente. Ela poderia tomar um mini-intervalo. Ou um permanente.

“Posso dirigir isso?”

“O quê?”

“Aquela coisa de quatro rodas. Posso dirigir?”

“Você quer dirigir o rastejador?”

O rosto de Regan se iluminou. “De alguma forma.”

“Huh?”

Ela pulou para fora do balcão e estatelou sobre o rastejador.

“Eu totalmente aprovo o nome.”

“Rastejador?” Jeremy a assistiu deitar de costas, joelhos para cima e pés plantados no chão.

Ela se afastou e guinchou.

“Eu estou rastejando!”

“Sim, você está,” ele riu.

“Hey, Jeremy, me observe rastejar!” ela ziguezagueou e girou em um círculo.

“Impressionante.”

Ela se arrastou em torno da oficina, de vez em quando fazendo perguntas sobre carros e as diferentes ferramentas pela qual passava, apontando lado a lado e acima de sua cabeça. Ela aumentava de velocidade conforme sua confiança crescia.

“Tenha cuidado,” Jeremy alertou.

Ela jogou seu peso a esquerda e por pouco evitou um barril.

“Oh, sim! Eu sou fodona!”

“Com certeza você é,” Jeremy disse. “Agora, devagar.”

Ela o ignorou fazendo uma curva a direita, voando paralelamente a parede oposta.

“Regan...”

“Melhor aniversário de SEMPRE!” ela berrou, então correu direto para uma parede — uma pancada bem no topo de sua cabeça. “Ai!”

Jeremy pulou do balcão e correu para ela. Caiu de joelhos e segurou o topo da cabeça dela — um movimento íntimo, mas ele achou que a situação pedia por isso.

“Ei,” ela disse suavemente. “Você deveria estar tomando conta de mim.” Levemente acusadora, mas de um jeito doce.

“Eu sei. Eu sinto muito. Você foi muito rápido nessa coisa.”

“Ei, essa sua mão ainda tá suja?”

Ele riu. “Eu lavei. Você não lembra?”

“Eu não me lembro de nada.”

“Amnésia?”

“Tão ruim. Eu acho que tenho de recomeçar minha vida completamente.”

“Isso seria ruim?”

“Eu não acho.” Ela riu. “Oh, desculpa, Brandon. Eu não me lembro de ser sua namorada, então eu acho que não sou sua namorada mais. Oh, bem!”

Jeremy sorriu.

“Oh, desculpe, Casey. Eu não me lembro de ser sua melhor amiga. Acho que é melhor eu arrumar uma nova. Esta é a vida!”

Ele riu.

“Oh, oops! Eu não me lembro de nenhum dos meus amigos.” E depois ela olhou dentro dos olhos dele. “Exceto por Jeremy. Eu me lembro dele. E—” ela pausou. “— Eu... eu acho que vou mantê-lo.”

Ela pediu por isso. Deus, ela pediu! E ele estava *muito* perto de dar isso a ela. Um beijo. Um profundo, penetrante, eu-vou-fazer-você-me-amar, beijo. Seu rosto pairava alguns centímetros acima do dela, e ele observou os olhos dela fechar em expectativa, lindos cílios se agitando ao movimento de seus olhos por trás de suas pálpebras lavanda. Ela queria ser beijada no seu aniversário. E ele queria fazer isso.

Mas então ele se lembrou que ela bebeu duas cervejas. Ela estava boba e bêbada e namorando outro garoto. Tudo sobre isso iria ser perfeitamente errado, e ele iria se arrepender de tirar vantagem dela.

“Hey,” ele sussurrou.

Ela abriu um olho.

“Você tem certeza que você está bem?”

“Nada quebrado, só meu orgulho,” ela respondeu.

“Eu pensei que você sabia deixar seu orgulho na porta quando estivesse comigo.”

Ela bateu em sua cabeça com a palma da mão. “Eu continuo esquecendo isso.”

“Deixe-me te ajudar a levantar,” Jeremy ofereceu.

Ela abaixou o rosto. “Sério?”

Oh sim. Ela queria aquele beijo.

“Sim. Sério.”

Seu corpo doía por causa dela. Sim, hormônios adolescentes definitivamente interpretavam seu papel, mas não era só atração sexual. Ele poderia passar o resto da noite ouvindo a tagarelice dela até a manhã do outro dia. Ele queria mais que o corpo dela. Ele queria seu tempo. Ele queria todos os seus pensamentos e sentimentos. Ele queria que ela fizesse e dissesse tudo que ela quisesse. Era ela — a Regan completa — que ele ansiava.

Ele olhou para baixo ao som de um ressoar suave.

“Regan?”

Nada.

“Depois de duas cervejas, Regan?”

Ainda nada.

“Você tem que estar de brincadeira comigo,” ele resmungou, e a levantou, aninhando-a como um bebê. “O que eu faço com você agora?”

Os braços dela balançavam sem vida. Ela realmente desmaiou. Ele não sabia onde ela tinha colocado as chaves do carro dela. Ele não podia levá-la para casa daquele jeito. Ela tinha de acordar. Eventualmente.

Ele fez o caminho até uma cadeira de jardim que ficava ao lado do seu Camaro, e se afundou nela lentamente. Ela gemeu e virou seu peito contra o dele, roçando o pescoço dele com a bochecha dela e

nariz. Fez cócegas e enviou ondas por seus braços. Ele apertou seu abraço e ouviu o som regular da respiração dela.

Mal detectável.

“Eu espero que você tenha tido um bom aniversário apesar de tudo,” ele sussurrou, lábios pressionados gentilmente contra a testa dela.

Foi um movimento ousado, mas ela estava adormecida.

“Eu tive,” ela sussurrou de volta.

Ele ficou tenso. Ela não se mexeu. Ele olhava o rosto dela. Seus olhos permaneciam fechados, como se ela estivesse respondendo a ele em sonhos. Mas ele sabia melhor, e ele se perguntou se ela estava acordada, tentando pegá-lo daquele jeito.



Não importa o que ela fez. Ela poderia fazer qualquer coisa. Ser qualquer um. Machucar meus sentimentos de novo e de novo. Dizer as mais doces coisas. Fazer-me chorar. Fazer-me rir. Rasgar-me em pedaços. Construir-me de volta. Tirar tudo de mim, e me devolver depois. Fazer jogos. Ser real. Ela poderia fazer isso tudo, e eu ainda a amaria. Eu ainda iria querê-la. Porque pessoas quebradas não sabem quando o suficiente é o suficiente.



00:10

Um dia perfeito para uma partida de futebol. Um dia atipicamente fresco. Sol brilhando esperançosamente no céu. Arquibancadas lotadas. Todos vieram assistir as garotas de Ridgeview batalharem contra River Sun. Grandes rivais de longa data. Montes de história. Montes de desrespeito nas arquibancadas e ao redor do campo. Regan evitou as arquibancadas o máximo que pode. Ela não queria saber onde o olheiro estava acampado. Sem pressão ou nada do tipo.

“Pés, não falhem comigo,” ela suspirou, olhando para baixo.

“Você não tem de jogar seu melhor jogo,” Casey disse mais cedo no vestiário. “Você só tem que jogar bem o bastante.”

Regan bufou. Casey sempre dizia exatamente a coisa errada antes dos jogos. Ela era a melhor e a pior líder de torcida de Regan.

“E não se preocupe com Brandon,” Casey adicionou. “Vocês dois vão trabalhar isso, mas vocês têm que conversar.”

Regan ignorou as ligações de Brandon o fim de semana inteiro. Graças a Deus que segunda-feira era feriado. Ela se escondeu dele hoje porque ainda não tinha decidido o melhor jeito de terminar com ele. Casey sabia que algo grande aconteceu entre eles no fim de semana, e ela só se meteu uma vez antes de perceber que era melhor deixar sua amiga em paz. Ela nunca tinha visto aquele olhar nos olhos de Regan — como se ela pudesse matar alguém. Como se ela fosse *matá-la* se Casey não parasse de pressionar.

“Hum, okay,” Regan respondeu. Ela revirou seus olhos.

“O quê? Nada bom?”

“Não. Nada bom mesmo. Porque mesmo você está mencionando ele para mim nesse instante?”

“Eu só estou tentando te dar perspectiva!” Casey argumentou.

Pfsst. Perspectiva. Como se esta garota tivesse alguma

perspectiva. Ela estava em um relacionamento ruim com um cara ruim de um grupo ruim.

“Você não deveria estar aqui,” Regan disse de forma sucinta, amarrando suas chuteiras.

“Whoa.”

“Só dizendo. Eu amo você até a morte, mas saia do vestiário e pare de me dar conselhos.”

“Isso é obrigatório.”

“Exatamente. Saia, por favor.”

Casey bufou e se inclinou. Ela apertou a bochecha de sua melhor amiga — um ritual que elas começaram na nona série quando Regan montou seu time escolar. Isso era inédito. Calouros nunca fizeram um time escolar. “Um para boa sorte,” Casey disse automaticamente. Uma beliscada na outra bochecha. “Um para o gol.”

“Eu preciso de dez,” Regan respondeu, e seu coração ficou apertado.

Isso era verdade. Bem, sua absurda verdade. Ela tinha se convencido de que precisava ao menos de dez gols para estampar seu nome e número no cérebro do olheiro.

Casey caminhou para a saída, então pausou. Ela se virou.

“Você enfaixou seus peitos?” ela perguntou suavemente.

“Jesus, Casey!” Regan choramingou, mãos automaticamente indo até seu peito.

“Desculpa. Pura curiosidade.”

“Você é uma amiga terrível nesse momento!” Regan exclamou.

“Eu sei! Eu sei!”

“Por favor, vá.”

“Estou indo. Eu juro. É só —” Casey pensou por um momento.

“Ei.”

“Ei o quê?” Regan rosnou.

Casey sorriu. “Eu acredito em você. Você vai ser incrível hoje. Não, não, fantástica. Você vai abalar a mente de todo mundo.”

Regan examinou as arquibancadas mesmo quando seu cérebro gritava para que ela desviasse o olhar. Mas ela não estava procurando o olheiro. Ela estava procurando sua melhor amiga, que finalmente disse algo certo! Ela precisava de encorajamento, e sabia que Casey diria tudo de novo: “Eu acredito em você.”

“Bem, bem, se não é a deusa de ouro,” disse Sydney, aproximando-se de Regan. Centroavante rival. Quase a imagem espelhada uma da outra.

O comportamento de Regan mudou. Ela inalou profundamente, soprando seu peito e tentando duramente olhar para baixo com o seu nariz em sua oponente.

“Eu estou brilhando, eu sei.” Regan replicou, com sua voz mais desdenhosa. “Quer saber por quê?”

“Porque você é Katniss?”

“Isso é certo, eu sou Katniss, e estou prestes a colocar este campo em chamas,” Regan respondeu.

“Você está esquecendo que eu sou do Distrito 1, e nós somos praticamente imparáveis,” Sidney argumentou.

“Você é boa, eu vou te dar isso, mas eu sou a puta trapaceira aqui que vai começar a merda,” Regan disse.

As garotas se olhavam por baixo.

“Você é tão idiota.” Sydney finalmente disse, e ambas soltaram uma gargalhada.

“Pare de falar com ela!” Número 17 gritou para Sydney. “Ela é a inimiga e não deve confiar nela!”

“Oh meu Deus, suas colegas de time são lunáticas,” Regan observou.

“Hey, isso é o que nos leva as vitórias,” Sydney respondeu.

“Você sabe que eu vou detonar você hoje, certo?” Regan perguntou.

“Sozinha?”

“Bem, se eu tiver que fazer.”

Sydney se virou para as arquibancadas e cobriu seus olhos do sol. “Olheiro?”

“Como por Deus você poderia não saber?”

“Eu talvez já soubesse. E eu não poderia me importar menos.”

“Besteira.”

“Isso não é besteira,” Sydney argumentou. “E não quero ir para alguma faculdade fodona de garotas. Oi. Eu quero transar com os caras no meu dormitório.”

“Bem, eu planejo transar com caras no meu dormitório em Berkshire,” Regan disse.

Sydney bufou. “Sim. Boa sorte com isso. E este jogo.”

“Você também,” Regan respondeu. “Eu vou tentar não ferir tanto os seus sentimentos.”

As garotas trocaram apertos de mãos enquanto o treinador de Regan gritava para que se juntar.

Ela se esforçou para esquecer sobre a noite de seu aniversário com Jeremy até estar esmagada entre duas companheiras de time em um apertado e perfumado círculo. O treinador Allan se afastou momentaneamente e as garotas começaram seu ritual: divulgar um segredo — ilegal ou não — e não julgar. Ou falar. Elas faziam isso antes de cada jogo, e isso se provou ser o melhor exercício de estimulação do time que elas já tentaram. Os segredos aumentavam a confiança, tornando as garotas difíceis de parar no campo.

“Fiquei bêbada na festa de aniversário de Regan e transei com Chad.”

Algumas garotas deram risadinhas.

“Ei, sem julgamentos!” E as risadinhas pararam.

“Roubei dinheiro da carteira do meu pai para uma tarde de compras. Juro por Deus que vou devolver isso quando receber meu salário amanhã!”

“Minha vida está chata pra caralho agora que eu estou de castigo. Próximo.”

“Agora não surtem. Eu nunca faria isso com vocês, pessoal, mas eu contei um segredo da minha amiga para esta garota da minha vizinhança. Honestamente, eu nem mesmo sei como ela me fez revelar isso, mas agora Kelsey quer comer meu fígado.”

Todas encararam.

“A garota não vai vir pra cá!”

Mais encaradas.

“Ela vai para uma escola particular! O segredo está seguro. Eu acho. Eu não sei. Eu sou uma amiga de merda, okay?”

“Você está fora do time é o que você está,” Tara exclamou.

“Oh, qual é. Um segredinho. E eu juro por Deus que eu nunca fiz isso com este grupo!”

“É melhor que você não faça,” Ashley ameaçou. “Ou nós vamos dizer para o universo inteiro sobre aquela vez. Você sabe do que eu estou falando.”

“Chega!” Regan choramingou. “Nós não temos tempo pra isso. Próximo.” Ela olhou para sua direita.

“Eu? Caramba, okay. Não eram pontos na minha testa semana passada. Aquela bandagem estava cobrindo uma enorme espinha — como um grande furúnculo. Eu tive que ir no dermatologista para mexer nele. Tão vergonhoso, então eu menti a respeito.”

Todos os olhos caíram sobre Regan.

Um garoto escreveu sobre atirar na escola no verão. Ele me disse que era só uma fantasia, e eu acredito nele. Eu acho. Quero dizer, ele não me parece ser alguém que faria algo como isso. Eu acho, tanto faz.

“Regan? Oi?”

Eu quero sair com este garoto! Eu quero ser namorada dele! Eu quero ser a namorada de um assassino! O que há de errado comigo?

“Vadia, anda logo. Eles já vão chamar para o lançamento da moeda!”

“Eu... eu passei um tempo com uma pessoa este fim de semana que eu nunca pensei que sairia. E foi o melhor tempo que já tive.”

“Vamos ganhar um nome?” Tara perguntou.

“Não ainda,” Regan respondeu. “Mas em breve.”

Segredos trocados. Conversas encerradas. Moedas lançadas.

Jogo começando.

As garotas entraram em posição, prontas para defender contra a posse do River Run, quando elas ganharam a sorte na moeda. O jogo foi brutal assim como todos anteciparam — penalidades de ambos os times, múltiplas faltas, uma maca, uma quase briga, e montes e montes de palavrões... de costas para as arquibancadas, é claro.

Bem no segundo tempo, sem pontos marcados por nenhum time, Regan tomou uma decisão. Ela ia marcar um gol. Se perdesse no caminho, ela empurraria no campo de novo — marcando perto de sete milhas até lá — ate bater a bola para dentro do gol.

“Eu estarei arrancando as mãos dela,” ela bufou alto, driblando a bola em torno de sua oponente.

“Mãos de quem?” a oponente perguntou, correndo atrás dela.

“Sua goleira.”

“Cadela, por favor.”

Regan passou para a sua esquerda, a confiável Tara estava lá para receber a bola e passar para frente no campo para Ashley, pegando a esquerda do centro. Assim como nado sincronizado, a bola rodopiou fluidamente pelo campo de jogadora para jogadora.

Regan contraiu seus braços e apertou seus passos, explodindo

pelo meio do campo até a defesa final. A Número 10 olhou para ela e depois para a bola, se lançando na frente de Regan, tentando pegá-la em um impedimento.

“Eu acho que não!” Regan choramingou, jogando seu corpo na frente da defensora e prendendo a bola com a parte interna de seu pé.

Um momento para brilhar. Um fino trabalho de pés para enganar sua oponente.

“Pés, não falhem comigo,” ela respirou, empurrando para o gol.

Uma onda repentina de defensoras. Tara a sua esquerda. Ela passou a bola e correu adiante, perto o bastante para sentir o cheiro da goleira.

Aberto. Escancarado.

Tara imediatamente devolveu. Regan iria ter de pegar a bola com seu pé esquerdo — iria ter de chutar com seu lado mais fraco e menos apurado. Ela não tinha escolha. A bola veio em direção a ela, mais alta do que ela queria. Sem tempo para pensar. Ela pulou. Seu pé voou em frente a ela, e ela pegou a bola naquele doce espaço acima de seus dedos, chutando com a força de um lançador de foguetes. Isso catapultou em um perigoso movimento descendente — o tipo de movimento que confunde até mesmo o mais experiente dos goleiros. A goleira calculou mal a velocidade da queda, e a bola deslizou por baixo de seus dedos, deslizando direto para o canto do gol.

Regan caiu com força ao seu lado, chuteira enfiada na parte interna de sua coxa. Sangue instantâneo. Euforia instantânea. Mãos fortes sobre ela — suas parceiras de time agarrando e a levantando — encorajando uma corrida da vitória. Ela saltou sobre Tara, pulando para cima e para baixo em um abraço suado e pegajoso. E então ela marchou pelo campo, braços estendidos, gritando, “Ê isso ai! Ê isso ai, uuuuuhhhhhh!!”

O seu foi o único gol marcado no jogo. Cinco minutos faltavam, e River Sun trabalhou incansavelmente por um empate. Mas esse foi um objetivo fútil porque Regan tinha tomado uma decisão. E essa não foi a única decisão que ela tinha tomado naquela fatídica tarde.



“Vá esperar no carro, mãe,” Regan disse. Ela nunca tinha falado com sua mãe daquele jeito. Não era exatamente desrespeitoso. Apenas decisão. E sua mãe entendeu.

Ela marchou com propósito em direção a Brandon, cujo rosto exibía um sorriso prematuro. Ela não iria demorar em ouvir suas estúpidas desculpas. De jeito nenhum. Isso iria ser rápido e fácil.

Seus lábios se abriram para as primeiras palavras.

“Cale-se,” Regan disse. “Fecha sua boca e não abra até eu ter terminado.”

Os olhos dele se escancararam.

“Não há nada acontecendo aqui —” ela movimentou suas mãos por toda a frente dele. “— que eu goste mais. Nada.”

“Regan—”

Ela enfiou seu rosto embaixo do nariz dele. “Eu disse calado. Cala essa porra.”

Ele fechou sua boca.

“Você é um valentão provocador. Você sempre foi. Você caça as pessoas mais fracas para fazer você mesmo se sentir bem. Você acha que manda em todos e tudo. Bem, adivinha só, parceiro? Você não manda em mim. Eu não posso acreditar que isso me tomou três anos, e eu desejo por Deus que eu pudesse pegar aqueles anos de volta, mas que seja. Eu não posso. Mas eu posso seguir em frente. E eu vou. Não me ligue, olhe para mim ou me toque de novo. Você entendeu isso? Eu vou te colocar no chão e esfregar minha chuteira na sua cara se você até mesmo pensar nisso. Estou cheia de você. Estou cheia de seus truques, suas manipulações, suas mentiras. Estou cheia da sua personalidade psicopata. Estou cheia de você. Você pegou isso? CHEIA. Agora cai fora do meu caminho porque eu tenho uma vida para viver.”

Ela passou por ele e se afastou sem dar sequer um segundo olhar na direção dele. A euforia começou em seus pés — aqueles pés

que não falharam com ela! Explodiu por suas pernas e subiu para queimar em seu coração, forçando suas mãos para o céu em um triunfante “SIM!” de seus lábios. Ela gritou isso de novo e de novo, um novo fogo de artifício explodindo em seu coração cada vez que ela proclamava a palavra. Ela andou por todo o caminho até o carro de sua mãe com as mãos esticadas acima de sua cabeça, sentindo os toques de plumas na mão de todos os anjos do céu.

Aquela noite a música permeou cada metro quadrado do lar dos Walters. Ninguém a fez desligar porque eles sabiam que ela merecia isso — barulho, melodias animadas que sinalizavam sua vitória no campo e sua maior vitória no coração.

“Deveríamos nos preocupar?” Sr. Walters perguntou, assistindo sua filha saltar espasticamente, completamente alheia à presença de seus pais em seu quarto com a porta aberta. Caroline estava lá, também, tentando duramente acompanhar os movimentos de sua irmã.

“Eu vou te avisar se e quando eu encontrar seu esconderijo de polainas e pulseiras fluorescente de festa,” Sra. Walters respondeu.

“Eu não sei do que você está falando,” ele disse, “e eu não quero saber.”

Sra. Walters sorriu. “Melhor você não saber.”

Ela sabia que a euforia de Regan não era somente o efeito posterior de uma vitória no futebol, não importando sua performance. E aquela foi uma performance de chutar bundas. Não, isto não era só pelo futebol. Aquilo era sobre uma garota que finalmente tomou uma decisão. Uma garota que se levantou por si mesma.

A melodia se transformou em uma fantástica explosão, e as garotas gritaram com os topos de seus pulmões,

“Temos de lidar com as gritarias, também?” Sr. Walters perguntou.

“Por esta noite? Sim,” Sra Walters respondeu. Ela pegou a mão de seu marido e o guiou corredor abaixo.

“Eu vou explicar,” ela disse suavemente.

Ela olhou de volta e viu Regan encarando em sua direção, sorrindo brilhantemente enquanto acenava sua cabeça com a música. Sua mãe acenou de volta — o entendimento não falado entre elas. E então ela levantou sua mão discretamente e enrolou-a em um punho: o sinal do diabo.

Arrasa, baby. Arrasa.



A parte mais assustadora do meu plano é a percepção de que vão me pegar. Não há outro caminho. Eu vou ser pego, detido, julgado por assassinato, condenado, e enjaulado. Eu sei disto, e é algo para o que eu tenho me preparado desde que desenhei o plano. Claro, há contras. 1. eu poderia me matar, mas eu não tenho razões para fazer isso. Não fiz nada errado. Matar os caras ruins é o que está salvando minha vida, então porque diabos eu iria fazer isso? Não faz sentido. 2. eu poderia ter um confronto com a polícia. Mas eu não quero fazer isso também. Eu não quero arriscar uma pessoa inocente se tornando uma vítima. Sem tentar soar como idiota ou algo do tipo, mas eu sou muito bom no tiro. Se eles me matarem, está bem. Eu entendo que eles não podem me ver como nada mais que o autor. O cara mal. Não é culpa deles. Então morrer desse jeito está bem. Eu não os culparia por fazer o que eles pensam que é o certo. 3. eu poderia dar a alguém dentro do prédio a oportunidade de me matar. Isso poderia funcionar, também. Uma discussão. Eles magicamente pegarem a arma de algum jeito. Talvez eu possa até mesmo ajuda-los a puxar o gatilho. Eles terminariam sendo os heróis! Quem não iria querer ser o herói? Apesar de que, talvez eles não queiram ser aquele tipo de herói. Pessoas são loucas com esse negocio de auto-defesa. Mesmo justificada, se eles estão defendendo a eles mesmos com uma arma, eles ainda acreditam que eles fizeram algo errado. Eu não posso fazer isso com a consciência de uma pessoa inocente.

Eu acho que isso me deixa com a rendição. Eu vou matar os caras maus, abaixar minhas armas, e esperar por minha justiça.



00:09

“Você está vendo isso?” Hannah perguntou, parando perto de Jeremy em seu armário.

Ele assentiu.

“Quero dizer, não que eu me importe ou algo do tipo, mas cara. Ela está pegando bastante pesado.”

Ele não disse nada, observando em silêncio enquanto Regan gritava com Casey, que a ignorava e se afastava.

“Ela vai chorar sobre isso e então, em uma semana ou por aí, querer andar com a gente,” Hannah brincou.

“Isso seria ruim?” Jeremy perguntou.

“Considerando que ela está namorando com meu inimigo mortal, uh, sim. Isso seria ruim.”

Jeremy deu de ombros. “Talvez ela tenha mudado.”

“Colocar adesivos brilhante na cara não significa que você mudou,” Hannah respondeu. Ela pausou, pensando. “Ela deve ter quebrado algum código do pessoal popular, e eles a estão punindo por isso. Estou certa de que tudo vai estar melhor amanhã.” Suas palavras sarcásticas instantaneamente o irritaram.

“Talvez,” Jeremy disse.

Ele queria se aproximar de Regan, mas ainda não parecia seguro falar com ela na escola. Ele não tinha medo de Brandon mais, mas ele também não estava procurando por uma briga. Não ainda, de qualquer forma.

Regan ficou fixa em seu canto, encarando o corredor. Confusão agitava seu rosto, e ele pensou que ela momentaneamente esqueceu-se de onde ela estava. Esqueceu para onde ir. Esqueceu seu nome. Ela ergueu sua mão até sua bochecha e tirou um brilho com a unha. Ele observou isso cair no chão. E depois outro. E depois outro até que eles

desapareceram de seu rosto. Seu brilho se foi.

Ele não podia segurar isso e se dirigiu a ela. Ele ouviu a voz de Hannah por trás dele, suas palavras tingidas com descrença e acidez: “Você está de brincadeira comigo?”

“Ei,” ele disse cautelosamente, parando perto de Regan.

Ela ergueu os olhos para ele, sobrancelhas cerradas próximas, como se ela estivesse tentando se lembrar de quem ele era.

“Você está bem?” Jeremy perguntou.

“Eles estão me ignorando,” ela respondeu. Um sussurro fraco que ele mal conseguiu ouvir.

Ele abaixou sua cabeça para mais perto e perguntou de novo.

“Eles estão me ignorando!” ela gritou, e ele recuou para trás, chocado.

Ele balançou sua cabeça. “Quem está ignorando você?”

“Meus amigos! Todos meus amigos!” ela olhou para trás, encarou o corredor e sussurrou, “Casey.”

“Por quê?”

Regan virou sua cabeça em volta, lábios cerrados em uma fina linha, olhos comprimidos. As palavras estavam lutando para romper, e ela apertava sua boca fechada.

“Apenas fale,” Jeremy disse. Ele tinha uma ideia. Ele queria que ela confirmasse.

Sua respiração ficou mais forte enquanto a raiva crescia — uma locomotiva emocional que alcançava velocidades perigosas. Ela sabia que estava para derrapar, e ela o levaria com ela.

“Você,” ela disse baixo e ameaçadoramente.

Jeremy franziu o cenho.

“Você,” ela repetiu com mais convicção.

Ele avançou seu rosto no dela. “Eu o quê?” ele a desafiou. “Eu o

que, Regan? O que tem eu?”

O sinal do primeiro período tocou sobre suas cabeças, mas nenhum deles se mexeu. Tampouco recuaram com o grito estridente. Nenhum professor no corredor. Nenhum diretor gritando para os estudantes tardios se moverem mais rápido. Eles estavam sozinhos.

“Você fez isso comigo,” ela disse.

E então o rosto dela registrou o entendimento, como se ela finalmente tivesse descoberto a resposta para o problema que confrontou por anos. Anos! E assim, seu cérebro entendeu. Uma conexão feita, e com isso veio um tipo de conforto confuso em ser capaz de jogar a culpa em outra pessoa. Não é minha culpa, mas sua. Sua, sua, sua.

“De que porra você tá falando?” Jeremy falou.

“Isso é sua culpa!” ela gritou. “Você fez isso comigo! Você me rejeitou! Você me forçou a ir para eles! Eu nunca quis ir com eles — ser amiga deles! Você me fez ir! E agora olha o que você fez! Eu não tenho NINGUÉM!!”

Ela está louca, ele pensou. Ela está louca pra caralho.

“Porque você fez isso?” ela gritou.

Ela sentiu o salgado de suas lágrimas nos cantos de seus lábios e se praguejou por chorar na frente dele — por deixa-lo ver quanto ele a machucava.

“Eu não sei o que eu fiz!” ele atirou de volta. “Eu não faço ideia do que diabos você está gritando!”

“Você me rejeitou!”

“Eu nunca te rejeitei!”

“SIM, VOCÊ FEZ!” E ela chegou nele, punhos empunhados com propósito. Ela o acertou no peito de novo e de novo, tentando expurgar sua dor em cada soco.

Jeremy agarrou seus pulsos. “Pare!”

Ela lutou e se contorceu, tentando desesperadamente liberar

suas mãos para outro ataque.

“EU ODEIO VOCÊ EU ODEIO VOCÊ EU ODEIO VOCÊ...!”

“Regan e Jeremy!” Sr. Armstrong urrou. “Que diabos está acontecendo aqui?”

Ele se apressou e enfiou seu corpo de marinheiro entre eles.

“Eu vou matar ele,” Regan silvou, peito empinado e respirando rapidamente. “Por favor, saia, Sr. Armstrong, para que eu possa mata-lo.”

Os olhos de Sr. Armstrong a escancararam. “Regan?”

Ela contraiu sua boca uma vez mais, respirando pesadamente através de seu nariz como um touro prestes a arrancar. Fechou seus pequenos punhos, apertando com força, fazendo seus braços tremer.

“Regan,” Sr. Armstrong disse suavemente, “acalme-se.”

As lágrimas atravessavam suas bochechas brilhosas. Ela era a criança humilhada que não poderia mais segurar a raiva — a do primeiro ano que não possui maturidade emocional para sair de conflitos injustos. Tudo o que ela podia fazer era lançar um golpe — infringir dor física como solucionador de problemas.

“Meu coração,” ela chorou suavemente, e Jeremy se encolheu, relembrando internamente aquelas exatas palavras uns poucos dias atrás quando ele entrou em pânico debaixo do caminhão, pensando que havia assassinado a mais importante pessoa em sua vida.

“Eu não sei o que eu fiz,” Jeremy disse, suas palavras as letras que complementavam a melancolia do choro dela.

O homem ficou parado desconfortável, ouvindo os choros histéricos de Regan, incapaz de pensar em um jeito de confortá-la. Inseguro se ela deveria mesmo ser confortada, já que era ela a agressora.

Sr. Armstrong se virou para Jeremy. “Tecnicamente ela poderia estar em grandes apuros por isto — por bater em você. Por ameaçar sua vida. Tecnicamente eu tenho a obrigação de levar isso a um oficial.”

Jeremy engasgou. “O quê?”

“Eu só estou dizendo tecnicamente”, Sr. Armstrong disse.

“Olhe para mim,” Jeremy disse rapidamente. “Eu pareço machucado? Assustado? Ela poderia também ter sido uma boneca de pano vindo para cima de mim. Eu estou bem. De verdade. Por favor, não a penalize.”

Sr. Armstrong assentiu. Jeremy não estava certo do que seu assentimento significava? “Não, ela não está em apuros,” ou “Eu reconheço o que você está dizendo, mas ela ainda vai ser punida.” Ele esperava oscilando de um pé a outro, impaciente por uma explicação.

Sr. Armstrong se virou para Regan. “Regan, você não pode bater nas pessoas.”

Regan bateu em seus olhos, esfregando sua máscara estilo lago dos cisnes.

“E você não pode ameaçar matar as pessoas também,” Sr. Armstrong continuou. “Este comportamento é completamente não característico de você. Eu confesso que estou perdido sobre como proceder — como lidar com você.”

Regan encolheu seus ombros, olhos colados no chão.

“É minha culpa,” Jeremy mentiu. “Eu a provoquei.”

Sr. Armstrong bufou. “Eu sou provocado cada dia que entro neste prédio, Jeremy. Não significa que eu posso lutar com meus alunos.”

Ponto levantado.

Sr. Armstrong expeliu um lento e mais alto do que o necessário, suspiro. “Jeremy, vá para a sala.” Ele enfiou sua mão em seu bolso e entregou a Jeremy um atestado de atraso. “Regan, venha comigo.”

“Por favor, Sr. Armstrong, não chame a polícia,” Jeremy implorou.

“Eu não vou. Agora vá para a sala.”

Regan acompanhou os passos do assistente do diretor. Jeremy

seguiu.

“Então o que você vai fazer com ela?” ele perguntou.

“Vá para a sala.”

“Por favor, me fale!”

“Isso não é negócio seu,” Sr. Armstrong soltou. “Porque você se importa neste ponto? Eu te disse que não vou chamar a polícia. Ela não vai ser expulsa também. Okay? Isto é tudo que você precisa saber. Porque você está tão insistente em detalhes?”

Porque eu a amo! Eu a amo pra caralho, e eu não quero que nada aconteça com ela! Eu não ligo se ela me bateu! Ela pode me bater mil vezes mais. Eu não ligo, entendeu? Porque eu venci! Eu venci porque ela tocou em mim. Você entendeu? Eu sou o vencedor!

“Pare de me encarar, e vá para a sala antes que eu pegue de volta o atestado de atraso,” Sr. Armstrong ordenou.

Jeremy hesitou, dando uma última olhada em Regan antes de se virar em seus sapatos relutantemente e se dirigir para a aula de matemática. Ele não iria vê-la de novo na escola naquele dia.

.....

Ele não sabia que diabos estava fazendo, mas a campainha já havia sido tocada, o último *dong!* ainda ecoava em sua orelha. Seus pés estavam cimentados no concreto da determinação, também não havia tranca na varanda. Seu coração martelava por trás de sua cicatriz, chacoalhando seu piercing, traindo seu medo secreto.

“Sim?” Sra. Walters perguntou, parando no meio da soleira da porta aberta. Seus olhos se moveram pelos piercings de Jeremy. “Nós já compramos alguns desses folhetos de cupons de um jogador de basquete semana passada,” ela disse apologeticamente.

“Eu sou Jeremy.”

Os lábios da Sra. Walters se abriram. Suas sobrancelhas levantaram.

“Oh?” ela disse em voz fraca, e depois distanciou sua cabeça, olhando de lado a lado. “Seus pais estão aqui? Eu suponho que eles gostariam de falar conosco.”

Isso foi tudo que Jeremy pode fazer para evitar gargalhar. “Uh, não.”

“Eles sabem sobre hoje? Você deveria estar aqui?” Sra. Walters perguntou.

Quanta verdade deveria ser dividida?

“Hum, meus pais estão mortos. Eu moro com meu chefe.” Eh.

Sra. Walters engasgou. “Oh, querido!”

Jeremy se mexeu desconfortavelmente. “Está bem. Aconteceu anos atrás,” ele disse rapidamente. “Eu realmente só quero conversar com Regan. Se ela quiser falar comigo.”

“Eu não sei...”

“Eu não estou com raiva pelo que aconteceu esta manhã. Quero dizer, eu não estou, machucado ou coisa do tipo. E eu não queria que ela entrasse em problemas. Ela não fez nada errado.”

“Ela bateu em você,” Sra. Walters apontou.

Não que isso não tivesse acontecido antes.

Quando Jeremy não respondeu, ela continuou, “E ameaçou sua vida.”

“Eu sei que ela não quer me matar.”

Sra. Walters brincou com seus dedos. “Jeremy, eu não sei se é uma boa ideia você estar aqui.”

“Eu realmente preciso falar com ela,” ele insistiu.

“Mãe,” ele ouviu no saguão. Sra. Walters se virou.

“Querida, talvez você devesse ir assistir TV ou alguma coisa do tipo.”

“Eu quero falar com ele.”

Sra. Walters não se moveu.

“Sozinha,” Regan esclareceu.

“Não.”

“Sim, mãe. Está tudo bem. Estou calma. Por favor, me deixe.”

Jeremy mexeu sua cabeça para a esquerda e a direita tentando dar uma olhada nela. Quando Sra. Walters finalmente deu um passo para o lado, ele teve a visão de uma engraçada paciente de doença mental. Regan estava vestida com uma longa camisola que parava em seus joelhos. As palavras “Eu Realmente Não Ligo” estava estampada na frente com uma letra bagunçada. Seus pés estavam em meias brancas e chinelos rosa, e seu cabelo estava puxado para cima em um coque aleatório.

Jeremy não conseguiu se segurar. O sorriso se espalhou em seu rosto, e as palavras saíram.

“Eles estão te tratando bem?”

Ela estreitou suas sobrancelhas.

“Bem, eles estão ao menos te dando pudim depois das sessões de eletrochoque?”

O canto de sua boca se ergueu. Ela abaixou seu rosto e estudou sua roupa. E então explodiu em gargalhadas.

Sra. Walters acenou para si mesma. Estava tudo bem, e ela os deixou sozinhos, apesar de não ter ido longe. Ela desapareceu no cômodo ao lado, só para estar do lado seguro.

“Entra,” Regan disse.

Jeremy pensou que nunca entraria na casa de Regan Walters. Ele pensava que tal evento iria ser acompanhado por fogos de artifícios barulhentos, procissões e âncoras de TV lutando pelos direitos exclusivos da história. Ele se preparou para a tensão emocional, mas quando ele atravessou a soleira nada explodiu dentro dele. Era só uma casa normal. Sim, alojava uma garota extraordinária, mas seu surto nesta manhã diminuiu a percepção melodramática que ele tinha dela. Na verdade, seu surto o assustou completamente até os ossos.

Regan o guiou até a sala de estar onde Caroline estava sentada assistindo TV. Ela olhou para cima e sorriu.

“Oi,” ela disse com um sorriso iluminado.

“Oi,” Jeremy respondeu.

“Esta é minha irmã mais nova, Caroline,” Regan disse. “Caroline, este é meu amigo Jeremy.”

“Que você atacou está manhã?” Caroline perguntou.

Regan suspirou prazerosamente. “O próprio.”

Caroline se dirigiu a Jeremy. “Você tem contusões? Ou marcas de mordida? Você veio nos processar? Nós vamos ter de deixar nossa casa? Regan está indo para a cadeia?”

Esta garota assiste muitaaa TV, ele pensou.

“Eu não estou indo para a prisão,” Regan disse pacientemente, como se estivesse repetindo a declaração pela milésima vez.

“Você está nos processando?” Caroline perguntou de novo. “Nós não somos ricos,” ela esclareceu.

Jeremy balançou sua cabeça, sorrindo.

“Porque você tem um brinco nos lábios? Você fica com comida presa nisso quando come?”

“Caroline,” Regan repreendeu.

Jeremy deu de ombros. “Eu realmente não sei,” ele admitiu. “Eu acho que gostei da ideia na hora.”

Caroline assentiu.

“Podemos ter alguma privacidade?” Regan perguntou, desligando a TV.

“Aaaaaahhh!” Caroline choramingou, agarrando o controle remoto da TV. Ela ligou a televisão de novo.

“Caroline...”

“Eu só precisava pausar isso,” ela disse.

“Você tem assistido *High School Musical* umas mil vezes,” Regan pontuou.

Caroline torceu seu rosto, debatendo seu próximo movimento.

“Bem? Você está saindo?” Regan perguntou.

“Mãe disse que você poderia ter privacidade?”

“Sim.”

Caroline torceu o nariz. “Eu achei que ela iria. Mas porque eu não posso ouvir?”

“Porque isso não te interessa. Lembra daqueles limites de que conversamos?”

Caroline pensou um momento enquanto torcia seus cabelos.

“Sim,” ela disse por último. Relutância emburrada.

Regan olhou para Jeremy e revirou seus olhos. “Eu vou te dizer tudo quando tiver terminado,” ela disse para sua irmã, e Caroline se iluminou.

“Okay!” ela lançou um rápido “Prazer te conhecer” para a direção de Jeremy antes de se dirigir para a cozinha.

Eles estavam sozinhos de novo, mas dessa vez o ar não zunia com raiva estática.

“Eu sinto muito,” Regan disse. “E eu realmente sinto.”

Jeremy estudou seu rosto abatido e cansado. O frescor havia partido. Ela parecia como uma bolacha velha metade-comida esquecida em um prato abandonado. Óbvio que ela esteve chorando o dia todo. Seus olhos vermelhos estavam em flagrante entrega.

“Eu acredito em você,” ele respondeu.

Regan se afundou no sofá. Jeremy pensou que seria mais seguro sentar em sentido oposto a ela na poltrona.

“Todos os meus amigos se viraram contra mim,” ela disse encarando seu colo.

“Por quê?”

“Porque eu terminei com Brandon.” Ela pausou por um momento. “Um dos melhores momentos da minha vida, também — terminar com ele. Eu mal podia esperar para dizer a Casey...” sua voz enfraqueceu.

Jeremy aguardou, tentando reprimir a exaltação que se erguia como uma fogueira dentro de seu coração. Ela terminou com Brandon! Ele procurou por um grande e molhado cobertor para apartar a fogueira, mas mesmo o bizarro ataque dela sobre ele não amansaram as chamas. Rugia dentro de seu peito.

“Eu mal conseguia esperar para dizer a ela. Isso foi tão agressivo. Você sabe como você sempre fantasia sobre dizer exatamente o que você quer a alguém, mas isso raramente sai desse jeito?”

Jeremy contorceu seu rosto. “Talvez.”

“Tipo, você tem isso tudo planejado, mas então quando o momento chega, você nunca é tão bom com suas palavras quanto imaginou que seria? Nunca tão afiado?”

Ele acenou.

“Bem, eu fui boa com minhas palavras. E eu fui afiada. Derramou de mim como se eu tivesse memorizado um discurso ou algo do tipo. Foi incrível. Agressivo.”

Ele sorriu.

“Eu disse a ele que eu o achataria se ele chegasse perto de mim de novo,” ela disse, dando risadinhas.

“E eu acredito nisso,” Jeremy respondeu, esfregando seu peito.

Regan riu. “Aposto que você sabe! De novo, desculpas.”

“Sem preocupações,” Jeremy disse.

“Então, eu fui para escola, certo? E eu praticamente corri para Casey para dizer a ela tudo sobre isso. E todos, incluindo ela, tinham se calado para mim,” ela continuou. “Porque eu suponho que Brandon disse a eles para fazer isso. E todos fazem o que ele diz por que ele é

Brandon.”

Jeremy grunhiu.

“Mas, Casey?” sua voz estremeceu, e ela engoliu em seco. “Ela é minha melhor amiga, você sabia?”

“Eu sei.”

“Quero dizer, eu olhei bem na cara dela, e eu juro por Deus que ela olhou direto por mim. Direto por mim!”

Silêncio.

“Regan?”

“Hmm?”

“Eu não quero tornar isso tudo sobre mim ou algo do tipo, mas você me atacou esta manhã,” Jeremy começou. “Você disse que isso tudo foi minha culpa, e eu não entendi.”

Regan virou seu corpo para a janela. Jeremy observou a luz tocar em sua bochecha, atirando centelhas refletivas onde o trilho das lágrimas tinha secado.

“Isso não foi sua culpa. Eu não devia ter dito isso,” ela respondeu.

“Mas porque você fez isso? Porque você acreditou que era minha culpa? O que eu fiz?”

“Isso não é importante,” ela murmurou.

“É para mim. Você me bateu. Você disse ao Sr. Armstrong que queria me matar,” Jeremy disse.

Regan enfiou seu rosto em suas mãos. “Por favor, não me lembre.” Suas palavras foram abafadas em suas palmas.

“Você tem que me ajudar a entender,” Jeremy persistiu. Ele não iria deixar aquela casa até que ela se explicasse.

Regan respirou profundamente e depois olhou para Jeremy uma vez mais.

“Eu estava nervosa e procurando por alguém para jogar a culpa. Eu pensei sobre a escola básica e como você me rejeitou — como você não quis ser meu amigo quando eu perguntei a você — e eu acho que eu só queria usar aquele incidente como um jeito de dar sentido a minha dor.”

Ele congelou de choque. Pelo nome de Deus do que ela estava falando?

Regan ficou levemente impaciente quando Jeremy não respondeu.

“Você não quis ser meu amigo. Isso machucou meus sentimentos. Eu pensei sobre como minha vida poderia ter sido tão diferente se você tivesse dito sim. Eu sei que isso soa estúpido, mas talvez eu nunca tivesse namorado com Brandon. Eu nunca iria ter sido iniciada nesse grupo nojento. Eu nunca teria deixado de defender pessoas, você sabe? Se levantado pelos garotinhos? Eu iria ter continuado forte, continuado *eu*. Minha vida inteira poderia ter sido diferente se eu fosse sua amiga. Mas você disse não. E eu sei, okay? Eu sei que é ridículo culpar você por minhas escolhas, mas eu estava nervosa esta manhã. Eu estava irritada e fora de minha mente e sozinha. Eu precisava de alguém para culpar.”

“Regan?” Jeremy gaguejou, e então tentou de novo. “Regan?”

Ela não se moveu.

“Eu nunca rejeitei você.”

Ela balançou sua cabeça.

“Eu quero dizer,” ele disse. “Eu nunca rejeitei você na escola básica. Eu não tenho ideia do que você está falando. Você nunca me pediu para ser seu amigo.”

Ela virou sua cabeça subitamente e o encarou. “Eu te escrevi um bilhete!”

Ele estava desesperadamente confuso.

“Eu sei que isso é estúpido, certo? Uma aluna da sétima série te escrevendo uma po—” Ela deu uma olhada na soleira da porta para a

cozinha. “— um bilhete idiota! Mas eu estava com vergonha de te perguntar cara a cara!”

“Eu não entendo.”

Regan suspirou pacientemente. “Eu te escrevi um bilhete e dei a Casey para te entregar. Ela voltou e me disse que você jogou fora e disse não.”

“Casey nunca me deu um bilhete.”

“Você está seriamente sentado aí tentando me dizer que você nunca teve uma conversa com Casey sobre ser meu amigo? Ela me contou a coisa inteira! Você leu o bilhete e depois o jogou para cima e disse para ela que você não ‘fazia amigos’,” Regan explicou, fazendo aspas no ar com os dedos em suas últimas palavras.

Jeremy explodiu em gargalhadas.

“Você acha isso engraçado?” Regan exigiu. Ela pulou para fora do sofá.

“Uh, sim, considerando que eu nunca usei aquela frase,” Jeremy respondeu.

“Okay, então talvez não foi exatamente o que você disse que não fazia amigos, mas foi algo do tipo.”

“Eu teria matado para ter um amigo!” ele choramingou. Talvez não a melhor escolha de palavras, mas tanto faz.

“Você está todo nessa de matar pessoas, não está?” Regan silvou.

Ele não iria dignificar a pergunta com uma resposta.

“Sua melhor amiga nunca veio até mim com um recado. Se ela tivesse, você e eu teríamos sido amigos,” ele disse sem rodeios.

“Qual é? Você está dizendo que Casey é uma mentirosa?” Regan desafiou.

“Isso é exatamente o que estou dizendo por que eu nunca recebi qualquer bilhete dela. Eu nem tinha ideia de que você queria ser minha amiga. Eu iria de bom grado ter sido seu amigo e mudado o curso da história de sua vida!”

“Não tire sarro de mim.”

Jeremy exalou lentamente. Ele levou seu dedo até sua cicatriz e a tracejou despreocupadamente enquanto pensava.

“Eu sinto muito,” ele disse. “Isso foi rude.”

“Porque Casey mentiria sobre algo assim?”

“Eu acho que ela não queria que você fosse minha amiga.”

“Mas por quê?”

“Eu não sei, Regan. Olhe para ela. Ela é uma garota popular agora. Talvez ela já estivesse fazendo planos lá atrás na sétima série de se tornar uma.”

“É difícil de acreditar. Aqueles garotos eram ruins com ela,” Regan disse.

“O jeito mais fácil de deixar de ser incomodado é se tornar um deles,” Jeremy explicou.

Regan estreitou suas sobrancelhas, então balançou sua cabeça lentamente. “Não, eu não acho. Não é fácil se tornar um deles. Você tem de sacrificar muito.”

“Bem, aparentemente ela está disposta a fazer isso.”

“Mas o que isso teria a ver comigo?”

“Ela queria levar você junto no percurso. Eu suponho que ela pensou que eu teria ficado no caminho.”

Regan pensou um momento. “Você percebe que está me absolvendo de tudo, certo?”

“Huh?”

“Você disse que ela queria me levar junto.” Regan atirou suas mãos pra cima. “Eu fui forçada! Não responsável!” Ela choramingou, fingindo uma brincadeira.

Jeremy bufou. “Oh, você foi plenamente responsável pelas pobres escolhas que fez.”

Regan se eriçou mesmo que admitindo o ponto dele com um aceno.

“Porque você só não veio até mim e perguntou? Deus, isto tudo faz sentido agora! Os olhares sujos que você me dava na escola básica até o ensino médio quando você completamente ignorava minha existência.”

“Eu estava envergonhada! Eu fui rejeitada!”

“Você se atirou entre mim e um bando de babacas para impedi-los de me bater! Como você poderia estar tão assustada ou humilhada em falar comigo? A Regan que eu me lembro iria ter se empinado na minha cara e sido tipo, ‘seu pequeno idiota! O que há de errado com você? Porque não quer ser meu amigo, huh? Eu sou incrível! Eu sou Regan Walters!’”

Eles encararam um ao outro. E então Regan explodiu em risadas. Jeremy seguiu o exemplo.

“As impressões das pessoas sobre mim são as piores!” ela zoou.

“Oh, eu não sou o único?”

“Não ultimamente,” ela disse, pensando de volta na interpretação de Hannah ‘Olá mundo! Olá perdedores.’

“Eu vou trabalhar nisso,” Jeremy disse, observando-a cuidadosamente.

A revelação de seu bilhete combinada com seu recente término de namoro foi quase demais para ele. Ele não estava habituado a sentir tanto, tendo preparado a maior parte das emoções fora de seu coração com a prática de tiro. O fortuito envolvimento de sua vida com Regan mudaram o jeito que sua mente funcionava, o jeito que seu coração operava. Ele estava sentindo, e sentindo demais. Ele soube que ela era perigosa no momento em que descobriu que ela tinha lido seu diário. Ela tinha todo o poder para destruir seu plano. Mas agora ele estava descobrindo um novo perigo nela — o poder que ela exercia sobre ele para sentir. Desejar amor e aceitação e felicidade.

“Você está certo,” ele a ouviu dizer. “Eu deveria ter te confrontado sobre isso. Eu deveria ter feito você ser meu amigo.”

Ele levantou suas sobrancelhas.

“É isso aí,” ela disse, encorajada. “Eu deveria só ter te *obrigado*.” Ela riü suavemente.

“Você não teria que me obrigar,” ele admitiu. “Como eu disse, eu teria sido seu amigo.”

“Mas não porque eu me sentia mal por você, certo? Ou porque você pensou que me devia algo?”

“Por me defender? Eu sempre vou te dever por isso.”

Ela corou. Muito. Uma torturante onda que começou em seu couro cabeludo e moveu como trovões percorrendo seu corpo até seus dedos dos pés.

“Você não me deve nada. Eu me transformei numa idiota.”

Jeremy balançou sua cabeça. “Você saia com eles. Você fez algumas escolhas questionáveis. Mas eu nunca pensei que você se tornou ruim.”

Regan esfregou sua bochecha. “Você acha que Casey se tornou?”

“Você acha?”

Ela assentiu relutantemente.

“Então porque você se importa que ela não queira falar com você agora? Porque sair com uma pessoa má?”

“Ela é minha melhor amiga, Jeremy! Estes sentimentos não desaparecem assim.” Ela estalou seu dedo. “Ainda mais, eu não consigo parar de me lembrar de Casey do jeito que ela costumava ser.”

“Quando ela era uma perdedora?”

“Ugh. Eu realmente odeio essa palavra,” Regan respondeu.

“Mas ela era. E eu também. E você também,” ele pontuou.

“Ser um excluído não é a mesma coisa que ser um perdedor,” Regan argumentou. “Perdedores não ligam para nada — não tentam ser melhores em suas vidas. Não nos chame assim. Nós não éramos perdedores. Nós éramos diferentes.”

“Está certo. Eu entendo seu ponto,” Jeremy disse.

Silêncio.

Regan brincou com a bainha de sua camisola.

“Eu sinto muito que seus amigos fizeram aquilo com você está manhã,” Jeremy murmurou. “Isso foi cruel.”

“Eu acho que o que principalmente tirou o vento das minhas velas foi porque eu apenas queria me gabar de meu incrível término, e eu nunca tive a chance,” Regan respondeu, rindo.

Isso era mentira. Ele sabia. Ele sabia profundamente que o coração dela estava em pedaços, e ele esperava que suas gentis palavras agissem como a linha que une as peças juntas de novo.

“Jeremy?”

“Hmmm?”

“Eu... eu percebi algo hoje depois que eu voltei para casa da escola.”

Ele esperou.

“Eu—” ela diminuiu sua voz. “— eu ameacei te matar. Eu nunca faria isso. Você tem que saber que eu nunca teria feito isso.”

“Eu sei.”

“Então isso me fez perceber que eu finalmente entendi.”

“Entendeu o quê?”

“Seu diário,” Regan sussurrou. “Sua tatuagem. Eu entendi. Eu entendi você.”

Você não me entendeu totalmente, ele pensou com tristeza.

“Sem mais vai e volta,” Regan disse. “Eu acredito em você. De qualquer forma.”

E então o coração de Jeremy se rasgou em milhões de pedaços. Sua amiga — sua garota, em outro mundo, um mundo melhor — incumbiu a ele sua confiança em sua bondade. Uma bondade que ele

não possuía. E ele iria partir seu coração tudo de novo quando ela finalmente descobrisse isso.

Ele virou seu rosto.

“Eu... eu fui suspensa,” Regan disse. “Eu nunca tinha sido suspensa em minha vida. Isso bagunça meu histórico escolar.”

“Você não tinha que ser suspensa,” Jeremy murmurou.

“Oh, sim, eu tinha. Foi justo,” Regan lamentou. “Mas eu queria que não tivesse sido suspensa de meus próximos dois jogos.”

“Isso nem mesmo doeu,” Jeremy disse.

“Huh?”

“Seus golpes. Eles nem mesmo doeram. Se eles não doeram, eles não contam.”

Regan gargalhou. “Bem, onde estava você quando minha sentença foi entregue? Poderia ter me preservado de ficar de castigo, também!”

Jeremy riu. “Você teve o pior dia possível.”

“Fale-me sobre isso”.

Só então, Caroline apareceu na sala de estar.

“Eu sei como consertar isso,” ela ofertou.

Jeremy e Regan se viraram em sua direção.

“Como?” Jeremy perguntou.

“Vamos mostrar a Jeremy a nossa dança,” Caroline sugeriu.

Os olhos de Regan escancararam de embaraço. “Hum, não.”

“Que dança?” Jeremy perguntou.

“A resposta para isto é não,” Regan respondeu. Ele riu.

“Eu quero ver a dança de vocês,” ele insistiu.

Caroline abriu para ele um sorriso cheio de dentes depois dirigiu a sua irmã. “Por favor, Regan! Isso vai te fazer sentir melhor!”

“Isso não vai me fazer me sentir melhor. Isso vai me fazer sentir mortificada,” ela explanou.

“Oh, Regan. Você ama dançar comigo. Qual é!” Caroline segurou a mão de sua irmã até Regan se levantar com relutância.

“Oh meu Deus,” ela murmurou, observando Caroline ligar a TV.

“Jeremy, você já viu *High School Musical*?” Caroline perguntou.

Ele balançou sua cabeça. O que diabos era *High School Musical*?

A boca de Caroline caiu aberta. “Sério?”

“Sério,” ele respondeu. “Estou perdendo?”

Caroline considerou sua questão. “Eu não conheço ninguém que não tenha visto isso. É o melhor filme. Bem, filmes. Há três deles.”

“Três, huh?” ele perguntou.

“Sim. E Regan e eu quase aprendemos todas as danças.”

“Por favor, pare de falar, Caroline,” Regan disse. Ela se virou para Jeremy. “É só uma coisa boba que fazemos. Estes filmes são, tipo, antigos, mas Caroline ama eles.”

“Você ama eles também!” Caroline choramingou.

“Sim. Quando eu tinha sete,” Regan contrariou.

“Você ainda ama eles!” Caroline insistiu.

Regan suspirou. “Sim, Caroline. Eu amo eles. Agora eu posso rastejar para algum lugar e morrer?”

Jeremy não estava entendendo que grande coisa era, mas ele não iria deixar Regan ir a lugar nenhum. Não até que ela dançasse para ele.

“Vocês vão me mostrar?” ele perguntou as garotas.

“Oh, sim, sim!” Caroline grunhiu.

Regan esfregou sua testa. “Este dia só continua ficando melhor e melhor.”

Caroline franziu a testa para ela. Ela instantaneamente se sentiu culpada porque ela sabia que sua irmã estava apenas tentando fazê-la se sentir melhor. Bem, aquilo, e Caroline queria se mostrar em frente a Jeremy. Ela grunhiu e tomou sua posição perto de sua irmã.

“Certo. Aperte o PLAY,” ela disse, depois olhou para Jeremy. “É melhor devorar isso porque você nunca mais ver isto de novo, entendeu?”

“Oh, eu entendi.” Ele sorriu brilhantemente.

Caroline iniciou o filme, e a melodia de “We're All In This Together” preencheu cada centímetro do espaço da sala de estar.

Jeremy sentou parado, assistindo as irmãs levantarem seus braços e dar giros em sincronia, tocando um tom não familiar que ele estava desesperado para aprender. Isso pode ter sido um pouco brega, mas o sentimento estava correto. Quanto mais elas dançavam, mas ele ansiava ser parte de suas ‘unidade’ — ter um lugar definitivo em suas vidas. Sim, de ambas. Regan há muito tinha capturado seu coração. Agora sua irmã o pegou, também, e ele engolia em seco, forçando para baixo o desejo por um irmão seu.

Ele não queria ir para casa. Ele não queria entrar pela porta de seu solitário apartamento. Ele queria sentar para sempre naquela poltrona, assistindo as garotas, desejando que a mãe delas o convidasse para ficar para o jantar.

A musica terminou, e Caroline deu um high five⁸ para sua irmã mais velha.

Ela bufou e soprou. “O que você achou?”

Jeremy clareou sua garganta. “Eu —” ele olhou para Regan, e depois seu olhar se tornou um olhar fixo. Ele sabia que sua boca estava pendurada aberta. Ele sabia que estava a deixando desconfortável, o jeito que ela se deslocava nervosamente de um pé a outro. Ele não conseguia evitar isso. Ela o compelia a encarar. Com força.

“Bem?” Caroline incentivou.

⁸ Toque com a mão aberta.

“Eu achei que foi incrível,” ele sussurrou.

Caroline gritou. Regan corou e balançou sua cabeça.

“Nós somos tão idiotas,” ela disse.

“Fale por si mesma,” Caroline respondeu. “Jeremy? Você quer assistir o filme inteiro? Eu posso começar do início.”

“Jeremy não quer assistir —”

“Sim,” ele disse, a cortando.

“Está falando sério?” Regan perguntou.

“Mmhmm.”

“Uh... você não tem que trabalhar hoje?”

“Não.”

“Uh... não tem lição de casa?”

“Isso pode esperar.”

“Uh... você não—”

“Você está tentando se livrar mim?” ele perguntou gentilmente.

“Não, não! É só que você não tem que assistir isso só porque minha irmã te pediu.”

“Eu sei. Eu quero.”

Ele conseguia ver suas engrenagens se movimentando — trabalhando em horas extras para tentar e entender o que diabos ele estava fazendo. Ela se moveu para o sofá deliberadamente, mastigando seu lábio inferior enquanto pensava e pensava.

O filme começou, e Caroline deitou sua cabeça no colo de Regan. Regan despreocupadamente brincou com os cabelos de sua irmã, de vez em quando furtando olhares na direção de Jeremy. Ele escondeu o sorriso o melhor que poderia. Mas ele não conseguiu suprimir o sorriso quando ela o convidou para ficar para jantar.



É duro quando você traça um plano de matar pessoas — trabalha incansavelmente para ter todos os detalhes acertados — passa horas de sua vida furioso e agitado e cultivando o mais merecido ódio — convence a si mesmo de seu dever com seus companheiros de sofrimento — e então tem um bom dia.

Um dia realmente bom.



00:08

Ele estava no meio de um círculo de árvores. Elas estavam uniformemente espaçadas como números em um mostrador — todos os doze contados. Nenhuma ocorrência natural, ele decidiu. Alguém as plantou daquele jeito, coagindo um pouco de ordem em uma floresta caótica. Ele não estava certo de que gostava disso, mas ele parou no centro das três árvores, contemplando seu próximo movimento.

O rifle posicionava-se grande e pesado em suas mãos, e ele não estava certo de que tinha a força para levanta-lo, posiciona-lo seguramente em seu ombro, e absorver o choque de sua descarga. Não hoje, de qualquer forma. Ele não conseguiria focar. Ele observava os alvos balançarem para esquerda e para direita, para frente e para trás — insultando-o. Jogando um jogo — um jogo sem fronteiras. *Tente seu melhor*, eles provocavam. *Nós vamos nos desviar de você*. Ele pensou que ele queria que eles fizessem isso, e então ele poderia largar a arma, lavar o sangue imaginário de suas mãos, e se dirigir a sua casa onde ele poderia se esconder com satisfação. Para sempre.

Ele balançou sua cabeça e depois levantou o olhar. Nuvens por todo lugar. Azul leitoso alongado tanto quanto ele poderia ver. O inverno estava chegando. Ele pensou que a natureza iria pular o outono completamente.

Quem precisa disso? Ele pensou, se coçando pela neve. Se coçando por se lançar nas ladeiras onde poderia clarear seu cérebro, ganhar melhor perspectiva de sua atual situação e seus planos futuros.

Regan. Toda vez que ele pensava nela, alguma coisa mudava em sua mente — uma engrenagem elevava e deslizava em um ferrolho. Uma roda finalmente girava na direção correta. Fios se reparavam por si mesmo. Como se sua mente estivesse se curando por si própria. Ou talvez fosse Regan que agisse como médica. Ele imaginava seus dedos mexendo com seu cérebro, cuidadosamente levantando os frágeis nervos como se estivesse jogando um jogo de Pick-ups Sticks, descartando as células danificadas e substituindo-as por novas — para impulsos elétricos fortes e saudáveis. Para ajuda-lo a pensar

mais claramente. Para lhe mostrar amor.

Ele balançou sua cabeça de novo, mas ele não conseguia livrar sua mente da imagem dela dançando. Aquilo era bobo e inocente e todas as coisas que ele pensava que sua vida deveria ter sido — todas as coisas que a vida de qualquer garoto deveria ser. Ele invejou o que ele sabia que ela tinha vivido desde criança: risadas, brincadeiras, amor de família, amizade, esperança. Ele a invejava agora — a garota que descobriu a si mesma de novo. A garota confiante em quem ela era.

Quem ele era? Qual era seu propósito? Ele soube disso uma vez. Uma vez, muito tempo atrás, ele decidiu ser um herói. Ele decidiu vingar a si mesmo e todos os outros garotos que eram indefesos contra o abuso. Uma vez, muito tempo atrás, ele aprendeu a diferença entre justiça e misericórdia. Ele aprendeu quando a justiça era requerida. Ele aprendeu quando misericórdia era permitida. Uma vez, muito tempo atrás, ele encarou a si mesmo no espelho e viu um estranho — um garoto melhor do que ele poderia alguma vez ser. Um garoto com uma missão. Um garoto com convicções. E ele conseguiu controlar aquele garoto, através de olhar através do espelho, caindo em uma terra das maravilhas onde retidão corria suprema e maldade era destruída com o *pop pop!* de uma arma. O mundo fazia sentido para ele. Em seguida.

Ele observou um único grão de neve cair do céu, rodopiando e agitando em frente de seus olhos antes de desaparecer no chão. Era fins de outubro, cedo demais para neve, e ele pensou que havia imaginado isso. Mas outro desceu dos céus, dançando em frente a seus olhos antes de descansar na ponta de seu nariz. Ele tocou seu rosto. Nada. A minúscula bolinha de umidade não estava lá.

“Não está nevando,” ele disse em voz alta, enquanto mais flocos caíam.

Ele colocou seu rifle gentilmente no chão e apertou sua jaqueta. Olhou para cima uma vez mais e assistiu o balé de precipitação — a mais linda dança que ele alguma vez presenciou. Mesmo melhor que a de Regan. Por quê? Porque esta dança era um convite. Ele pensou na prancha de snowboard que estava enfiada debaixo de sua cama, aguardando pacientemente para emergir.

“Em breve,” ele sussurrou, e confirmou presença ao convite dentro de seu coração.



Oito estranhas pategadas caíram — uma pequena e estranha tempestade de pré-inverno — dificilmente o bastante para atrasar a escola, muito menos cancelá-la. Ele parou em seu armário esperando por Regan. Ele se perguntava como ela agiria hoje, recém saída de sua suspensão. Sua vida ainda estava suspenda, aliás. Sem amigos. Sem ninguém para conversar. Sem normalidade em sua agenda. Como começar em uma escola completamente nova — sozinha e quase desesperada por um amigo. Ela carregava sua bolsa do futebol. Treinar, sem permissão para jogar. Aquilo tinha de ser duro.

Ela se virou em sua direção e sorriu. Ele pulou.

Idiota fodido, ele pensou, instantaneamente irritado que seu corpo respondesse tão espasticamente.

“Então, eu acho que é seguro falar com você agora que eu sou uma das suas,” ela disse irreverentemente, se aproximando dele. Ele olhou com desconfiança.

“Oh, se anime,” ela riu, e então revirou seus olhos. “Caroline quer saber quando você vai vir de novo”.

Ele bufou. “O qu?”

“Eu sei, tá? Ela colocou na cabeça de ensinar você a dançar ‘We're All In This Together’.”

Ele explodiu em gargalhadas.

“Eu sei, eu sei. Eu disse a ela que garotos não fazem essas danças a menos que sejam Zac Efron ou Corbin Bleu.”

“Huh?”

Regan ondulou com sua mão. “Não importa. De qualquer forma, ela quer que você venha, e minha mãe também quer.”

“O q—?”

“Ela acha que se continuar te alimentando, você não vai ter uma mudança de coração sobre nos processar,” Regan disse.

“Hum...”

Ela piscou para ele. “Eu estou brincando. Ela quer que você venha jantar porque você é um novo amigo meu. E um que acontece de ter piercings em seu rosto. E uma tatuagem, apesar de ela não saber sobre isso.”

“Ela quer ter certeza que eu não sou perigoso,” Jeremy disse. Ele se inflou com o elogio implícito. *Ela acha que eu sou perigoso — que eu pareço agressivo. Isso é foda pra caramba.*

“Eu disse a ela que não há nada perigoso em você,” ele ouviu Regan dizer, e imediatamente desinflou.

“Mas, que seja. Ela é minha mãe. Ela disse que você precisa disso, seja lá o que isso quer dizer.”

Jeremy lembrou sua mentira — “Meus pais morreram” — e entendeu que a Sra. Walters se sentia mal por ele. Ele deveria se sentir culpado por sua invenção, mas a ideia de que a *mãe* de Regan insistisse que ele passasse tempo com eles era o suficiente para apagar qualquer escrúpulo. Ele iria com satisfação jantar com eles de novo se isso significasse mais tempo com Regan.

“O que ela quis dizer com isso?” Regan perguntou, olhando para ele.

Ele encolheu os ombros.

“Eu odeio quando as pessoas fazem isso,” ela murmurou. “Negando uma resposta.”

Ela relanceou Casey no armário dela, e seu rosto caiu.

“Você está bem?” Jeremy perguntou, seguindo seu olhar.

“Eu vou estar. Assim que eu tiver algumas respostas,” Regan respondeu.

Suas palavras possuíam uma medida de intimidação, e Jeremy estava contente de não ser a pessoa na outra ponta delas.

“Nós comemos as sete,” ela disse, e caminhou em direção a sua ex melhor amiga.

Casey ficou tensa, mas não olhou na direção de Regan.

“Isso vai ser totalmente desconfortável pelo resto do ano,” Regan murmurou. “Armários lado a lado e tudo.”

Sem resposta.

“Talvez você necessite pedir por uma mudança de armário,” Regan continuou.

“Eu estou bem,” Casey disse suavemente.

“Então talvez eu deva,” Regan respondeu. Ela apontou na direção de Jeremy. “Bem ali. Com aquelas pessoas.”

“Eu não fiz você mudar os lados,” Casey disse.

“Mudar os lados? Eu nem mesmo sei o que isso quer dizer,” Regan rebateu.

“Você está procurando por uma discussão, mas eu não vou te dar uma,” Casey respondeu.

“Eu não consigo acreditar que você virou as costas para mim,” Regan disse, inabalável. “Nós somos amigas desde o jardim de infância, e então de repente você me ofende porque meu ex-namorado diz a você para fazer isso? Desde quando você deixa alguém mandar em você? Quero dizer, além de Ethan.”

“Presta atenção,” Casey alertou.

Regan balançou sua cabeça. “Tanto faz. Eu nem mesmo ligo para isso. Eu ligo que minha melhor amiga nesse universo inteiro descartou minha bunda como se eu não significasse nada!” ela pausou. “E porque você nunca deu aquele bilhete a Jeremy?”

“Huh?”

“Não faça ‘huh’ para mim,” Regan disse. “O bilhete. O bilhete! O bilhete que eu escrevi a ele na escola básica pedindo a ele para ser meu amigo.”

“Eu não sei do que você está falando,” Casey disse, fechando a porta de seu armário.

Regan lançou sua mão e agarrou o braço de Casey.

“Me. Solta,” Casey alertou. “Ou eu vou fazer você ser suspensa de novo.”

Regan soltou sua mão. Ela queria sacrificar o resto da temporada de futebol e uma potencial bolsa de estudos?

“O que aconteceu com você?” ela murmurou. “Você é só um demônio agora. Uma pessoa demoníaca.”

“Eu não sou um demônio. Eu só cresci.” Casey se virou em seus saltos.

“Porque você não entregou a ele aquele bilhete?” Regan gritou.

Casey a ignorou e desceu pelo saguão. Regan correu atrás dela, se enfiando entre Casey e a porta da sala.

“Saia, Regan.”

“Porque você fez aquilo comigo? Porque mentiu sobre ele? O que era tão ruim sobre eu querer ser amiga dele?”

“Olha para ele! Porque você iria querer? Eu te fiz um maldito favor, vadia! Você tem alguma ideia de onde você estaria agora mesmo se eu não tivesse intervindo? Estrela do futebol? Pffsst! Improvável! Você seria uma ninguém!” As mãos de Regan tremiam a seu lado. *Não se atreva a acertá-la. Tudo estará acabado se você bater nela.*

“Você quer falar sobre perspectiva? Você está fodendo com o cara que jogou tinta preta em cima de você,” Regan disse.

A respiração de Casey começou a ficar mais rápida. Ela apertou sua mandíbula e seus livros contra seu peito.

“Você roubou um amigo de mim. Você roubou anos de mim por causa de uma mentira,” Regan disse.

“Tome alguma responsabilidade, Regan. Você poderia ter sido amiga dele em qualquer época.”

“Você me disse que ele não queria isso!”

“Sim, bem, você poderia tê-lo feito,” Casey disse distraidamente. “Se você realmente tentasse. Você era sempre boa em pegar as coisas que você queria.”

“Do que você está falando?”

“Eu estou falando do fato que talvez eu nunca quisesse estar do outro lado,” Casey disse. “Que eu pertenço aqui, bem aqui, desde o começo. Que talvez você tenha me segurado para trás.”

“Você sempre quis ser uma vadia fodida? É isso que você está me falando?”

Casey a ignorou. “Eu nunca estive no grupo certo até agora. E eu acho que é porque eu deixei você ditar a minha vida, me enfiar no espaço que você queria que eu coubesse. Você não me perguntou se eu queria. Você nunca me perguntou o que eu queria. Era tudo sobre você. Todo o tempo. Porque você era barulhenta e persistente e desagradável. E eu era o seu oposto, mais quieta, menos difícil.”

Regan ficou chocada.

“Então sim, eu menti sobre o estúpido bilhete. Eu tomei uma decisão por mim mesma naquele dia. Eu decidi que você iria viver a vida que eu queria viver já que eu passei muitos anos vivendo a sua. Parecia apenas justo.”

Silêncio.

“Mas eu acho que isso não foi bom o bastante para você. E está bem. Não tinha que ser. Mas eu não vou deixar só porque você deixou. Então, agora, por favor, saia do meu caminho.”

O sinal tocou.

“Saia, Regan.”

Ela deu um passo ao lado, ainda atordoada. Ainda processando as palavras de Casey. Seu cérebro movia lentamente, trabalhando duro para registrar a razão da traição de sua melhor amiga.

Eu ditei a vida dela? Ela pensou. Eu fiz isso? Eu pensei que ela

era feliz.

“Você vai entrar?” ela ouviu acima dela e olhou para cima. Jeremy sorria para ela. Ela balançou a cabeça.

“Você quer cabular?” ele ofertou.

Ela assentiu, receosa de que se abrisse sua boca ela soluçaria alto e longamente. Ela iria precisar liberar em algum ponto, mas agora não era a hora. Agora era a hora de dar uma profunda respiração. E mudar.



Aquela manhã, Regan deitou em sua cama encarando um pedaço de papel branco. Ela precisava escrever uma lista, para tentar tirar sentido das palavras de Casey. Descobrir se ela era, de fato, uma pessoa egoísta.

Ela desenhou uma linha no centro da página e separou duas categorias: *Coisas Que Eu Fiz Direito* e *Coisas Que Eu Fiz Errado*. Ela pausou, mastigando a ponta da caneta enquanto pensava. Uma negativa foi a primeira a pular em seu cérebro.

Casey queria convidar Catherine para entrar em nosso clube, e eu disse não porque ela era amiga de Brandon.

Regan olhou com desconfiança. “Eu ainda não gosto daquela garota.” Ela exalou e acrescentou, “*Maaaas*, Catherine nunca foi maldosa comigo. Ou com Casey. E porque eu era a que tomava a decisão final? Eu nem mesmo era presidente. Eu sou mandona?”

Ela balançou sua cabeça e moveu para o lado esquerdo da página. Ela precisava se sentir melhor.

Socar Ethan no nariz depois de ele jogar tinta em minha melhor amiga.

Ela sorriu presunçosamente. “Sim, isso é correto. Eu defendo meus amigos.”

Mas essa ideia não poderia mascarar seu remorso — a vergonha

crescendo lentamente por dentro que sugeria que ela era uma amiga egocêntrica. Aquilo tudo estava em seus termos. Que ela nunca permitiu a Casey fazer suas próprias escolhas. Que ela queria controle sobre suas amizades porque ela com certeza sabia mais.

“Quem sabe alguma coisa com doze anos de idade?” ela perguntou em voz alta. “Masss...”

Ela escreveu mais.

Estava lá com Casey quando seus pais se divorciaram. Eu a deixei gritar comigo e machucar meus sentimentos porque eu sabia que aquilo não era sobre mim. Eu sabia que ela não queria dizer aquilo. Eu a apoiei.

Regan encarou suas palavras. Ela tinha esquecido tudo sobre aqueles cinco meses na nona série. Eles foram brutais. Eles revelaram a vulnerabilidade profundamente enraizada de Casey — seu medo do futuro e dúvidas sobre amor duradouro. Foi em torno da época em que Ethan começou a persegui-la, aquela garota ferida procurando por algo — *qualquer coisa* — para trazer estabilidade a sua vida.

A mão de Regan automaticamente se moveu para o lado direito da página.

Não impedi Ethan de namorar minha melhor amiga.

Ela desejava agora que estivesse digitando a lista porque ela teria copiado e colado esse ponto no topo da coluna *Coisas Que Eu Fiz Errado*.

“Eu sou uma amiga terrível, mas não pelas razões que ela pensava,” Regan disse. “Eu deveria ter protegido ela. Este é o meu trabalho. Eu fui protetora — a defensora — e não há nada errado com isso.” Ela ficou em silêncio.

“Não há nada errado com isso!” ela chorou, pensando em todas as pessoas que eram as mais importantes para ela.

Ela imaginou colocando eles em um círculo fechado bem apertado — Casey, Jeremy, mamãe e papai, Caroline, talvez até mesmo Hannah — e fechando eles em casacos quentes que ela produziu com sua lealdade e comprometimento com seu cuidado

emocional. *Casacos de cuidados emocionais*, ela pensou, dando risadinha, assistindo Caroline tentar abrir o casaco dela porque ela achava que estava velha o bastante para cuidar de si mesma.

Ela se virou em seus cotovelos, dando um relance no pingente dourado do zodíaco balançando e cintilando embaixo de seu queixo: libra — as balanças. Ela estudou o pingente — balanças perfeitamente equilibradas — e se perguntou onde possessão e ferocidade entravam no jogo. Antes de tudo, aquelas eram muito mais características de sua irmã de leão. Mas ela as tinha também — aquela perigosa possessão de seus amigos que ela tentava passar como lealdade; suas palavras e ações rugidas de rainhas das selvas.

“Eu deveria ter sido de leão,” ela disse. “Isso é besteira.”

Mas então ela se lembrou de uma característica particular de libra que ela certamente mais possuía — a habilidade de ver todos os lados. Seu problema era que, até agora, ela levou isso muito longe. Ela permitiu uma percepção distorcida de equilíbrio em sua vida, operando em um constante paradoxo: *eu posso estar na galera popular sem ser popular. Eu posso namorar Brandon mesmo que eu não esteja cem por cento comprometida. Eu posso ter empatia com os impopulares mesmo que eu não consiga me lembrar daquela dor.* Eu posso ser qualquer coisa para qualquer um contanto que eu concorde. Ela percebeu que ela concordou consigo mesma em ser... como Hannah colocou isso? Uma vadia falsa. Mas ela redescobriu seus princípios. Ela reensinou a si mesma como equilibrar as balanças apropriadamente para que não pudesse mais trair seu caráter e convicções morais.

Ela derrubou sua caneta no papel, abandonando sua lista. Ela reconheceu seus erros, sua fraqueza, mas ela estava pouco disposta a aceitar a versão de Casey sobre si mesma.

“Eu sou uma vadia, sim,” ela disse. “Checado. Eu tenho uma boca barulhenta. Checado. Eu posso ser mandona. Checado. Eu posso mesmo ser impulsiva. Melhor checar três vezes isso. Mas eu sou cuidadosa. Checado pra caralho. E eu acredito que eu sou justa.” Ela tocou seu pingente. “Dez checado. E acima de tudo, eu quero o que é melhor para as pessoas importantes da minha vida. Checado filha da

puta.”

Balanças em equilíbrio. Rugido de leão. Ela tinha abraçado ambos, lambeu suas feridas, e aguardou, agachada atrás da árvore, rabo agitando para lá e para cá. Talvez um pouco predatório, mas ela racionalizou que isso era proteção predatória. Ela tinha de esperar e observar pelo momento certo de agarrar Casey e trazê-la de volta da beirada. Abraçá-la. Mantê-la segura. Porque isso é o que os melhores amigos fazem. Eles amam. E perdoam. Ferozmente.

• • • • •

Hannah congelou, boca aberta, sanduiche posicionado em sua boca para morder. Seus olhos furaram os de Regan.

“Bem?” Regan perguntou.

Hannah abaixou o sanduiche lentamente. “Bem, o quê?”

“Posso sentar?”

Hannah roubou um relance em Jeremy. “Porque você quer sentar aqui?”

“Você sabe porque,” Regan respondeu pacientemente. “Então, posso?”

Hannah sorriu. “Bem, agora, eu não sei.”

Regan bufou e colocou sua bandeja na mesa.

“Eu acho que é totalmente injusto que você espere que nós demos boas vindas a você com braços abertos agora que seus amigos imbecis te rejeitaram,” Hannah disse. Ela mordeu um grande pedaço de seu sanduiche.

Regan exalou lentamente. “Eu sei que você acha. E eu acho a mesma coisa. Agora eu vou sentar... se estiver okay.”

Hannah indicou com a mão. Regan aceitou isso como um convite de meio coração. Ela sentou ao lado de Jeremy e abriu sua garrafa de água.

“Então o que você fez?” Hannah murmurou com sua boca cheia.

“Terminei com Brandon,” Regan respondeu.

As sobrancelhas de Hannah ergueram. “Bem. Eu não achei que você teria isso em você. Acho que minha conversinha vigorosa realmente ajudou.”

Jeremy estava intrigado. Que conversinha? Ele não sabia que as garotas eram amigas.

Regan bufou. “Sim. Muitos obrigadas para você, Hannah. De outra forma, eu nunca teria tido os nervos para fazer isso.”

“Ha Ha,” Hannah respondeu. “Mas sério. Você realmente terminou com ele?”

“Sim.”

“Por quê?”

“Porque eu percebi que ele era um cara ruim,” Regan disse. Ela deu uma mordida em seu sanduiche.

“Você levou três anos para perceber isso?” Hannah perguntou, suas palavras transbordando com sarcasmo.

“Eu aprendo devagar,” Regan explicou.

“Evidentemente.”

Regan pegou seu sanduiche. “Olhe, você vai me dar essa atitude pelo resto do ano se eu sentar aqui?”

“Eu não tenho direito a isso?” Hannah perguntou.

“Não, você não tem. Quer saber por quê? Porque eu me desculpei com você, e eu realmente quis dizer aquilo. E eu estou fazendo mudanças e tentando ser melhor. Não por você. Por mim. Mas adivinha só? Você se beneficia, também. Então supera isso, aprenda a perdoar, e segue essa porra.”

Jeremy mastigou uma cenoura. Ele achou que era mais sábio não interferir. Brigas de garotas eram... *complicadas*. E completamente fora do domínio de sua especialidade.

“Seguir essa porra?” Hannah perguntou, suprimindo a risada.

“Foi o que eu disse,” Regan atirou de volta.

Hannah inalou lentamente, dando a Regan uma longa e dura encarada com seus perfurantes olhos azuis. Decisão feita.

“Tudo certo,” ela disse finalmente. “Mas eu vou tirar sarro de sua cara joalheria.”

“Esta bem,” Regan respondeu. “Eu sei que isso é só o seu desejo por ter uma. Se você conseguir parar de ser uma vadia, talvez eu dê a você olhos como os meus.”

Hannah sorriu. “Eu não me importo de andar por aí parecendo como uma boneca Barbie cheia de brilho.”

Regan se inclinou na mesa e enfiou seu nariz na cara de Hannah.

“Todas querem parecer como uma boneca Barbie cheia de brilho,” ela disse suavemente.

As garotas encararam uma a outra. Hannah estava certa de ter entendido a mensagem subentendida nas palavras de Regan, e não estava certa de que tinha gostado disso. Ela trabalhou tão duro para ser antifeminina — abraçando um estereótipo que foi forçado para cima dela pelas muitas pessoas que ela desprezava. As pessoas que a abusavam a cada dia. Tudo certo, então. Ela iria seguir o script — tentar por uma existência irônica — apesar de que ela presumiu que eles eram estúpidos demais para entender. E eles eram. Mas Regan pegou isso. E Regan sabia que ela estava fingindo — que ela desejava passar rímel em seus cílios e usar batom vermelho. Que ela se doía para se sentir bonita em suas roupas ao invés de se esconder de todos em trajes masculinos porque eles disseram a ela.

“Eu não acho que eu gosto de você,” Hannah sussurrou, ainda encarando seu interesse amoroso.

“Você gosta de mim muito bem,” Regan respondeu.

Hannah voltou a comer seu sanduiche, calmamente aceitando a declaração de Regan como uma verdade. Porque isso era verdade,

apesar de ela nunca ter admitido em voz alta.

“Você vai chorar muito nos próximos dias,” Hannah disse. “Se prepare.”

“Falando por experiência?” Regan perguntou.

“O que você acha?” Hannah respondeu.

“Só não os deixe te ver chorando,” Hannah disse suavemente. “Torna milhões de vezes pior.”

“Eu não ligo se me verem chorar,” Regan disse, terminando seu sanduiche.

“Fácil dizer quando você nunca experimentou as repercussões. Acredite em mim nisso. Eu estou tentando te ajudar,” Hannah disse.

Jeremy relutantemente concordou. “Ela tá certa.”

Regan se eriçou. “Se algo machuca, porque não posso mostrar isso?”

“Porque eles vão te machucar mais,” Jeremy disse.

“Você não parece se importar com isso mais,” Regan apontou. Ela olhava para seu molho de salada, então mergulhou sua cenoura nele.

“Porque eu cresci,” ele disse.

“Huh?”

Hannah sorriu em entendimento.

“Eu cresci. Se eles vieram para cima de mim agora, eu vou quebrar seus pescoços.”

Regan piscou.

“Ele é mais forte, sua tola!” Hannah falou com voz chorosa, rindo. “Você não tem notado que ninguém fez merda nenhuma com ele este ano? Ele tem a vantagem dos caras — testosterona. Bem, ele sempre teve a vantagem dos caras. Só que agora ele fez algo com isso.” Ela esperou.

Regan levantou suas sobrancelhas.

“Seus músculos, Regan. Jesus Cristo. Você não sabe nada sobre fisiologia?”

“Entãoooo, você e eu precisamos crescer alguns músculos, é isso?” Regan perguntou.

Hannah bufou. “Nós nunca seremos tão fortes. E de qualquer forma, você não precisa se preocupar com socos. Eles vão te atacar só psicologicamente porque você é uma garota bonita.”

Regan revirou seus olhos.

“Eles são físicos comigo porque eu pareço uma lésbica. Se eu fosse pequena e fofa como você, eu teria só que me importar com os ataques verbais.”

Regan se remexeu desconfortavelmente. “Podemos mudar de assunto?”

“Por quê?” Hannah perguntou. “Você queria sentar aqui.”

“E eu sei que vocês dois não falam sobre essas coisas,” Regan disse.

Isso era verdade. Hannah e Jeremy nunca falavam sobre besteiras. Eles falavam sobre videogames e snowboarding e o quanto eles odiavam seus pais. Mas essa era a conversa *deles*, não dela.

“Eu pensei que você queria conselhos,” Hannah disse.

“Eu não preciso de conselhos,” Regan respondeu.

Hannah a considerou. “Não, você não precisa de conselhos. Mas essa não é a razão para você querer mudar de assunto. Você está desconfortável ouvindo sobre nosso abuso porque você costumava estar do lado dos outros. Você se identificou com as pessoas que nos tratava como merda.”

“Hannah, qual é,” Jeremy disse.

“Eu estou certa, apesar,” Hannah disse a ele. “Não estou?”

Regan assentiu. Hannah não estava esperando isso. O trio ficou

sentado um tempo em silêncio, mastigando e pensando.

“Bem, vá em frente então,” Regan disse.

“Vá em frente com o quê?” Hannah perguntou.

“Me fazendo sentir mal. Me dê os conselhos de vítima. Vá em frente. Eu estou pronta para isso. Contando que você prometa terminar com isso hoje.”

Hannah pensou um momento. “Okay, fechado.”

Jeremy limpou sua boca e suspirou.

“Então, o que primeiro, Jer? Jesus, nós nunca discutimos isso,” Hannah disse.

“Eu não sei,” ele respondeu.

“Eu sei,” Hannah disse. Ela olhou para Regan. “Que segredos você compartilhou com Casey?”

O coração de Regan se esborrachou no chão.

“Bem?” Hannah persistiu.

“Tudo,” Regan suspirou.

“Okay, então. Está é a primeira coisa que você vai ter de lidar. Até o fim da semana, todos vão saber todas as suas merdas.”

“Oh meu Deus,” Regan murmurou. A imagem de embrulhar seus peitos correu em sua mente. Seria uma grande coisa se as pessoas rissem dela por isso? Uh, sim. Era uma porra grande!

Ela levantou da mesa e se dirigiu a Casey. Quando ela alcançou o grupo popular, ela parou esperando que alguém a reconhecesse. Ninguém fez isso.

“Você tem espalhado os meus segredos?” ela demandou, encarando Casey.

Casey virou seu rosto como se Ethan a tivesse proibido. Ela encarou Regan.

“Você tem?” Regan pressionou.

“Que segredos?” Casey adicionou.

“Qualquer um deles!”

“Você gostaria que eu fizesse?”

A voz de Hannah ecoou em sua cabeça: *Não os deixe vê-la chorar.* Seus olhos transbordaram. Esta era Casey. Sua melhor amiga. Confidente. Outra irmã.

“Você faria aquilo comigo, Casey?” ela murmurou baixo. Mal audível.

Casey hesitou, olhos fixos nos de Regan. E então Regan viu o imperceptível balançar de sua cabeça: *Está tudo bem. Eu nunca iria fazer aquilo com você. Não se preocupe.*

Regan enfiou para baixo as palavras que ela queria soltar: “Venha comigo! Fique comigo! Se afaste deles o mais rápido que puder!”

Ela se virou em seus saltos, ao invés, e deixou a cafeteria.

~

Deve ter um Código do Valentão em algum lugar por aí. Esse é o porquê muitos são bons nisso. Sim, básicos demônios internos ajudam um monte, mas os realmente bons estão estudando. Eles estão fazendo notas nos rodapés. Fazendo perguntas. Se certificando de que aprenderam certo — só a quantidade certa de intimidação para fazer alguém se mijar em si mesmo. O que esses babacas não estão ciente é o fato de que há um Código da Vítima, também. Isso não pode prevenir os socos e as palavras que doem, mas pode ajudar as vítimas a lidar com os efeitos colaterais. O código parece algo como isso:

1. Não reconheça um valentão olhando diretamente em seu rosto. Você está só arrumando problema quando faz isso. Ele vai vir para cima de você de qualquer forma. Não precisa irrita-lo antecipadamente.

2. Não lute. Você só vai tornar isso dez vezes pior. (Ver a número 07 como uma exceção a esta regra).

3. Renuncie a qualquer coisa que ele quiser. Hey, o almoço não é assim tão importante, é?

4. Não discuta a vitimização com outras vítimas. Se unificar não faz nada. Encontre talvez uma outra vítima para andar, mas fale sobre qualquer coisa que não seja o bullying.

5. Quando você estiver sendo esmurrado, entre no modo “desligado”. Apague seus pensamentos. Pense em um grande, vazio e branco espaço. Isto ajuda a amortecer a dor de ambas as agressões, física e verbal.

6. Não chore. Só não chore. Eu repito: não chore, caralho.

7. Se a oportunidade se apresentar sozinha, lance um soco, mas só se você SOUBER que vai fazer contato, e SOUBER que você pode escapar logo em seguida. Caso contrário, você vai ser o idiota que tentou fazer diferença.

8. Não se incomode em dizer aos adultos sobre o bullying. Eles não fazem merda nenhuma sobre isso mesmo.

9. Encontre músicas que te inspire a buscar vingança em suas fantasias. Ouça a noite antes de dormir para levá-lo para o dia seguinte na escola. Único jeito de você conseguir passar por isso.

10. Não tenha uma namorada ou namorado. Apenas não tenha. Então você os arrastou para dentro disso, e essa vai ser uma atitude imbecil.

~

00:07

Ela parou a poucos pés de distância, trêmula de dor. Danos emocionais — bem pior do que qualquer golpe no rosto ou no estômago. Bem pior que qualquer soco nas costelas. Ossos quebrados? Eles eventualmente curam. Uma mente quebrada? Muito mais difícil.

Era fácil ficar com raiva. Aquelas pessoas não foram boas para ela! Ela sabia disso. Ele sabia disso. Mas ele também entendia que eles foram a realidade dela por três anos. Um deles foi sua realidade por muito mais. Ele não podia esperar que ela os superasse tão facilmente. Ele não podia esperar que ela seguisse em frente da noite para o dia. Ele não podia esperar que seu coração se curasse tão rápido. O coração de ninguém se cura tão rápido. O dele ainda não tinha apesar de ele conhecer o catalisador para uma recuperação mais rápida.

“Eu sei que eu não deveria chorar!” ela disse, lágrimas e coriza escorrendo em seu rosto.

Ele abandonou o Camaro e pegou uma caixa de Kleenex no balcão. Ela puxou um lenço e assoou seu nariz. Ele aguardou os soluços diminuírem, ouvindo os compassos em seu peito — seu coração agitado e precipitado, buscando por um ritmo normal.

“Casey disse alguma coisa?” Jeremy perguntou.

Regan balançou sua cabeça.

“Bem, isso é uma coisa boa,” ele ofereceu.

Ela assentiu.

Ele não perguntou sobre Brandon. Ele já ouviu os rumores de suas escapadas sexuais e a inexperiência de Regan. Em detalhes. As palavras eram destinadas a humilhá-la, e elas humilharam. Mas ele estava estranhamente feliz por elas. Ele gostava da ideia de ela não saber muito. Ele queria que ela descobrisse essas coisas com ele.

Ele parou perto dela, olhando o topo de sua cabeça, a parte branca justaposta contra vertentes de cabelos sedosos. Ele pensou em

colocar seus dedos neles. Era injusto se distrair com pensamentos luxuriosos quando ela estava obviamente triste, mas ele não conseguia se controlar. Seus olhos se moveram para os dela, contornados de preto por sua máscara borrada. Seu coração batia enlouquecidamente dentro de seu peito, e apesar do rosto encharcado dela, ele sabia que era o momento.

Estou ultrapassando a distância, ele pensou, lembrando uma de suas músicas favoritas. Ele ouvia a melodia dentro de sua cabeça e imaginava o punho fechado. Os dois vinte e cinco estava prestes a pressionar. A linha de largada, e sua chance de ser o vencedor.

Então, agora você é foda pra caralho? Ela está com olhos de guaxinim, e isso faz você foda? Vá em frente e a beije. Ela vai te socar. É de Regan que estamos falando.

Não, ela não vai, ele argumentou com certeza.

Você está bem seguro de si mesmo.

Estou. Ele sorriu.

Você tem algo para provar?

Eu tenho.

“O que você está fazendo?” Regan sussurrou, encarando ele que a encarava.

Ele estudou o rosto ruborizado dela, observou outra lágrima trilhar sua bochecha fresca.

“Você quer ficar melhor?” ele perguntou.

Ela assentiu automaticamente, sem entender.

“Eu também,” ele disse.

Ele segurou seu rosto. Ele sabia que seus dedos estavam úmidos com suor e sujos de graxa. Não tinha nenhum negócio tocá-la com estas mãos, e ainda assim, ele sentia que tinha todo o direito. Ele não podia fingir que não estava nervoso. Mas a determinação era uma coisa estranha e poderosa — mais forte que qualquer autodúvida. Ele sabia que estava a centímetros do rosto dela. Ele sabia que sua

cicatriz gritava alto e raivosa para ela. Era feia. E ele não se importava porque ele sabia. Ele a conhecia. Ele sabia que ela queria, mas era muito covarde para falar. Ele facilitaria para ela. Ele faria o primeiro movimento. Ser um homem para ela.

“Eu estou te afastando deles para o bem,” ele disse suavemente. “E você vai gostar disso.”

Os lábios de Regan se abriram. Ele não sabia se ela iria protestar, e ele não esperou para descobrir. Ele pressionou seus lábios nos dela. Ele não forçou. Ele não foi gentil. Ele foi decidido.

As mãos dela foram para os pulsos dele, e ela envolveu seus dedos ao redor deles. Ela não empurrou. Ela não o puxou para mais perto. Ela simplesmente aceitou. E então ela ansiou. Ele sentiu o ligeiro movimento de seus quadris. Ele a estava prensando contra o balcão e não havia percebido.

“Não faça isso,” ele disse dentro da boca dela.

Ele podia sentir o sorriso e tomou isso como um convite. Ele deslizou sua língua na boca dela, e ela fez o mesmo. Ele estava beijando Regan Walters! Provando seu gosto pela primeira vez. E, Deus, o gosto dela! Como a cereja do mais doce cupcake. Aquilo era tudo que ele conseguia pensar. Aqueles cupcakes que ela trouxe para ele várias semanas atrás.

Ele a prendeu mais apertado contra o balcão, implorando silenciosamente pelo movimento de seus quadris — o mesmo movimento que ele já a tinha advertido. Ela se deslocou, encorajando sua ereção enquanto sua língua explorava a boca dele. Ela o afastou por um segundo enquanto lambia seu piercing dos lábios.

“Eu sempre quis fazer isso!” ela gritou, e ele pensou que iria rasgar as roupas dela ali mesmo.

Seus beijos se tornaram mais quentes. Suas mãos desceram do rosto dela para seus ombros e quadris. A bagunça que ele fez! Ele não conseguia parar. Ele não conseguia parar de segurá-la contra seu corpo. Regan. A garota de seus sonhos. Beijando ela. Segurando ela. Tocando ela. Espera. Quem você pensa que é para tocá-la? Ela é muito boa para você. Ela sempre foi boa demais para você. Ela é tudo. Você é

nada...

Sua confiança colapsou em cima dele, se transformando em uma pesada dúvida. Ele se afastou, se virou de costas para ela, abaixando sua cabeça.

Você é um perdedor, Jeremy? Você esqueceu-se disso?

“Jeremy?” ele ouviu por trás dele.

Ele não respondeu.

“Jeremy?”

Nada.

“JEREMY!”

Ele se deslocou minimamente.

“Você não pode me beijar daquele jeito e então se afastar,” Regan disse.

“Eu... eu não sei o que estava pensando.”

“Bem, Deus. Eu sou tão ruim?”

“Não!” ele se virou, corou profusamente quando seus olhos se encontraram. “Não, não isso.”

“Então o que é?”

“Eu não deveria ter ido para cima de você daquele jeito. Foi errado. Egoísta.”

Regan tocou seus lábios suavemente. “Mas eu gostei.”

“Gostou?”

“Você não me sentiu beijar de volta?”

“Senti. Eu pensei que você estava só sendo legal.”

Ela explodiu em risadas. Os cantos de sua boca se torceram para cima.

“Acredite em mim. Se eu não quisesse que você me beijasse, você não iria ter me beijado. Eu não sou ‘legal’ sobre coisas desse tipo,”

ela disse finalmente.

Ele assentiu.

“Isso *foi* do nada,” ela apontou.

“Onda de testosterona,” ele explicou.

Ela baixou os olhos em sua camiseta manchada com sujeira. Ele fez uma careta.

“Sinto muito por isso. Eu vou te comprar uma nova.”

“Eu não quero uma nova. Eu quero essa,” ela disse, tocando o tecido. Depois sua mão foi até sua bochecha. Ela sabia que estava suja de graxa também.

Alguma coisa urgiu dentro dela — um sentimento que ela nunca sentiu com Brandon. Era feral, e ela pensou que era porque Jeremy a marcou. A reivindicou. Então era aquilo. Ela era dele.

“Faça de novo,” ela disse.

“Fazer o quê? Beijar você?”

Ela assentiu.

“Eu estou sujo,” ele disse, mostrando as palmas de suas mãos para ela.

“Bom.”

Os olhos dele arregalaram.

“Eu preciso que você me beije de novo,” ela disse pacientemente. “E não seja legal sobre isso.”

Ela não entendeu suas próprias palavras. *Tem que ser quente*, ela pensou. *Tem que ter desejo. Desejo de verdade.*

Ele se apoiou nela e inclinou sua cabeça. Seus lábios roçaram o pescoço dela, deixando uma trilha de leves beijos. Ele realmente não sabia o que estava fazendo, mas sensualidade parecia vir bastante fácil para ele. Talvez fosse instintivo. *Bem, isso explicaria todos os bebês*, ele pensou aturdido. Ela gemeu suavemente, e ele paralisou seus lábios.

O que ela está me pedindo? Ele pensou.

Pare de pensar tanto!

Mas o que eu faço?

“ME BEIJA!” Regan chorou em sua orelha.

Ele fez um movimento brusco, batendo o lado de sua cabeça na dela.

“Oh Deus! Eu sinto muito, eu sinto muito!” ele disse, acariciando a têmpora dela.

Ela golpeou a mão dele e segurou seu rosto. “Qualquer coisa que você estivesse pensando bem antes de me beijar pela primeira vez, eu quero que você pense sobre isso de novo. Entendeu?”

Ele assentiu. *Vá alem. Vá além. Vá além, caralho, Jeremy.*

Ele a segurou pelos quadris e a levantou sobre o balcão.

Vá além.

Ele encaixou seu corpo entre as pernas dela, evocando um chocante “Oh!” de seus lábios.

Vá além.

Ele segurou seu rosto uma vez mais, segurando-a em um aperto mortal, encarando-a como se ela fosse o jantar.

Vá além.

Lábios nos lábios. Uma contração corporal. Um calafrio. Desejo de estar mais perto quando ambos sabiam que não poderiam. Não ainda. Muito em breve. Mas o desejo, se erguendo em seus corações, suas bocas, forçando beijos calorosos, umedecidos com querer.

Ela enlaçou suas pernas ao redor dele, o puxando para mais perto. Ele envolveu suas mãos ao redor da lombar dela e a puxou para ele, se esmagando contra ela para que ela não tivesse dúvida de seu desejo por ela. Latejava entre suas pernas, excitando sua própria resposta sexual. Ela ficou molhada por ele, e o instinto comandou seus quadris. Ela se sacudiu e pressionou contra ele, buscando por

alívio.

Não é certo, não é certo! A mente dela gritava. Ela sabia que aquilo não estava certo. Mas seu corpo se movia contra sua vontade, desesperado por se abrir. Ela queria que aquele garoto a desabrochasse. Ela sussurrava na boca dele. Ele afrouxou, sabendo o que ela queria. Sabendo que não era o momento certo de dar isso a ela.

“Sério?!” ela choramingou.

“O quê?”

“Eu... você...” ela apertou o balcão, certa de deixar marcas de dedos.

Jeremy aguardou.

“Porque você está me provocando?” ela perguntou desconsolada.

“Eu não estou tentando. Você me pediu para tomar o controle. Eu estou fazendo o que você pediu,” ele respondeu.

“Você sabe o que eu quero, e você não está dando isso a mim!” ela queixou-se.

Ele sorriu. “Você está certa.”

Ele nunca pensou que consternação poderia parecer tão bonita. Lá estava ela sentada presa em frustração sexual, suja de merda, sua respiração vindo em curtos e pesados ofegos. Pela primeira vez em sua vida, ele exerceu o poder. Então era assim com ela — possuir o controle. Crescia em seu coração, seu peito, seus músculos. Ele conseguia se sentir crescendo, alongando, se transformando no Hulk. Ele poderia fazê-la fazer qualquer coisa com aquele poder. Então porque ele tinha a repentina urgência de se ajoelhar perante ela?

“Me faça gozar! Sim, é isso! Eu disse isso! Me faça gozar!”

“Não.”

“Mas você nem mesmo tem de fazer nada! Só se inclinar sobre mim!”

“Não.”

“Porque diabos não?”

“Porque nós só nos beijamos.”

“E daí?”

“Eu quero ir devagar.”

“Besteira. Nenhum cara quer ir devagar. Você só quer me fazer implorar por isso.”

Ele riu. “Eu realmente não quero.” Ê, em parte era verdade.

“Sim, você quer!”

“Regan, eu juro, eu não posso lidar com tudo isso agora, de qualquer forma. Você tem de confiar em mim. Você sabe quão difícil foi para eu reunir a coragem para te beijar? Se eu te fizer gozar então, eu vou provavelmente morrer. É isso que você quer?”

Ela sorriu e balançou sua cabeça.

“Você entendeu o que está acontecendo dentro de mim nesse momento? Você acha que eu já imaginei por um segundo que alguma vez iria te beijar? Eu sou Jeremy. Você é... *você*. Eu estou tendo dificuldade em entender isso. Estou sonhando?”

Ela balançou sua cabeça de novo.

“Você ao menos gosta de mim?”

Ela recuou. “Como você pode me perguntar isso?”

“Bem, talvez você só queira ficar de pegação.”

A boca dela caiu aberta. “Hum, você acha que isso é uma coisa que eu faço — só sair com qualquer cara que acontecer de estar por perto na hora?”

“Não,” ele respondeu embaraçado. “Eu só quis dizer que eu sei que você está sofrendo nesse momento, e talvez tudo que você procurasse fosse conforto.” Ele pausou. “Ou algo do tipo.”

“Ouça, companheiro. Eu não estou sofrendo pelo Brandon, se é isso que você está sugerindo. Eu não sinto falta dele em nada. E sim, eu estou sofrendo por Casey. Isso vai levar algum tempo. Mas eu estou

certa pra caramba de que não vim aqui com a intenção de usar você para me sentir melhor. Se eu quisesse só uma escapadinha, eu teria ido pra casa e feito isso por mim mesma.”

Bem, e lá você teria isso.

Silêncio. Longo e desconfortável ataque de silêncio.

“Entãoooo, você gosta de mim?” Jeremy finalmente perguntou.

Regan explodiu em gargalhadas. “Eu gosto muito e enlouquecidamente de você! Eu gosto de você desde a sexta série! Eu até mesmo gostava de você na sétima série quando eu te odiava! Eu gostava de você na oitava série. Eu gostava de você na nova e décima e ano passado e—”

Ele a cortou com seus lábios. Ele a beijou com força, batendo seus dentes nos dela, esperando machuca-la só um pouco. Essa era a punição por aqueles anos que ela guardou o segredo. Todos aqueles anos desperdiçados que eles poderiam ter estado juntos — experimentando uma diferente e melhor realidade. Todos aqueles anos que ele ansiou por uma inatingível garota. E aqui estava ela, sobre seu balcão, dando a ele seus lábios e suas palavras e seu coração e, possivelmente, seu futuro.

Ele ansiava dizer isso. Sua garganta se fechou com as palavras, inflando como volumosos balões do dia dos namorados: EU TE AMO EU TE AMO EU TE AMO!! O que ela iria dizer? Faria? Isso seria muito em breve. Assim como o desejo de vê-la nua e tocar todas as partes secretas de seu corpo. Muito em breve! Mas as palavras ameaçavam estrangulá-lo, então ele enfiou sua língua na garganta dela com urgência, esperando que o sentimento caísse e escorregasse sonoramente para baixo da garganta dela.

Ela correu seus dedos nos cabelos dele, úmidos de suor, depois os correu para baixo das costas de sua cabeça até seu pescoço. Ela o segurava firme em seu rosto, correspondendo a seus beijos urgentes, sabendo que seria bastante tempo até os suaves e doces.

Ele a afastou e pressionou sua testa na dela. Ela sabia que ele estava pensando, e enquanto ela se doía para saber seus pensamentos, ela respeitava sua privacidade. Mas não seu corpo. Ele a tinha beijado,

então ele pertencia a ela agora. Ela levantou seu dedo indicador e traçou sua cicatriz. De cima a baixo e para cima de novo. Devagar. Cuidadosamente.

“Como isto aconteceu?” ela perguntou suavemente.

Jeremy quase proferiu a mentira. Era o hábito após tantos anos. Mas ele decidiu não mentir porque ele confiava nela.

“Meu pai,” ele sussurrou.

Regan segurou seu rosto e o forçou a olhar para ela. “O quê?”

“Meu pai me bateu.” Ele estudou sua expressão, sua preocupação. “Não ouse sentir muito por mim.”

“Eu posso sentir o que eu quiser,” ela respondeu.

Ele sorriu.

“Ele só te bateu uma vez?” ela perguntou, sabendo a resposta.

Ele balançou sua cabeça. “Ele é um homem nervoso.”

Regan não disse nada.

“Levou um tempo para dar o fora daquela casa, mas eu dei.”

“Oh?”

Ele apontou o teto. Ela olhou para cima.

“Eu moro no apartamento de cima. Roy alugou para mim.”

“Wow, eu queria ter meu próprio canto,” Regan respondeu.

“Não, não queria.”

“Não?”

Ele balançou sua cabeça. “Não me leve a mal. Estou contente de estar fora da casa do meu pai, mas é solitário às vezes. E eu nem sei realmente cozinhar tão bem. O tipo de sentimento como uma criança forçada a crescer realmente rápido.”

“Mas você é uma criança forçada a crescer realmente rápido,” Regan pontuou.

Jeremy se eriçou. “Tenho dezenove.”

“Grande coisa,” Regan respondeu, e ele riu. Ela o olhou com curiosidade. “Você quer aprender a cozinhar?”

“Talvez.”

“Você quer que eu te ensine?” ela perguntou.

“Lá em cima?”

Ela assentiu. “Mamãe diz que eu não posso cozinhar nem para salvar a minha vida, mas eu sei como fazer os essenciais.”

“Tipo?”

“Brownies. Cupcakes. Mac'n cheese. Cereal.”

Ele riu. “Eu tenho o mac'n chesse e cereal sob controle.”

“Bem, e os itens assados? Tudo certo, então eu não posso cozinhar, mas eu tenho certeza de que posso assar. Você gostaria de fazer assados juntos?” ela perguntou.

“Bem, eu não tenho permissão de ter garotas no apartamento,” ele disse, então revirou seus olhos. Tão, tão estúpido.

“Mas você é um homem,” ela argumentou. “Você tem dezenove.”

Jeremy bufou. “Sim, bem, Roy não vê desse jeito. Eu acho que ele não me quer tendo muita diversão.”

Regan riu.

“Você pode vir me visitar lá mesmo assim,” ele disse depois de um momento. “Nós não somos adolescentes se não estamos fazendo alguma coisa errada.”

As risadinhas dela se transformaram em uma risada completa. Ela relanceou o grande relógio acima das portas da garagem e suspirou, descendo do balcão.

“Cara, eu tenho que ir.”

Jeremy assentiu.

Regan agarrou sua bolsa e a colocou sobre seu ombro. Ela virou

para encarar Jeremy uma última vez.

“Eu não deveria ter querido ir tão rápido,” ela disse. “Eu sinto muito ter te deixado desconfortável”.

“Não deixou,” ele respondeu.

“Eu não sou uma puta,” ela esclareceu.

“Nunca pensei isso.”

Ela o considerou. “É só, eu tenho feito algumas coisas.”

Ele não tinha certeza de como responder.

“Aparentemente não muito bem,” ela acrescentou.

Ele se contorceu em confusão.

“Oh, por favor,” ela disse, olhando para ele estarrecida. “Como se você não tivesse ouvido os rumores.”

“Rumores são rumores.”

“Rumores são dolorosos.” Ela o olhava com expectativa.

Ele sabia sua pergunta não proferida.

“Não me pergunte se você beija bem. Eu vou ficar ofendido.”

“Por quê?”

“Porque você me beijar não tem nada a ver com aquele cara e seus estúpidos rumores,” Jeremy respondeu. Regan assentiu.

“Mas se você deve saber,” ele sussurrou, afastando seus olhos, “isso foi incrível pra caralho.”

Ela sorriu. “Eu... eu realmente não sou rápida. Quero dizer, é estranho ter agido daquele jeito. Eu fiquei realmente excitada. Você me fez sentir coisa que eu nunca senti. Isso é brega?”

Ele balançou sua cabeça.

“Sim, isso é,” ela murmurou. “Brega pra caramba. Mas que seja. É verdade.”

Silêncio.

“Quando você passa tantos anos querendo algo, e então você finalmente consegue, às vezes você não reage apropriadamente. Os sentimentos são muito intensos. Você não sabe como lidar com eles. Como estar em um estado maníaco, eu acho. Fora de sua mente. Assim que me senti quando você me beijou.”

Seu coração aqueceu — calor se construindo lentamente na base e rodopiando seu caminho para cima e em volta das camaras.

“E eu queria sentir tudo de uma vez. E dar a você tudo. E tirar de você.” Ela pausou. “E agora eu sei por que as pessoas fazem sexo dois segundos depois de se conhecerem. Se eles estão insanamente atraídos um pelo outro, é isso.”

Ele riu.

“Agora multiplique isso por dez trilhões, porque eu não acabei de te conhecer. Eu te conheço desde sempre. Então o calor...” suas palavras desapareceram no espaço úmido da garagem.

Ele assentiu. Garotas eram muito melhores com suas palavras. Tudo o que ela disse ele sentia, mas nunca conseguiria dar voz a isso. Ele estava contente que ela conseguia. Ela poderia falar pelos dois.

“Idem,” ele disse, então desejou imediatamente que pudesse pegar isso de volta.

Ela riu. “Você é bem um cara.”

“E você é bem uma garota.” Ele riu para ela. “E eu estou contente por isso.”

Bem depois que ela partiu, ele ficou encarando seu Camaro. Tudo que ele queria era que o carro estivesse andando para que ele pudesse fugir. Aquele tinha sido o plano desde o Dia 1. Agora sua motivação mudou. Ele precisava de um carro funcionando para levar sua garota para um encontro.



Vamos falar hipoteticamente. SE eu decidisse desistir do meu plano atual, como eu me asseguraria que os demônios teriam o que eles merecem? Meu maior medo é que se eu não fizer nada, darei a eles a oportunidade de vitimar mais pessoas. Eu não posso ter isso em minha consciência. Além disso, eu fiz uma promessa a eles. Eu fiz uma promessa aqueles que sofrem o abuso agora, e eu prometi a todos aqueles que passarão no futuro. Eu não posso abandoná-los. Isso iria, em essência, me tornar um valentão. Então quais são minhas alternativas?



00:06

A mudança aconteceu naturalmente. Depois de seu ataque na garagem e subsequente beijo, a vida andou facilmente. Ela não ligava mais para seu velho eu. Ela se preocupava em redescobrir sua velha vida — aquela que veio antes dela se adequar. Aquela que a definia como alguém real, feliz, e especial antes de ela perder sua identidade pela popularidade. Ela não conseguia se arrepender dos anos de colegial. Ela não iria. Ela os registrou como uma experiência de aprendizado, enfiou todas as memórias no coração, e varreu algumas das mais escuras para um canto esquecido. Em breve, ela realmente iria esquecer.

Ela segurou as mãos dele na escola. As reações eram extremas — suspiros odiosos e sussurros maldosos. As coisas que alimentavam as fofocas, por sua vez, alimentavam desconfianças.

Pode vir, ela pensava, deixando o desafio registrado em seu rosto enquanto caminhava pelos corredores. Ela franzia o cenho para eles. Ela sorria para ele.

Levou um tempo para as fofocas abaixarem sobre seu surto — o fato de ela ter ameaçado a vida de um aluno. Sua suspensão da escola e do futebol estava se tornando notícias velhas por agora, mas seu romance florescendo reascendeu as chamas. Pequenas fogueiras de alunos salpicavam os corredores, falando merda, fazendo piadas — chamas voando alto ao som de seus cacarejos.

Jeremy puxou sua mão. Ela não deixou ele tirar.

“Isso vai acabar morrendo,” ela disse. “E de qualquer forma, a gente liga?”

“Eu gosto de estar nas sombras,” ele disse suavemente.

“Perdido nas sombras?” ela brincou.

Ele enrugou as sobrancelhas.

“Cara, minha camiseta!” ela disse, batendo seu polegar em seu

peito.

Ele olhou no peito dela — não precisava de um convite — e leu “os garotos perdidos” em voz alta.

Ele riu. “Eu só entendi isso porque eu assisti o filme com você. E você é uma babaca, a propósito.”

Ele nunca a zoou daquele jeito, chamando-a por xingamento. Ele não estava seguro se deveria, tendo experimentado estar do outro lado, recebendo incontáveis e humilhantes xingamentos através dos anos. Ele abriu sua boca para se desculpar.

“Hey, você tá namorando comigo. O que isso diz sobre você?” ela disse, ligando seu braço ao dele.

Era uma realidade estranha, e ele gostou disso. Muito. Um monte se era para ser honesto, e ele se perguntou como ele iria explodir isso para longe na primavera. Ele balançou sua cabeça para esconder o pensamento, mas lá estava ele a distância — uma opaca visão futura de si mesmo — disparando as armas que iriam destruir seu mundo.

“O mundo *deles*,” ele murmurou insolente. “Não o meu.”

“Huh?”

“O quê?”

“Você esta falando consigo mesmo de novo?” Regan perguntou.

Ele olhou para sua nova, fumeantemente gostosa, namorada, e sorriu timidamente. E então deu de ombros.

“Deus, Jeremy, pare com isso! Dar de ombros não é uma resposta.”

“Eu não sei.”

“Isso também não é uma resposta.”

“Eu disse alguma coisa em voz alta?”

“Uh, sim. Você disse ‘o mundo deles, não o meu’. Do que você estava falando?”

“Eu não sei.”

“Oh, pelo amor de Deus...”

De vez em quando ela o pegava falando consigo mesmo. Ela não achava isso particularmente bizarro. Ela falava sozinha, também, especialmente no meio da resolução de um problema. Talvez fosse isso que ele estivesse fazendo, mas suas palavras não intencionais ainda a incomodavam um pouquinho porque ela não foi convidada a partilhar delas. Okay, verdade. Ela estava morrendo para entrar no cérebro dele — correr em volta maniacamente, pegar todos os pensamentos dele como uma colecionadora de coisas malucas e os colocar em jarros que ela alinharia em sua penteadeira.

“Oh meu Deus, eu sou uma psicótica louca,” ela murmurou.

“Huh?”

“O quê?” ela respondeu rapidamente.

Jeremy riu.

“Okay, está bem. Então nós dois falamos para nós mesmos em voz alta. Isso é muito louco, e isso faz sentido porque, quero dizer —” ela bufou. “— olha pra gente.”

Ele jogou sua cabeça para trás e gargalhou. Dava para contar nos dedos quantas vezes ele havia gargalhado na escola. O som não fazia parte do corredor e foi cortado quando Regan caiu no chão. Um tropeção. Uma risadinha.

“Tãooooo maduro, Ethan,” ela resmungou, agarrando a mão de Jeremy e se levantando. “Quantos anos você tem? Dez?”

Jeremy a soltou e se dirigiu a seu atormentador.

“Não se atreva,” Regan choramingou, agarrando os ombros dele por atrás.

Ele congelou, punhos levantados, encarando as costas da cabeça de Ethan. Ethan se virou.

“Isso aí, Jer. Não se atreva,” ele disse, e riu. “E isso rimou, também!”

“Você é um idiota,” Jeremy rosnou.

“E você é um perdedor,” Ethan disparou de volta.

Regan sentiu os músculos do ombro de Jeremy flexionar por baixo de suas palmas.

“Não vale a pena,” ela disse suavemente.

“Ele é um otário,” Jeremy grunhiu por baixo de sua respiração.

“Eu sei. Você sabe. Ao menos metade da escola sabe. Então não perca seu tempo com ele.”

Jeremy se virou. Suas sobrancelhas estavam fechadas em um V profundo — raiva, confusão e desafio amarrados em uma inegável figura de determinação. Regan entendeu.

“Isso não vale a pena,” ela repetiu em um sussurrou mais baixo. “Deixa isso pra lá”.

“Ele não vai fazer isso com você de novo.”

“Sim, ele vai. Muitas vezes. E se eu quiser cuidar disso com outro soco no nariz dele, eu vou fazer isso. Você fica fora disso,” ela preveniu.

“Outro soco no nariz dele?” Jeremy perguntou.

Ela sorriu tímida. “Oh, eu nunca te disse essa história?” Ela entrelaçou seu braço ao dele uma vez mais e o puxou gentilmente corredor abaixo. Ela descansava sua cabeça no ombro dele. “Bem, muito tempo atrás, eu fui uma heroína...”

.....

Ele a alcançou no fim do dia na escola.

“Por onde você tem estado?” ele perguntou, marcando o passo ao lado dela.

Ela passou sua bolsa para o outro ombro e apertou o passo. “Por aí?”

“Por aí onde? Onde você tem almoçado?”

“Lugares diferentes,” ela respondeu.

As respostas evasivas dela o agravaram.

“Sim, eu percebi. Eu estava pedindo detalhes específicos,” ele disse.

Ela parou abruptamente. “Por quê? Você se importa?”

“Uh, eu sou seu amigo,” ele respondeu.

Ela bufou.

“O que isso quer dizer?” ele perguntou.

Antes, ele nunca teria apresentado a questão. Ele teria aceitado a resposta dela pelo que aquilo era. Ele não iria tentar entender. Mas seu coração estava mudando — aumentando o amor — e ele descobriu que se importava. Ele se importava com Hannah. Ele se importava por ela ter estado ausente por duas semanas, e ele queria saber por quê.

“Não é como se você ligasse ou coisa do tipo,” ela disse com desdém.

“Sim, eu ligo,” Jeremy respondeu.

Ela mudou o peso de uma perna a outra, desconfortável. “Você... você tem suas coisas acontecendo. Eu respeito isso. E estou feliz por você. Eu estou. Mas eu não quero ser a terceira roda no seu show de horrores.” Ela o encarou com um meio sorriso.

“Não entendi isso. Você e eu temos sido um show de horrores por anos. Que diferença faz se nós trouxermos uma terceira pessoa?”

“Três é um grupo.”

“Mas eu pensei que você e Regan fossem amigas,” ele apontou.

Outro grunhido evasivo.

“Vocês não são amigas?”

Pausa.

“Nós nos toleramos,” Hannah disse finalmente.

Outra pausa levemente mais comprida.

“Alguma coisa aconteceu entre vocês duas?” Jeremy perguntou.

“Não vou discutir isso,” Hannah respondeu, e se apressou em direção ao estacionamento.

Jeremy colocou junto a ela.

“O que aconteceu entre vocês duas?” ele persistiu.

“Nada que seja da sua conta. E isso é embaraçoso pra caralho, a propósito. E eu não tenho ideia de como você pode não saber. A porra da escola inteira sabe.”

“Quem fala comigo, Hannah, além de você?” ele exclamou. “Eu nunca sei nada!”

“Ainda bem.”

“Pare,” ele disse, puxando gentilmente o braço dela.

Só então ele notou a ligeira mudança em seus olhos. Eles estavam decorados com sombra e máscara. Ele os encarou — tão brilhantes. Tão bonitos. Ele momentaneamente esqueceu sua próxima declaração.

“Sim, eu passei maquiagem hoje,” ela disse. “Grande porra. Eu sou uma garota, e garotas usam maquiagem.”

“Eu gostei,” ele sussurrou. “Eu não sabia que seus olhos eram tão azuis.”

Ela se contorceu desconfortável. “Não diga merdas cafonas como essas, Jer. Não cai bem em você.”

Ele assentiu e continuou a encarar.

“Pare de olhar para mim!” Hannah soltou.

Ele balançou sua cabeça. “Hannah, o que aconteceu entre você e Regan?”

Seu medo mais profundo era que isso envolvesse bullying. Ele não conseguia imaginar Regan alguma vez maltratando alguém, mas se Hannah estava tão relutante em dizer isso — como as vítimas de

bullying costumam fazer — então ele teria de encarar uma feia verdade sobre a garota dos seus sonhos.

Ele segurou sua respiração. Hannah o olhava de forma estranha.

“Sua garota perfeita não fez nada errado, se é isso que está te preocupando,” ela disse.

Ele exalou comprida e sonoramente. Hannah revirou seus olhos e então teve uma mudança de comportamento.

“Bem, ela abriu sua boca para Casey, o que começou uma descida em espiral, mas eu não acho que ela fez isso com a intenção de alimentar fofoca. Eu não acho que ela sabia quão má sua melhor amiga era. O que, a propósito, é uma característica realmente nojenta dela — ser tão ingênua.”

“Enigmática,” Jeremy disse pacientemente.

“Está bem, está bem,” Hannah hesitou. “Eu a beijei.”

As sobrancelhas de Jeremy se ergueram. Eles finalmente chegaram ao carro de Hannah no lado mais distante do grande estacionamento, e ela abriu a porta.

“Como é? Você não acha que vai embora assim, não é?” ele perguntou.

Ela riu. “Não, boneco. Entra aí. Eu te levo para o trabalho.”

Hannah recontou a história na curta viagem até o Roy.

“Nona série. Eu estava chorando no banheiro porque eu não entendia porque todas as outras garotas não estavam falando comigo mais. Elas falavam comigo na oitava série. Que diabos tinha mudado? E então Regan entrou e me perguntou o que estava errado, e eu realmente nem queria dizer a ela porque ela era uma delas —”

“Ela era má com você?” Jeremy perguntou.

“Não, ela não era má. Mas ela andava com elas, então ela só parou de falar comigo. Quer dizer, de vez em quando ela dizia oi, mas nós não éramos, tipo, amigas ou coisa do tipo.”

Jeremy assentiu.

“Então de qualquer forma, eu estava chorando e ela me perguntou o que estava errado, e antes que eu soubesse ela estava me abraçando. Parecia... bom. E então ela se afastou e secou minhas lágrimas, e eu tomei isso como um convite.”

“É assim normalmente que rola com garotas?” Jeremy perguntou. “Quer dizer, se elas estão interessadas umas nas outras, elas secam as lágrimas uma da outra?”

Hannah bufou. “Você é um idiota.”

“Bem, como eu poderia saber?” Jeremy exclamou defensivamente.

“Não, não é assim que rola entre lésbicas. Eu confundi os sinais. Eu a beijei, e ela congelou por um segundo, depois se afastou e me disse que eu tive uma ideia errada.”

Jeremy não disse nada.

“Não finja que você não sabia que eu sou gay,” ela disse, entrando em uma vaga de estacionamento vazia.

“Eu nunca pensei sobre isso,” Jeremy admitiu. “E não teria me importado, a propósito.”

“Bem, é por isso que você é um cara bom e por isso que você está enrolado em sua própria vida de merda,” Hannah respondeu.

Jeremy deu risada.

“Bem, eu vou retificar isso. *Costumava* ser uma vida de merda,” Hannah disse. “Você tem a garota agora, então...”

“Meu mundo inteiro não gira em torno dela,” Jeremy apontou.

Hannah explodiu em gargalhadas. “Você é um péssimo mentiroso, Jer.”

Ele não disse nada.

“De qualquer forma, ela contou a Casey o que tinha acontecido, e foi quando o bullying realmente começou. Eu não acho que ela queria que isso acontecesse, mas aconteceu. E eu tenho uma bosta de vida desde então. Bem, se você não colocar na conta a merda com os

meus pais.”

“O meu começou na sexta série,” Jeremy disse.

“Eu lembro,” Hannah respondeu. “Você quer falar sobre isso?”

“Não.”

Ela riu. “Então, Regan e eu tivemos uma grande discussão algumas semanas atrás e meio que clareamos o ar. Eu acho que está tudo bem para ela agora, mas eu ainda não sei como me sinto sobre andar com ela. É esquisito.”

Ele assentiu.

“Quer dizer, não me leve a mal. Eu não estou com ciúmes de você ou algo do tipo. Eu superei Regan Walters. Mas eu acho que me sinto como se vocês dois tivessem suas próprias coisas rolando, e eu realmente não pertença a isso.”

“Você e eu ficamos amigos primeiro,” Jeremy lembrou a ela.

“Jeremy, de que porra você está falando? Certo, nós conversamos um com o outro na escola, mas isso é por que realmente não temos nenhuma outra opção. Besteiras circunstanciais são as únicas coisas que nos une. Quero dizer, como poderíamos realmente ser amigos? Nós nem sabemos nada um sobre o outro exceto que somos vítimas. E nós raramente falamos sobre isso!”

“Ok, então, o que você quer saber?” Jeremy perguntou. “Eu vou te dizer tudo.”

“Justamente isso, perdedor. Eu não quero saber. Eu gosto disso do jeito que é. Nós falamos quando precisamos falar. Nós não falamos quando não precisamos.”

“Então porque não podemos continuar a fazer isso?” Jeremy perguntou.

“Porque não podemos, okay? Não iria funcionar. Você tem suas coisas acontecendo —”

“Para de dizer isso!” ele exclamou.

Silêncio. Hannah tracejou o volante com seu dedo, em sentido

horário. Depois em sentido anti-horário. Sentido horário de novo. Jeremy segurou a mão dela com a dele, forçando-a parar.

“Não,” ele disse.

“Não, o quê?”

“Você era e ainda é minha amiga,” ele disse.

“Isso é estranho.”

“Eu não me importo.”

“Eu me importo.”

“Bem, muito ruim. Nós vamos fazer isso funcionar.”

“Como?”

“Eu não sei. Mas nós vamos pensar em algo.” Ele puxou sua mão e virou seu rosto. “Você sempre esteve lá,” ele sussurrou. “Você foi minha amiga.” Ele engoliu em seco. “Só... não vá a lugar nenhum, está bem? Isso é muito difícil?”

Hannah engoliu em seco, também.

Ele não esperou por uma resposta. Desceu do carro e bateu a porta. Sem adeus. Sem um segundo vislumbre a ela. Ele entrou na garagem, queixo enfiado em sua jaqueta, pensando duro em um jeito de fazer Hannah se sentir menos como uma aberração. Ele não iria desistir de sua namorada. Isso com toda certeza. Mas tinha de haver um jeito de fazer as coisas funcionarem entre eles três. Elas eram suas garotas, antes de tudo, e ele não iria perder nenhuma delas.

.....

“Até parece que seus pais vão deixar você vir aqui,” Jeremy disse, passando ao lado para deixar Regan passar pela porta.

“Eu estou praticando no parque,” ela respondeu, beijando a bochecha dele.

Ela carregou quatro sacolas de mercado para a cozinha e as deixou no balcão.

“Mas a temporada acabou,” Jeremy apontou.

“E? Eu tenho uma visita oficial a Berkshire em um mês,” Regan disse.

“Uma visita oficial? Que diabos é isso?”

“Um tipo de entrevista, mas não realmente,” Regan respondeu. “De qualquer forma, eu tenho que manter minhas habilidades frescas. Eles podem me convidar para jogar de escrimage⁹ com algumas de suas garotas—” ela sorriu, olhos brilhando. “— o que iria ser completamente insano e incrível, a propósito.”

“Completamente,” Jeremy concordou. “Mas está frio pra caramba.”

“É. Estas são as coisas que você tem de enfrentar quando precisa de uma bolsa de estudos.”

Ele assentiu. “E se seus pais forem dar uma checada em você?”

“Eles nunca me checam. Eles sabem que é o meu tempo, e eles respeitam isso,” ela disse. “Agora, se eu não voltar para casa quando é suposto eu voltar, aí é outra história.”

Ele assentiu. “Quanto tempo?”

“Um monte,” ela respondeu, rindo.

Ele apontou as compras. “O que você tem rolando aí?”

“Um monte de mantimentos para assar. Eu imaginei que você não teria Crisco ou massa de bolo.”

Ele balançou sua cabeça. “Como você consegue assar, mas não cozinhar? Não é só seguir as direções?”

“Essa é a coisa estranha nisso. Eu posso seguir uma receita de biscoito o dia inteiro, mas fazer um prato de jantar? Esqueça sobre isso. Eu servi frango mal assado uma vez. Deus, Caroline ficou tão doente. E aquele foi o fim disso. Então, agora eu estou a cargo das sobremesas somente.”

⁹ Jogada de escaramuça – futebol americano.

Ela sentou no sofá. Ele se juntou a ela.

“Você não cortou ele para ter certeza?” ele perguntou.

“Era tudo sobre apresentação. Eu não queria que o frango parecesse esquartejado,” ela explicou.

“E quanto tempo Caroline esteve doente?”

“Quase quatro dias. Eu ainda me sinto terrível sobre isso,” Regan confessou. “Ela continua dizendo, ‘porque, Regan, porque?’ numa voz realmente patética e dramática, e isso quebra meu coração toda vez.”

Jeremy riu. Ele conseguia imaginar Caroline fazendo exatamente isso.

“Hey,” Regan sussurrou.

“Hmm?”

“Eu nunca estive aqui antes,” ela respondeu. “Você quer me levar para um tour?”

Jeremy olhou ao redor cômodo. “Bem, é isto,” ele disse, ondulando sua mão ao redor. “E ali,” ele disse, apontando para a cozinha e corredor.

Ela riu. “Eu estou falando sério.”

“Você só quer ver meu quarto,” ele disse, cutucando o braço dela de brincadeira.

“Como se atreve! Eu sou uma dama.”

Ele ergueu sua sobrancelha e murmurou, “Você não foi uma dama no outro dia...”

“Jeremy!” ela bateu no braço dele.

“Ai! Não estou dizendo, estou só falando.”

Ela riu. “Eu expliquei tudo para você. Oi? Lembra-se da coisa do não-agir-apropriadamente-quando-você-finalmente-consegue-o-que-você-quer?”

“Oh, eu lembro,” ele disse.

“Você está só tentando me deixar embaraçada,” Regan bufou.

“Está funcionando?”

Ela apontou. “Está vendo meu rosto?”

Vermelho como uma beterraba. Ele riu.

“Eu vou te levar para um tour, mas não é muito.”

“É seu próprio apartamento,” Regan refutou. “Isso é muito.”

Ele considerou isso. “Sim, talvez você esteja certa.”

Ele segurou sua mão e a ajudou levantar.

“Sala,” ele disse, e a guiou para a cozinha.

Ele a observou cutucar pelo pequeno espaço, procurando pelo seu armário das comidas. Ela parou em um saco de Oreos e levantou para ele, fazendo uma pergunta não dita.

“Só três porque eles são os meus favoritos,” ele disse.

Ela enfiou um biscoito em sua boca e recomeçou sua investigação.

“Não coma isto,” ela murmurou com a boca cheia, entregando uma caixa para ele. “Isso é uma bosta.”

“Mas é fácil. Uma refeição pronta,” ele argumentou.

“Isso é um monte de lixo processado,” ela respondeu. “Eu não acho que algum dos ingredientes sejam reais. Adere a alimentos frescos sempre que possível.”

Ele balançou sua cabeça. “Você está enfiando Oreos na sua cara, e quer me falar sobre comer saudável?”

Ela virou e sorriu, então mordeu seu quarto biscoito.

“Isso está exatamente correto.”

Ele riu. “Você tem biscoito por todos seus dentes.”

“Isso é sexy?” ela perguntou, sorriu modestamente.

“Muito quente,” Jeremy respondeu.

“Você tem leite?”

“Hum. Talvez.” Ele colocou sua mão no puxador da porta da geladeira, então parou. “Eu não sei. Leite é caro.”

Os olhos dela arregalaram. “Jeremy, me dê seu leite.”

“Eu não quero.”

“Jeremy!”

“Eu pensei que você quisesse ver meu apartamento.”

“Você não quer que eu limpe isso primeiro?” ela perguntou, mostrando seus dentes e movendo seu dedo de um lado a outra em frente deles.

“Eu já disse a você que achei sexy.”

“Ha ha, agora você vai, por favor, me dar algo para beber? Se eu soubesse que você é tão miserável com seu leite, eu não teria me incomodado em trazer coisas para fazer bolo. Nós não podemos comer bolo sem leite.”

“Bolo?” seus olhos iluminaram.

“Eu sei que você gosta.”

Ele despejou leite em um copo para ela. “Veludo vermelho?”

“Sim.” Ela bebeu o leite e soltou um suspiro satisfeito.

“Tipo, sem massa pronta?”

“É assim que eu faço.”

“Oh, uau. Eu pensei que quisesse passar todo o meu tempo lá —” ele apontou para seu quarto. “— mas não mais. Bolo de veludo vermelho caseiro ganha daquilo.”

Regan riu. “Caramba, obrigada.”

“Venha,” ele disse, pegando a mão dela de novo.

Ele permitiu a ela demorar no banheiro por um momento, mas

ele não iria deixa-la vasculhar o cômodo como ela tinha feito na cozinha. Artigos de toalete eram particulares. Além disso, ele não queria que ela tropeçasse em sua caixa de camisinhas. Totalmente prematuro pensar naqueles avanços, mas depois do comentário de Regan de 'me faça gozar!' ele achou que poderia haver alguma chance num futuro próximo. Talvez. Ele riu.

"O que é engraçado?" ela perguntou.

"O jeito que eu penso às vezes."

Ela o olhou com curiosidade. "Você não vai elaborar isso, vai?"

"Não, porque você vai levar pelo lado errado," ele disse.

"Vou?"

Ele assentiu.

Silêncio.

"Você tem camisinhas neste banheiro, não tem?" ela perguntou depois de um momento.

Os olhos dele arregalaram.

Regan sorriu. "Você sabe, só para o caso."

Ele estava de boca aberta.

"Por causa do meu comentário de 'me faça gozar' do outro dia. Você só quer estar preparado, certo?" ela elaborou.

"Saia da minha cabeça!" Jeremy exclamou. "E meu banheiro!"

Ele a puxou para o quarto, repetindo seus recentes pensamentos com a melodia da risada dela, se perguntando se ele não tinha na verdade dito aquilo em voz alta. Como ela sabia? Como céus ela poderia saber? E então ele se lembrou de que ela era Regan. Esperta. Afiada. Afiada demais, e ele se perguntou como poderia possivelmente acompanhar.

"Eu não vou fazer sexo até estar casada," Regan disse.

"Sério?" Jeremy perguntou, sonhos destruídos.

“Não.” Ela sorriu para ele.

“Você sabe, eles me alertaram sobre você,” ele disse, a puxando para perto.

Tocar costumava ser difícil. Impossível, realmente. Só uma fantasia que ele frequentemente tinha quando estava sozinho à noite. Agora, lá estava ela. Sozinha com ele. Sua namorada. E ele sabia que tinha todo o direito do mundo de tocá-la, beijá-la, envolver seus braços ao redor dela, levantá-la, lançá-la no ar, niná-la como um bebê, protegê-la do mundo cruel... contanto que ela lhe desse permissão.

“Isso está certo?” ele perguntou, lábios pressionados contra o topo da cabeça dela.

“O que está certo?”

“Eu te segurando assim.”

Ela enfiou seu nariz no pescoço dele. “Está perfeito.”

“Você vai me provocar para sempre?” ele perguntou.

“Sobre o quê?”

“Qualquer coisa.”

“Não vou mentir. Você facilita isso,” ela disse.

“Eu sou sério demais?”

“Todo o tempo.”

“Isso é chato?”

“Não.”

“Você confia em mim?”

“Sempre, Jeremy.”

“Você me ama?”

Ela se afastou, chocada, o encarando com seus olhos negros. Cavernas escuras.

Ele não sabia o que dizer. Porque diabos foi perguntar aquilo a

ela? Totalmente inapropriado! Mais inapropriado que as camisinhas prematuras! Ao menos ela poderia zoar com ele sobre aquilo. Mas não tinha jeito de ela zoar ele por esse outro. Estar apaixonado era um negócio sério. Verbalizar isso? Sagrado.

Ela pegou as mãos dele. “Do que Hannah gosta de te chamar?”

Ele franziu o cenho.

“Um imbecil?”

Ele assentiu e riu.

“Você deve ser,” Regan disse.

“E porque isso?”

“Porque como você poderia não saber?” ela perguntou.

A raiva que continuava se arrastando para o topo de seu coração escorregou tudo de novo. Desta vez não poderia se segurar nas paredes e tentar outra subida. Não. Desta vez caiu tudo dentro do abismo e foi devorada pela felicidade.

“Eu te amava na sexta série,” Regan disse suavemente. “Eu queria uma cicatriz para combinar com a sua. E na sétima série, eu te odiava, porque eu pensei que você não me amasse. Na oitava série, eu te amei de novo porque eu dei ao meu coração bastante tempo para se curar. Na nona série, eu não sabia de você porque eu namorava outro garoto. Na décima série eu estava obsessivamente apaixonada por você porque eu sabia que você combinava melhor comigo. Na décima primeira série, eu te amei tudo de novo quando tive certeza de quem eu queria. E agora?” Ela pausou. “Agora, eu te amo porque eu te conheço. Eu te amo porque acredito em toda a sua bondade. Eu te amo pelo jeito que você faz eu me sentir. Eu te amo porque eu quero.” Ela sorriu. “E eu te amo porque eu sou incapaz de não te amar.”

Ele viu a si mesmo rendido. Quanto mais ele a encarava nos olhos, mais clara a imagem ficava — um garoto, abaixando suas armas. Um garoto, se afastando da luta. Um garoto, entregando sua missão ao fogo. Ele não precisava de vingança. Ele precisava de Regan.

“Eu amo você,” ele coaxou, depois praguejou suavemente.

“De novo?” ela perguntou, se iluminando.

“Eu amo você,” ele respondeu firmemente. Sem quebrar. Sem vacilar. Sem dúvida.

Ele curvou sua cabeça e beijou seus lábios com biscoito, sentindo o gosto da fraca acidez do leite que ainda estava em sua língua. Ele não se importava, e a prendeu em seus braços quando ela tentou se afastar.

“Meu hálito,” ela murmurou contra a boca dele.

“Está perfeito,” ele respondeu, a beijando mais profundamente.

Seus hormônios queriam leva-la enquanto a beijava para a cama, mas seu lado paciente colou seus pés no chão.

Vocês não tem um bolo para assar? O lado paciente perguntava, e ele riu dentro da boca dela.

Ela redobrou seus esforços, acreditando que o gemido dele fosse em resposta a suas inacreditáveis habilidades. Ela se empurrou sobre ele, encorajando o movimento para a cama.

“Não ainda,” ele disse, se afastando.

Ela fez uma careta. “Eu sou muito agressiva. Eu leio você errado. Eu pensei que seu gemido queria dizer—”

“Quis dizer exatamente o que você pensou,” Jeremy assegurou a ela. “Eu só... eu acho...”

“Está bem,” Regan disse.

“Eu não sei por que nós deveríamos esperar, mas nós devemos esperar,” ele disse por último.

Ela mordeu seu lábio. “Você acha que eu estava te pedindo sexo?”

“Eu não sei. Você estava?”

Ela balançou sua cabeça. “Eu só queria que você deitasse em cima de mim.”

Ele piscou. Ela aguardou.

“Sério?” ele perguntou.

“Mmhmm.”

“Por quê?”

“Eu acho que você deve ser quentinho.”

Ela caminhou para o lado da cama depois caiu em seus joelhos.

“Eu sempre tive curiosidade em saber o que tem embaixo da cama das pessoas.”

Ele sentou ao lado dela. “Só isso,” ele disse, puxando uma bolsa estreita. Ele abriu o zíper e abriu a aba.

“Oooo, eu gosto,” Regan respondeu, correndo seus dedos sobre a madeira sedosa e suave.

“Você acredita que Roy comprou isso para mim?” Jeremy perguntou, tirando a prancha de snowboard completamente da bolsa protetora. “Customizada.”

“Do nada?”

“Pelo meu aniversário,” ele disse, então instantaneamente se arrependeu de suas palavras.

Regan não disse nada enquanto estudava o design da prancha. Vários símbolos decoravam uma metade enquanto na outra apresentava um por do sol na montanha rico em laranja ardente e branco cru. Ela tracejou os raios do sol com seu dedo indicador.

“Quando foi seu aniversário?” ela perguntou suavemente.

“Eu não sei.”

“Tente de novo,” ela disse pacientemente.

Ele hesitou. “Semana passada.”

Ela o olhou com olhos tristes. “Porque você não me disse, Jeremy? Eu sou sua namorada.”

“Eu não gosto de dar muita importância a isso. Eu não tinha ideia de que Roy iria me dar isto. Você sabe quão caro é uma prancha

dessa? Eu estava envergonhado!”

“Eu não ligo se você estava envergonhado. Eu sou sua namorada, e você deveria ter me dito. Eu me sinto uma idiota.”

“Regan, por favor, não. É estranho, okay? Nós ainda somos... recentes, e eu não iria só apresentar o fato que eu tinha um aniversário chegando. Como se eu esperasse alguma coisa de você. Isso é estúpido. E cafona.”

Ela encolheu os ombros.

“E de qualquer forma, você já me deu meu presente de aniversário,” Jeremy disse.

“É? E o que foi?” ela disse bem humorada.

“Suas palavras. Você disse que me amava.”

Ela sorriu.

“E você está fazendo meu bolo favorito,” ele acrescentou.

“É realmente seu tipo favorito de bolo?”

“Desde que você me trouxe aqueles cupcakes,” ele respondeu.

Ela se inclinou sobre ele, cutucando seu braço.

“Eu ainda estou brava com você.”

“2 de dezembro, okay? Meu aniversário é 2 de dezembro.”

“Um monte de coisa isso me causou hoje!” ela choramingou.

“Bem, então entre na cozinha e asse um bolo para mim,” ele disse.

Ela se atirou sobre ele, batendo em suas costas e o beijando com avidez. Seus lábios fluíam por todo o seu rosto. Ela dava atenção extra a cicatriz antes de voltar a sua boca. Ela o beijou até sua boca ficar dolorida e seca, formigando e tensa. Ela pausou seus ataques e vasculhou sua bolsa por um chapstick¹⁰. Ela segurou isso na cara dele e riu.

¹⁰ Hidratante labial.

“Eu posso continuar indo e indo e indo...”

Ele envolveu seus braços ao redor das costas dela e rolou sobre ela, a prendendo no chão do quarto.

“Dê-me um pouco disso,” ele ordenou, e ela abriu o bastão, deslizando o bálsamo de hortelã sobre os lábios dele. Ao redor e ao redor e ao redor até ele ficar brilhando. Ela tratou dos seus próprios lábios depois.

Eles recomeçaram sua sessão de pegação, pausando de vez em quando para reaplicar. Às vezes para conversar. Às vezes para encarar um ao outro porque a ideia de ser amantes era ainda muito recente. Muito nova. E eles estavam fascinados com isso. Fascinados e nervosos. Excitados. Comprometidos. Eles amavam um ao outro do jeito que as pessoas jovens fazem — completamente fora de suas mentes, como isso deve ser.

Eventualmente, eles assaram o bolo. Eventualmente, Regan foi para casa. Eventualmente, as batidas do coração de Jeremy desaceleraram a um ritmo normal.

Até a próxima vez.



Meus ombros doem. Normalmente eu ignoro a dor. Eu anoto um ponto para a dor que se sente após uma extenuante sessão na academia. Dor boa. É a dor eu-estou-transformando-meu-corpo. Mas eu não consigo ignorar essa dor esta noite. É como se meu rifle tivesse feito isso em mim — quisesse abusar de mim como todos aqueles cuzões da escola. Eu até mesmo gritei com ele, “Nós somos um maldito time!”

Ele não ouviu.



00:05

Ele ouviu a fraca batida de seu quarto. Soou inseguro, como se fosse uma batida de Regan. Seu coração titubeou — perdeu a batida — depois encontrou seu ritmo de novo. No tempo certo em que seus nervos começaram a conversar — zunidos e vibrações por seu corpo, chocando seus braços e pernas e deixando sua cicatriz pegando fogo. Ele não conseguia tirar sentido de suas reações. Não é como se ela não tivesse estado sozinha com ele lá. Mas dessa vez era diferente. Aulas de cozinha para mantê-los ocupados, fora de problemas. Oh, não. Dessa vez não haveria nada para fazer só "ficar", e ele estava bastante certo de onde aquilo levaria.

Outra batida mais decidida. Ele se inclinou a frente e cheirou seus lençóis.

“Só para o caso...”

Saiu do cômodo e se dirigiu a porta da frente, abrindo uma fração antes de ela ser escancarada. Seu pai entrou com tudo, o empurrando e batendo em uma lâmpada na mesa da entrada.

“Então é aqui que você tem se escondido,” Sr. Stahl falou. Ele deu uma escaneada pelo espaço e acenou para mostrar sua satisfação. “Bom lugar.” Ele se virou para seu filho. “Boas cortinas. Você que escolheu?”

Jeremy continuou parado, em choque. Ele tinha quase esquecido de seu pai — até mesmo o tirou de sua lista de alvos porque sua patética existência não mais importava. Ele pensou que a coisa certa a fazer era permitir que seu pai vivesse em solidão, desesperado, e perdido — um destino bem pior que uma bala na cabeça.

Ele nunca contou que seu pai estivesse procurando por ele. Porque ele estaria? Ele não sentia falta de Jeremy. Talvez sentisse falta de bater nele, mas ele não sentia falta *dele*. Dinheiro, talvez? Teria ele vindo por dinheiro?

“O que você quer?” Jeremy ordenou.

Seus punhos já estavam erguidos. Experiência e instinto já os colocaram em posição no momento que seu pai rompeu pela porta.

“Eu queria saber o que aconteceu com você,” Sr. Stahl respondeu. “Você parou de vir para casa.”

“Esta é a minha casa,” Jeremy disse.

Sr. Stahl bufou. “Esta não é sua casa, Jer. Sua casa é comigo.”

“Por quê? Você não dá a mínima para mim,” Jeremy resmungou.

“Do que você está falando? Eu pensei que tivéssemos tido um bom momento na última vez que nos vimos,” Sr. Stahl respondeu. “Dividimos umas cervejas!”

Jeremy puxou pela memória. Ele dividiu muitas cervejas com seu pai naquela noite. Piadas, também. Ele acordou no dia seguinte, enjoado agitando em suas entranhas. Mais do que apenas álcool. Era a doença que vem depois de uma noite de flexibilizar as convicções de alguém — a doença que sinaliza culpa profunda sobre o comportamento imoral. União masculina, e com seu inimigo! Ele forçou o vômito na manhã seguinte. O ato o aliviou daquela casa para sempre.

“Pai, eu acho que você deveria ir,” Jeremy disse.

Sr. Stahl fez uma careta. “Então você acha que é bom demais para mim agora? Você está vivendo por sua conta em um apartamento chique, e isso te faz bom demais para mim?”

“Eu não acho isso. E nada neste apartamento é meu. É emprestado.”

“Quanto é seu aluguel? Como você está pagando por isso?”

“Isso não é da sua conta,” Jeremy respondeu. Até parece que ele iria contar a seu pai sobre seu acordo com Roy.

“Bem, eu acho que tenho um palpite,” Sr. Stahl disse. Seu comportamento carinhoso desapareceu, e ele encarou seu filho com olhos estreitados — violentos e calculistas. “Você roubou minhas armas?” ele perguntou suavemente.

Os olhos de Jeremy o entregaram imediatamente — grandes mármore brancos com um pequeno redemoinho verde no centro. Culpado.

Ele balançou sua cabeça.

“Não minta para mim,” seu pai alertou. “Você roubou minhas armas para vender ou algo do tipo? É assim que você paga para viver aqui?”

“Não,” Jeremy coaxou.

“Então, onde está meu rifle? Onde está minha 9mm? Elas costumavam estar no maldito cofre!”

Jeremy foi dando passos lentamente para trás no corredor. Sua única chance era se trancar no quarto.

“Eu vou te perguntar de novo, Jeremy Neil Stahl.” Seu pai exalou lentamente. “Onde estão minhas armas?”

“Eu não sei do que você está falando.” Mal um sussurro.

Sr. Stahl grunhiu. Em um flash ele investiu contra Jeremy, que foi muito lerdo para chegar à segurança do quarto. Os homens caíram no chão do corredor; o pai de Jeremy tinha a vantagem em cima dele.

“Sai de cima!” Jeremy gritou.

Um punho maciço em seu lado esquerdo. Ele gemeu e se contorceu.

“Onde estão minhas armas, seu merdinha?” Seu pai gritou em sua cara. “Minhas armas!”

Jeremy segurou o rosto de seu pai com ambas às mãos — empurrando e apertando — tentando posicionar seus dedos dentro dos olhos de seu pai. Ele poderia pressionar mais. Ele poderia trinchá-los para fora.

“Depois de tudo que eu fiz por você!” seu pai urrou, as palavras abafaram sob as palmas de seu filho. Ele as afastou e agarrou a garganta de Jeremy.

“Não, pai!” Jeremy ofegou, puxando os dedos de seu pai.

“Dê-me as malditas armas!”

A chave de braço se apertou, e então suas mãos largaram seu filho totalmente. Por um segundo. Uma breve suspensão antes de desferir golpes frenéticos, socando de novo e de novo. Socos na cara. Socos nas costelas. Socos no estomago, e no rosto de novo. Sem parar os punhos de seu pai fluíam sobre seu corpo em um padrão de destruição. Sangue escorrendo. Sangue espirrando. Sangue sendo absorvido pelo carpete.

Eu estou morrendo, Jeremy pensou, vacilando pelos socos, sentindo sua força vital se esvaindo lentamente. Seu pai não iria ceder. Seus punhos exigiam cada parte do corpo de Jeremy até que ele fechasse seus olhos, se submetendo a seu destino. Mas seu rosto relampejou ante a ele, encarando em confusão.

Levanta e luta, ela disse.

Eu não consigo.

Qual é a de todos aqueles pesos levantados se você não vai fazer nada com isso?

Eu estou cansado.

Hey, adivinha só? Nós todos estamos cansados. Nós todos queremos ir dormir. Mas se você for dormir agora, você nunca mais vai levantar.

Eu apenas não consigo mais.

Você pode! Você tem que fazer! Agora levanta essa porra e luta!

Com o quê?

Seus punhos, Jer. Aquele bastão no canto. Você se lembra de colocar ele lá?

Ele relanceou a sua direita. Seu bastão de baseball, enfiado imperceptivelmente nas sombras. Sua única esperança, salvação. Ele se arrastou em uma profunda respiração. Suas costelas queimavam e gritavam, mas ele prendeu a respiração e contou: *um, dois, três, quatro*. Ele pausou. *Cinco*.

Ele grunhiu e levantou, empurrando os ombros de seu pai com toda a força que tinha. Seu pai perdeu seu equilíbrio e caiu. Jeremy voou para seu bastão, segurando com seus punhos sangrentos. Brandiu acima de sua cabeça, utilizando todo seu ritmo para movê-lo para cima e para os lados em frente a seu peito, como se estivesse disputando um recorde mundial de homerun. O bastão acertou a cabeça de seu pai, impulsinando o corpo dele para frente — peito achatado sobre o chão. Seu pai engasgou e gemeu, tentando se levantar. Jeremy moveu de novo — uma segunda e última vez — e seu pai acertou o chão uma vez mais. Dessa vez ele caiu perfeitamente imóvel.

Jeremy observou um pequeno rastro de sangue deslizar para fora dos feixes dos cabelos sebosos de seu pai. Ele derrubou o bastão e caiu de joelhos.

“Porque você não pode me deixar em paz?” ele chorava, incapaz de parar as lágrimas. Elas jorravam para baixo de suas bochechas, misturando com sangue — uma pintura impressionista de redemoinhos de terror e dor.

Seu pai não disse nada.

“Eu preciso que você me deixe em paz,” Jeremy prosseguiu, tentando alcançar para tocar o ombro de seu pai.

Sem movimento.

“Eu vou... eu vou te dar as armas. Só, por favor, não venha mais aqui,” Jeremy disse.

Nada.

“Pai?” ele balançou o ombro dele gentilmente.

O corredor estava quieto e parado.

“Pai? Levante e saia,” Jeremy ordenou.

Seus dedos automaticamente se moveram para a garganta de seu pai. Sem pulso.

“Jesus,” Jeremy respirou, grunhindo enquanto se esforçava para rolar seu pai para o lado. Engasgou e recuou, despreparado para os

olhos leitosos de seu pai o encarando.

“Pai?”

Ele não sabia como realizar a manobra CPR¹¹. Ele não tinha certeza se isso importava agora. O que importava era esconder aquelas armas antes de ligar para a polícia. Ele tinha de ligar para a polícia. Ele tinha de admitir ter matado seu pai.

“Foi autodefesa,” ele disse, em pânico. “Autodefesa!”

Ele correu para o quarto e pegou as armas, ignorando os protestos raivosos de seu corpo. Ele sabia que suas costelas estavam quebradas. Ele sabia que tinha ferimentos abertos que precisavam de tratamento médico. Isso não era importante agora.

Ele silenciosamente furtou pelas escadas da oficina de Roy e cuidadosamente destrancou a porta da frente. Sem movimento. Ninguém ao redor. Ele caminhou até o armário que hospedava suas preciosas parafernálias e enfiou as armas nos fundos, embrulhadas seguramente e fora da vista. Trancou o armário, trancou a porta da garagem, e subiu as escadas novamente para a cena do crime.

“Autodefesa,” ele disse de novo, quando baixou os olhos em seu pai.

“Você tem de trabalhar duro pra defender seu exército, Jer,” Sr. Stahl disse, se espreguiçando no sofá com seu filho, controle do videogame na mão.

“Eu estou tentando! Mas seu exército continua ficando maior,” Jeremy respondeu. “Como você está fazendo isso?”

“Você tem que conquistar terras, filho,” seu pai respondeu. “Eles vão lutar por você mesmo morrendo.”

“Você continua me batendo nisso,” Jeremy reclamou.

“Porque eu sou mais rápido e forte,” seu pai disse. “Você vai ser também, contanto que continue praticando. Inferno, você vai me bater um dia.”

¹¹ Ressuscitação cardiopulmonar.

“Eu estou cheio desse jogo,” Jeremy bufou, jogando seu controle.

“Hey, com essa atitude você nunca vai ficar melhor. Não desista. Nunca desista de nada,” seu pai disse.

“É só um jogo estúpido,” Jeremy resmungou.

“Ouça, você fecha esse, e depois você muda para outro. E depois você fecha o outro, e você muda para outro. Todas essas coisas te ajudam a ficar melhor,” Sr. Stahl disse, despenteando os cabelos de seu filho.

Jeremy grunhiu.

“Vamos, me deixe ver você defender o portão da frente. Onde você vai colocar seus homens?” Sr. Stahl disse, entregando a Jeremy o controle.

“Eu não sei.”

Sr. Stahl suspirou pacientemente. “Tudo bem, filho. Me deixe te ensinar como lutar.”

“9-1-1. Qual é a sua emergência?”

Jeremy engoliu o soluço. “Eu... eu matei meu pai...”

.....

Bem quando ele estava deslizando de volta as sombras pelo seu relacionamento com Regan ter se tornado notícia passada, a terrível morte de seu pai o empurrou de volta aos holofotes uma vez mais. Nem mesmo uma ausência de três semanas da escola poderia salvá-lo. Assim que ele retornou — algo que ele estava detestando fazer — todos voltaram suas atenções para ele — o assassino. Muitos alunos estavam visivelmente com medo dele. Ele deveria ter se deleitado em seu medo.

Ele não fez.

“Você não fez nada errado,” Regan assegurou a ele enquanto caminhavam pelos corredores.

Os alunos se partiam como o Mar Vermelho, se achatando contra os armários e virando seus rostos, receosos de olhar para ele. Receosos de que ele iria com um bastão de baseball para cima deles se fizessem contato ocular.

Ele não disse nada, e quando ela tentou enlaçar seus dedos com os dele, ele puxou.

Ele evitou Regan tanto quanto possível nas três semanas seguintes ao incidente; houve uma investigação, o que não demorou muito por que o caso foi aberto e fechado. Clara autodefesa. Mesmo agora, Jeremy ostentava uma abundância de pontos, manchas enfraquecidas, e marcas de arranhão da briga — outra razão de ele se abster de voltar à escola mais cedo. Ele parecia uma vítima, e aquilo o fazia parecer vulnerável.

A agenda de trabalho de Regan ajudou. Isso a mantinha a distância, e ele deixou a maioria das ligações dela irem para a caixa de mensagens. Ele não queria falar de seus sentimentos sobre seu pai, e ele sabia que era o que ela queria. Garotas acham que conversar sobre sentimentos promove a cura. Elas não têm ideia de como a mente de um homem funciona. Ele não precisava de palavras. Ele precisava de um tempo sozinho. Ele precisava de ladeiras, sua prancha de snowboard, e Bad Religion.

É claro, Roy e os pais de Regan não entendiam isso também. Roy pairava todo sobre ele, batendo na porta do apartamento a cada cinco minutos para checar. Ele não queria que Jeremy morasse lá mais. Ele pensava que isso iria bagunçar a cabeça dele. A mãe de Regan só queria enchê-lo de comida caseira — prendê-lo em um deslumbre perpetuo de comidas para que ele não pudesse pensar em seu pai. Ela o transformou em seu filho substituto, ele querendo ou não.

Ele estava sufocando debaixo da simpatia de todos.

“Eu sou uma garota paciente,” ele ouviu Regan dizer, como se ela o estivesse testando.

Ele arrepiou. “Eu não quero machucar seus sentimentos. Eu só não quero dar as mãos.”

Ela suspirou. “Eu entendo.”

“Olhe o jeito que estas pessoas estão olhando para mim,” ele disse. “Como se eu fosse o cara mal.” Ele bufou e balançou sua cabeça.

“Quem liga para o que eles pensam?”

“Quero dizer, meu pai me ataca. Quase me mata. Eu me defendo, e eu sou o errado?”

“Você não é o errado, Jer. Eles só estão assustados. Nós não exatamente temos muitos alunos nesta escola que já tiraram a vida de alguém. Você é uma... novidade.”

Eles viraram no canto.

“Você realmente me chamou disso?” ele perguntou.

“Eu não quis que isso soasse petulante. Mas é verdade.”

“Você me faz parecer como uma atração num circo de aberrações,” ele respondeu, automaticamente tocando sua cicatriz.

Ela colocou sua mão em seu ombro. “Pare,” ela disse suavemente.

“Parar o quê?” ele rosnou.

“Pare de ser ruim comigo,” ela respondeu. “Eu sei que você está com raiva e dor. Eu sei que você não quer falar sobre isso. Eu sei que você não quer estar aqui. Eu sei que você não quer estar perto de mim.”

Ela pausou.

Jeremy afastou o olhar, receoso de concordar com ela e fazê-la chorar.

“Eu vou... eu vou só te dar algum espaço,” Regan disse.

Ele concordou.

A culpa era insuperável. Ele não estava buscando por espaço. Ele só sentia como se estivesse com a pessoa errada agora. Ele amava Regan, e ele sabia que ela estava tentando ajuda-lo, mas ela não era a pessoa que poderia fazer isso direito. Ela era muito uma garota nesse ponto. Ele precisava de alguém mais — alguém que não iria pedir a ele

que dividisse seus sentimentos. Ele precisava de alguém que iria tirar sarro dele e dar a ele uma perspectiva melhor da situação inteira.

Ele procurou por aquele alguém a manhã toda.

“Encontrei você,” ele disse na hora do almoço, sentando em uma cadeira próximo a ela.

A sala estava escura com mínimas luzes derramando pelas cortinas das janelas.

“Nunca pensei em me esconder na sala da banda,” Jeremy prosseguiu. “Boa escolha.”

“Eles nunca trancam essa porta,” Hannah explicou. “Sempre a da frente, mas nunca a de trás.”

Ela abriu seu saco de almoço e entregou a ele um pacote de salgadinhos. Ele pegou automaticamente, como se fosse habitual.

“Obrigado,” ele disse, enfiando um Doritos de queijo na boca.

Ela abriu seu próprio pacote de Doritos e comeu.

“Então, você matou seu pai,” ela disse casualmente.

Jeremy assentiu.

“Ouvi isso nas notícias. Tipo, um trilhão de vezes.”

Ele não disse nada.

“Muito ruim que você tenha dezenove. Ao menos se você fosse menor, eles não teriam mostrado seu nome na tela.”

Ele bufou. *Bem, vinte agora...*

“Porque isso é de conhecimento público, aliás?” Hannah prosseguiu. “Isso não é da maldita conta de ninguém, o que acontece na privacidade da casa de alguém.”

Jeremy sorriu.

“Seu pai quase te matou?”

“Quase.”

“Ele tinha uma arma? Houveram repostagens conflitantes sobre uma arma envolvida.”

“Não, apenas socos.”

Hannah ficou em silêncio por um momento.

“Então, agora sua vida esta fodida daqui em diante? Eventos traumáticos é igual a garotos raivosos que é igual a propriedades roubadas que é igual a sequestros que é igual a tempo na cadeia?”

Jeremy relinchou.

“Vamos,” Hannah provocou. “Você sabe que quer ser um clichê.”

Ele estava tão feliz por encontrá-la. Ela era exatamente com quem ele precisava conversar.

“Eu pensei sobre isso,” Jeremy disse.

“E o que você iria fazer primeiro.”

“Oh, começar pequeno. Roubos insignificantes. Talvez traficar erva por um período antes de sentir que é seguro mudar para as grandes ligas.”

“Naturalmente você vai se tornar viciado em drogas,” Hannah apontou.

“Naturalmente.”

“E viver na imundice de uma casa de prostituição.”

“Não há outro jeito.”

“E ir com prostitutas bêbadas porque você não tem autoestima,” ela continuou.

“Nenhuma.”

“Sem crimes violentos, apesar,” Hannah disse. “Não cabe em seu perfil.”

“Não, não. Eu vou ficar feliz só em prejudicar a mim mesmo,” Jeremy respondeu.

“Cara, sua vida é como um show de TV,” Hannah disse. “Merda

como essas *não* acontecem com pessoas normais.”

“Me fale sobre isso.”

“Fale sobre sugar forte,” Hannah prosseguiu.

Jeremy lançou um olhar para ela e riu. “Nós já estabelecemos que minha vida é péssima.”

Ela riu, depois ficou quieta.

Eles mastigaram em silêncio, de vez em quando fazendo observações sobre os instrumentos no cômodo. “Eu estou presumindo que não foi a primeira vez que seu pai foi para cima de você,” Hannah disse, o olhando com curiosidade.

“Nem mesmo perto.”

“Porque você nunca me falou?”

“Porque nós não falávamos sobre coisas como essas,” Jeremy respondeu. “Você mesmo disse.”

Hannah concordou.

“Ele te fez essa cicatriz?”

“Sim.”

“Porque ele te batia?”

“Porque ele era nervoso e triste.”

“Sobre?”

“Se machucar no trabalho. Não ser capaz de trabalhar. Minha mãe ir embora. Montes de coisas.”

“Então você tinha isso pelos dois lados,” Hannah disse. “Na escola e em casa.”

Jeremy assentiu.

“Você estava levantando ferros pelo seu pai, não era?” Hannah disse, o entendimento despertando. “Não teve realmente nada a ver com os babacas da escola.”

Jeremy ficou quieto por um momento. “Sim, era principalmente pelo meu pai.”

“Aqueles supinos e levantamentos de ferro provavelmente salvaram a sua vida,” ela apontou.

Ele nunca considerou aquilo. Antes de tudo, ele empunhou o bastão. O bastão era a arma. Mas ele nunca considerou a força por trás daquele bastão — a força que vem da proteína e puxar ferro.

“Estou feliz que você decidiu ficar em forma,” Hannah sussurrou, tentando fazer uma piada, mas ela não conseguia mascarar sua sinceridade.

“Não foi só isso,” Jeremy confessou.

“Huh?”

“Quando eu estava caído debaixo do meu pai me espancando até os ossos, eu realmente pensei que iria morrer. Eu teria morrido se não fosse por você.”

Hannah ficou tensa. “Do que você está falando?”

“Você falou comigo,” Jeremy respondeu. “Você me disse para lutar.” Ele pausou e sorriu. “Na verdade era mais tipo ‘foda-se e lute!’”

Hannah se mexia desconfortavelmente.

“Não era só minha força. Eu... eu nunca teria encontrado o ultimo vestígio dela se você não tivesse me dito. Se você não tivesse acreditado em mim. Se não tivesse me lembrado onde eu colocava meu bastão.”

Hannah virou seu rosto e secou disfarçadamente uma lágrima.

“Você salvou minha vida,” Jeremy disse.

“Eu salvei, huh?” ela perguntou, encarando a parede.

“Mmhmm.”

Pausa.

“Então eu acho que você me deve um ‘obrigado’,” Hannah coaxou.

Jeremy riu e levantou, apertando seu saco de salgadinhos com seu punho.

“Obrigado, Hannah.”

Ele pegou a mão dela e a levantou. Ela levantou sua cabeça.

“Você não pode se esconder aqui mais,” ele disse. “Você tem de começar a almoçar comigo de novo.”

“Jer...”

“Eu vou usar meu cartão de eu-matei-meu-pai com você o dia inteiro,” ele respondeu.

Pausa.

“Eu preciso de você,” ele sussurrou. “Por favor?”

Hannah exalou um suspiro frustrado. “Ok.”

Ele ainda segurava sua mão. Parecia natural puxá-la para perto até o rosto dela descansar sobre seu peito. Os braços dela circundaram sua cintura, e eles ficaram se abraçando em um abraço perfeitamente esquisito. Sua irmã, ele pensou, em outro mundo, um mundo melhor.

“Eu só como com você porque você é meu amigo,” ela murmurou no peito dele.

“Isso é bom o bastante para mim,” ele respondeu.

.....

Regan furtava olhares para a porta da cafeteria. Ela tinha dado espaço a Jeremy por toda a manhã. Ela pensou que ele teria, ao menos, almoçado com ela.

O calor se tornou uma pequena fogueira que se apresentava em suas bochechas. Ela estava envergonhada por comer sozinha. Ela estava envergonhada de estar sozinha. Ela procurou no refeitório. Nada lá. Também Hannah não estava.

A percepção não a bateu no rosto. Era como um quieto tipo de

verdade que se elevava lentamente em seu coração como o nível de água em uma piscina após uma lenta e estável tempestade — suave e cheia. Muito cheia. Ela não estava nem mesmo brava com isso — que ele preferisse estar com Hannah do que com ela. Ela apenas aceitou, deixando seu coração se afogar em águas muito profundas. Estava salgada de suas lágrimas. Ela as observou gotejar uma a uma em seu sanduiche, o deixando mole e não comível.

“Oh, bem,” ela murmurou porque não sabia o que mais dizer.

Ela deixou a mesa e jogou fora seu almoço não comido. Caminhou pelos corredores sozinha, pulando para dentro dos banheiros quando percebia algum. O atual alojava outra aluna escondida — alguém que ela costumava conhecer.

“Eu não me sinto voltando para lá ainda,” Casey disse suavemente. “Esta é a décima vez que eu passo meu gloss. Eu devo passar onze a menos que o sino toque.”

Regan assentiu.

“Como você está?” Casey perguntou.

Regan deu de ombros.

Casey deu de ombros de volta. “Eu também.”

Regan se trancou na cabine mais distante. Ela permitiu que as lágrimas derramassem como quisessem, mas silenciou qualquer som que ameaçasse escapar de seus lábios. Finalmente liberou o soluço assim que ouviu a porta do banheiro abrir e Casey sair. Não foi a solidão que a compeliu a chorar tão descaradamente.

Foram as fracas palavras de Casey ao sair:

“Sinto sua falta.”

~

Há uma grande diferença entre fantasiar sobre tirar a vida e fazer isso de verdade.

~

S. WALDEN

INTERIM

00:04

Tempo fechando.

As patrulhas de esquis vagando montanha abaixo, retirando os últimos dos esquiadores e snowboarders. Ela sabia que ele estava se escondendo, procurando por solidão, querendo ficar sozinho com apenas os declives nevados como sua companhia.

Ela se escondeu, também. Ela não era tão boa quanto ele — sendo toda certinha e tudo — mas ela descobriu um arbusto que a camuflava muito bem, e empurrou para baixo a urgência de se dar por vencida: “Eu estou aqui! Eu não queria fazer isso, gente! Só tava curtindo por aí!”

As luzes dos snowcats¹² esvaíam-se a distância, descendo a montanha, e ela regozijou. Agora encontrar Jeremy e forçar uma cura. Isso era um absurdo; ela não podia ordená-lo a se sentir melhor. Mas ela não conseguia sustentar a estranheza entre eles, a evidente distância entre eles. Se ela não pudesse curá-lo, ela, ao menos, queria compartilhar de sua dor. Mas ele não a deixaria fazer isso. Ele se escondeu na montanha, passando incontáveis horas subindo e descendo, para cima e para baixo, para cima e para baixo. Buscando por sua própria cura, talvez. Uma resposta do porque sua vida tinha de ser tão dramática. Um desejo por algo melhor. Uma pontada no coração. Ela não gostou desse último pensamento: um desejo por algo melhor. Talvez ele quisesse que ela fosse melhor. Ou diferente. Talvez mais como Hannah — a garota cuja companhia ele claramente preferia do que a dela.

“Jeremy!” ela gritou dentro da noite branca.

Nada.

“JEREMY!”

Ele deslizou em uma parada atrás dela, chutando pó de neve nas calças dela.

¹² Carrinhos de neve.

Eles se encararam.

“Eu estou aqui, okay?” ela disse. “Eu quase me mijeí tentando me esconder da patrulha da neve.”

Ele riu.

“Você sabe que eu sou uma caga regras,” ela lembrou a ele.

Ele assentiu.

“Então, eu estou aqui,” ela disse novamente. “Eu estou tentando meu melhor. Mas eu não posso continuar chorando por você no banheiro. Eu não sei o que você quer que eu faça. Eu não sei o que você quer que eu diga. Eu estou tão por fora de tudo sobre você, e eu sei que não sou a Hannah—”

“Huh?”

“Eu sei que eu não posso fazer você se sentir do jeito que ela faz. Vocês dois tem algum tipo de conexão, ou sei lá o que. Eu não sei. Mas eu sei que você prefere andar com ela do que comigo. Eu entendi isso. Mas você vai ter que entender como isso me faz sentir. Quero dizer, só termine comigo se você não quer ficar comigo mais. Isso é tudo que você tem de fazer. Sim, eu vou chorar com isso. Eu sou uma garota antes de tudo. Mas ao menos isso vai ser outra coisa do que você me evitar o tempo todo.” Ela pausou. “Eu... eu estou congelando aqui.”

“Eu não quero terminar com você,” ele disse calmamente.

“Então porque você está me tratando assim?”

“Você quer que eu fale sobre meus sentimentos, e eu não quero.”

Silêncio.

“Sério?” ela perguntou depois de um momento.

Ele assentiu.

“Você está me evitando porque você acha que eu quero que você fale sobre seu pai?”

“Sim. Pouco depois de tudo acontecer, você ficou me matando. Você ficou querendo saber como eu me sentia. Você ficava me

perguntando se eu estava bem. Ficava me cercando.”

Ela piscou.

“Hannah não fica me cercando. Hannah faz piadas e diz para eu superar, que foi só uma morte. Nada demais, certo?”

Regan franziu o cenho.

“Isso é o que eu preciso ouvir. Eu preciso de alguém que não me trate como um garotinho frágil. Eu não quero ser acarinhado. Eu não quero ser envolvido em abraços. Eu quero alguém que tire sarro de mim e soque meu braço.”

Regan apertou sua mandíbula.

“Hannah faz isso comigo. Esse é o tipo de pessoa que ela é. Você não é assim, e eu não estou dizendo que ela é melhor que você. Eu só estou dizendo que eu preciso do tipo dela de compaixão —”

“Que compaixão?” Regan estalou. “Piadas sobre seu pai morto? Isso é compaixão?”

Jeremy suspirou. “Viu? Eu sabia que você não iria entender.”

“Oh, está certo. Eu estou do outro lado. Eu não caibo na pequena facção sua e de Hannah — seu esperto clube de nós-somos-mais-espertos-que-todos.”

“Regan...”

“Eu não sei como fazer comentários inapropriados e agir como uma vadia sarcástica e compartilhar piadas internas com você!”

“Regan, por favor...”

“Porque você não vai e não namora com ela?”

“Porque ela é gay!”

A boca de Regan ficou aberta.

“E porque eu quero namorar com você,” ele adicionou rapidamente.

Ela bufou desdenhosa. “Amo ser a segunda razão.”

“Eu não quis dizer isso.”

“Sim, eu sei,” Regan disse.

Pausa.

“Porque você não me disse que ela gostava de você?” Jeremy perguntou.

“Porque eu deveria?”

“Porque isso teria tornado mais fácil para eu entender a tensão entre vocês duas — porque ela se afastou de mim quando você começou a andar comigo.”

Regan não disse nada.

“Ela tem sido minha amiga há muito tempo,” Jeremy prosseguiu. “Ela me ajudou muito, mesmo que eu tenha certeza de que ela nem ao menos perceba isso.”

Regan ajustou seu chapéu. Jeremy não estava certo do que mais dizer. Ele a sentia se fechando e procurava por palavras que forçariam uma resposta.

“Eu te amo,” ele disse.

“Hmm.”

Ele se eriçou. “O que isso significa?”

“Significa que estou com frio. Eu estou descendo.” Ela olhou para ele uma última vez e então exalou suavemente. “Te vejo por aí, Jer.”

Ela bateu seus bastões de esqui no chão e impulsionou com a maior força que conseguiu, segurando seus óculos enquanto pegava velocidade.

“Que porra é essa, Regan?” Jeremy gritou atrás dela.

Ela sabia que ele iria vir atrás dela, e se agachou mais, tentando pegar mais velocidade.

“Que porra foi aquela?” ele rosnou ao lado dela.

Como ele tinha alcançado tão rapidamente?

“Me deixa em paz!” ela gritou de volta.

Ele se inclinou para a direita, acertando o braço dela.

“Presta atenção!” ela gritou. “Isso é perigoso pra caralho!”

Ela desviou para sua direita, tentando colocar distância entre eles. Ele estreitou o espaço uma vez mais.

“Fica longe de mim, porra!” ela urrou.

“Não!”

Ele tirou sua mão e puxou o braço dela no exato momento em que virou sua prancha bruscamente para a esquerda, ficando mais rápido. Havia a remota possibilidade de arrancar o braço dela, mas era a chance que ele tinha de pegar por amor.

Ela caiu. Ele caiu. Eles derraparam diversas jardas montanha abaixo, cobertos com neve como rosquinhas açucaradas. Quando eles pararam, ela atirou seus óculos e saltou sobre ele.

“Seu maldito idiota!” ela gritou, socando seu peito.

“Eu sinto muito!” ele respondeu, tentando segurar seus pulsos.

“Eu podia ter morrido!”

Ele prendeu suas mãos. “Pare de ser dramática.”

Ela se livrou do aperto e continuou seu ataque.

“Eu não estou sendo!”

“Eu sabia o que estava fazendo!” ele grunhiu, tentando segurar os pulsos dela de novo.

“Você não sabe o que diabos está fazendo!” ela guinchou.

“REGAN!” ele urrou, a centímetros do rosto dela. “Eu já fui batido o suficiente!” ele tentou sufocar a risada.

“Aparentemente não!” ela replicou.

Ele jogou seus braços ao redor dos dela com força, achatando

seu corpo sobre o dele, apertando-a em um aperto mortal. Ele rolou sobre ela, prendendo-a na neve, observando a raiva retroceder e fluir em seus olhos.

“Você é tão linda,” ele disse suavemente, sorrindo em cima dela.

“Saia de cima de mim,” ela estalou, ofegando forte.

“Eu te amo.”

“Eu não me importo.”

Ele se inclinou e a beijou na boca. Ela o mordeu. Ele retrocedeu em choque, lambendo seu lábio inferior e sentindo o gosto metálico de sangue fresco. Ele ajustou sua mandíbula e se inclinou de novo, a beijando mais forte. Ela se revirou por baixo dele, grunhindo dentro de sua boca.

“Eu te amo,” ele murmurou, esperando que as palavras caíssem nos profundos e calorosos tecidos de seu coração e germinassem o perdão. Ele queria o seu perdão; ele só não sabia como pedir.

“Você feriu meus sentimentos!” ela chorou, e ele se inclinou para trás para ver as lágrimas se juntarem em seus olhos.

“Eu sei,” ele disse. “Eu sou um cara, Regan. Eu não sei como ser maduro sobre nada.”

“Eu não estou te pedindo isso!” ela respondeu. “Eu estou te pedindo para ser gentil comigo!”

“Eu vou ser,” ele assegurou a ela.

Ela secou seus olhos com as costas de suas mãos enluvadas.

“Eu não deveria ter afastado você,” ele disse.

“Eu sinto muito que não saiba do que você precisa, okay? Mas você poderia ter me falado. Você poderia ter dito, ‘Regan, pare de ficar rodeando’ ou ‘Regan, pare de me pedir para falar sobre meus sentimentos’. Eu não teria me ofendido. Mas você nunca explicou nada para mim. Você só se escondeu... com *ela*.”

Ela explodiu em lágrimas.

“Regan,” ele disse de forma reconfortante, segurando seu rosto e enxugando suas lágrimas.

“Eu sinto muito que seja uma garota em tudo,” ela chorou amargamente. “Mas adivinha só? Eu sou uma garota!”

Ele riu. “Estou muito contente por isso.”

“E eu não gosto de te ver com dor! Eu faria qualquer coisa para te fazer feliz. Qualquer coisa.”

Ele acreditou nela.

Ela soluçou e ficou em silêncio.

“Estou feliz que você veio me procurar,” ele disse depois de um momento.

Ela revirou seus olhos.

“É verdade! Eu não queria ficar sozinho aqui depois de tudo.”

Ela o olhou atentamente.

“Eu estou te falando a verdade,” ele disse.

“Sério?”

“Sério. Eu amo você, Regan. E eu sinto muito pelo jeito que te tratei. Eu... eu quero te recompensar.”

“Você não precisa fazer isso.”

“Eu quero. Eu pensei que poderia te levar para sair.”

Pausa.

“Eu vou ter que olhar na agenda dos meus pais para ver sobre pegar o carro emprestado,” ela disse.

“Não, não, eu vou dirigir,” ele disse.

“Huh?”

Ele riu. “Está andando.”

Ela sorriu. “Seu Camaro está andando?”

“Sim. Finalmente. Só me levou um milhão de anos,” ele disse.

“Isso é tão legal!” ela guinchou.

“Ainda precisa de um serviço de pintura, e algumas coisas no interior precisam ser consertadas, mas ele anda, e isso é tudo que importa.”

“Vamos dirigir para longe nele!” ela disse, olhos escancarados pela aventura.

“Para onde?”

“Praia! Oh, eu amo a praia! E eu nunca vou.”

“A praia então,” ele disse, e se inclinou de novo para beijá-la.

Dessa vez ela não lutou. Ela o deixou beijá-la longa e lentamente até sentir o ferrão afiado de neve derretida em seus olhos.

Tempo fechando.

• • • • •

“JESUS CRISTO!” Regan gritou, encarando o fantasma na janela.

“O que é isso?!” sua mãe gemeu, se atirando pela porta para dentro de seu quarto. Ela reconheceu o rosto de Casey.

Casey se destacava na temperatura congelante, o rosto quase colado na janela de Regan, trilhos de lágrimas praticamente congeladas em seu rosto pálido.

“Em nome de Deus...” Sra. Walters levantou o caixilho da janela. “Casey Holbrook, que diabos você está fazendo aí?! Você vai congelar até a morte. Entre aqui. Agora!”

Casey pausou.

“Oh, pelo amor de Deus,” Sra. Walters murmurou, arrancando o casaco de Casey e puxando pela cabeça primeiro. Ela caiu no chão como um bloco de gelo. Inferno, ela era um bloco de gelo — mãos azuis, face azul.

Regan até mesmo pensou que seu cabelo tinha se tornado azul.

Sra Walters puxou a colcha da cama de Regan e embrulhou Casey. Ela o abraçou apertado.

“Querida, por quê?” ela perguntou.

“Eu... eu queria f-falar com R-Regan,” ela gaguejou, os dentes batendo tão forte que Regan estava com medo deles caírem em tocos em uma questão de segundos.

“Querida, há uma porta da frente,” Sra. Walters falou.

“Está tarde,” Casey respondeu.

“Eu não ligo se são três da manha! Você não pode ficar do lado de fora no meio do inverno por sabe lá Deus quanto tempo!” ela aguardou.

“Trinta minutos, talvez?” Casey ofertou.

“Oh meu Deus!” Sra. Walters chorou. “Regan, vá esquentar água.”

“Mãe, nós não moramos no polo norte,” Regan disse. “Não é a maior das coisas.”

Sra. Walters estreitou seus olhos e elevou sua voz: “Vá esquentar água.”

“Sim, senhora,” Regan resmungou, e se dirigiu a cozinha.

A presença de Casey depois de meses de separação era definitivamente perplexa. Regan não estava totalmente ignorante sobre a vida de sua amiga, apesar. Ela ainda a observava na escola, como ela tinha prometido a si mesma que faria, observar as artimanhas da selva animal do sistema de castas do ensino médio. Ela percebeu divergência fermentando na camada do topo. Os grandes gatos estavam se tornando agitados — pequenas lutas por dominância brotando aqui e ali. Casey não parecia agitada. Ela parecia solitária e talvez um pouco assustada. Então essa não era a alta vida que ela pensou que seria, Regan pensou, abraçando o sentimento de vingança, mesmo que ela se sentisse ligeiramente sentida por sua ex-amiga. Não era hora para atacar, apesar. Era hora de colocá-la na borda. Casey

tinha de querer isso, também, ou Regan se arriscaria a perdê-la para sempre para aquele mundo felino.

Ela cumprimentou sua mãe e Casey quando elas entraram na cozinha. Casey sentou na ilha e Sra. Walters desapareceu pela porta depois de Regan assentir. Sua mãe sabia de tudo — passou incontáveis noites segurando Regan no sofá enquanto ela chorava suas frustrações e dores sobre perder sua amiga. O rompimento violento de amizades era uma coisa difícil para qualquer garota adolescente ter de lidar, não importava sua natureza, resiliente e forte. Sra. Walters sabia que Casey sofria, também — que ela estava buscando por algo, se perdendo dentro dos labirintos da complicada adolescência. Os adultos deveriam ser guias, ela pensou com raiva, antes de se lembrar que a maioria dos adultos estavam tão perdidos quanto. Em um labirinto diferente, sim, mas perdidos do mesmo jeito.

“Você não vai perder nenhuma de suas extremidades, vai?” Regan perguntou finalmente, deslizando uma caneca de chá fervendo para Casey.

Casey balançou sua cabeça.

“Que diabos você estava fazendo lá fora? Você sabe quanto estranho isso foi?”

“Eu estava reunindo coragem,” Casey respondeu, tomando um gole hesitante.

“Eu não sou assustadora,” Regan disse.

“Não, mas eu estava assustada,” Casey disse calmamente.

“Por quê? Sou eu.”

“Você sabe por quê.” Casey encarava sua caneca. “Eu estava errada.”

“Okay, então. Você estava errada. Eu estava errada sobre um monte de coisa, também,” Regan disse.

“Pare de ser positiva sobre isso. Eu te abandonei completamente como uma amiga, o que é, tipo, a pior coisa que uma pessoa poderia fazer a alguém com quem ela se importa!”

Lágrimas frescas escorriam dos olhos de Casey, e ela assistia-as caírem uma a uma dentro de seu chá.

“Eu não sei o que você quer que eu diga,” Regan respondeu.

“Eu quero que você me xingue e grite para eu dar o fora da sua casa!” Casey chorou.

“Mas eu não quero que você saia,” Regan disse.

Casey chorava com mais determinação agora, empurrando a caneca e assistindo a bebida esguichar para trás e para frente, espirrando pelos lados e molhando o granito. Ela enterrou seu rosto em seus braços e soluçou.

“Eu sou uma péssima amiga! Eu não deveria ter ouvido a ele! Eu deveria ter me levantado por você! Eu deveria ter sido melhor! Eu deveria ter continuado eu mesma! Eu deveria ter tentado com mais força! Eu deveria ter perdoado meus pais! Eu deveria nunca ter me preocupado com o que as pessoas pensam de mim! Eu deveria ter sido boa, como eu costumava ser boa.” Ela ergueu seu rosto marcado para Regan. “Você lembra? Você lembra quando eu era boa? E eu realmente era. Eu era uma pessoa boa, Regan! O que aconteceu comigo?”

O medo permeava suas palavras. Ela olhava desordenadamente pela cozinha, como se estivesse procurando por sua bondade que se escondeu nos armários ou dentro do forno.

Regan ficou assustada. “Esta tudo bem.”

Casey balançou sua cabeça. “Não, não está. Não está bem,” ela disse freneticamente. “Quem eu sou? O que aconteceu comigo? Como ele pode fazer aquilo comigo? De novo e de novo e de novo...”

“Casey, pare,” Regan ordenou, agarrando a mão de sua amiga. “Respire.”

“Ele me traiu todo o tempo! Você estava certa! Ele era um cara ruim. Ele me usou. Eu dei a ele minha virgindade! O cara que tirava sarro de mim o tempo todo. Meus óculos. Meu nariz. Meu cabelo viscoso!!”

Regan apertava sua mão.

Os olhos de Casey se arregalaram, como se a revelação finalmente a batesse com força na cara.

“Eu mereci isso,” ela suspirou. “Tudo isso.”

“Não diga isso.”

Casey puxou sua mão de volta. “Não, não, é verdade! Eu mereci ser tratada daquele jeito. Eu *sou* má. Eu desejei que um monte de coisas horríveis acontecessem com meus pais quando eles se divorciaram.” Sua boca se curvava em um sorriso maníaco. “Mas as piadas em cima de mim, vê? As coisas horríveis aconteceram comigo!”

“PARE COM ISSO!” Regan rugiu.

Casey se encolheu e estremeceu, batendo na caneca de chá. Eles ficaram em silêncio enquanto Regan secava o balcão com toalhas de papel e depois foi até o fogão para requentar a água.

“Como eu faço isso certo?” Casey perguntou.

“Eu realmente não sei,” Regan respondeu.

“Deveria eu fazer uma lista de todos que eu já machuquei e me desculpar com eles?”

“Se você acha que isso é o certo,” Regan disse.

Pausa.

“Você me odeia, Regan? Deixe nossa história fora disso. Pense sobre os últimos meses.” Casey pausou. “Agora, você me odeia?”

“Eu nunca poderia te odiar,” Regan disse. “Você é minha melhor amiga.”

Casey piscou. Uma única lágrima atravessou sua bochecha.

“Ainda?”

“Ainda.”

Elas se encararam até a chaleira apitar. Regan despejou a Casey chá fresco numa caneca e entregou a ela.

“Obrigada,” Casey murmurou.

Regan sorriu. “Açúcar?”

“Não, eu quis dizer obrigada por não me odiar,” Casey disse.

Regan pensou por um momento. “Eu realmente controlava nossa amizade?”

Casey balançou sua cabeça.

“Eu senti como se o que você disse fosse parcialmente verdade — que eu tenho uma tendência a ser uma ditadora.”

“Você não era uma ditadora em minha vida. Eu escolhi ser sua amiga estranha e ter clubes estranhos com você e falar sobre besteiras estranhas o tempo todo.”

Regan riu.

“E eu amava aquilo. Eu continuo indo e vindo com isso em meu cérebro. Porque eu acordei um dia na escola fundamental ansiando ser parte de um grupo que pegava tanto no meu pé? O que eu estava procurando? Eu não posso jogar a culpa disso em estar perdida por causa dos meus pais. Sim, eles estavam brigando, mas não havia menção em divórcio ainda.”

Regan ouviu.

Casey mordeu sua unha. “Eu pensei que iria ter oportunidades. Você sabe? Ser capaz de ter experiências que eu não teria tido se permanecesse do lado de fora.”

Regan assentiu.

“É assim que você se sentiu?”

“Não,” Regan disse. “Eu só estava cansada de lutar. Eu desisti e cedi.”

“Não foi tão ruim, apesar, certo? Quero dizer, nós completamente arruinamos o ensino médio para nós mesmas?” Casey perguntou.

Regan balançou sua cabeça. “Não, mas eu acho que poderia ter sido muito melhor.”

Casey considerou isto. “Eu quero ser melhor.”

Regan automaticamente pensou na resposta de Hannah, a mesma declaração muitos meses atrás.

“Então faça isso. Seja melhor.”

Casey estreitou suas sobrancelhas, e então seu rosto se iluminou. Ela assentiu, e Regan assistiu seus lábios se abrirem em um brilhante sorriso. Era um sorriso que dizia, “Hoje, eu estou mudada.”

“Eu não estou assustada,” ela disse desafiante. “Não estou.”

“Eu acredito em você,” Regan respondeu.

“E eu vou acertar isso,” Casey continuou. “Eu não sei como, mas eu fui selecionada para a Brown. Eu posso arrumar essa merda.”

Regan riu.

“Regan, não é mesmo difícil ficar livre — se libertar. Não foi nem mesmo difícil. O momento que você se afastou, eu queria me afastar também. Eu estava com meu medo. Mas uma vez que eu tomei a decisão por mim mesma, foi tão fácil. Foi como vir à tona para respirar.”

Regan ergueu suas palmas. “Vamos. Toca aí.”

Casey riu e bateu na palma dela.

Regan foi para a pia lavar as canecas. Casey saltou e pegou uma toalha para secar.

“Quer passar a noite?”

“Você quer que eu passe?” Casey adicionou.

“Bem, você não acha que nós temos um monte de fofocas para fazer?”

Casey assentiu. “Toneladas.”

Regan entregou a ela uma colher limpa para secar.

“Eu achei ótimo você estar namorando Jeremy,” Casey disse, colocando a colher na gaveta apropriada.

“Você acha?”

“Mmhmm. Você dois são estranhos. Combina. Caramba, você parece realmente fazê-lo feliz. Eu não acho que já tinha o visto sorrir na escola até você começar a andar com ele.”

“Sério?”

“Sim. O que são esses poderes especiais de Regan que você tem?” Casey perguntou.

Regan pensou um momento e então cantou, “É o poder do amor.”

“Oh meu Deus, você é uma babaca,” Casey disse.

E então ela lançou seus braços ao redor de sua amiga, quase a esmagando com aquele poder — o poder do amor. Regan a abraçou de volta com a mesma força.

“Quer assistir *De Volta Para O Futuro*?” Regan perguntou.

Casey a liberou e se dirigiu para a despensa. Ela ficou lá até encontrar a caixa de pipoca, levantando isso para Regan ver.

“Um pacote ou dois?”

• • • • •

“Eu amei isso,” Casey disse, assistindo Regan rodopiar ao redor.

“As polainas, também?”

Casey olhou as polainas rosa neon de Regan e assentiu. Elas estavam ao redor de suas botas de tornozelo de vaqueiro e meias pretas. Ela combinou a parte de baixo de seu conjunto com uma minissaia preta e justa e jaquetas metálicas.

“Você parece uma bola de discoteca,” Casey disse.

“É precisamente o que eu estou tentando,” Regan respondeu.

Casey encarou a porta do quarto.

“Ele está no caminho?” perguntou. Ela puxava nervosamente um fio solto da colcha de Regan.

“Relaxa,” Regan disse.

“Ha! Relaxa. Sim, hum, okay,” Casey respondeu.

Então uma batida soou na porta.

“Entra!” Regan chamou, e Jeremy abriu a porta, enfiando sua cabeça para dentro. Ele estava sorrindo. E então percebeu Casey.

“Eu sabia que isso era uma má ideia,” Casey murmurou.

“Imagina,” Regan disse, caminhando até ela e pegando sua mão. “Jeremy, você lembra de Casey.” Que coisa ridícula de dizer.

“Uh... sim,” foi sua resposta.

“E você lembra como nós éramos melhores amigas antes da briga.”

Ele não disse nada, olhando as garotas atentamente.

“O que você não sabe é que nós nos acertamos,” Regan continuou.

“Por quê?” A palavra saiu como uma acusação.

“Porque eu me desculpei,” Casey disse suavemente. “E fui sincera.”

Jeremy apertou sua mandíbula.

“E eu acreditei nela,” Regan adicionou. “Nós todos cometemos erros. Eu percebi que cometi um monte de erros em nossa amizade.”

Ele encarava, perplexo.

“Eu não estou comparando nossos erros,” Regan explicou. “Eu só estou dizendo que ninguém é perfeito.”

“Ela te abandonou. Ela ignorava sua existência na escola. Ela virou as costas para você,” Jeremy soltou, encarando Regan sem acreditar.

“Eu sei disso,” Regan respondeu, segurando a mão de Casey com mais força.

“Ela torturava Hannah pra caralho!” Jeremy continuou.

“Eu sei,” Casey disse.

“Não fale,” Jeremy rosnou. “Nunca.”

“Jeremy,” Regan repreendeu.

“Eu só não estou te entendendo, Regan. Você finalmente se livrou! O que te convenceu a voltar? Como ela te convenceu a voltar? O que ela disse? O que ela te prometeu?”

“Voltar?” Regan perguntou, confusa.

“Voltar para eles!” ele urrou.

Casey pulou e se enfiou na frente de Regan.

“Calma aí,” ela alertou a Jeremy.

“Eu pensei ter te dito para você nunca falar,” ele disse.

“Cala a boca,” Casey respondeu. “Cala sua boca e me escuta. Eu não vim até aqui para roubar Regan de você. Eu não estou tentando persuadi-la a voltar para o grupo. Eu vim até ela para me desculpar por ter sido a maior idiota do planeta.”

Jeremy estava fumegando, incapaz ou pouco disposto a processar as palavras de Casey.

“Eu deixei,” ela continuou. “Eu os deixei. Aquilo era um bando horrível de pessoas que me transformaram em uma maliciosa e odiável, e eu finalmente percebi isso. Okay? Isso não tem nada a ver com levar Regan de volta para o lado negro. Eu estou aqui para ajudá-la a escolher a roupa para o encontro de vocês, seu imbecil!”

Ele piscou.

“E para dizer a você que eu sinto muito pela minha desonestidade na sétima série,” ela adicionou suavemente. “Eu deveria ter entregado o recado.”

Regan enfiou sua cabeça ao redor do ombro de Casey e encarou Jeremy. Seus olhos faziam a ela uma silenciosa pergunta: “Ela está falando sério?” Regan assentiu e sorriu.

Ele limpou sua garganta. “Então você acha que duas palavras vão apagar tudo o que você fez?”

Casey prendeu sua respiração. “Nem mesmo chega perto. Mas é um começo.”

Jeremy hesitou. “Eu não consigo fingir que não sei todas as merdas que você tem dito a Hannah.”

“Eu sei.”

“Ela era minha única amiga até Regan.”

“Eu entendo.”

“Eu sou protetor com ela.”

“Compreensível.”

“O que você vai fazer em relação a ela?”

Casey pensou por um momento. “Eu vou fazer tudo que eu puder para acertar tudo.”

“Ela nunca vai te perdoar,” Jeremy apontou.

Casey assentiu. “Mas eu tenho que tentar.”

Pausa.

“Porque essa mudança repentina?” ele perguntou, a olhando com curiosidade.

“Bem, eu acho que você poderia dizer que enxerguei a luz,” Casey respondeu.

“Eles te empurraram para fora? É por isso que você está aqui? Deixe-me adivinhar. Se eles não tivessem se livrado de você, você não estaria beijando bundas nesse instante, estaria?”

“Jeremy! Que diabos?” Regan choramingou.

“Não, Regan,” Casey disse. “Está tudo bem. Vai levar um longo tempo entre nós dois.”

“É melhor você acreditar que vai.”

Casey se endireitou, alongando sua coluna o máximo que conseguia, enchendo seus pulmões com todo oxigênio que ela poderia para expelir as duras palavras que precisavam ser ditas.

“Eles não me chutaram para fora,” ela começou. “Mas se eles tivessem, eu não teria me importado. Eu odeio aquele grupo até o fim. Eu odeio o que eles fizeram comigo. Eu não estou fugindo da responsabilidade pela forma como eu agi, apesar, então fecha sua boca.”

Jeremy apertou seus lábios.

“Eu tomo responsabilidade total pela pessoa em quem me tornei. Mas não fique parado aí e aja como se não me conhecesse por todos esses anos. Você se lembra daquela garota. Eu era uma boa pessoa, e você sabe disso. Ela desapareceu por um longo tempo, mas ela voltou.”

“Porque eu deveria acreditar em você?”

“Eu não estou te pedindo, Jeremy. Eu não posso te fazer acreditar em mim. Eu só posso te fazer ver minhas ações.”

“Porque você mudou, para começar?”

“Porque minha vida estava fodida. Eu odiava ser uma tonta. Eu tive a época mais terrível quando meus pais se divorciaram. Eu era ideal para ser manipulada.”

“Você continua querendo culpar outras pessoas—”

“Eu não estou culpando ninguém! Mas eu sei quando estou tirando vantagem! E eu estava tão desesperada para ser popular. Eu pensei que mataria por isso! Então quando eles me colocaram lá, eu não recusei. Eu pensei que era a resposta. Eu pensei que isso me faria feliz.”

“E agora?”

“O que você acha? Eu estou destruída! Você sabe o que é expurgar toda aquela escuridão? Você sabe como é isso?”

“Você sabe como é estar do outro lado daquela escuridão?” ele rugiu.

“Sim, eu sei!” Casey gritou. “Eu estava lá na escola básica com todo o resto de vocês! Eu era provocada e atormentada sobre qualquer merda! Meus óculos, pelo amor de Deus! Quero dizer, poderia ser mais clichê que isso? Você sabe quanto eu implorei para a minha mãe por

lentes de contato?”

“Oh, coitadinha de você,” Jeremy disse. “Como você seguiu ir em frente com os óculos?”

“Vai se foder, Jeremy. Não trivialize minha dor. Nós sofremos de formas diferentes,” Casey soltou.

“Você está certa. Nós fazemos isso. E alguns de nós têm dores mais legítimas que os outros.”

“Sim? Qual a sua?” ela desafiou.

Ele enfiou seu rosto na frente do rosto dela e apontou sua cicatriz. “Isto, sua putinha.”

“Para trás,” Regan ordenou, colocando seu corpo entre eles. Ela estava com medo de uma briga de socos.

“Me chame por todos os nomes que quiser se isso te fizer se sentir melhor,” Casey disse.

“Isso não vai! Eu nem mesmo sei por que estou ouvindo sua patética história!”

“Você está aqui para me levar para um encontro,” Regan apontou.

Jeremy ignorou Regan. “Você caga em todo mundo. Você decidiu que não quer mais fazer aquilo. E nós todos devemos te receber com braços abertos? Foda-se. Essa. Merda.”

“Tudo bem, é isso,” Casey fumegava, colocando seus punhos em seu rosto em posição de guarda. Ela avançou para ele.

“Não!” Regan gritou, segurando os pulsos dela e a empurrando para trás. “Casey, para trás! Jeremy, vá sentar ali!”

Eles não se moveram.

“Faz o caralho que eu falei para fazer!” Regan berrou.

“Que diabos está acontecendo aqui?” Sr. Walters gritou, escancarando a porta.

“Pai, oi! Nós temos regras nesta casa!” Regan choramingou.

“Não me fale sobre regras quando você está a ponto de ser juíza de uma briga de socos,” ele disse, notando a posição de Casey.

“Eu estou tentando impedir isso!” Regan argumentou.

Sr. Walters olhou para Jeremy. “Sério, Jer? Você vai fazer isso com uma garota?”

Jeremy se eriçou. “Não. Eu nunca iria bater numa garota.”

“Bom. Me dá uma vantagem,” Casey disse, e avançou para Jeremy de novo.

Regan a empurrou de volta.

“Casey, senta na cama!” Sr. Walters ordenou. “Agora! Jeremy vá para aquela cadeira!”

“Nós estamos atrasados para o filme...”

“AGORA!”

Os adolescentes sentaram em seus lugares.

Sr. Walters prendeu sua respiração. “Tudo certo, então. Nós temos uma melhor amiga e um namorado que claramente odeiam um ao outro. Como faremos isso funcionar?”

“Uma agenda,” Casey disse.

“Eu fico com as sextas e sábados,” Jeremy disse.

“Esses são dias principais. Você não pode ter ambos os dias principais,” Casey argumentou.

“Oh, eu acho que posso. Você tratou minha namorada como merda por meses. Eu acho que isso me dá o alvará para as sextas e sábados.”

“Eu me desculpei com sua namorada.”

“Palavras significam nada.”

“Elas significam tudo,” Regan lembrou a ele.

Pela primeira vez em eras, ele pensou em seu diário vermelho e todas as palavras que moravam naquelas páginas gastas. Ele não

poderia brigar com ela. Elas significavam tudo.

“Eu quero as sextas!” ele ouviu Casey choramingar.

“Está bom, parem com isso!” Regan disse. “Isso é ridículo! Jeremy, você tem todo o direito de estar maluco com Casey. Ela fez coisas terríveis, mas ela admitiu tudo. Ela SE DESCULPOU com você, e você não tem de aceitar, mas não fique sentado aí dizendo que as palavras dela não significam nada.”

“Ela tinha que me mostrar,” ele disse acidamente.

“Eu não posso te mostrar em uma noite!” Casey argumentou. “Isso vai levar um tempo.”

“Está bem. Eu vou esperar,” ele disse.

Silêncio.

Casey suspirou. “Então nós podemos, ao menos, ter uma trégua?”

Sr. Walters ergueu uma sobrancelha para Jeremy. Jeremy grunhiu.

“Você não vai embora, vai?” ele perguntou.

“Nunca,” Casey respondeu. “Eu nunca vou fazer isso com minha amiga de novo. Você vai ter de colocar uma bala em meu coração para me manter longe.”

Jeremy ficou tenso, puxando os dedos de suas luvas. Ele viu o nome de Casey desaparecer da lista de alvos. Ela não estava limpa, mas ela estava definitivamente no limbo.

“Bem. Trégua,” ele murmurou.

Um suspiro coletivo preencheu o quarto.

“E eu tenho outra vindo logo depois de você,” Sr. Walters disse a Regan.

“Caroline vai ser muito pior,” Regan disse.

“Deus...” Sr. Walters coaxou.

“E de qualquer forma, este não é o meu drama,” Regan continuou. “Isso é tudo deles.”

“Eu estou longe de drama,” Jeremy murmurou.

“Você é o melhor tipo de drama,” Regan respondeu docemente.

Sr. Walters fez uma careta. “Ugh. Nenhum desses, por favor. E garotos não deveriam mesmo entrar no seu quarto. Jeremy, saia daqui.”

“Com prazer.” Ele estava mais que feliz por sair. Nesse instante ele preferia a companhia de Caroline.

“Tchau, Jer,” Casey disse de costas.

“Que seja.”

As garotas estavam sozinhas de novo. Elas encararam uma a outra — nenhuma delas estava certa de como ou onde começar.

“Entãooooo, que brincos você acha que eu deveria usar?” Regan perguntou depois de um momento.

“Vamos dar uma olhada,” Casey respondeu, passeando pela parede dos acessórios.



Os cartuchos das balas não esmagam muito na cabeça se você manter um firme aperto no cabo. É tudo sobre controle. Controle o retrocesso. Tipo de realidade: se você tiver um firme controle sobre sua vida, os contratempos não vão ser tão ruins. Você consegue lidar com eles melhor. Ao invés de ficar todo emocional sobre alguma coisa, você consegue dar um passo para trás, olhar para isso objetivamente, e encontrar uma solução. Tipo, explodir o cérebro de alguém. Essa é uma razoável e não-emocional solução para meus contratempos — o contratempo de ser incomodado diariamente. Eu costumava não ter controle sobre meus sentimentos de ser incomodado. Eu costumava chorar o tempo todo. Mas então eu tomei controle. Eu tomei as rédeas da minha vida, e coloquei em movimento os planos que eu queria. Eu me ensinei a controlar minhas emoções, e agora eu olho em minha situação como um pequeno retrocesso. Os cartuchos ainda me batem na cabeça de vez em quando, mas agora eu sei o que fazer com eles. Grudar firme na arma — minha solução — e continuar puxando o gatilho.



00:03

Hannah congelou do outro lado da mesa. Ela foi a última a chegar para o almoço — passando uns bons dez minutos no banheiro debatendo a conversa que teve com Jeremy diversas semanas atrás. Sim, ela tinha prometido que iria começar a almoçar com ele de novo, mas levou a ela quase um mês para de verdade fazer isso. Ele não a pressionou. Ele esperou, como bons amigos fazem.

Ela não podia negar a calorosa lisonja que se abriu em seu coração quando ele verbalizou e definiu seu relacionamento como amizade. Ela queria ser sua amiga, mas ela nunca esteve certa de onde eles estavam.

Ela pensou que ‘conhecidos’ seria tão bom quanto podia.

Regan não exatamente destruiu aquela conexão entre eles, mas ela certamente complicou. Hannah ainda abrigava sentimentos românticos por ela, e aquilo transformou o que já era uma dinâmica estranha em uma ainda mais complicada. Ela não queria ser testemunha de flertes e flagrante tensão sexual — toda a merda que compõe um romance adolescente.

Ainda, ela não conseguia negar a solidão. Ela sentia falta de Jeremy. Ela sentia falta de seu... *amigo*. O cara com quem ela poderia se abrir sobre qualquer coisa que quisesse. O cara que a deixou sozinha quando ela precisou. Ela não tinha percebido sua importância em sua vida até que o sentiu se afastar. Era fácil ficar com raiva. Era fácil odiar Regan. Mas era difícil comer sozinha.

Ela rodeou a mesa, encarando aquela cena bizarra.

“Você vai sentar?” Regan perguntou. “Nós estávamos nos perguntando por onde você estaria.”

“Que. Porra. é. Essa.” Hannah respondeu.

Regan encarou Casey. Casey segurou sua cabeça.

“Que porra você tá fazendo nessa mesa?” Hannah claramente

dirigiu a pergunta a melhor amiga de Regan.

“Eu... eu sei que você não gosta de mim,” Casey murmurou.

“Isto está se tornando a mesa das garotas populares rejeitadas? Quero dizer, que porra é essa?”

“Você já disse isso,” Regan apontou. “Três vezes.”

Hannah se inclinou e empurrou seu rosto para o rosto de Regan. “Que porra esta acontecendo aqui?” ela sibilou.

“Eu pedi a Casey para comer com a gente,” Regan respondeu calmamente.

“Por quê? Você que toma as decisões nessa mesa?” Hannah perguntou.

“Hannah, venha,” Jeremy disse suavemente.

Hannah voltou sua cabeça para a direção dele.

“Eu sei que ela é sua namorada e tudo, e você acha que o brilho do sol sai da bunda dela, mas isso é uma palhaçada. Esta é a MINHA mesa. Esta é a NOSSA mesa. Não é a mesa DELAS. Pelo amor de Jesus Cristo, elas já não fizeram o bastante? Não levaram o bastante? Elas tinham a maldita escola inteira! Elas não poderiam nos dar uma porra de uma mesa escrota?!”

Estudantes curiosos das proximidades viraram suas cabeças.

“Nós não estamos tentando pegar sua mesa,” Regan respondeu. “Eu pedi a Casey para sentar aqui hoje porque ela esta passando pelo que eu passei.”

“E eu deveria me importar por quê?” Hannah perguntou.

“Eu não estou te pedindo para se importar,” Regan respondeu. “Eu estou te pedindo para ser legal.”

A boca de Hannah caiu aberta.

“Você está me zoando?” ela apontou para Casey. “Essa vadia fez da minha vida um inferno na terra por TRÊS anos. Você está me ouvindo? Três anos!”

As lágrimas eram inevitáveis, e elas não poderiam vir em um momento pior. A cafeteria estava cheia de monstros prontos para zombar e provocar — prontos para humilhar Hannah por mostrar emoção.

“Eu sei o que eu fiz!” Casey choramingou. “Eu sei disso! Eu fui horrível com você, e eu não tenho justificativa para isso, okay? Você entende isso? Eu sinto tanto pelo que fiz com você, Hannah. Você nem mesmo imagina o quanto.”

“Você só sente muito porque é uma zoadá agora. Se você ainda fosse popular, você ainda seria uma vaca comigo. Você sabe o que eu vejo aqui? Zero arrependimento. Uma vadia falsa.” Hannah virou para Regan. “Eu estava disposta a deixar você passar porque você era só uma porra patética. Mas eu não vou sentar nessa maldita mesa com essa garota! Eu não vou! Não depois de tudo que ela fez! Ela pode se desculpar até sua cara estar azul como os meus cabelos, e eu nunca vou acreditar nela! Porque ela é uma mentirosa!”

Os murmúrios ondulavam pelo refeitório. Jeremy viu alguns professores se aproximando.

“Hannah,” ele disse gentilmente.

Ela girou ao redor e enfiou seu dedo no peito dele. “Você! Como pode fazer isso comigo? Você me disse que nós éramos amigos! Você disse que nós vínhamos primeiro — que éramos amigos primeiro!” ela chorou abertamente.

“Nós somos,” ele respondeu.

“Então decida,” Hannah disse. “Aqui mesmo. Agora mesmo. Eu ou elas.”

“Hannah, por favor, não faz isso,” Jeremy respondeu.

“Decida, caralho, Jer! Eu ou elas?”

“Hannah, qual é o problema?” Sr. Armstrong disse.

A mesma preocupação com o colapso de Regan meses atrás estava escrita em sua face. Outra não. Deus, por favor, outra não.

“EU OU ELAS?” ela gritou com o topo de seus pulmões.

Sr. Armstrong sabia que não devia tocar nela. Aquilo era um processo esperando para acontecer. Ele convocou uma professora mulher para fazer o que ele não podia, e eles precisavam agir rápido. Sra. Griffin tentativamente tocou o ombro de Hannah.

“Querida, esta bem,” ela disse de forma tranquilizadora.

“EU OU ELAS?” Hannah gritou de novo. Ela socava a mesa com punhos nervosos.

“Hannah, vamos,” Sra. Griffin, tentando dirigi-la para a porta da cafeteria.

“Você é um traidor, Jeremy!” Hannah chorou, suas palavras gritando sua traição.

Ele fez uma careta, pendurando sua cabeça com vergonha. Ele não iria responder a ela, e por omissão, tomou a decisão não proferida.

“Pessoas cometem erros...” Hannah ouviu Regan dizer enquanto ela virava suas costas para eles.

As palavras alimentaram uma raiva maníaca. Ela se libertou do aperto de Sra. Griffin e investiu contra a mesa.

“MALDITA VADIA!” ela berrou, arremessando a bandeja de comida de Regan. A comida voou para todo lado. Ela se virou para Jeremy. “MALDITO CUZÃO!” e derrubou a bandeja dele, também, espirrando leite e macarrão com molho por toda a camiseta de Jeremy. “E VOCÊ!” ela encarou Casey, e então subiu na mesa em direção a sua adversária. “EU VOU MATAR VOCÊ!”

“Hannah! Meu Deus!” Sra. Griffin exclamou, agarrando os braços da garota e a puxando para baixo. Eles batalharam por um momento — Hannah desesperada para pegar Casey — antes de Sr. Armstrong intervir. Precisaram dos dois professores para tirá-la da cafeteria, suas obscenidades ecoando corredor abaixo e dando com a portas do refeitório por muito tempo depois de ela estar seguramente longe.

Silêncio.

E então um único aplauso. E outro. E outro até a cafeteria

explodir em gargalhadas, brindando, cantando e batendo. O pessoal do almoço pedia ordem, mas não havia como abrandar o motim emocional. Nem abrandar os punhos erguidos e gritos histérico. Nem abrandar as reações não razoáveis de garotos não razoáveis. As únicas três pessoas a continuar em silêncio eram as vítimas da ira de Hannah — as pessoas que entendiam a dor dela.

“O que faremos?” Regan perguntou a Jeremy.

Ele balançou a cabeça.

“Ela vai ficar bem?”

Ele pausou, depois balançou sua cabeça

“Isso é minha culpa,” Casey disse. “Eu não deveria ter sentado aqui.”

Regan ficou mais irritada. “Pare já com isso. Você se desculpou o bastante. Em algum ponto você vai ter de parar de se autoflagelar.”

“Regan, eu destruí a vida dela!” Casey chorou.

“Você não tem tanto poder *assim* sobre a vida de uma pessoa,” Regan disse.

Casey ficou em silêncio.

“Deus, eu gostava mais quando você era uma vadia maldosa,” Regan murmurou.

“O quê?”

“Não *quis dizer* maldosa com as pessoas. Só um tipo de autoabsorta. Eu sei lá,” Regan bufou, e olhou para seu namorado, implorando. “O que nós faremos, Jer?”

“Como eu poderia saber?” ele soltou. “Porque está me pedindo respostas?”

“Ela é sua boa amiga!”

“Ela não é minha boa amiga. Eu nem mesmo sei onde ela mora!”

Regan bufou.

“Eu deveria mandar flores?” Casey ofereceu.

Jeremy e Regan voltaram suas cabeças na direção dela.

“Você está de brincadeira comigo?” Jeremy perguntou.

Regan acrescentou. “Aqui a mensagem no cartão: Querida Hannah, desculpe por você não ter podido me matar no almoço no outro dia. Eu espero que você melhores logo! Beijos, Casey.”

“Vão se foder vocês dois,” Casey expeliu.

“Não, foda-se eles,” Regan disse, apontando os alunos que estavam celebrando o surto de Hannah.

“E vocês namoraram com eles,” Jeremy disse rancoroso.

As garotas viraram seus rostos para ele de novo. Silêncio hostil fluía entre eles.

“Nós namoramos,” Casey disse finalmente. “E esse é nosso pecado.”

Ele não disse nada.

“E você trouxe isso à tona para machucar — para nos fazer sentir vergonha,” Casey prosseguiu. “Esse é o seu pecado.”

Eles se encararam. E então Jeremy assentiu. Casey assentiu de volta. Trégua. Uma fraca amizade nascia.



Hannah nunca retornou a escola. As fofocas ofereciam uma multidão de cenários — cada um ‘a verdade’. Ela teve uma fusão nervosa e foi internada em Clairemont, o famoso centro psiquiátrico de Mountainview. Ela mudou com sua família para fora do estado. Ela se matou cortando os pulsos. Não, ela se matou se enforcando. Não, espere. Ela matou sua família e depois se matou colocando fogo na casa.

“Eu odeio todo mundo,” Regan murmurou para si mesma, pegando o rabo de uma conversa entre dois alunos que estavam

passando. Eles estavam discutindo sobre Hannah.

Ela se encontrava bem sozinha no fim do dia na escola. Jeremy estava doente em casa. Casey tinha ido diretamente depois da escola para o trabalho. Regan tinha um pouco de tempo antes de precisar ir para o trabalho. Hoje, ela iria decorar um bolo de aniversário infantil. Ela respirou profundamente e tentou virar as costas para sua atitude de coitada. Ela não queria energias negativas invadindo o glace.

“Eu sei que eu não deveria falar com você,” veio uma voz masculina por trás dela.

Ela se virou. “Toca em mim e eu te mato.” As palavras tombaram com zero restrição.

“Eu não vou te tocar,” Brandon disse.

Regan agarrou sua bolsa em seu peito. “O que você quer?”

“Eu só quero saber como você está,” Brandon disse.

Regan explodiu em gargalhadas. “Sério?”

Ele não disse nada.

“Você destrói todas as minhas amizades, e você tem os nervos para me perguntar como eu estou? Não, espere. Você espalha rumores de quão ruim eu sou sexualmente, e você tem os nervos para me perguntar como eu estou?”

Brandon a encarou, perplexo. “Huh?”

“Eu não sou estúpida. Eu sei que esses rumores vieram de você. E eu sei que você disse a todos em nosso grupo para me ignorar — para me dar um gelo! Porque você estava sofrendo por eu ter te dado um pé na bunda.”

“Deus, Regan, você é tão paranoica,” Brandon respondeu casualmente. “E hostil.”

“Se eu sou hostil, é porque você me deixou assim,” Regan soltou. “Por favor, saia. Eu tenho que ir trabalhar.”

“Olha,” Brandon disse, pulando na frente dela. “Eu sinto muito sobre tudo que aconteceu. Você não tem de acreditar em mim, mas

essa é a verdade. Quero dizer, depois de ver o que aconteceu com Hannah, eu percebi que as coisas precisam mudar.”

“Eu nem mesmo sei o que isso quer dizer.”

“Coisas por aqui precisam mudar.” Brandon disse.

“Que coisas?”

“O jeito que as pessoas são tratadas,” ele esclareceu.

Seus olhos quase saíram de sua cabeça.

“Eu sei que sou parcialmente culpado —”

Ela abriu sua boca.

“Deixe-me terminar,” ele disse rapidamente. “Por favor, só me deixe terminar.”

Ela se calou.

“Eu sei que sou um cara popular e eu tenho um monte de poder. As pessoas me tomam como exemplo.” Ele pausou e coçou sua cabeça raspada. “Eles esperam que eu os guie.”

Regan se mexeu em seus pés impacientemente.

“Eu não sei se alguma vez quis estar nesse tipo de posição,” Brandon disse. Ele a olhava com expectativa.

“E porque isso, Brandon?” ela perguntou, com ironia.

“A pressão. Eu... eu não acho que me saio bem sob a pressão disso tudo,” ele respondeu.

Regan aguardou, levemente intrigada.

“Eu admito,” ele continuou. “Eu fiz bullying com as pessoas enquanto estávamos namorando. Eu tentei esconder de você tanto quanto possível.” Ele balançou sua cabeça. “Eu não sei o que tem de errado comigo. É como se quanto mais pessoas me empurrando para esse papel de líder, mais eu retrocedo. Eu nunca quis ser aquele cara. Eu acho que estava louco com isso, então eu só descontava nos perdedores.”

“Eu não gosto dessa palavra,” Regan disse.

Brandon suspirou.

“Eu não sei se eu caio nessa,” Regan disse, “mas eu vou te dizer isso: você tinha potencial. Você poderia ter sido um ótimo líder para esta escola. Eu testemunhei sua gentileza. Eu vi sua humildade. Eu me lembro de você quando estive muito perto do ponto de virada. Quando você quase veio para o lado bom. E eu não sei o que te parou exceto um coração realmente ruim. Isso te fez tentar me mudar. Isso te fez ir atrás das pessoas tudo de novo — pessoas que não te fizeram nada. Isso inflou seu ego e te encorajou a me bater—”

“Regan, aquilo foi um acidente,” Brandon interrompeu.

“Eu não consigo acreditar em você, Brandon,” Regan disse. “Eu não vou mesmo acreditar que foi um acidente.”

Ele a olhou desconsolado.

“Você poderia ter sido alguém realmente incrível,” Regan continuou. “Mas qualquer que seja a raiva que estava dentro de você arruinou tudo.”

Brandon franziu o cenho. “Então o quê? Agora você está me dando uma lição namorando *aquela* cara?”

“Namorar com Jer não tem nada a ver com você,” Regan explicou calmamente.

“Ele é todo bagunçado, também, Regan. E você vai de um cara bagunçado para o próximo.” As palavras deveriam ter soado maliciosas, mas quase parecia que Brandon estava tentando alertá-la.

Ela segurou sua respiração. “Nós todos somos bagunçados em um certo grau.”

“Oh, você é tão sábia,” ele disse, petulante.

“Você vai me deixar terminar?”

Ele deu de ombros.

“Nós todos somos bagunçados, mas eu sei a diferença entre um cara bom e um cara mau.”

Silêncio.

“Eu sou tão mau, huh?” Brandon perguntou. “Que tal isso? Eu sou o cara que vai estar submetendo uma política anti-bullying para o conselho de alunos na próxima semana.”

De novo, olhos arregalados. Brandon se encorajou.

“Sim, é isso aí. Você acha que eu sou um babaca. Bem, babacas podem ter seus momentos de encontrar Jesus, também, você sabe.”

Ela estreitou os olhos. “O que tem nisso para você?”

Ele foi pra trás, chocado.

“Não faça isso. Eu não caio nessa,” Regan disse. “Me diga agora mesmo. O que tem nisso para você?”

Ele derrubou a falsa pretensão e riu, se inclinando para perto para sussurrar em sua orelha.

“Eu vou ser o herói.”

• • • • •

Ping!

Caiu de novo, como um sino tocando no centro de seu coração. Começou partindo em intervalos aleatórios naquela manhã enquanto ele se preparava para a escola. Aquilo continuava em seu caminho. Acelerou quando ele viu sua namorada esperando por ele em seu armário. Se tornava frenético quando ela se ergueu nas pontas dos pés e beijou seus lábios.

Alegria. Aquele sentimento ilusório. Ele lembrou de um longo tempo atrás deitado na cama na noite em que Regan o visitou com cupcakes, pensando que ele sentia isso queimar em seu coração. Ele não estava certo na ocasião, mas ele sabia que ele sentia isso agora — como se seu coração finalmente curasse após anos de abuso, anos de tormenta.

Seu pai não era mais uma ameaça. Os alunos não pareciam ser também. Sua vida estava mudando, seu propósito... mudou. A imagem

opaca de seu futuro não mais parava com ele no fim do corredor segurando um rifle em uma mão, uma pistola na outra. Ele parava de mãos vazias porque ele já tinha baixado suas armas.

A missão pelo qual ele viveu se tornou fútil — o plano claro e detalhado desconcertado pela felicidade.

Felicidade alterava tudo. Tirava o cabelo de seus olhos. Engessava um sorriso bobo em seu rosto. Crescia uma confiança que ele nunca possuiu antes — uma confiança que ele teve de conferir na ocasião. Era fácil demais se tornar um babaca convencido porque ele tinha a garota. Ele tinha um carro que andava, uma prancha de snowboard novinha e um futuro. Ele tinha uma vida boa.

Oh, que diabos? Ele era para ser um idiota. Ele pensava que tinha ganhado isso pelos anos de sofrimento nas mãos daqueles idiotas cabeças de vento.

Ele descia os corredores com passos vagarosos, bem consciente de Brandon estar atrás deles, observando os braços de Jeremy segurarem confortavelmente os ombros de Regan. O braço dela envolvia sua lombar, e ela se inclinava para ele enquanto andava, o usando como uma muleta. Uma muleta de amor.

Seu peito inchava, adrenalina chutando por dentro em uma marcha mais alta. Não rápido demais. Ele ainda poderia controlar isso, e ele queria que o que ele planejou a seguir fosse muito controlável.

Ele balançou seu braço para cima — o braço apoiado no ombro de sua namorada — erguendo sua mão como em um sinal a direita. E então ele abaixou todos seus dedos menos um — aquele do meio. Não era mais um sinal a direita, mas era um sinal, mandando uma clara mensagem: *vai se foder, filho da puta.*

Ele abaixou sua mão para a parte de baixo das costas de Regan, lentamente traçando o comprimento de sua espinha com o dedo ofensivo, se certificando de que Brandon tivesse uma perfeita visão de sua mão deslizando confortavelmente para o bolso traseiro de sua calça skinny.

Ela guinchou. “Estamos na escola!”

Ele riu diabolicamente e apertou sua bunda, depois olhou por cima de seu ombro. Inimigo público número 1 estava congelado em seu lugar, a confusão rodopiando em suas duras feições. Sua mão abria e fechava em socos. Suas narinas se alargavam. Seus olhos se estreitavam com propósito, e Jeremy sabia o que propósito era.

Não se eu te derrotar nisso, ele pensou presunçosamente, e virou o corredor para fora de vista.



A força o catapultou para frente. Ele tropeçou no pavimento rachado e mergulhou de cara no chão. Seus reflexos o salvaram de esmagar seu rosto — suas palmas absorveram a queda.

Suas costas gritavam, calor latejante que rasgava ao longo de sua espinha e por seus braços.

Outro golpe. Dessa vez em sua lombar. Ele gritou e se encolheu por instinto. Brandon pairava sobre ele segurando uma barra de ferro.

“Você acha que é engraçado agora, babaca?” ele xingava, ondulando a barra ameaçadoramente.

“Vai se foder,” Jeremy suspirou, procurando por uma arma para si.

“Não eu, você,” Brandon disse. “Você é o único que vai se foder. Você acha que é alguma coisa especial agora porque esta namorando com a minha ex? Adivinha o quê? Você pode ficar com ela. Ela é um saco. Como você. Vocês, caras, são perfeitos um para o outro.”

“Então me deixa em paz,” Jeremy respondeu.

“Oh, não, não,” Brandon disse. “Eu não vou te bater pra caralho por causa de Regan. Eu estou te batendo porque eu te odeio até as tripas.”

“Por quê?”

“Porque você é um maldito imbecil!”

Jeremy bufou. “Você é um idiota.”

Brandon balançou a barra como um machado, mas Jeremy era muito rápido. Ele rolou para sua direita e pulou em seus pés. Sua espinha berrou, a dor afiada saía uma a uma de seu cóccix.

“Eu não fiz nada pra você!” Jeremy gritou, pulando para trás para evitar a barra.

Brandon agora a usava com uma espada, estocando para frente em direção a seu desarmado oponente. Jeremy dançava ao redor, tentando evitar que ela perfurasse seu coração.

“Claro que fez,” Brandon respondeu. “Você tomou espaço em minha escola. Você adicionou a população dos perdedores, e nós não precisamos de nenhum mais deles.” Ele pausou, pensando. “Você olha para mim às vezes. Sim, está certo. Quem caralho você pensa que é para olhar para mim? Eu alguma vez te disse que você poderia olhar para mim? Continua com seus malditos olhos no chão, Scarface!”

Jeremy rangia seus dentes. A arrogância desse cara. Deus, ele o odiava pra caralho!

“Eu matei meu pai,” Jeremy disse baixo. “O que te faz pensar que eu não vou matar você?”

Brandon virou sua cabeça para a esquerda e depois para a direita. “Bem, eu não vejo um bastão de baseball em lugar nenhum, então eu acho que você está sem a merda da sorte.”

“Eu não preciso de um bastão,” Jeremy disse.

“Você está dizendo isso para o cara segurando uma grande barra de ferro,” Brandon respondeu. “Não seja um idiota.”

“Então largue sua arma e lute como um homem.”

Brandon explodiu em risadas. Seus cacarejos deixaram Jeremy em fúria. Ele arremeteu para seu inimigo, o envolvendo em um nervoso abraço de urso e o encostando contra o lado do prédio. Naturalmente, Brandon escolheu um beco como seu ponto de ataque. Como um valentão idiota de um filme B.

“Você precisa me dar um pouco mais de respeito,” Jeremy rosnou, saliva voando de seus lábios para a cara de Brandon. “Eu não

sou aquele saco de pancadas que eu era no último ano. Ou no ano antes desse. Ou no ano antes daquele.”

Brandon o empurrou e se moveu desordenadamente. A barra deslizou de sua mão e voou no ar, aterrissando muitos metros à frente.

“Agora o que é que você vai fazer?” Jeremy zombou.

Ele assistiu as contorções do rosto de Brandon — preso em fervente frustração. Um cara frustrado não era um cara esperto. Um cara frustrado cometia erros críticos.

“Vou te matar!” Brandon berrou, investindo contra Jeremy sem controle.

Jeremy pulou para sua esquerda, fechando sua mão, e prendendo o pulso de seu rival. Ele usou a propulsão de Brandon para desequilibrá-lo e atirá-lo facilmente no chão.

Controle versus descontrole.

Ele socou o olho esquerdo de Brandon. E depois o direito. Deu uma cotovelada no nariz dele, ouvindo o doentio trincado de osso esmagado e cartilagem. Brandon gritou em agonia, lançando seus punhos ao redor, fazendo contatos impensados com as costelas de Jeremy.

“Caralho,” Jeremy respirou, indo para trás, segurando seu meio.

Brandon se levantou, limpando continuamente o sangue vazando de seu nariz.

“Outro round?” Jeremy perguntou, se preparando para o impacto.

Brandon hesitou, se limpando com mais urgência.

E foi quando Jeremy baixou sua guarda. Ele tomou a conclusão errada e pagou o preço.

Brandon o arrastou para o chão em um flash, transpondo e agredindo-o do mesmo jeito que seu pai fazia. Quanto mais seu corpo podia aguentar?

Ele agarrou a garganta de Brandon, apertando o mais forte que

conseguia. E então ele quebrou o código dos caras porque ele estava justificado. E porque ele já não era mais um saco de pancadas.

Então ele levantou seu joelho, batendo na mais vulnerável área de Brandon, bem entre suas pernas.

“MALDITO PORRA MERDA PORRA!” Brandon chorava, rolando para os lados e segurando a si mesmo.

Jeremy ainda ficou deitado ao lado de seu lamentoso e gemedor oponente, sabendo que a discussão estava acabada. Ele respirou profundamente e silvou, sentindo dores agudas nas duas seções de suas costas assim como em sua costela direita.

Ele virou seu rosto para olhar para Brandon, assistindo as lágrimas rolarem de seus olhos inchados. Fez um inventário mental das injúrias de Brandon: dois olhos roxos, nariz quebrado, lábio rachado, articulações dos dedos quebradas. Ele pausou, os olhos se derramaram sobre as mãos em concha de Brandon. Bolas esmagadas.

“Chega,” Jeremy disse, lentamente se sentando.

“Chega,” Brandon murmurou.

Jeremy levantou e hesitou. Ele estava certo de que era uma trégua temporária, mas mesmo em tréguas temporárias, você deveria ajudar seu oponente a se levantar do chão?

Porra, não! Seu cérebro gritou. Você perdeu sua mente?

O que diabos ele estava pensando? O fugaz pensamento de ajudar Brandon o deixou monstruoso. Ele olhou para seu inimigo e apertou seus punhos.

“Isso não muda nada,” ele cuspiu.

“Eu estava pensando isso mesmo, seu merdinha,” Brandon respondeu.

Mesmo em uma posição comprometedora, Brandon ainda não iria ceder. Valentão antes. Valentão agora. Valentão para sempre.

Jeremy se virou e foi para casa.



Pessoas não mudam. Você pega o que você é quando nasce. Se você tiver sorte, você pode ser capaz de manipular sua personalidade um pouco através dos anos. Mas essencialmente você continua o mesmo: Tímido, arruinado, susceptível, medroso, poderoso, inteligente, estúpido, artístico, espástico, pragmático, dogmático, asmático. Que seja. Meu ponto? Esse é você e você terá de lidar com isso. Você vai ter de encontrar pessoas que queiram te aguentar com toda sua palhaçada porque você não vai mudar. Ele não está mudando. Ela não está mudando. Nós todos somos fodidos — forçados a viver no mesmo mundo com pessoas que odiamos. Eu sei o que você está pensando: “Nós não podemos todos progredir?” Deus, a pessoa que vem com essa precisa de meu punho em sua cara.



00:02

“Deixa isso quieto, Regan!” Jeremy gritou do outro lado do cômodo.

Ela ficou em silêncio.

Ele balançou sua cabeça. “Sinto muito. Eu não queria gritar.”

“Eu não queria te mimar,” ela respondeu.

Ele riu e sentou cautelosamente na cama, silvando com a dor em suas costas.

“É que... você é meu homem, você sabe? E ninguém vai mexer com meu homem,” Regan disse.

Ele gargalhou, fazendo caretas com a dor que isso causava.

“Eu sei,” ele disse suavemente

“Eu quero te fazer se sentir melhor. Isso é uma parte de quem eu sou. Eu não posso evitar isso,” ela disse, se ajoelhando em frente a ele.

Seus olhos caíram sobre o seu decote. Sim, sua mente estava lá. Ele limpou sua garganta e a levantou, convidando-a a sentar perto dele na cama. Assim era melhor.

“Se você quer que eu conte piadas, eu vou tentar,” ela ofereceu.

Tão doce. Ele não a merecia.

“Eu não vou fazer isso tão bem quanto Hannah, tenho certeza. Mas posso tentar.”

“Você não tem que contar piadas,” Jeremy disse. “Eu... eu prefiro que você me mime.”

“Sério?” ela riu de orelha a orelha.

Ele assentiu.

“Onde está doendo?” ela perguntou.

“Tudo.”

Ela puxou sua camiseta e fez um inventário mental dos danos. Manchas vermelhas profundas abrangiam toda a amplitude de sua lombar. Ele tinha uma mancha combinando um pouco mais acima, correndo paralela como trilhos de trem.

“Você parece como se tivesse sido atropelado por um carro,” ela disse.

“Eu me sinto desse jeito,” ele admitiu. “Mas ao menos eu deixei a cara dele boa.”

“Boa quanto?”

“Dois olhos roxos, nariz quebrado e um lábio partido.”

“Oh meu Deus...”

Jeremy olhou para sua namorada. “Eu acho que uma barra de metal nas costas justificava tudo isso, não acha?”

Ela fez que sim com a cabeça enfaticamente.

“Oh, e eu dei uma joelhada nos amendoins dele.”

A boca de Regan caiu aberta.

“Eu sei que foi um pouco baixo, um movimento de idiota, mas ele tinha me prendido. Eu não tinha escolha.”

“Porque foi um movimento de idiota?” Regan perguntou.

Jeremy balançou sua cabeça. “É só uma coisa combinada entre os caras. Você não vai ali. É como briga de garotas.”

Regan considerou a explicação.

“Eu deveria ter chutado ele nas bolas,” ela disse depois de um momento.

Jeremy riu. “Oh sim? Quando?”

“Quando ele me bateu.”

“O QUÊ?”

Ela colocou sua mão no braço dele. “Calma.”

“Calma? Você está de brincadeira comigo?” Jeremy exclamou. “Quando ele te bateu?”

“No meu aniversário,” ela respondeu.

“Eu sabia! Eu sabia que tinha alguma coisa com você naquela noite. Um estranho na porta do seu carro... me dá um tempo.”

Ela riu timidamente.

“Eu não posso acreditar que você não me falou!”

“Porque eu iria, Jeremy? Então eu poderia te ver desse jeito? Então eu poderia ter você me defendendo? Eu não preciso que você me defenda.”

“Você é minha garota. É melhor acreditar que eu vou defender você,” ele disse. “Eu vou matar aquele filho da p—”

“PARE,” Regan ordenou. “Você não tem permissão de falar essa palavra de novo. Isso está sempre com você. Você vai matar esta pessoa. Você vai matar aquela pessoa. Você vai matar o mundo inteiro!”

Jeremy apertou sua mandíbula. Regan percebeu.

“Quer saber? Eu estou feliz que ele me bateu. Sabe por quê? Porque ele colocou mais senso em mim.”

Jeremy a encarou com descrença. “Regan, você precisa de ajuda.”

Ela explodiu em risadinhas. “Você me falando isso?”

Ele não disse nada.

“Você?” ela continuou, rindo histericamente. “Você me dizendo que *eu* preciso de ajuda?”

“Terminou?”

“Eu poderia ainda ser aquela babaca se ele não tivesse me batido.”

“Pare de me falar que ele te bateu,” Jeremy disse. Ele já estava

fazendo planos em sua cabeça — elaborando um novo esquema de pagamento.

“Eu só estou dizendo que isso me deu perspectiva.”

“Pare de dar desculpas para o que ele fez,” Jeremy disse.

“Eu não estou dando desculpas. Eu estou tentando fazer piada com isso... como Hannah faria!”

Ele revirou seus olhos. Ela deslizou seu braço ao redor do dele e descansou sua cabeça em seu ombro.

“Onde mais ele te machucou?” ela perguntou suavemente.

“Quem sabe? Minhas costelas estão me matando.”

“Me deixe ver,” Regan disse, puxando a frente de sua camiseta.

“Você não pode ver as costelas,” Jeremy respondeu.

“As manchas,” Regan explicou.

“Está provavelmente roxo.”

“Oh, pelo amor de Deus! Apenas tire a sua camiseta! Não consegue ver que eu estou tentando te fazer tirar a camiseta?” ela choramingou.

Ele engoliu em seco. Ele não estava esperando esta virada de eventos. Como poderia ele se concentrar em alguma coisa sexual quando tudo em que poderia pensar era em enfiar sua 9mm no espaço entre os olhos de Brandon?

“Onde você está?” ela cantarolou suavemente.

Ele tentou um sorriso.

“O que está acontecendo em sua cabeça, Jer?”

“Eu não sei.”

“Como eu faço para você prestar atenção em mim?” ela perguntou.

“Eu não sei.”

Ela suspirou e se levantou abruptamente — diretamente na frente dele — puxando sua camiseta por cima de sua cabeça. Jogou para o lado e esperou. Ele não se mexeu. Ele não falou. Essencialmente, ele era uma pesada estátua de mármore *vacilando vacilando vacilando...* oh, isso foi esmagando a confiança dela e a quebrando em pedacinhos. Ela embrulhou sua cintura protetoramente, se encolhendo, tentando se esconder atrás de si mesma.

“Não,” ele disse suavemente. “Não faça isso.”

Ela abaixou seus braços.

Ele encarava sem vergonha seu sutiã, sabendo que ele era o mais fino material que barrava seus olhos de seus seios nus. E ele queria olhar para eles. E tocá-los. E beijá-los. De repente, ele se sentia bem.

Suas costas milagrosamente curaram! Costelas quebradas? Não! Manchas superficiais no máximo. Adrenalina era uma droga poderosa. Cegava toda a dor na mesma hora.

“Regan,” ele suspirou.

Ela pegou a mão dele e a guiou até seu peito direito.

“Oh meu Deus,” ele suspirou.

Ele não mexeu. Ele não apertou. Ele só ficou sentado ali com sua mão pressionando a incrível teta dela. Ele não conseguia tirar as palavras de sua cabeça: incríveis tetas. Ele quase as disse em voz alta. Ele sabia que as tinha murmurado.

“O que você disse?” ela perguntou, rindo.

“Uh, eu não sei,” ele murmurou, encarando sua mão sugada pelo corpo dela.

“Eu odeio meus peitos,” ela disse depois de um momento.

“Eu não.”

Ela riu.

“Eu tenho de enrolá-los bem apertado para o futebol,” ela disse. “Eles ficam no caminho.”

Ele realmente não entendia. Era difícil se concentrar em suas palavras quando tudo que ele queria fazer era puxar seu sutiã para expor seu mamilo. Puta merda, seu mamilo.

“Uh huh,” ele disse.

Ela riu. “Você não está entendendo nada, né?”

Ele balançou sua cabeça e desejava que conseguisse prestar atenção.

“O que você quis dizer com enrolar eles?”

“Em bandagens compressoras,” ela respondeu. “Para achatá-los. E segurá-los para não ficarem pulando.”

“Sutiãs esportivos não fazem isso?”

“Até um certo nível,” ela respondeu.

Seu braço doía. Ele realmente não queria tirá-lo, mas ele estava ficando dormente. Ele abaixou sua mão.

“É difícil pegar uma bola com o peito com grandes tetas,” ela explicou.

Ele pensou por um momento. “Grandes tetas não fariam a bola ir mais longe?”

Ela explodiu de dar risada.

“Isso faz sentido de verdade,” ela disse. “Mas elas funcionariam mais como almofadas do que camas elásticas.” Ela pausou e olhou para baixo. “Nesse estágio avançado, a propósito.”

Ele queria enfiar seu rosto nas almofadas dela.

“Eu só... eu sou autoconsciente sobre eles, mas eu vejo você olhando meu peito o tempo todo, então eu pensei que você quisesse dar uma espiada.”

Ele riu. “Era assim tão óbvio?”

Ela assentiu.

“Eu sinto muito que você não goste deles, Regan,” Jeremy disse.

“Eu sinto muito que eles sejam um incômodo para você no campo. Mas da minha perspectiva, e da perspectiva de qualquer cara tarado, eles são as coisas mais incríveis do planeta.”

“Sério?” ela disse suavemente.

“Sério.”

Suas mãos desapareceram em suas costas. Elas reemergiram de suas laterais no momento exato em que seu sutiã caiu no chão.

“Deus,” Jeremy murmurou.

Ela subiu em cima dele, se abrindo em seu colo, sorrindo orgulhosamente com o conhecimento do poder feminino.

“Vem aqui, Jeremy,” ela disse, enlaçando seus dedos nos cabelos dele e o puxando gentilmente para recostar seu rosto entre seus seios. “Me deixe te mimar.”

Ela usou seus seios desnudos como uma tática para distraí-lo de sua raiva. Ela os usou para cegar sua dor física, apagar qualquer pensamento de vingança de seu mais odiado inimigo. E isso funcionou por um tempo.

Mas eventualmente ela tinha de ir para casa, e ele foi deixado com somente a escuridão de seu quarto e pensamentos sobre Brandon — o garoto que merecia ser varrido do planeta.

“Eu sei que você está aí,” ele disse em voz alta.

Silêncio.

“E eu sei que você está louco comigo.”

Nada.

“Brinque comigo,” Jeremy disse, o convidando para vir e jogar. “Pegue sua arma.”

Vai se foder, o vigilante soltou.

Jeremy não disse nada. Ele aguardou pacientemente por sua interrogação.

Ele mexeu com você por anos. Ele mexeu com Hannah por anos.

Você se esqueceu disso enquanto estava brincando com Regan? Ele bateu nela, pelo amor de Deus! Ainda está terminado? Está terminado comigo e nossa missão? Você abaixou suas armas? É isso?

Jeremy fechou seus olhos. “Eu não quero lutar mais.”

Mas ele não estava certo de que acreditava nisso. A imagem de Brandon estapeando o rosto de sua namorada fez seu coração acelerar — cheio de fogo vingativo que queimava dolorosamente por dentro de seu peito. Ele conhecia o único jeito para extinguir as chamas, mas ele não estava completamente seguro de que seu coração ainda estava nessa.

Pegue suas armas, Jeremy. Se lembre pelo que está lutando. Não é só sobre você. Você está lutando por todos eles — todas aquelas pessoas que cagaram todos os dias sem nenhuma razão. Aquilo costumava te chatear. Isso ainda deveria te chatear. Encontre a raiva. Ainda esta dentro de você. Você sabe que isso é justificado. Você sabe que isso é o certo.

Ele apertou os lençóis em cima dele, segurando apertado com suas mãos encharcadas de suor.

Ser o herói. Ser aquele que os salva. Ser aquele que encerra o ciclo de abusos.

Uma única lágrima escorregou de seu olho.

Não chore por isso, seu bicha! Encontre sua ira! Encontre sua determinação! Escolha suas armas e lute! Ele balançou sua cabeça.

Escolha suas armas e lute!

Ele tocou sua cicatriz. A memória de Brandon zombando dele na sexta série correu em frente a seus olhos: “Você é uma aberração! UMA ABERRAÇÃO!” ele disse, rindo com seus parceiros.

Pegue suas armas e lute, Jer. Isso não vai terminar se você não fizer isso.

Oitava série: o primeiro soco de verdade de Brandon. Seus socos no estômago de Jeremy. Deixando-o sem ar. Ele pensou que iria morrer, buscando desesperadamente por ar.

“Está certo, Scarface! Vá para trás da linha.”

Pegue suas armas e lute!

Décima primeira série: Ponto de ônibus. Lábios sangrando. Costelas com hematomas.

“Se você olhar para ela de novo, eu vou te colocar numa cadeira de rodas. Permanentemente.”

Pegue suas armas e lute!

Jeremy assentiu.

Sim! Pegue suas armas e lute!

“Está bem.”

Com convicção! Pegue suas armas e lute!

“Eu vou fazer isso.”

Me faça acreditar em você! Pegue suas armas e lute!

Ele pulou para fora da cama.

“Eu vou fazer isso! Eu vou matar ele! Eu vou matar eles!” ele gritou para o espaço escuro.

Silêncio.

Ele piscou, procurando no cômodo pelo seu vigilante. Ele esperava que ele se materializasse, pegasse seu dedo e o levantasse no ar: “Nós temos um vencedor!”

Ele hesitou, e quando ninguém apareceu, ele voltou para a cama, se encavando profundamente em seus lençóis, tentando se esconder de seus princípios mortais.

~

Eu não tenho nenhuma maldita coisa a dizer sobre isso.

~

S. WALDEN

INTERIM

00:01

Trabalho de laboratório normalmente consiste de muito movimento, conversas, queimas, misturas, medidas, cortes, catalogações. Hoje, apesar, o laboratório estava quieto — os seniores estavam estudando individualmente para um exame que estava chegando.

O único barulho era o baixo zunido do ar condicionado estalando — tentando manter uma temperatura variável. Alguns pássaros tagarelavam nas árvores plantadas do lado de fora da janela do laboratório. Eram sons agradáveis que compensavam a fervilhante atmosfera estudantil de dentro.

Regan deslizou um recado para Casey, que sufocou um sorrisinho. Srta. Griffin limpou sua garganta e atirou olhos de alerta na direção das garotas. Os alunos só recebiam um. Se ela tivesse de fazer o negócio do olho uma segunda vez, era hora de ir para a diretoria. Elas ficaram quietas e continuaram seus trabalhos.

Pop!

O barulho soava distante. Metade da classe olhou para cima.

“Voltem ao trabalho,” Srta. Griffin ordenou.

Eles voltaram ao estudo. Provavelmente um cano explodiu em algum lugar. Contanto que não ficasse com cheiro de vazamento de gás, eles estariam bem.

Pop pop!

Todos olharam para cima dessa vez, encarando a Srta. Griffin, esperando uma explicação.

“Canos ou algo do tipo,” ela murmurou, desconcentrada, e deixou sua mesa.

Regan mordida a sua unha. Ela não conseguia localizar com precisão o som, mas sabia que já tinha ouvido ele antes. Muito tempo atrás. Talvez com seu pai? Onde? Onde ela ouviu isso? Ela mastigou e

mastigou até sair sangue. Ela assistiu o sangue derramar de sua unha atarracada, e então o entendimento queimou em seu cérebro como um ofuscante raio de sol.

Uma viagem de caça. Uma arma. O *pop pop* da arma!

“Jesus cristo,” ela respirou, a mente a mil. “Jeremy.”

Ela não podia ignorar isso — sua briga com Brandon, suas palavras ameaçadoras. O diário. O diário! Mas o encontro! Hoje era 15 de março, quase um mês inteiro antes da data que ele tinha escrito no diário.

“Não está certo,” ela respirou, então pulou de sua mesa. “Fiquem aqui!” ela gritou para seus colegas de sala e se dirigiu a porta.

Casey pulou também, e a seguiu. “Regan! Onde você está indo? O que tá acontecendo?”

Pop pop pop!

Mais perto dessa vez. Onde estava Srta. Griffin? Porque ela não tinha retornado?

Regan se virou ao redor. “Tranca essa porta,” ela ordenou.

Casey agarrou os pulsos de Regan. “O que está acontecendo? Que barulho é esse?”

“Sim, o que é isso?” Brandon chamou dos fundos da sala.

“Casey, tranca está porta. Eu estou falando,” Regan disse. “Eu tenho que ir. Agora.”

“O quê? Eu não posso trancar a porta. Eu não tenho a chave!” Casey choramingou. “Onde você está indo?”

Lágrimas instantâneas.

Pop pop!

Alguém gritando no corredor.

“ACHA A CHAVE!” Regan gritou, praguejando a administração. Praguejando os designers do prédio. Portas só fechavam por dentro com uma chave — uma medida de “segurança” para impedir os alunos

de trancar os professores para fora das salas.

Casey correu para a mesa da Srta. Griffin e arrancou as gavetas. Outros alunos correram ao seu lado para ajudar na busca.

Regan correu para a porta, certa de que iria encarar face a face com Jeremy neste corredor — corredor D. Ela tinha isso; os tiroteios eram barulhentos demais para ser em algum outro lugar.

O corredor estava deserto. Ela parou em seus passos, esperando pelos próximos sons.

Pop pop pop pop!

Ela correu pelo comprimento do corredor e virou à direita, seguindo os sons sinistros através da passagem vazia. Ninguém. Em lugar nenhum.

“Bom,” ela bufou. “Eles estão escondidos. Isso é bom.”

Ela apertou seu passo e virou em outro canto, enxugando de vez em quando suas lágrimas de culpa. Ela era a culpada. Se as pessoas estavam sendo mortas nesse instante, a culpa era dela. Como ela pode ignorar os gritantes sinais? Como ela pode ignorar aquelas palavras em seu diário? Como ela o deixou enganá-la tanto?

POP!

Tão perto.

Mas talvez ele não a tivesse enganado. Talvez ele nunca tivesse tido um plano de atirar nas pessoas. Talvez foi a briga com Brandon que o enviou para a borda. Talvez ele estivesse bem até...

Ela virou o corredor gritando, “JEREMY, PARE!” então derrapou até parar.

Hannah se virou lentamente, aninhando um rifle em seu peito, como um bebê. Regan mal a reconheceu. Ela trocou suas roupas enormes e masculinas por um vestido rodado e sapatilhas. Seu cabelo espetado estava agora com as pontas rosa, e ela usava agora maquiagem completa: máscara, blush e batom.

Ela era uma assassina nocaute.

Regan piscou, depois lançou seus olhos para o chão. Srta. Griffin jazia aos pés de Hannah — atirada na perna — sangrando pelo chão.

“Regan, corra,” Srta. Griffin respirou.

“Sim, Regan, corra,” Hannah ecoou friamente.

Regan congelou. Urina escorria por sua perna, encharcando suas meias. Algumas gotas empoçaram no chão.

“Hannah?” ela perguntou, a voz trêmula.

“E você pensou que era Jeremy?” Hannah disse. Ela franziu o cenho. “Porque você pensou isso?”

Regan tremia incontrolavelmente, depois chorou quando Hannah ergueu o rifle em sua cara.

“Porque você pensou isso?” ela ordenou.

“Eu não sei! Porque ele estava possuído! Eu não sei!”

“Mentirosa. Você sabe de algo que eu não sei,” Hannah disse.

“H... Hannah, eu n-não sei. Ele estava possuído. Isto é tudo que eu-eu sei,” Regan soluçou.

“Você está me dizendo que eu poderia ter tido um parceiro no crime? Se eu tivesse só contado a ele meu plano!” Hannah disse com um simulado desapontamento.

Srta. Griffin queixou-se.

“Hannah, por favor, me deixe ajudar a Srta. Griffin,” Regan disse.

“Você está brincando comigo?”

Alunos, isso não é um exercício, a voz de Sr. Armstrong veio dos interfones. Reportem imediatamente para a sala mais próxima. Tranquem as portas. Apaguem as luzes...

“Merda,” Hannah murmurou, e se dirigiu para o escritório da frente.

“HANNAH!” Regan gritou.

... esconder. Coloquem pedidos de ajuda nas janelas por qualquer afronta. Isto não é um exercício. Isto é... Hannah, Cristo!...

Tiros rápido.

“Oh meu Deus!” Regan gritou, colocando suas mãos em suas orelhas.

Ela cerrou seus olhos, pensando absurdamente que ela poderia desaparecer. Mas a imagem da Srta. Griffin deitada indefesa no chão corria em sua mente, e ela sabia que não poderia ser uma covarde. Ela não iria ser uma covarde.

Ela correu para o lado da Srta. Griffin. “Você tem que me ajudar!” ela chorou, empurrando o braço de sua professora. “Eu não sou forte o bastante!”

A Srta. Griffin deslizou sua perna boa para baixo dela, usando Regan para equilibrá-la enquanto se levantava lentamente. Cautelosamente testou sua perna atirada, colocando mínima pressão sobre ela. Gritou.

“Okay, okay,” Regan disse rapidamente. “Está bem.”

Mas não estava bem. Ela deu uma olhada no ferimento — muito perto da artéria femoral. O sangue jorrava enquanto Srta. Griffin testava sua perna uma vez mais.

“Pare!” Regan gritou. Ela tirou sua camiseta e enrolou a perna da Srta. Griffin. Mas era muito grossa. Ela não conseguia amarrar apertado.

“Porra porra porra porra,” resmungou de novo e de novo, então arrancou suas meias molhadas de urina.

“Regan,” Srta. Griffin suspirou, e colapsou no chão.

“MALDIÇÃO!” Regan gritou. “Senta, Srta. Griffin! SENTA NESSA PORRA!”

Ela enrolou suas meias sobre a camiseta, puxando com força para fazer um torniquete — tentando parar o perigoso fluxo de sangue. Enganchou sua mão embaixo dos braços da professora, olhos procurando pela sala mais próxima. Inglês 10B. Vinte metros, pegar

ou largar.

“Srta. Griffin, nós podemos fazer isso.”

Sua professora assentiu uma vez, expelindo a última de sua energia.

Regan grunhiu e ficou tensa, puxando o mais forte que conseguia, deslizando sua professora lentamente descendo o corredor. Ela fez isso por alguns metros antes de parar.

“Intervalo de dez segundos,” ela disse para si mesma, *contando uma banana, duas bananas, três bananas...*

Se levantou e começou de novo. Diversos metros dessa vez, seus instintos de sobrevivência chutando ao limite: *eu não vou morrer hoje! E nem a Srta. Griffin!*

“Intervalo de dez segundos,” ela disse de novo, respirando pesadamente.

“Regan, está tudo bem,” Srta. Griffin suspirou. Mal detectável.

Outra puxada. Ela não iria parar até alcançar a sala 10B. Grunhidos e gemidos e determinação mental a levaram até lá. Ela espiou a sala. Luzes apagadas. As chances de a porta estar destrancada eram finas. Ela segurou a maçaneta.

A porta abriu.

Gritos e choros de dentro.

“Está tudo bem!” Regan falou. “Está tudo bem!”

Mas ela sabia que eles estavam abaixados de cócoras. Nenhum professor. Nenhuma chave.

Ela arrastou Srta. Griffin para dentro da sala.

“Me ajuda!” Ela gritou, e os alunos fecharam a porta para calar a ação.

Eles fecharam a sala assim que Regan e Srta. Griffin estavam seguramente do lado de dentro.

“Nós não conseguimos encontrar a chave. Nós não sabemos

onde o Sr. Howard está,” uma garota disse. Era Jamie — uma colega do time.

Regan deu uma olhada pela sala e então olhou Jamie, que estava encarando seu sutiã. Ela tinha esquecido que estava meio despida.

“Aqui,” Jamie disse, tirando sua jaqueta e enfiando nas mãos de Regan.

“Está realmente ruim,” Regan disse baixo, fechando o zíper. Ela apontou para a perna da Srta. Griffin. “Ache o kit de primeiros socorros. Enrole melhor.” Ela abaixou sua voz ainda mais. “Muita, muita pressão. Eu acho—”

“Eu entendi,” Jamie disse, e correu para o armário.

“O que eu posso fazer?” um garoto perguntou a Regan. Ele estava curvado sobre a professora.

Regan pensou por um momento. “Faça sinais. Cole na porta. Cole na janela. Realmente grandes. Tão grandes quanto você conseguir.” Ela o puxou para perto e suspirou em sua orelha, “Professora sangrando.”

Ele assentiu, e se precipitou para a mesa do Sr. Howard.

Regan vasculhou a sala e se fixou em uma aluna nos fundos.

“Você! Você tem um celular?”

Ela assentiu.

“Ligue para 9-1-1. Diga a eles que uma professora está machucada na sala 10B. Seja específica!”

A garota balançou a cabeça. “Eu estou tentando. Eu não estou conseguindo.”

“Continua tentando!! Lembre-se, 10B!”

“Ok, ok, 10B, 10B, 10B, 10B,” a garota repetia para si mesma.

Sirenes a distância. Exaltação instantânea.

“Cala a boca!” Regan gritou. “Calem-se e me ajudem a barrar

esta porta!”

Mas então uma nova percepção a acertou — algo de que ela estava muito distraída para descobrir até agora.

Ela estava na sala errada. Aqueles estudantes não estavam abaixados de cócoras. Os estudantes de cócoras estavam no laboratório: Brandon, Casey, Ethan, Alexia... todos os atormentadores de Hannah.

“Oh meu Deus,” ela sussurrou.

Hannah planejou isso! Este não é um tiroteio aleatório! Ela sabia seus horários. Ela sabia quando todos eles estariam juntos — alvos fáceis agrupados em um único espaço — no final do prédio onde a polícia levaria mais tempo para acessar. O laboratório poderia já ser o quadro de um assassinato em massa pelo que Regan sabia. Ela poderia estar muito atrasada.

“Eu tenho que sair daqui,” ela disse, empurrando uma mesa para o lado da porta.

“O quê?” Jamie exclamou.

“Não é aqui. Não está acontecendo aqui,” Regan respondeu.

“Eu não estou entendendo,” Jamie disse.

“Srta. Griffin! Onde estão suas chaves?”

“Huh?”

“Sua chave da sala!” Regan choramingou.

“Bolsa,” Srta. Griffin suspirou.

“Onde está sua bolsa?”

“Gaveta.”

“Que gaveta, Srta. Griffin?”

O tempo fluía. Precioso tempo.

“QUE GAVETA?” Regan berrou.

“Gaveta da esquerda,” Srta. Griffin disse. Puxou uma longa

respiração. “Escondida debaixo dos arquivos.”

Regan caiu de joelhos e beijou o rosto de sua professora.

“Obrigada. Você vai ficar bem,” ela disse, e correu da sala, gritando um último conjunto de instruções antes de sair.

Ela voou pelos corredores, correndo o mais rápido que seu coração permitia. Ele queimava em seu peito, ordenando que ela desacelerasse.

“Não vou!” ela exclamou, apertando seu passo.

Corredor C. E então o D. Ela só precisava chegar ao final dele. Ela tinha que vencer Hannah nisso. Ela avançou pelo corredor como uma velocista olímpica, queimando pela porta do laboratório para outro conjunto de choros aterrorizados.

“Sou eu!” ela berrou, depois gritou quando um conjunto de braços voou ao redor de seu pescoço, apertando com força. Jeremy!

“Você está bem?” ele perguntou, dando uma olhada nela.

Ela assentiu e correu para a mesa da Srta. Griffin.

“Eu tentei!” Casey chorava, saindo de seu esconderijo debaixo de uma mesa. “Eu não consegui encontrar.”

“Está tudo bem,” Regan disse, atirando os arquivos e esvaziando os conteúdos da bolsa da Srta. Griffin.

Sim! Sim, sim, sim!

Ela voou para a porta, se atrapalhando com as chaves. Chaves demais! Seus dedos tremiam enquanto tentava a primeira. Não dava. Tentou a segunda. Não dava. A terceira. Não.

“MERDA!!!” ela gritou.

Jeremy arrancou as chaves de sua mão.

“Está tudo bem,” ele disse calmamente.

Ele testou uma a uma, ignorando a que ele sabia que era uma chave de casa, não ligou para a do carro, pulando uma que era claramente a chave de um armário.

Ali. Ali estava ela. Ele sabia disso, e imediatamente deslizou a chave dentro da fechadura.

Explosão!

Porta estilhaçada. Gritos petrificados.

Um aluno colapsou no chão — alguém parado no caminho da bala. A porta escancarou, e Hannah embarcou para dentro, gritando por silêncio, segurando sua arma acima de sua cabeça. Jeremy agarrou a mão de Regan e a puxou para o chão. Eles se arrastaram para baixo das mesas da primeira fileira. Da segunda. Da terceira, passando por alunos que estavam atirados, que estavam mortos.

“CALEM-SE!” Hannah gritou. “Calem-se ou eu vou matar vocês todos!”

A sala caiu em silêncio exceto por soluços intermitentes e involuntários. Garotos e garotas. Eles todos estavam chorando.

Hannah notou as chaves ainda balançando na maçaneta da porta. Ela deslizou a porta e a trancou, depois atirou as chaves para o meio da sala. Apagou as luzes, provocando uma onda de arfadas.

“Brandon, pegue as chaves! Eu as derrubei,” ela disse.

Ninguém se mexeu.

Uma rodada de tiros misturados com gritos. Pedacos do teto caíam um a um, batendo no topo da cabeça abaixada dos alunos.

“Brandon, se quiser viver, pegue as malditas chaves!” Hannah gritou.

Jeremy se afastou. Regan agarrou desesperadamente sua camiseta quando ele se levantou.

“Hannah,” ele disse suavemente.

Ela desceu seu rifle para seu nariz, mirando no peito dele.

“Não se mova, Jer,” ela alertou.

Ele lentamente ergueu suas mãos em rendição. “Eu não vou. Eu não vou.”

A luz refletia as lágrimas que cruzavam as bochechas dela. Muitas lágrimas, e ele sabia que ela merecia o direito de derramá-las para todos verem. Mas ela não merecia o direito de tirar a vida de seus atormentadores. Ele aprendeu isso um tempo atrás quando parou de sentir raiva, quando decidiu permitir que o amor o curasse e desse a ele um futuro.

Ele deitou em sua cama na noite anterior, relembrando sua briga com Brandon — deixando seu vigilante coaxar e debater. Ele quase cedeu. Quase retornou ao que ele agora sabia que era a escuridão. Mas seus últimos pensamentos antes de cair no sono foram com Regan. E amor. E perdão. Aqueles pensamentos blindaram a dor, mutilaram a resolução de matar, e eles tropeçaram para fora de seu coração para sempre.

“Eu sou quebrada por causa deles,” ela sussurrou para ele do outro lado da sala.

Ele ficou chocado — as mesmas palavras que ele gritou para Regan no dia que a confrontou sobre o seu diário.

“Eles merecem isso,” ela continuou.

Ele balançou sua cabeça.

“Não? Você é um deles agora?” ela perguntou amargamente.

“Olhe para mim, Hannah,” ele pediu gentilmente. “Você me conhece.”

Ela assentiu.

Talvez houvesse uma chance de salvá-la. Se ninguém foi morto, ainda havia uma chance.

“Quantos por enquanto?” ele perguntou.

Ela franziu a testa.

“Quem foi atingido?”

“Muitos,” ela respondeu.

O coração dele afundou.

“Feridos?”

“Mortos. Mortos, mortos, mortos!” Hannah gritou, e seu cérebro estalou. “BRANDON! Vai pegar aquelas malditas chaves, ou Jeremy vai!”

“Hannah!” Jeremy estremeceu.

Ele ouviu o clique do rifle. Destravado e carregado. Suor instantâneo sob seus braços, pontilhando sua linha capilar, ferroando a parte de trás de seus joelhos.

“Se abaixe de joelhos, e eu vou explodir sua cabeça,” ela o alertou.

Brandon se levantou lentamente, rodando as chaves em seu dedo indicador, a voz estridente com o tremor de seu corpo. Esvaziou seus pulmões.

“Eu não vou deixar ninguém morrer por minha causa,” ele disse. Sua respiração veio mais rápida. “Hannah, eu sinto muito se—”

Explosão!

Ele tombou no chão com um sonoro baque. Gritos preencheram a sala. A bala perfurou sua cabeça. Morto na hora. O sangue espirrou, borrifou, respingou sobre os rostos dos alunos, cobrindo suas mãos enquanto engatinhavam para ele. Casey pressionou sua mão sobre o buraco aberto da bala, tentando ignorar o tecido cerebral que pingava da nuca dele contra os joelhos nus dela.

“Você está bem,” ela coaxava idiotamente, pressionando com força para parar o fluxo de sangue. “Você vai ficar bem. Só fique calmo.”

“Ethan! Brandon não conseguiu me dar às chaves! Sua vez de tentar!” Hannah chamou.

Casey olhou para Ethan, assistindo as lágrimas correrem por seus olhos. Ele balançou sua cabeça.

“Eu vou te encontrar,” Hannah provocou. “Eu vou atirar em qualquer um que estiver em meu caminho. É isso que você quer? Você quer que eu mate garotos inocentes por você?”

Ethan gemeu, segurando sua cabeça e balançando para frente e para trás.

“Você sabe que você não quer que eu faça isso...”

Ethan olhava desesperadamente para os lados, procurando por outro lugar para se esconder. Ele olhou para Casey, passando a mensagem não falada: “Eu vou correr.”

“Ethan, não!” Casey gritou. “Para onde você poderia ir?”

Ele disparou e correu para o outro lado da sala.

Explosão!

Um choro coletivo preencheu a sala e Ethan caiu. A bala penetrou a parte superior de suas costas. Ele se contorceu e tossiu por alguns segundos antes de partir. Permanentemente.

“Alexia, levanta!” Hannah gritou.

“Não, não, não, não, não!” veio uma voz aterrorizada de um canto da sala.

“Você consegue fazer isso!” Hannah gritou. “Eu sei que você consegue! Ou que tal Micah? Jon? Tara! Tara está em algum lugar aqui, não está Tara? Sua putinha maldita!”

“Ninguém levanta!” Jeremy gritou, agachado debaixo de uma mesa com Regan. Ele se abaixou no momento em que Hannah puxou o gatilho para Brandon.

“Vai se foder, Jer!” Hannah expeliu. “Você me traiu! Você virou as costas para mim!”

Um leve burburinho. Jeremy observou os pés de Hannah se moverem para a esquerda da sala. Ela estava atrás de Alexia.

“Oh, Deus,” ele respirou, se preparando para o impacto.

Um pedido por misericórdia. Uma recusa. Um tiro.

Berros.

“CASEY! Talvez você possa me dar às chaves!” Hannah chamou, se movendo para frente da sala novamente.

Jeremy se virou para Regan e comunicou instruções silenciosas com linguagem de sinais grosseira. Ela balançou sua cabeça desesperadamente quando entendeu o plano dele. Ele iria atrás de Hannah.

Ela se segurou aos braços dele quando ele começou a se dirigir a seu alvo. Ele parou e olhou para trás.

“Está tudo bem,” murmurou ele.

Ela agarrou a parte da frente de sua jaqueta — um último esforço para forçá-lo a ficar com ela.

Ele apertou sua mão. “Está tudo bem, Regan,” sussurrou, procurando por seus olhos.

“Promete,” ela ordenou.

“Prometo,” ele disse, então se arrastou silenciosamente por baixo das mesas em direção a Hannah.

Regan se virou para Casey, que estava chorando histericamente.

“Não levante,” ela disse para sua amiga, engatinhando para ela.

“Cala a boca, Regan!” Hannah choramingou. “Casey! Levanta!”

Regan balançou sua cabeça, pressionando seu dedo em seus lábios.

Os olhos de Casey escancararam. “Não, Regan!”

Mas Regan já havia tomado sua decisão — assim como seu objetivo na vitória no futebol. Ela visualizou aquilo. Ela desejava que aquilo acontecesse. Assim como agora. Ela visualizou se levantar e distrair Hannah para dar a Jeremy os segundos preciosos que ele precisava para derrubar a atiradora. Não, isso não era parte do plano de Jeremy, mas ela sabia que tinha de fazer isso para dar a ele uma chance.

Ela se levantou.

“Você não é Casey,” Hannah disse. “Senta.”

“Não.”

Hannah rosnou. “Você quer ser uma heroína?”

“Não.”

“Bom, porque você não pode ser. Eu sou a heroína,” Hannah disse.

“Como?”

Só a mantenha falando.

“Eu estou livrando o mundo de gente maldosa. Estou consertando erros. Estou prevenindo coisas ruins de acontecerem no futuro.”

Regan agitou. “E... e quem disse que estas pessoas não poderiam se tornar boas algum dia? Você nem mesmo deu a eles uma chance.”

Hannah desdenhou. “Dar a eles uma chance?” cuspiu. “Eles me deram uma chance de ser feliz?”

Regan não disse nada.

“ME RESPONDA!”

Hannah colocou o rifle em frente de seu peito novamente, segurando contra seu ombro. Apontou para o coração de Regan.

Regan explodiu em lágrimas.

“Não, Hannah,” soluçou. “Eles não deram.”

“Está certo. Eles—”

Jeremy se plantou ao lado de Hannah, atirando seus braços ao redor de seu peito. A arma descarregou, evocando outra rodada de gritos. Eles rolaram sobre a mesa de Srta. Griffin, a força fazendo cair o rifle das mãos de Hannah. Caiu no chão com um sonoro *clack!* E Jeremy chutou para longe — do outro lado da sala onde pousou sem maiores riscos.

“Sai de cima!” Hannah gritou em seu rosto.

“Regan, pega a arma! Coloca no corredor! Todos, corram!” ele ordenou, lutando com sua amiga.

Os alunos hesitaram.

“Eu disse CORRAM!”

Eles debandaram para a porta, passando pela abertura como água correndo por um encanamento. Só Casey e Regan ficaram para trás.

“Jeremy!” Casey choramingou. “Me ajuda!”

Jeremy olhou para Regan atirada sobre o chão. Sangue derramando de um ferimento em seu ombro esquerdo — muito próximo de seu coração.

“Jesus!” ele respirou, e libertou sua detida.

Ele correu para sua namorada e aninhou sua cabeça.

“Regan!” ele gritou. “Regan!”

“Hmm?” ela perguntou, abrindo e fechando seus olhos.

Ele virou para Hannah, que estava chocada. Regan não era um alvo. Ela nunca foi um alvo. Todos os mortos mereciam aquilo. Aquele era o plano. Matar os ruins. Poupar os bons. Aquele era o plano de redenção. Esta garota no chão não estava no plano. Ela bagunçou tudo. Ela manchou a honra da retribuição.

“Eu não queria fazer isso,” Hannah murmurou. “Eu não queria fazer isso.”

Jeremy se virou para Casey. “Vá buscar ajuda!”

Ela assentiu e pulou de pé. Onde? Para onde ela deveria correr? Ela trombou com Hannah em seu caminho para o telefone da sala. Sinal ocupado.

“Porra!” gritou, e correu para a janela.

O prédio estava cercado por carros de polícia, ambulâncias e caminhões de bombeiros — todos a uma distância segura. Eles estavam tomando planos cuidadosos enquanto pessoas sangravam dentro do prédio.

Casey ficou com raiva e socou a janela.

“Aqui em cima!” ela gritou. “Nós precisamos de ajuda!”

“Eu não queria fazer isso, eu não queria fazer isso,” Hannah continuou, um disco quebrado ao fundo.

“Pessoas estão morrendo!” Casey gritou, se atrapalhando com as trancas da janela.

Ela não conseguia abri-las e agarrou uma cadeira. Ela bateu a cadeira contra a janela. Nada. Ela bateu de novo. Nada. Ela grunhiu e atirou uma terceira vez, quebrando uma fração do vidro. Voltou para trás e bateu com toda a sua força, destruindo o vidro completamente. Segurou suas mãos e retirou os cacos, então enfiou seu rosto para fora.

“NÓS PRECISAMOS DE UMA AMBULÂNCIA AGORA!!!” urrou, e assistiu dois homenzinhos vestidos de preto correrem para a porta próxima ao laboratório.

Ela correu de volta para Regan e segurou sua mão.

“Eles estão vindo, Regan,” ofegou.

Regan assentiu, olhos fechados. “Eu estou fria.”

“Eu não queria fazer isso...”

“Não, você não está,” Casey rosnou. “Não está frio aqui. Você não está fria.”

Jeremy rasgou sua camiseta e a enfaixou ao redor do ferimento de Regan.

“Eu sei quando eu estou fria, Case,” Regan argumentou.

“Eu não queria fazer isso...”

Casey olhou para Jeremy e assentiu. “Bom sinal,” ela murmurou.

“Eu não queria fazer isso,” eles ouviram Hannah dizer, e então uma última explosão preencheu a sala.

Casey gritou. Jeremy deu um pulo, praguejando a si mesmo por deixar Hannah ir. Mas ela não foi longe. Ela estava no chão — uma pistola ao seu lado — um buraco em sua testa. O rifle jazia intocado

onde ele havia chutado. Ele não tinha ideia de que ela carregava uma segunda arma. Ele não tinha ideia de que ela planejava usar em si mesma.

E então ele chorou. Ele chorou por sua amiga cujos longos anos sob tortura resultaram nisto: morte por todo canto. Terror por todo canto. Ele chorava quando o esquadrão da S.W.A.T. rompeu pela sala de aula, gritando a ele para ficar de joelhos com suas mãos por trás da cabeça. Ele chorava quando o E.M.T. correu na sala com uma maca, trabalhando cuidadosamente e rapidamente para segurar Regan e removê-la para uma ambulância. Ele chorava por Brandon que fez uma coisa certa — jazido morto e redimido no centro da sala. Ele chorou pelas palavras em seu diário — pelo garoto que quase cometeu o crime — que pensou que isso era justificado e certo.

“Ela é nossa perpetradora?” ele ouviu um membro da S.W.A.T. perguntar, apontando para Hannah. Ela estava enrolada em cintos de munição — a entregadora da morte.

Ele assentiu.

“Está machucado?”

Ele assentiu.

“Onde?”

“Meu coração,” Jeremy chorava suavemente.

O oficial franziu o cenho, confuso, levantando Jeremy, procurando em seu peito por feridas, sangue, alguma coisa.

“Você está bem,” ele disse a Jeremy. “Fique perto.”

Ele guiou Jeremy e Casey para a segurança do campo de futebol onde os alunos se acumulavam em bandos.

Jeremy tentou desviar os olhos dos corpos pontuando os corredores enquanto eles passavam, mas se perdeu ao ver Sr. Armstrong, que jazia caído em uma mesa no escritório da frente. Ele o avistou através da janela, ainda segurando o microfone do interfone.

“Ele não a expulsou!” Jeremy chorou, lembrando-se do surto de Regan — sua ameaça de matá-lo. “Ele não a expulsou!”

Casey não entendeu. “Esta tudo bem,” ela disse, pegando a mão de Jeremy e o puxando para longe da janela do escritório.

“Ele era uma boa pessoa,” Jeremy disse. “Ele era bom.”

Casey assentiu e o puxou, se mantendo colada nos sapatos do esquadrão da S.W.A.T.

“Regan,” Jeremy sussurrou. “Onde está Regan?”

“Ela está bem. Eles a levaram para o hospital,” Casey disse, mas o suor em sua mão traiu sua mentira. Jeremy sentiu isso.

“Você não sabe,” ele a acusou. “Você não sabe!”

Casey o fez parar perto de um grupo de alunos segurando um ao outro e chorando histericamente.

“Eu sei disso,” ela disse firmemente. “Olhe para mim.”

Ele levantou seu rosto para o dela, encarando-a nos olhos.

“Eu sei disso,” ela disse, impassível.

Ele assentiu, e então ela o puxou para perto.

Ele chorou em seu ombro. “Por favor, esteja certa.”

~

Lembra daquela anotação no diário de um tempo atrás sobre quão duro é manter um objetivo definitivo de matar pessoas depois que você tem um dia fantástico? Está em algum lugar em minhas páginas e páginas de vômito verbal. Eu tenho procurado, mas sou muito preguiçosa.

Que seja. Não importa. O ponto é que eu acho que a parte mais difícil de ser um vigilante é toda a seriedade que vem com isso. Às vezes eu não quero ser séria. Às vezes eu quero me divertir, como todos os outros. Quer dizer, não me leve a mal. Eu NÃO quero me divertir com aquelas pessoas. Mas com aqueles que eu poderia provisoriamente chamar de amigos... bem, sim. Eu quero me divertir com eles. Dar risadas. Dividir momentos que não significam nada.

Como comer um hambúrguer. Isso não quer dizer nada. Não tem um propósito. Você só estufa seu corpo, para ele não ficar faminto e morrer. Eu só quero comer um maldito burger e não pensar sobre isso — sobre meu próximo movimento. Pensar em meus inimigos. Pensar em como e porque eles devem morrer. Pensar nas consequências e nos corações partidos (sim, mesmo os idiotas tem pelo menos uma pessoa cujo coração será partido com suas mortes).

Eu só estou dizendo que gostaria de não ter de pensar sobre isso o tempo todo.

Não me admira que o Batman ficou velho. Tãoooo sério. Tipo, que porra, cara? Faz uma piada. Dê um sorriso, ao menos. A vida não é tão sombria, é? Você não tem que ser “justiceiro” o tempo todo, tem? Na vida normal, o dia a dia não é uma batalha épica constante entre o bem e o mau, é? Não precisa ser tão rabugento. (Oh, palavra boa pra caralho). Há vislumbres de merdas realmente boas — o rosto das pessoas que curtem minha companhia. O jeito que elas sorriem. O jeito que elas respondem ao meu sarcasmo. Eu iria quase dizer que as amo, se o vigilante não tivesse me treinado a tirar essas emoções de mim. Eu iria quase dizer que poderia desistir disso tudo por elas se soubesse que elas ficariam por perto para sempre. Mas alunos do ensino médio não ficam para sempre. Nós todos vamos para caminhos separados. Eu

acho que estou bem com isso. Quero dizer, o pensamento de começar de novo é tentador. Mas meu vigilante não vai me deixar. Ela está me forçando a ser um herói... bem, heroína (se você for muito técnico). Ela está me forçando a tomar uma atitude agora. Então, eu acho que tenho que responder ao chamado. Quem mais vai?

É meio divertido, na verdade. Até ela manda em mim. Eu não posso vencer essa porra.

De qualquer forma, até logo... (haha, estou zoando! Eu nunca teria dito essa merda).

Estou fora.

Hannah.

~

00:00

“Então, não era você depois de tudo,” Hannah disse casualmente.

“Não,” Jeremy respondeu.

“O que te fez mudar sua mente?” ela perguntou.

“Amor.”

“Você é um idiota fracassado, Jer,” ela disse, rindo. “Quero dizer, sério? O que aquela garota fez com você?”

Ele balançou sua cabeça e sorriu. “Eu não sei, mas alguma coisa certa.”

“Eu pensei que eu fiz certo,” Hannah disse.

“Não, o que você fez foi assustador pra porra,” ele respondeu.

Ela mastigou um Doritos e pensou. “Sério?”

Ele assentiu.

“Mas eles mereceram isso,” ela argumentou.

“Você não tem que fazer o julgamento,” ele respondeu, lembrando as palavras de Regan muitos meses atrás.

Hannah se eriçou. “Eu não? Eu sou a vítima aqui.”

“É só isso, Hannah. Você não é mais. O momento em que você entrou naquele prédio atirando nas pessoas a esquerda e a direita, você não era mais uma vítima. Você se transformou em um deles — um dos caras maus.”

Ela congelou, carrancuda.

“Me levou muito tempo para entender isso. Eu sei que parece que é justificado — machucar alguém que te machuca — mas não é tão simples. Eu acho que nós estamos tentando simplificar uma situação realmente complicada.”

“Então, o que nós devemos fazer? Huh?”

Ele pausou.

“Exatamente,” ela disse, satisfeita.

“Não, calma. Só espera. Me dê um segundo para pensar,” Jeremy disse.

Era difícil pensar em uma solução. Ele nunca teve sucesso em descobrir isso em lugar nenhum. O Deus do Velho Testamento não ofereceu isso. Carma positivo era besteira. O sistema de justiça era uma piada. A tatuagem em suas costas há muito não significava nada — só uma melancólica oração por um mundo que poderia nunca ser verdadeiramente justo.

“Entãoooo, o que você pretende fazer sobre o bullying?” Hannah pressionou.

E então isso bateu nele — algo que ele leu muito tempo atrás. Ele não conseguia se lembrar onde, mas a sentença grudou nele. No começo ele odiou. Ele não gostou da mensagem “vire a outra face” implícita nisso. Mas agora ele interpretava isso completamente diferente. E ele via a bondade como força, não fraqueza.

“Não vos deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem,” ele recitou.

Ela o encarou, perplexa, depois repetiu as palavras.

Ele sorriu e enfiou sua mão no saco de salgadinhos dela.

“E então? Você é um sábio agora?” ela perguntou.

Ele riu. “Nem mesmo perto. Só tentando tirar sentido de meu mundo.”

“Talvez você possa fazer um trabalho melhor do que eu fiz,” Hannah disse.

“Eu vou tentar te deixar orgulhosa,” ele respondeu.

Ela assentiu.

Ele deu uma olhada sobre ela. “Eu nunca tinha te visto usar um

vestido. Porque hoje de todos os dias?”

“Porque eu segurei uma arma em minhas mãos,” ela respondeu suavemente, “então eu soube que eles iriam me deixar.”

Ele estava quieto.

“Pareceu realmente bom usar o que eu queria pela primeira vez em anos,” ela prosseguiu. “Eu me senti realmente bonita.”

Ele não sabia o que dizer.

“Estou louca?” ela sussurrou.

“Nós todos estamos loucos.”

“Você vai sentir minha falta, Jer?”

“Sim, Hannah, eu vou sentir sua falta...”

Seus olhos voavam pelos sons de beep dos monitores. Ele não queria cochilar, mas ele tinha estado no hospital por uma semana e meia direto, percorrendo em pouco sono e muitos copos de café preto. Ele olhava para Regan, observando o suave erguer e descer de seu peito.

O dela não era um ferimento superficial no ombro. A bala atingiu seu coração e ela quase morreu. Duas vezes. Depois da segunda cirurgia de emergência, ele gritou em seu rosto.

“Você tem coisas para fazer, Regan,” ele chorava com raiva. “Você tem um monte de jogos de futebol para jogar! Um monte de bolos para assar para mim! Você tem um grande futuro esperando, então não foda tudo!”

Naturalmente, ele foi arrastado do quarto. Sr. Walters rasgou o verbo com os mais sujos palavrões que ele já tinha lançado. As palavras ameaçavam socos, e Roy teve de entrar no meio deles. Os homens não se falaram por dois dias até Jeremy pedir perdão com uma barra de Snickers da máquina de venda.

“Não vou dividir,” Sr. Walters disse, pegando a barra e a abrindo.

Ele estava faminto. Jeremy estava faminto. Todos estavam famintos e cansados e mal humorados e bravos. Eles estavam

confusos e preocupados, também, mas eles escondiam estas emoções. Antes de tudo, ansiedade era fraqueza, e eles queriam que Regan sentisse só força, mesmo que essa força viesse na forma de uma briga.

Quando Regan estava uma vez mais estabilizada, Sr. Walters pediu ao doutor para, por favor, mantê-la viva desta vez. Aquilo lançou outra briga — mais como uma discussão — e o pai de Regan foi levado para o saguão principal por algumas horas.

Ninguém queria discutir a tragédia — trinta e dois minutos de terror. Ninguém queria discutir as vítimas, ambas mortas e feridas. Vinte e duas. Vinte e duas vítimas — onze mortos, onze feridos. Quebrados bem no meio como ela havia planejado, como se ela fosse uma assassina com tendências obsessiva-compulsiva. Entre os mortos, quatro professores: Sr. Armstrong, Srta. Stacy, Sr. Howard, e Srta. Griffin. Ela morreu pouco antes dos médicos a alcançarem. Sete alunos — todos eles conectados a dor de Hannah de alguma forma. Todos considerados *bullies*, até mesmo o azarado que foi pego pela bala através da porta do laboratório. Mas eles eram vítimas agora — nenhuma oportunidade dada para acertar seus erros, crescer e ser melhor, ser maduro e aprender a amar.

Jeremy pensou em Brandon — seu último esforço de cavar ao fundo e encontrar bondade. Ele odiava Jeremy até as tripas — o sentimento esmagava por todo o corpo de Jeremy — mas ele não iria permitir que Jeremy morresse por ele. Talvez fosse orgulho, mas Jeremy não achava isso. Ou ao menos ele escolheu acreditar que Brandon tomou a decisão consciente de fazer alguma coisa boa — salvar a sua vida — e Jeremy iria eternamente estar em débito com ele.

O massacre foi a única notícia — local e nacional — por duas semanas direto. Junto com isso veio todos os erros de uma reportagem de últimas-notícias. Os números mudavam diariamente. O assassino tinha uma multidão de motivos até todos concordarem sobre um. O debate sobre armas apareceu na agenda — no momento diretamente depois da primeira reportagem. Todos choravam e gritavam e brigavam um com outro e proclamavam suas superioridades morais.

“Eu sei o que é melhor!” eles berravam durante painéis de discussão nos canais de notícias de TV a cabo. Ruídos branco para

Jeremy. Isso era tudo ruído branco. Ele era o único que verdadeiramente conhecia Hannah. Ele era o único que poderia entender sua dor e seu plano. Aquele entendimento não desculpava o que ela fez, mas isso permitiu a ele liberar o dia — suas horripilantes ações e morte — de seu coração para sempre. Não havia razão para se estender no que ela fez ou como foi. A única razão dele descansava apegada a vida em uma cama de hospital no quarto andar do centro médico regional de Mountainview.

“Regan?” ele disse cautelosamente. “Você sabe que é realmente injusto você me deixar.”

Silêncio.

“Eu posso dizer com certeza que eu tive uma das piores vidas,” ele prosseguiu. “E eu mereço ser feliz.”

Pausa.

“Com você.”

Ele a observou mais de perto.

“Eu sinto que você precisa que eu te relembre,” ele disse. “Tem isso—” ele apontou em sua cicatriz. “— e meu pai raivoso. Que eu matei, a propósito. Sim. Matei meu pai porque ele tentou me matar durante a —” ele parou e limpou a garganta. “Bem, ele tentou me matar, de qualquer forma. Então teve Brandon e sua gangue. O heroísmo estranho de Brandon que totalmente fodeu com minha cabeça. Hannah e todas as coisas que aconteceram com ela. Oh, o massacre em nossa escola. É isso. Lembra-se do meu diário? Lembra como eu escrevi sobre fazer exatamente o que Hannah fez? Você está ouvindo isso, Regan? Minha vida é fodida.” Ele pausou. “Não, espera. Minha vida *era* fodida até nós começarmos a conversar. E depois namorar. Você mudou tudo. Você tornou isso melhor. Mas você não terminou de fazer isso melhor, então você tem de acordar eventualmente.”

Ela permanecia imóvel.

Ele suspirou. “Eu posso gritar com você de novo, mas isso me faria ser banido do hospital.”

Ele pensou ter visto a boca dela contrair. Ele congelou, a observando cuidadosamente. Sem movimento. Ele tinha imaginado aquilo.

“Regan, acorde,” ele ordenou.

Ligeiro movimento. Agora isso ele não imaginou! Ele saltou de sua cadeira e agarrou a mão dela.

“Você está acordada?” ele perguntou.

Ele tentou ser cauteloso sobre isso. Ela não tinha se mexido desde que foi internada. O que faria às duas da tarde de um sábado tão diferente?

Ele afrouxou seu aperto na mão dela. “Mexe seus dedos.”

Os dedos dela estremeceram de novo.

“Ha! Foi isso que eu pensei!” ele disse.

Ele se inclinou sobre e a sufocou com beijos, inadvertidamente empurrando seu tubo de respiração de um lado a outro com seu nariz para fazer contato com cada centímetro de seu rosto — sim, até mesmo as rugas de suas narinas.

Ele sabia que deveria ligar para os pais dela, mas ele era ganancioso. Ele a queria toda para si por uns poucos momentos a mais, consciente de que ela poderia deslizar de volta ao sono antes que seus pais pudessem testemunhar seu movimento.

“Mexe seu dedo,” ele ordenou.

Todos os cinco mexeram.

“Ha!”

E então a porta abriu. Ele se inclinou uma vez mais e a beijou por todo canto.

“Eu te amo, Regan!” ele exclamou, a centímetros de seu rosto.

“O que está acontecendo?” Sra. Walters ordenou, palavras laçadas com medo.

“Ela está acordando!” Jeremy gritou. “Ela está acordando!”

Caroline gritou. Seus pais correram para a cama, rodeando e tocando e fazendo um milhão de perguntas, e onde estava o médico?!

“Regan, se você pode ouvir isso, mexa seu dedo,” Jeremy disse. Suas palavras cheias até a borda de confiança.

Nada.

Seu coração despencou. Seus pais o olharam acusadoramente. Ele pensou que Caroline iria atacá-lo.

“Ela fez isso...”

Sr. Walters balançou sua cabeça.

“Regan, mexa seu dedo!” Jeremy comandou.

Nada.

“Não fale com ela desse jeito,” Sr. Walters retorquiu.

Jeremy o ignorou. “Regan, eu não sei o que você está jogando, mas me ajuda...”

Seus dedos mexeram. Seus pais engasgaram. Caroline pulou em volta. Jeremy viu o pequeno sorriso brincalhão nos cantos dos lábios de Regan — um sorriso que dizia, “Apenas zoando.”

“Sua pequena...” mas ele parou ali, e pressionou seus lábios nos dela. Gentil. Sem mais ordens. Não havia necessidade para elas. Ele sabia que ela iria estar bem.

E ele também.

Porque eles tinham coisas para fazer. Ela tinha jogos para jogar. Bolos para assar. Uma vida para viver. E ele também. Ele tinha uma vida para viver com sua garota, em um outro mundo, um mundo melhor.

FIM



Quer ficar por dentro dos lançamentos?
Siga nosso [blog](#) e curta nossa [Fanpage no Facebook!](#)

S. WALDEN

INTERIM